

YASMIN APARECIDA CASSETARI DA SILVA

**VOZES DO SILÊNCIO:
lesbofobias e a processualidade suicida**

**ASSIS
2019**

YASMIN APARECIDA CASSETARI DA SILVA

**VOZES DO SILÊNCIO:
lesbofobias e a processualidade suicida**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

Bolsista FAPESP processo 2017/17849-0

ASSIS
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

S586v Silva, Yasmin Aparecida Cassetari da
Vozes do silêncio: lesbofobias e a processualidade suicida /
Yasmin Aparecida Cassetari da Silva. Assis, 2019.
208 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

1. Lesbianidade. 2. Suicídio. 3. Juventude. 4. Feminismo. I.
Título.

CDD 157.734



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

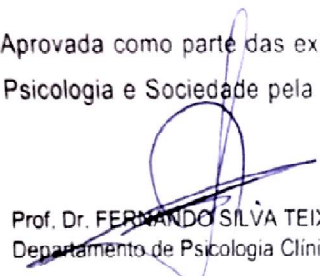
TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: VOZES DO SILÊNCIO: lesbofobias e a processualidade suicida

AUTORA: YASMIN APARECIDA CASSETARI DA SILVA


ORIENTADOR: FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Profa. Dra. SUANE FELIPPE SOARES
UFRJ / Rio de Janeiro/RJ


Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP - Campus Assis

Assis, 10 de setembro de 2019

Quem luta não tem casa...

Mas encontra abrigo nos corações das pessoas que compartilham suas lutas!

SILVA, Y. A. C.

...

Aprendi a ouvir os silêncios. E me permiti sentir. Luto. Luto e luto. Não há um dia sequer que meu coração e pensamento não estejam com você. Você vive em mim. Todos os sentimentos estão aqui, cuidado deles, cuidado de você. E de repente, comecei a ouvir gritos. Gritos de silêncio. Se posso ouvir os silêncios, talvez possa emprestar minha voz a eles. Doeu. Dói. Mas, cedi... Cedi, resiliente, para que ao falar com outros, que também ouvem silêncios, possamos juntos encontrar saídas, muitas, inúmeras saídas, da dor para a vida, para que a vida seja sentida, tenha sentido e, uníssonos, possamos falar que, sejam quais forem as razões e as emoções, juntos encontraremos saídas e, se não as encontrarmos, as construiremos, para que ninguém mais se sinta sozinho nesta jornada compartilhada que chamamos vida.

(Monteiro, 2018)¹

...

Dedico essas palavras a todas aquelas que silenciadas em suas vidas, hoje vociferam em alto e bom som suas histórias como ato de resistência. E a todas as Giovanas cujas certidões de óbito não carregam a verdadeira causa *mortis*...

LESBOFOBIA!

¹SCAVACINI, K. (Org.) Histórias de sobreviventes do suicídio. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin, 2018. p. 72.

AGRADECIMENTOS

“Sinto muito, me perdoa, eu te amo, eu sou grata!” Aprendi essa prática havaiana antiga chamada *Ho’oponopono* (gradidão Kelma) que era destinada à reconciliação e ao perdão para comigo mesma e com as pessoas e eventos que me cercaram durante essa composição. Vejam, há nela a palavra grata, ser grata para além das coisas boas, ser grata ao que me compôs. Agradecer, verbo transitivo, valor sábio! Que em sua formulação gramatical carrega a possibilidade de se dirigir direta ou indiretamente a algo/alguém. Cujas etimologia, calcada no vocábulo galego-português medieval *guardecer*, nos apresenta a principal forma dessa ação: guardar. Guardar e ser. Compondo-me no contato com todos os aspectos pertencentes ao momento no qual esta dissertação foi elaborada. Fazendo uso dessa magistral capacidade começo a pontuar tudo o que guardei no cultivo desse mestrado.

Primeiramente, ELE NUNCA! Essa frase intensificou todo o entorno da escrita aqui apresentada. Ouvir e transcrever áudios das participantes dessa dissertação que apontaram serem as ideias, como as defendidas por esse “des-ser”, que as fizeram questionar o valor de suas vidas, foi efetivamente a parte mais cruel desse longo processo nesse curto período de dois anos de pesquisa. Pensar nisso ainda dói demais, me faz querer chorar novamente, mas é exatamente por esse fato que nomeio o quê e a quem agradecer.

Eterna gradidão ao Universo pela vida, mesmo que dura, mas muito bem vivida e acompanhada.

Agradeço a minha mãe Izildinha, meu pai Vicente e minha irmã Yara. Clichê? Não. Hoje, depois de tudo o que ouvi e vivi, vejo que nem todas as pessoas contam com esse apoio afetivo. Sou grata a minha mãe pela dedicação de sua vida ao cuidado da nossa família. Vejo, mãe, que isso de modo algum foi fácil e voluntário, hoje entendo isso. Ao meu pai eu agradeço o ensinamento do amor ao conhecimento. Sempre me lembro de suas palavras: “É a única coisa que a gente não perde ‘fia’... a única!” Não perdemos mesmo pai. Ele pode ser desvalorizado, rechaçado, ignorado, mas, não o perdemos. Obrigada por ensinar isso. A minha “mana” eu agradeço por compartilhar a trajetória de luta pelo direito à educação e pela esperança em um futuro melhor. É irmã... longa peregrinação a nossa, e ainda vem muito mais por aí. FORÇA.

Ga(y)briel Bosco Vaz da Silva, ¡Mi reina perra, tú eres mi eterno amor,

Mariele e José Justo, pelo acalento, afago na alma e aprendizados para além dessa vida. Minha Gratidão e respeito!

A Carla Caldeira (CARLINHA) pela amizade e carinho para comigo e com a Miana.

Agradeço imensamente ao Diego Ramão, por me apoiar e estar comigo.

Dani Mezzari e Beatriz Porto pela luta escrita e falada das mulheres.

As relações amistosas de colegas da pós-graduação: Aline, Carol, Catto, Clarck, Eduardo, Gilson, José, Joselene, Juliana, Laura, Rogério e Ronaldo por todas as discussões e potentes considerações sobre a vida de pessoas pós-graduandas.

Prof. Dr. Leonardo pelas incríveis contribuições, conversas e apoio “aquático”.

Agradeço às trabalhadoras e trabalhadores da PPG em Psicologia e da biblioteca da FCL/UNESP-Assis.

Minha gratidão a toda a gente do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - PT e a minha supervisora Prof. Ana Cristina Santos.

Um agradecimento especial a ALu Santos e Leatícia! Obrigada por me apoiarem e estarem comigo nessa jornada de cinco meses em Coimbra-PT, de muito afeto, e por dividirem, para além da casa, as emoções e os nossos próprios corações cheios de lutas!

Sou grata a Banca, pelo aceite em compor este processo e fomentar potentes revisões.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, gratidão! Por acreditar em meu trabalho e me instigar, com cada questionamento, a me su(o)perar.

Agradecimento especial à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2017/17849-0), que desde minha graduação, vem me proporcionando permanecer em um meio acadêmico ainda bastante restrito à permanência estudantil de pessoas empobrecidas.

Por último, mas não menos importante, sou IMENSAMENTE grata pelas trocas com as participantes Carmen (CA), Janaína (JA), Natália (NA), Raissa (RA), Sabrina (SA), Teresa (TE), Valéria (VA) e Vilma (VI)! Suas vozes são as sementes a serem plantadas e proliferadas junto ao brado de visibilização das atrocidades da lesbofobia em suas vidas e na de muitas outras pessoas. Obrigada pela confiança, carinho e aprendizado!

SILVA, Y. A. C. **Vozes do silêncio: lesbofobias e a processualidade suicida.** 2019. 250f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo tecer reflexões sobre o processo suicida entre jovens mulheres cisgêneros lésbicas, salientando-se a problemática ocasionada pela ocorrência das lesbofobias, tanto de ordem social quanto a interiorizada. Como arcabouço teórico da discussão realizou-se, em um primeiro momento, uma revisão da bibliografia sobre o suicídio entre a população LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) com foco especial nos estudos com mulheres cisgêneros lésbicas. Posteriormente, organizou-se a coleta das falas, utilizando, para isso, a técnica de grupos focais com jovens mulheres cisgêneros lésbicas universitárias de 18-29 anos, buscando investigar como ocorreu a assunção das lesbianidades, as formas de lesbofobias e os modos de resistência ao processo suicida. Com estas informações procurou-se descrever como elas encararam as manifestações sociais de ojeriza e desrespeito em relação à orientação sexual assumida e as consequências destas para as suas vidas. Por intermédio das falas das participantes, baseando-se, para tal, na perspectiva foucaultiana da análise do discurso e dialogando com as teorias queer, interseccionais e pós-feministas, observou-se a composição das estruturas das lesbofobias e a construção discursiva sobre as resistências lésbicas em relação às problemáticas envoltas a processualidade suicida. Os dados compilados nesta pesquisa apontam a necessidade da ampliação do debate sobre a invisibilização e silêncio das lesbianidades como importante forma de resistência às conjunturas profícuas para o estabelecimento dos processos suicidas.

Palavras-chaves: Lesbianidades; Lesbofobia; Suicídio; Juventude, Feminismo interseccional.

SILVA, Y. A. C. **Voices of silence: lesbophobias and suicidal processuality** 2019. Dissertation (Masters in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

This study aims to make reflections about the suicidal process among young lesbian cisgender women, highlighting the problems caused by the occurrence of lesbophobias, both social and internalized. As a theoretical framework of the discussion, a review of the literature on suicide among the LGBT (Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite, and Transgender) population was conducted at first, with a special focus on studies with lesbian cisgender women. Subsequently, speech collection was organized using the focus group technique with young university-lesbian cisgender women aged 18-29 years, seeking to investigate how lesbian assumptions, lesbophobias and modes of resistance occurred. to the suicidal process. With this information we tried to describe how they faced the social manifestations of ojeriza and disrespect in relation to the assumed sexual orientation and their consequences for their lives. Through the speeches of the participants, based on the Foucaultian perspective of discourse analysis and dialoguing with queer, intersectional and postfeminist theories, the composition of lesbophobia structures and the discursive construction on resistances were observed. lesbians in relation to the problems involved in suicidal procedurality. The data compiled in this research point to the need to broaden the debate on the invisibility and silence of lesbianities as an important form of resistance to the fruitful conjunctures for the establishment of suicidal processes.

Keywords: Lesbianities. Lesbophobia. Suicide. Youth. Intersectional Feminism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Legenda das transcrições dos grupos.....	23
Tabela 2 – Guia de temas e roteiro dos encontros.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de apresentação para apreciação ética
CIS	Cisgêneros
FCL	Faculdade de Ciências e Letras de Assis
ILGA	Associação internacional de Gays e Lésbicas
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais todas as experiências humanas sexuais, de identidades de gênero e corporalidade.
OMS	Organização Mundial de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRANS	Transgêneros
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. FALAS E SILENCIAMENTOS: PROCESSUALIDADES DA PESQUISA... 15	
2.1 Justificar a composição e a ideia de interseccionalidade.....	16
2.2 O grupo focal como técnica metodológica	23
2.3 Pensando a análise do discurso foucaultiana em diálogo com os estudos pós-feministas e queer.....	31
3. SE CALAR OU SER CALADA? PENSANDO OS ASPECTOS DISCURSIVOS LESBOFÓBICOS NA LÓGICA CIS-HETERONORMATIVA	41
3.1 A cis-heteronormatividade como código discursivo	46
3.2 A dinâmica da visibilidade e invisibilidade das lesbianidades.....	49
4. PROCESSO SUICIDA E LESBOFOBIA: AS LESBIANIDADES EM DISCURSO	57
4.1 Contextos da lesbofobia: relatos.....	58
4.1.1 Lesbofobia Social.....	58
4.1.1.1 Lesbofobia familiar.....	58
4.1.1.2 Lesbofobia entre amigas.....	62
4.1.1.3 Lesbofobia no ambiente educacional.....	63
4.1.1.4 Lesbofobia no trabalho	65
4.1.1.5 Lesbofobia de pessoas desconhecidas	66
4.1.2 Lesbofobia Internalizada	67
4.1.2.1 Formas de se vestir	68
4.1.2.2 Relacionamentos	69
4.1.2.3 Rejeição de si	71
4.2 A dinamicidade suicida e lesbofobia	73
4.2.1 Processos de subjetivação adoecedores	83
4.2.1.1 Acompanhamento Psicológico.....	84

4.2.2 Falas sobre a dinâmica suicida	86
4.2.2.1 Ideações, sentimentos e planos suicidas.....	86
4.2.2.2 Tentativas de suicídio (das participantes e ex-parceiras)	89
4.2.2.3 Tratamento pós-tentativa	91
5. COMPOSIÇÕES “IN-FINAIS”: A VOZ DOS ENCONTROS TECENDO RESISTÊNCIAS.....	95
5.1 Como re-EXISTIR?	98
5.2 Reverberações da pesquisa	105
5.3 Estratégias de enfrentamento	106
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	124
ANEXO A - Transcrição dos grupos focais.....	127

1. INTRODUÇÃO

A escrita elaborada nessas páginas buscou descrever a relação silenciada entre as lesbofobias e a formação de ideações e tentativas de suicídio entre jovens mulheres cisgêneros² lésbicas. Para tanto, este estudo se apoiou na identificação das diferenças substanciais dos apontamentos realizados em grupos focais que se defrontaram com a problemática do suicídio como efeito da lesbofobia. Também se delimitou a conexão entre o arcabouço teórico respaldado na utilização de referências pós-feministas e queer aliados à análise do discurso de vertente foucaultiana³. Com este referencial teórico, construiu-se uma indagação interseccional⁴ das conjunturas existentes no tema em questão. Diante disto, este trabalho buscou compor a conversação entre a psicologia e os Estudos de Gênero para o entendimento das relações entre lesbofobia e suicídio. Entendendo-se que a nomenclatura lésbica, nesta escrita, será assumida como conceito que compõe corpos enquanto territórios políticos, instituídos como questionadores das diretrizes estipuladas para orientação sexual. (FALQUET, 2012)

Com o intuito de reverberar as falas das participantes envolvidas neste estudo, o texto seguirá salientando a importância das experiências relatadas, de modo a centralizar a organização da escrita nos discursos proferidos nos encontros. Essa forma de estruturação evidencia as vivências invisibilizadas das participantes desta pesquisa, ressaltando a importância da promoção de espaços para a

² Essa nomenclatura diz respeito às pessoas que nascem com atributos sexuais designados como pertencentes ao sexo feminino, sendo assim concebidas como mulheres e se identificam, diante do ponto de vista estabelecido, pessoal, relacional e performativo, também como mulheres. Já nas pessoas transgêneros ocorre a não correspondência entre atributos designados a determinados sexos e a identidade pessoal estabelecida socialmente como pertencente às performatividades sexuais.

³ Os estudos Pós-feministas, Queer e a Análise do discurso de vertente foucaultiana serão explicitadas na parte pertencente às estratégias metodológicas (Pensando a análise do discurso foucaultiana em diálogo com os estudos pós-feministas e queer). Isto porque são de extrema importância para a construção das descrições e comentários teóricos deste estudo.

⁴ A teoria interseccional (interseccionalidade) corresponde aos estudos acerca das sobreposições/intersecções de marcadores de diferenças que constituem as identidades sociais e os diversos sistemas de opressão, silenciamento, discriminação e extermínio. Isto segundo Piscitelli (2008, p. 267) pensar interseccionalidade auxilia a entender como se estruturaria aquilo que se entende por margens de agência (agency) permitidas às pessoas, ou seja, as margens que traçam à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente. Assim, pensar as interseccionalidades possibilita tratar a forma como ações e posicionamentos políticos específicos geram opressões componentes do desempoderamento. Essa conceituação assume papel central nas discussões abordadas neste estudo, e voltará a ser retrada posteriormente no texto.

discussão das problemáticas existentes em decorrência das manifestações lesbofóbicas.

No primeiro capítulo, será descrito o procedimento para a formação dos grupos, bem como a construção do espaço de compartilhamento e trocas de experiências retratadas no texto. Para isso, tem-se a elaboração de três subcapítulos que abordarão a ideia de composição como forma de tecer estratégias metodológicas para a pesquisa, salientando-se a importância das participantes dos grupos focais, bem como a análise do discurso orientada pelas perspectivas pós-feministas e queer.

Já o segundo capítulo apresentará como os processos de subjetivação das lesbianidades são pautados pela complicada dinâmica da visibilização e invisibilização estruturada pela lógica cis-heteronormativa⁵. Essa proposição será vista em dois subcapítulos que delinearão a construção discursiva da cis-heteronormatividade, em conjunto com a formação dos modos lesbofóbicos sociais e internalizados em consequência da invisibilidade das lesbianidades.

Em continuação, o terceiro capítulo descreverá a processualidade suicida correlacionada às manifestações lesbofóbicas, sendo descrita, por intermédio dos relatos das participantes. Para tanto, será explicitada como a lógica sexista e cis-heteronormativa não questionada se institui enquanto um potente fator de risco para a promoção de um cenário propício ao processo suicida entre jovens mulheres cis lésbicas.

Por fim, no último capítulo, busca-se entender como a organização dos encontros com os grupos focais pode construir um espaço de trocas importantes e resistentes frente à temática suicida e à lesbofobia, bem como as reverberações deste estudo em meio à divulgação do trabalho construído por intermédio da pesquisa. Para tanto, serão transcritas as falas das participantes sobre os modos de re(ex)istências por elas desempenhados, e também será apresentado um quadro de atividades expondo as realizações promovidas pela realização desta pesquisa. Com isso, pretende-se evidenciar a necessidade da divulgação desta dissertação pela seriedade do tema e das possíveis estratégias de resistência retratadas nesta escrita.

⁵ Delimita um conjunto de regras que postulam a cisgeneridade e a heterossexualidade como normas a serem desempenhadas por todos os corpos.

2. FALAS E SILENCIAMENTOS: PROCESSUALIDADES DA PESQUISA

Espaços, vidas e manifestações, não necessariamente nessa ordem, os fatos vivenciados em sociedade se compõem e nos compõem, em complexos processos de subjetivação (ROCHA, 2018). Fugindo, assim, da concepção de uma subjetividade como sinônimo de identidade, e calcando-se na apreensão de uma lógica poética⁶ marcada por linhas, fluxos e nomadismos da vida como obra de arte e na ideia de eu em constante crise. Neste ponto, sugere-se nesta discussão, como se constitui a problemática dos espaços de manifestação de existências que são silenciadas, minimizadas e ocultadas frente o arcabouço discursivo lesbofóbico.

Esta jornada inicia-se com a busca pelas participantes desse enredo, que já apresentava alguns delineados estabelecidos por outras pesquisas (TEIXEIRA FILHO; MARRETTO, 2008), sobre a relação existente entre a temática do suicídio e LGBTfobia⁷ no contexto universitário/juvenil brasileiro. A escolha, entretanto, por se concentrar no relacionamento da processualidade suicida entre jovens mulheres cisgêneros lésbicas diz respeito a grande lacuna existente sobre tal temática, sendo raros os estudos que especificam essa população.

A processualidade desta pesquisa seguiu todas as normativas estabelecidas para os trabalhos realizados com participação humana, sendo assim submetida à análise do comitê de ética responsável pelos estudos realizados na FCL UNESP/Assis (CAAE 82245417.9.0000.5401).

Com o objetivo de se evitar o desconforto às pessoas envolvidas nos grupos focais, e entendendo a temática como sensibilizadora, o desenvolvimento do TCLE evidenciou todos os procedimentos e processualidade do estudo. Além disso, levando-se em conta a preocupação em relação aos possíveis efeitos subjetivos e

⁶ A poética diz respeito ao conjunto de estudos acerca da formação da obra de arte. Com isso, a Poética (poiesis é a atividade de criação ou produção artística) não se referencia a ideia de uma compreensão ou análise da obra em essência, nem da obra em potência, mas sim à obra no ato de realização. Atentando-se, com isso, ao espaço e os modos presentes na confecção da obra de arte. (ROCHA, 2018)

⁷ O uso deste acrônimo ocorrerá em todas as menções relacionadas aos estudos e pesquisas encontradas sobre a temática do suicídio, isto porque LGBTQIA+ ou LGBTQIA+fobia não são encontrados nas fontes consultadas para a pesquisa. Este outro acrônimo foi escolhido por entender que abarca orientações sexuais, e expressividade e questionamento de gêneros, bem como a questão corporal. Tendo assim LGB (lésbicas, gays e bissexuais) T (pessoas trans, incluindo aqui as travestis, transexuais, transgêneros e pessoas trans não-binárias) Q (pessoas queer – que são questionadoras de gênero), I (as corporalidades intersexuais) A (pessoas assexuais) e + (representa não o restante, mas sim, a pluralidade das experiências humanas diante das possibilidades de orientações sexuais, identidades de gênero e da existência de desejos sexuais afetivos, ou não.)

emocionais a serem despertados, teve-se a responsabilidade em se ofertar suporte psicológico, caso houvesse a necessidade em qualquer fase do trabalho. Este suporte seria realizado na Clínica de Pesquisa e Psicologia Aplicada da FCL/Assis.

Ressalta-se que nenhuma das participantes mencionou a necessidade de apoio psicológico no CPPA, bem como não manifestaram desaprovações com os processos da pesquisa. Obviamente, tendo-se em vista a delicada temática trabalhada, houve momentos de desconforto frente às discussões, choros e abatimentos, contudo, todas as situações eram trabalhadas com o grupo e todas as participantes conseguiam manifestar suas considerações sobre o assunto. Como devolutiva, ao final dos grupos, realizou-se o envio das transcrições e posteriormente um reencontro, via redes sociais, para esclarecimentos e dúvidas das interlocutoras, bem como para elucidações de considerações após a leitura do texto.

Por fim, elucidadas as questões pertencentes ao compromisso bioético, respaldados nos princípios de respeito à autonomia, a beneficência, a justiça e a não-maleficência⁸ no decorrer do trabalho com as participantes, será apresentada, como ideia fundamental da pesquisa, a noção de composição. Isto por ser creditada a esta ação a centralidade deste estudo, sendo possível sua construção graças aos aspectos vivenciados pelas composições desenroladas pelas interlocutoras dessa pesquisa.

2.1 Justificar a composição e a ideia de interseccionalidade

Toda pesquisa científica possui justificativas importantes para serem realizadas e divulgadas, não somente em meio acadêmico, mas em todos os setores sociais. Contudo, a ressalva da importância da problemática apontada nessas páginas recai sobre a dificuldade, impossibilidade e até mesmo incredulidade no fato de que o processo suicida seja facilitado em decorrência dos efeitos das lesbofobias. Ao transcorrer a construção da temática proposta nesta iniciativa, apresentou-se, nos grupos focais, a insurgência da dinâmica das interseccionalidades, sendo então resgatados dados, escritos e vozes de pessoas que possuem atravessamentos de diversos marcadores sociais de diferença.

⁸ Esses são os quatro princípios da bioética Principlista estabelecidas por BELMONT em 1979.

Talvez, a principal questão a ser debatida nesse percurso tenha sido a de como identificar a processualidade suicida e as manifestações lesbofóbicas, sem com isso se restringir aos aspectos individuais, mentais e, por outro lado, também não assumir a lesbofobia como único fator para o processo suicida. Neste ponto, torna-se importante o respaldo da perspectiva interseccional para se evidenciar como os marcadores sociais de diferença, tais como raça/cor/etnia, classe social, identidade de gênero, orientações sexuais, padrões corporais⁹, regionalidades/localidades, faixa etária e outros indicadores, compõem esferas discursivas não audíveis socialmente. O brado ecoado neste espaço refere-se à complexa existência de múltiplos marcadores que podem tamponar as falas de jovens lésbicas, dificultando as resistências a um sistema composto para limitar, silenciar e matar a todes¹⁰ que rompem com as normatizações compulsórias sobre as formas de ser e estar no mundo.

A discussão sobre interseccionalidades recebe destaque para que se compreenda o fato de que muitos dos problemas de justiça social, como o racismo e LGBTfobia, se sobrepõe, criando múltiplos níveis de injustiças sociais. Essas considerações recebem destaque por intermédio da advogada negra estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002) que evidencia a dificuldade de se conseguir trabalhar conjuntamente as generalidades e as especificidades das opressões e violências que atingem as mulheres. Uma vez que a utilização apenas da categoria gênero ou das categorias de raça e classe, isoladamente, mostrou-se insuficiente. Como aponta Longhini (2018, p.27) é desta “[...] angústia que surge a proposta interseccional, uma tentativa de complexificar as violências (porque neste momento era centralmente sobre violência) vividas por mulheres tão diferentes.”

Com esta consideração evidencia-se que as escolhas aqui apresentadas tomam por objetivo afirmar a composição dessas formas de entrecruzamento de violações, ressaltando como a marginalização dos discursos das lésbicas se estrutura igualmente nos diversos marcadores sociais que as perpetram.

⁹ Tangendo a noção de padrões corporais alocam-se as especificidades de pessoas com deficiência, gordas, intersexuais e com características que as expropriem do lugar de seres adequados aos regimentos aceitos sobre corporalidades.

¹⁰ O uso de “e” ao invés de “a”, “o”, “x” ou “@” diz respeito à escrita/fala neutra, correspondendo também a pessoas que não se identifiquem com o gênero feminino e masculino. Esta forma será assumida neste trabalho como padrão às palavras que se referenciem a generalidade de pessoas, assim como o uso do “u” nas palavras delus, elus e demais palavras que terminem com a letra “e” e possuam referência à generalidade.

A opção pela faixa etária deste estudo ser a de jovens se relaciona aos dados alarmantes obtidos em duas décadas (1980-2000), de que houve um aumento de 1900% (de 0,4 para 4,0 suicídios em mil) na taxa de suicídios na faixa etária dos 15-24 anos realizados no Brasil (MELLO-SANTOS; BERTOLOTE; WANG, 2005). Diante disso, mostra-se de extrema importância descrever os indicadores e fatores associados à processualidade suicida na juventude, sendo um deles, como demonstrados em outros estudos, as manifestações de ojeriza, desrespeito e agressividade às pessoas LGBTQIA+. Sendo evidente que esta pesquisa não constrói dados estatísticos representativos da população brasileira, mas possibilita uma análise qualitativa circunstancial respaldada em diversos outros estudos referentes a esta problemática.

Entretanto, o foco deste estudo, jovens lésbicas, reforça, igualmente, a necessidade da fala lésbica, da luta contra a invisibilidade e isolamento que as matam diariamente, não apenas fisicamente, como será descrito neste trabalho, mas emocionalmente, existencialmente e socialmente. Ignorando-se este fato, ignora-se que estas outras mortes influenciam na formação, não somente do arcabouço suicida, mas de tantas outras impotências, tais como baixa autoestima, dificuldade em se relacionar com outras pessoas, autolesões e etc. Assim, este texto, também não tem teor salvacionista ou se considera como aquele que promove as vozes alocadas neste espaço, aqui a intenção é ouvir os silêncios de jovens lésbicas que questionam a validade de suas vidas influenciadas, entre outros fatores, pelas manifestações lesbofóbicas.

Assim, embora com a nomeação de participantes, as falas referenciadas não serão utilizadas de modo a concebê-las como objetos de pesquisa. As participantes serão apresentadas como produtoras de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmas, por essa razão, são também compositoras desse trabalho criado em movimentos que objetivam formas de reconhecimento, protesto e luta diante das problemáticas aqui abrangidas. Estas ultrapassam a dimensão do processo suicida e da lesbofobia, proporcionando o questionamento da própria organização social que impede, exclui e demarca a todas as pessoas que não façam parte do ideal cis-heterossexual.

Não por acaso, ao se atentar para a definição da palavra **compôr** (HOUAISS, 2001) encontra-se a designação de uma ação transitiva, referente aos atos de juntar, formar, desenvolver, restituir a força, por fim, refazer-se. Com essas características,

também se aponta, nesse trabalho, a composição de uma música composta pelas vozes dessas mulheres como brado de resistência. De tal modo que o papel desta escrita foi de interpretar dessa música intransigente, exigente e urgente. Repleta de diversas rimas dolorosas, afetuosas e poderosas, abrangidas pelo compasso da reciprocidade, cuidado e respeito inerente às expressões das experiências vivenciadas pelas interlocutoras deste estudo.

A procura pelas integrantes dos grupos teve como meio para as buscas a utilização de redes sociais e do e-mail institucional da UNESP/Assis.¹¹ Foi divulgado um texto-convite explicitando a pesquisa e o público alvo participante, sendo este composto por mulheres (cis/trans) com idades entre 18-29 anos que já haviam pensado ou tentado suicídio. Como artifício de convencimento à participação foi salientado a importância do estudo enquanto instrumento de visibilidade das vivências de lésbicas a respeito do processo suicida. Por intermédio dessa divulgação foram contatadas dezessete jovens mulheres cisgêneros. A princípio, a pesquisa envolveria apenas participantes da própria cidade de realização do estudo, entretanto, diante do surgimento de pessoas de locais distantes, alocou-se a possibilidade da realização de encontros virtuais com Skype¹².

Das dezessete interessadas, sete afirmaram preferir realizar entrevistas individuais por não terem disponibilidade em participar dos grupos, tanto em relação ao tempo, quanto pela ideia de se exporem para pessoas não conhecidas. Desse modo decidiram por não participar, e não assinaram o TCLE. Outras duas interessadas não conseguiram participar dos encontros, mesmo tendo assinado o TCLE, em razão de compromissos assumidos nos horários dos grupos.

As participantes que aceitaram compor os grupos focais ressaltaram a importância da oferta de um espaço para a discussão das especificidades elencadas pelo estudo, alegando o desconhecimento e descaso das demais pessoas sobre o assunto. Como contribuição efetiva da pesquisa, apontaram esperar publicações e divulgações para além do âmbito acadêmico, pontuando a necessidade dessa investigação para o público em geral.

¹¹ Faculdade de Ciência e Letras da UNESP/Assis possui um e-mail institucional que repassa e-mails para pessoas cadastradas na lista de compartilhamento institucional.

¹² Skype é o nome de um software (programa/aplicativo) da Microsoft que permite a comunicação por chamadas de vídeo via internet.

Diante dessas colocações, e com o número final de oito participantes, foram organizados os grupos focais, que receberam o nome de Haloa¹³ em alusão a uma das mais famosas festividades atenienses realizadas apenas por mulheres. Com isso, formaram-se dois grupos:

Haloa 1: Grupo focal presencial com três integrantes. Carla (CA), Valéria (VA) e Vilma (VI).

Haloa 2 /Skyencontro¹⁴: Grupo focal virtual/skype com cinco integrantes: Janaína (JA), Teresa (TE), Sabrina (SA), Raíssa (RA) Natália (NA).

Ressalta-se que todas as pessoas descritas na processualidade deste estudo, ao assinaram o TCLE, concordaram em fornecer as informações pré-grupais e autorizaram a gravação dos áudios das discussões realizadas nos grupos. Os nomes mencionados nesta escrita são fictícios, em respeito ao sigilo das falas aqui transcritas. As informações relatadas antes da realização dos grupos focais corresponderam aos dados socioeconômicos e biográficos em relação à processualidade suicida enfrentadas em suas vidas. Abaixo se encontram as falas pertencentes a estas informações.

Carmem (CA) tem 25 anos, denomina-se como branca, atea, solteira. É psicóloga, mas encontra-se desempregada. Mora na casa de familiares na grande São Paulo. Seus parentes não sabem de sua orientação, apenas “suspeitam”. Relata nunca ter tentado suicídio, mas disse perceber diversas formas de maus tratos consigo mesma, bem como ter pensado em se matar cortando os pulsos. Ressalta que este pensamento teve força aos 24 anos, logo quando se assumiu como lésbica.

Janaína (JA) tem 28 anos, denomina-se como branca, sem religião, mas afirma estudar o judaísmo e a cabala. Formada em Letras, atua como revisadora de textos e artigos e mora com sua mãe e pai em uma cidade do interior de São Paulo, ambos sabem de sua orientação. Afirma ter tentado suicídio aos 22 anos utilizando calmantes e bebida alcoólica. Contudo, na adolescência, entre os 13 e 15 anos, se agredia fisicamente.

¹³ A festa era chamada de haloa, ou festa da eira, e era celebrada em dezembro, distinguindo-se, portanto, da debulha do cereal. Acredita-se que tenha incluído certos ritos místicos observados apenas pelas mulheres, que se banquetearam e embriagavam com vinho, ao mesmo tempo em que se diziam umas às outras graças picantes e mostravam bolos cozidos com a forma de órgãos reprodutores masculinos e femininos. (FRAZER, 1982. p.351-352)

¹⁴ Neologismo elencado pelas próprias participantes diante da junção das palavras Skype e encontro.

Natália (NA) tem 29 anos, declara-se branca, Kardecista, solteira. Graduada em Comunicação Social com ênfase em publicidade e propaganda, trabalha como *social media manager*. Mora sozinha em uma cidade do oeste paulista, sua família conhece a sua orientação. Retrata ter tentado suicídio aos 19 anos tomando calmantes e injetando cocaína. Aos 24 anos planejou pular da sacada do prédio em que morava.

Raissa (RA) tem 19 anos, denomina-se como negra, atea, graduada em administração e realiza estágio na área. Solteira, mora com a mãe, que sabe de sua orientação sexual, em uma cidade do norte paulista. Pensou em suicídio aos 14 anos, paralelamente a época em que estava entrando em contato com sua sexualidade. Tentou suicídio aos 15 e aos 17 anos tomando calmantes com alvejante.

Sabrina (SA) tem 24 anos, denomina-se como parda, diz não possuir credo ou religião. É psicóloga, mas atua como auxiliar de desenvolvimento infantil. Solteira mora em uma cidade do Paraná, seus pais não sabem de sua orientação. Afirma ter planejado realizar seu suicídio aos 13 anos, no qual utilizaria as facas de sua mãe, durante a noite, para cortar as artérias principais. Contudo, ao ver que seu pai estava acordado, se assustou e retornou ao quarto desistindo de realizar a ação.

Teresa (TE) tem 29 anos, denomina-se branca, católica não praticante. É agente de organização escolar e está se formando em História. Casada, mora no interior de São Paulo com sua companheira. Depois de revelar sua orientação sexual não teve mais contato com seus familiares, a não ser com uma irmã. Tentou suicídio aos 15 e aos 25 anos em ambas tomando calmantes fortes, usando cocaína com bebida. Afirma também ter pensado em ocasionar acidentes automobilísticos, por excesso de velocidade, mas não se recordava quantas vezes realmente o fez.

Valéria (VA) tem 29 anos, declara-se branca, e apesar da criação católica, afirma simpatizar apenas com o espiritismo. É psicóloga, mas está desempregada. Após o término da faculdade voltou a morar com seus familiares, que não sabem de sua orientação sexual, em uma cidade da grande São Paulo. Diz nunca ter tentado suicídio, mas o pensamento em fazê-lo é recorrente. Marcado, principalmente pela solidão e desespero frente às questões relacionadas à dinâmica familiar em relação a sua sexualidade.

Vilma (VI) tem 19 anos, declara-se branca, agnóstica, estudante de psicologia e mora em uma república estudantil no interior de São Paulo. Seus familiares sabem

de sua orientação sexual. Afirma não ter tentado suicídio, mas se autolesionou diversas vezes, dos 15 aos 16 anos, em decorrência de sentimentos de não pertença, desespero e solidão.

Uma questão de extrema importância para este estudo, relativamente às explicitações da teoria interseccional, é a necessidade de se ressaltar uma falha desta escrita, em referência a quase totalidade branca e apenas mulheres cis e universitárias como participantes, formando com isso uma amostra pouco diversificada e enviesada. Contudo, estas pessoas foram as que tiveram acesso e manifestaram interesse em fazer parte do estudo. De modo que, não se ausentando da responsabilidade referida, afirma-se que esta pesquisa possui limitações, e, assumindo as críticas acerca desta formação, denuncia-se e questiona-se o porquê mulheres cis e trans não brancas não participaram ou acessaram o convite a esta pesquisa. Pontuando, entre outras questões, o que teria limitado o acesso deste trabalho a elas, bem como de que modo suas participações teriam enriquecido o conteúdo aqui apresentado. Tal como nos aponta a feminista afrocolombiana Ochy Curiel (2013) o reconhecimento não pode ser apenas um insumo para limpar culpas epistemológicas. Assim, o rigor apontado nessa escrita diz respeito ao comprometimento e cuidado com a temática abordada, buscando não ser uma suposição estéril sobre o tema, mas sim uma efetiva proposta de intervenção com a noção categórica de intersecção.

Aloca-se nesta escrita a crítica sobre a possibilidade de fala de jovens mulheres cisgênero lésbicas. Questionando a necessidade da construção de redes de inteligibilidade, ou seja, não bastaria de ouvidos para que suas palavras fossem escutadas. Uma vez que em muitas circunstâncias suas falas não conseguem emergir, pois se torna de extrema importância se considerar os lugares de privilégio, de referência daqueles que constroem o conhecimento sobre as pessoas.

Assim, a intenção deste trabalho compromete-se com a fidedignidade aos discursos proferidos pelas interlocutoras, ressaltando que a construção discursiva e analítica esteve ligada com as percepções das próprias participantes. Com isso, busca-se evitar a confecção de um trabalho que defina as interlocutoras como "objetos", "outras", uma vez que tal postura marca relações de poder e saber em torno do conhecimento derivado de interpretações calcadas em posições hegemônicas promotoras de dominações. Com este estudo, constrói-se, deste modo, uma crítica a um tipo de dominação, neste caso, a promovida pela cis-

heterossexualidade, concebendo-a como um regime político que produz exclusões, subordinações, opressões que fundamentalmente afetam a todes.

Após esta breve apresentação das interlocutoras, será explicitado, no quadro abaixo, o modo como as falas das participantes serão apresentadas nessa dissertação seguindo as proposições alocadas por Marcuschi (1986) que denomina alguns parâmetros para a transcrição de entrevistas.

Tabela 1. Legenda das transcrições dos grupos

1. (+) = pausas curtas
2. (++) = pausas longas
3. (/) = interrupções bruscas da fala
4. LETRA MAIÚSCULA = palavras com ênfase na pronúncia
5. a:: = alongamentos de vogais
6. (()) = comentários feitos pela pesquisadora a respeito das falas
7. (...) = trecho contínuo inaudível.

A técnica utilizada como estratégia de composição desta pesquisa se constitui na realização de grupos focais, sendo as falas descritas e comentadas frente à análise de discurso de vertente foucaultiana em diálogo com as perspectivas pós-feministas e queer. A escolha desta forma de técnica justifica-se pela necessidade em se tratar, com profundidade e cuidado, as temáticas emergentes, isto, por intermédio da escuta de posicionamentos que podem auxiliar na formulação de novas questões diante da problemática averiguada nesta dissertação.

2.2 O grupo focal como técnica metodológica

Por se utilizar de sessões grupais, centradas em um tema específico em cada encontro, os grupos focais se organizaram por intermédio de um conjunto de pessoas selecionadas mediante alguns critérios para a discussão e a realização de comentários sobre o mote de interesse do estudo. O foco, nesta perspectiva da pesquisa, é representado pela realização de atividades coletivas tendo por propósito a construção de um diálogo sobre a dinâmica da lesbofobia frente o processo suicida. Como critério para composição dos grupos foi estabelecida a população de lésbicas com idades entre 18-29 anos que já pensaram ou tentaram suicídio.

A utilização dessa técnica de pesquisa vem ganhando destaque principalmente nos últimos trinta anos, sendo utilizada por profissionais da sociologia, psicologia, enfermagem, medicina e da área de marketing e publicidade. Ainda em relação ao emprego dos grupos focais, entende-se que este pode assumir três perspectivas dentro das dinâmicas das pesquisas (VIRGÍNIO; NÓBREGA, 2012):

a) Como *self-contained*, quando esta técnica é elencada como a principal fonte de dados, sendo desenvolvidas análises mediante a única e exclusiva realização dos grupos;

b) Como fonte preliminar, isto é, quando se obtêm, por intermédio do uso dessa técnica, considerações importantes para elaboração de questionários e demais ferramentas de análise para ambitos exploratórios;

c) Por fim, utilizada como técnica associada a outras formas de obtenção de dados, isto diante de uma pesquisa que envolva um estudo de teor complexo.

Assim, estipulam-se três tipos de grupos focais: os exploratórios, clínicos e vivenciais. O primeiro se relaciona com o desenvolvimento de uma perspectiva voltada a descrição dos processos de interesse do estudo, enquanto que o segundo tipo volta-se para a descoberta de intervenções clínicas em grupos de determinadas causalidades disfuncionais. Já o terceiro modo de grupo focal se caracteriza pela análise de quadros situacionais no âmbito de trabalho e atividade em determinados espaços.

A forma desenvolvida nesta escrita em relação à construção dos grupos focais buscou ser mista, tentando compor uma visão interacional junto às participantes da pesquisa, saindo do caráter puramente exploratório, clínico ou vivencial. Mediante essa forma de organização construiu-se o diálogo acerca de um tópico elencado como preceptor dos estímulos para os encontros. Com isso, observam-se as características que são favorecidas com a proposta da técnica metodológica dos grupos focais (GATTI, 2005; RESSEL, 2008):

a) o aspecto relacional do grupo, no qual se desenvolvem falas compartilhadas relativamente às temáticas trabalhadas;

b) possibilita a visão de vertentes da articulação discursiva, na qual cada pessoa pode se ver representada na fala da outra compositora.

c) auxilia no processo de autocensura das pessoas envolvidas nos grupos, isso por meio do confronto e alteração das problemáticas existente diante de um determinado assunto que são desencadeadas.

d) os dados oriundos da realização dos grupos focais se apresentam de forma complexa, volumosa, descrevendo diversas ambiguidades, conflitos e consensos relativos ao tema abordado (GATTI, 2005).

e) o trabalho com grupos focais apresenta a potencialidade de se compreender por que certo ponto de vista é tomado como preponderante frente um assunto, e as consequências dessa atitude.

f) vislumbra-se a possibilidade de se entender as diferenças ou semelhanças existentes entre os pensamentos e atitudes das participantes.

O grupo focal pode trazer alguns benefícios aos participantes, como a oportunidade de ampliar suas perspectivas em contato com pessoas que não são de seu círculo mais próximo de relações, de se inteirar de informações, de interagir com pesquisadores [...]. Alguns grupos podem favorecer processos de confiança e colaboração tais, que permitem discussões e solução de um problema em particular. (GATTI, 2005. p. 69)

Por não apostar em categorias estabelecidas como universais e imutáveis, os conceitos, tais como sexo, razão, natural/normal, passam a ser utilizados de outras formas, calcadas na dispersão, na fragmentação e na fluidez das dinâmicas destes conceitos. Desse modo, o que se coloca em jogo não é a revelação de uma verdade unívoca, como efeito preciso de alguma coisa, mas elucida-se o modo como determinadas verdades podem produzir efeitos de saber-poder (DAMICO, 2006).

[...] a técnica de grupo focal [...] estimula e propicia a interação entre seus/suas participantes. Este caráter interativo dos grupos focais facilita o desenvolvimento de estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos; ou quando se investigam questões complexas relacionadas a dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados. (DAMICO, 2006. p. 40)

Assim entende-se que o objetivo dos grupos focais seja depreender, por intermédio dos relacionamentos estabelecidos no âmbito grupal, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações que são compartilhadas mediante certas condições de existência e expressão social.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições,

preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2005. p. 11)

Deste modo, a função desta escrita foi a de efetuar a moderação, ou seja, estipular o fio condutor do grupo focal, propondo e estimulando a expressividade das participantes, fomentando a manifestação espontânea de seus sentimentos, experiências e opiniões sobre as questões que eram explanadas nos encontros. Para isso, buscou-se a manutenção da discussão focalizada, isto por intermédio da realização de resumos e retomadas o assunto quando observado o desvio do tema em tela.

Contudo, algumas alterações na organização dos grupos necessitaram ser realizadas em virtude de duas questões presentes nesta pesquisa: poucas participantes nos grupos presenciais e participantes distantes do local de realização da pesquisa.

Em relação à primeira problemática, foram realizados alguns encontros com apenas duas pessoas, quando o número recomendado de participantes é de 6 a 12 pessoas para cada grupo (GATTI, 2005) ocasionando mudanças no modo de participação da pesquisadora, no qual suas intervenções ocorreram mais vezes do que o esperado. Principalmente associadas à conexão das falas com relação ao tema discutido, fazendo com que se fosse questionada à efetividade de chamar tais encontros como de “grupos focais”. Contudo, assumindo esta contravenção metodológica, escolheu-se denominar tal prática como pertencente à esfera metodológica em questão.

Já no segundo dilema, optou-se pela realização de encontros virtuais com os grupos focais, promovendo sensíveis alterações, uma vez que apesar de apresentem algumas semelhanças com os grupos presenciais, principalmente em relação ao conteúdo das questões trabalhadas, os grupos virtuais possuem particularidades.

Assim, a técnica dos grupos focais virtuais, no caso em questão via Skype, não consistiu apenas na transposição das diretrizes dos tradicionais grupos focais presenciais para o meio virtual. Já que ao se introduzir outra ferramenta de coleta de dados em uma processualidade metodológica preexistente, todo o sistema pertencente ao método será modificado (BORDINI; SPERB, 2011). Compreendida esta mudança metodológica, a realização dos “skyencontros”, como denominados

pelas participantes, apresentou algumas diferenças em relação aos encontros pessoais.

A primeira diferença se constituiu na duração, tendo-se em vista o tempo para a preparação dos dispositivos eletrônicos de transmissão e gravação das falas. A outra questão presente se refere à dispersão das participantes, que, por vezes, eram interrompidas, seja pela queda da internet quanto por outras intercorrências. Excetuando tais eventualidades, a processualidade do encontro seguiu de forma equivalente aos parâmetros estruturados para os grupos presenciais, contudo, com falas mais extensas por parte das participantes.

De modo a tentar padronizar a organização dos grupos presenciais e virtuais foi criado, em relação às pressuposições da pesquisa e indicações das participantes, um guia temático com o roteiro almejado a ser seguido para cada reunião, como demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 2. Guia de temas e roteiro dos encontros

ENCONTRO	GRUPO	DATA	TEMA
1	Haloa 1	21/05/2018	<u>A ASSUNÇÃO DAS LESBIANIDADES</u>
	Haloa 2	25/05/2018	
			<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação das participantes (interseccionalidades) 2. Explicação de alguns fatos da pesquisa 3. Apresentação dos vídeos Vídeos: https://www.youtube.com/watch?v=AoHIOsd-hlg I Kissed girl https://www.youtube.com/watch?v=XT6zJVStqhA Torpedo vídeo MEC https://www.youtube.com/watch?v=g8gSzP5Kn9Q Girls like girls like <ol style="list-style-type: none"> 4. Sensações e colocações frente à apresentação dos vídeos. 5. Resumo do encontro

2	Haloa 1	04/06/2018	<u>LESBOFOBIA FAMILIAR/SOCIAL</u>
	Haloa 2	15/06/2018	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retomada do assunto anterior do grupo 2. Apontamentos sobre as reverberações do encontro anterior 3. Apresentação dos vídeos: <ol style="list-style-type: none"> 1 https://youtu.be/71Pla7r5HWw - Santana conta para sua avó sobre sua sexualidade 2. https://youtu.be/UsIWaMvV4B0 - Becoming myself Domo Wilson 4. Discussões quanto às percepções dos vídeos 5. Resumo do encontro
3	Haloa 1	18/06/2018	<u>O PROCESSO SUICIDA</u>
	Haloa 2	27/06/2018	<ol style="list-style-type: none"> 1. Recordar o ocorrido sobre as questões da lesbofobia familiar 2. Apresentar o texto sobre a notícia da manifestação do pai acerca do suicídio da filha 3. Colocar o vídeo https://www.youtube.com/watch?v=iSxYn0h_tzs&t=30s 4. Mostrar os dados do grupo GGB – Quem a homotransfobia matou hoje https://homofobiamata.wordpress.com/category/1-diversidades/1-1-sexual/b-lesbica/ 5. Resumo do encontro e pedido para que na próxima reunião trouxessem aquilo que significava resistência para

			as participantes.
4	Haloa 1	02/07/2018	<u>ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E FONTES DE RESISTÊNCIA</u>
	Haloa 2	17/07/2018	
			1. Recapitulação dos encontros
			2. Apresentação das fontes/espacos/símbolos de resistência das participantes
			3. Percepções sobre a participação nos grupos focais.

O período de realização dos encontros foi de dois meses, uma vez que cada reunião com os grupos era promovida quinzenalmente com a duração aproximada de uma hora e meia. Esta limitação no tempo das discussões segue, também, os parâmetros estipulados em outros estudos elaborados como técnica metodológica em questão. Assim, com o número de oito encontros, quatro com cada um dos grupos, formando, deste modo, o repertório dessa escrita.

O desenvolvimento das reuniões contava com um momento inicial para a exposição de um resumo dos encontros anteriores, posteriormente apresentando o objetivo do encontro presente. Para motivar a discussão, em todos os encontros eram propostos dispositivos (vídeos e textos) como disparadores para as discussões, entre as participantes, das etapas vividas relativamente à assunção de suas lesbianidades. Tais escolhas buscaram seguir a ideia da apresentação inicial a temática a ser abordada, contudo, não se tratavam de vídeos e textos que traziam explicitamente o conteúdo. Isto foi realizado por se entender a delicadeza do tema a ser tratado, tentando-se evitar a exposição exacerbada das participantes.

Ainda em relação ao assunto delicado tratado nos encontros, intentou-se, desde o início, tornar o ambiente da realização dos encontros um espaço agradável. Os encontros presenciais foram organizados em um ambiente confortável, tendo lanches e sucos para as participantes. Já os encontros virtuais eram realizados em espaços calmos e com boa iluminação. A coordenação dos grupos também contou com especial cuidado e atenção para as manifestações de tristeza e desagrado,

caracterizados por choros e vozes alteradas nitidamente emocionadas com as lembranças.

Como forma de finalização dos encontros, realizava-se uma síntese dos depoimentos, ofertando-se um espaço às participantes para acrescentarem, ressaltarem ou mudarem alguma ideia pronunciada na discussão, bem como para expressarem o que sentiam após a reunião e as aspirações em relação ao estudo.

CA: (...) Hoje eu posso, embora seja pouco tempo assim, eu posso dizer que eu estou bem tranquila, segura assim. Então acho que o que eu busco com esse grupo é fortalecimento mesmo.

VI: (...) eu quis participar pela importância, sabe. Eu nunca tinha visto uma pesquisa sobre isso, tipo, e com a minha existência ajudar em algo, eu achei importante. (...) Ah, eu fiquei (+) no começo foi tipo "ok. então tem alguém vendo isso". Porque isso é importante. Me senti meio, sabe, feliz até. Porque, sabe, não sei se interesse, mas alguém está querendo ver sobre isso. E isso é importante, então eu fiquei bem feliz.

Após a elaboração dos grupos, o período da transcrição se estabeleceu como central para a continuação do estudo tendo-se em vista o cuidado com a fonte, no caso a fala das participantes, e a preservação de seus sentidos. Nomeadamente este é um estágio importante na processualidade interpretativa das discursividade apresentadas nos grupos focais. Assim, este momento necessita receber atenção redobrada por parte da pessoa que o realiza, uma vez que no ato da transcrição ocorre o distanciamento do fato vivenciado para o enfoque no que se foi dito.

Apesar de ser a mesma pessoa que entrevistou e que está transcrevendo, o enfoque, agora, é diferente. No primeiro – a coleta – o enfoque era o presente, na ação de entrevistar. As respostas, explicações, argumentações e explanações do entrevistado eram o que mantinham a atenção. Na transcrição, o enfoque será naquilo que foi ou não falado, pois é isso que é feito numa transcrição: transcreve-se o que foi falado, mas pode-se perceber o que foi ou não perguntando, o que foi ou não respondido e no que está inaudível ou incompreensível. (MANZINI, 2009. p. 3)

Tem-se, com isso, que a processualidade da transcrição constituiu uma terceira etapa da organização do grupo focal. Já que após a montagem dos grupos e a realização dos encontros, o ato de transcrever assumiu um estágio posterior de análise, possibilitando a resignificação das falas.

Apesar de o objetivo da transcrição ser transpor as informações orais em informações escritas, nesse processo, ocorre um segundo momento de escuta, no qual podem permear impressões e hipóteses que afloram intuitivamente durante o ato de escutar e transcrever. Essas impressões e hipóteses podem ser anotadas para depois serem investigadas pelo pesquisador. Esses apontamentos, na maioria das vezes, são muito válidos para a interpretação dos dados. Essas impressões podem ser impressões

que se corroboram, ou poderão, no futuro, ser descartadas. Sempre quando está sendo realizada a transcrição, há uma tendência, intencional ou não, em interpretar a informação. Às vezes, logo após uma entrevista, uma imagem é idealizada sobre as informações que foram coletadas e, ao realizar a transcrição, essa imagem pode ser totalmente desfeita. Em outras, essa imagem é ampliada ao realizar a transcrição. (MANZINI, 2009. p. 4)

A construção da escrita desta dissertação seguiu o guia das temáticas dos encontros, de modo que serão abordados, especificamente, os assuntos desenvolvidos discutidos nas reuniões. Assim, serão descritas como as questões discursivas, referentes às dinâmicas lesbofóbicas e a processualidade suicida, se manifestaram nas falas das participantes deste estudo. Com isso, foi proposto um percurso analógico das colocações das participantes dessa dissertação por intermédio da análise do discurso foucaultiana em diálogo com os estudos pós-feministas e queer.

2.3 Pensando a análise do discurso foucaultiana em diálogo com os estudos pós-feministas e queer

O conceito de discurso aqui descrito é entendido como uma organização além da frase, sendo um modo de ação que considera a fala como uma força atuante sobre outra pessoa. Institui também a interatividade existente entre enunciado e interlocutor. Com isso tem-se a afirmação de que o discurso é sempre algo contextualizado, assumido por pessoas e sendo regido por regras internas e externas de funcionamento. O termo “análise do discurso” foi utilizado pela primeira vez pelo linguista estadunidense Zellig S. Harris (1909-1992) em 1952 instituindo a ideia de “discurso” seria uma unidade linguística construída de frases, de um texto, enquanto que “análise” corresponderia à noção de decomposição. Assim, tem-se que tal autor pressupunha a análise do discurso como o processo de análise estrutural de um texto. Contudo, a análise do discurso apresentada nos dias atuais surge em meados dos anos 60 nos EUA, França e Inglaterra com a preocupação de perceber essa sistemática para além da perspectiva linguística, inserindo-a no arcabouço das relações sociais.

A perspectiva adotada neste trabalho, indo ao encontro da preposição da escola francesa da análise do discurso, não intenta a explicação ou interpretação das falas das participantes da pesquisa, mas sim visa compreender os processos de

significação e o modo de funcionamento discursivo existente. Assim, tal forma de análise objetiva problematizar a relação discurso-sentido, alocando o contexto histórico como formador dessa constituição instituída na interatividade existente entre enunciado e interlocutor. Com isso tem-se a afirmação de que o discurso é sempre algo contextualizado, assumido por pessoas e sendo regido por regras internas e externas de funcionamento (FOUCAULT, 2014).

Mediante tal colocação o discurso pode ser entendido como detentor de perigos e interditos, já que se baseiam em partes importantes da materialidade da vida em ressonância as relações de poder. Como aponta Foucault (2014) toda forma de organização social compõe modos de controlar, selecionar, organizar e redistribuir o discurso, ambicionando com isso gerenciar esta periculosidade latente.

Na construção dos encontros com os grupos, logo se pode perceber que a fala não se dava de forma livre, as próprias participantes referenciavam a temática tratada como um assunto “complicado”, interditado e silenciado.

VA: A:: eu não sei. Eu tenho muita dificuldade para falar. E nem faço terapia assim. Faço e paro, faço e paro. Mas é um pouco difícil para mim esse lugar de fala assim. Eu sou muito mais da escuta. Então, é um pouco difícil assim. Não sei se isso vai atrapalhar a sua pesquisa. (...) E é muito diferente. Porque é a primeira vez assim que eu faço um encontro assim, que é só a temática de ser lésbica, sempre tem as outras questões no meio. (+) Principalmente gay, principalmente trans. É muito diferente você falar só desse tema específico para lésbicas. Por isso que eu acho que eu tenho um pouco de dificuldades. Porque é muito pesado. E às vezes a gente só tem a experiência da gente, assim, pra (+) pra ir se descobrindo. Não tem outras fontes. Assim, para saber de nada. É tudo (+) na experiência própria assim. Você ir se descobrindo e não ter:: às vezes a voz é tão abafada. E quando você tem um momento de voz você não consegue né. É muito difícil assim. Mas é interessante.

Com esta colocação, entendem-se como alguns procedimentos/sistemas de exclusão regulam a exposição de discursos, formulando aquilo que Foucault elencava como modulações externas dos discursos, estas responsáveis por dominar os poderes que eles têm, sendo elas:

- 1) De interdição (palavra proibida) – realizada por intermédio de três modos:
 - a) tabu do objeto;
 - b) ritual da circunstância;
 - c) direito exclusivo de quem fala;

Neste sentido, é possibilitado pensar como as questões sobre as lesbianidades e a processualidade suicida configuram um duplo tabu, sendo interditado de diversos modos, tais como salientado na fala a seguir:

CA: Quando eu penso do suicídio da mulher lésbica eu penso nesse ocultamento assim. Por que, eu não sei. Pelo menos para mim, nunca foi muito comum assim, nunca escutei suicídio assim, suicídio de lésbicas, por exemplo. E eu não acho que eu nunca escutei por que não aconteça, mas é porque, não sei.

2) De separação e rejeição (segregação da loucura) – se posiciona um dado em relação ao outro elencando qual deles é de efetiva consideração, ou normal.

Este aspecto é muito evidente nesta dissertação, quando as participantes trazem essa questão da não aceitação da discursividade das homossexualidades femininas em oposição à valorização da cis-heterossexualidade.

VA: (...) A gente é educado a casar com homens, a mulher. Ter filhos e:: ser assim. E quando a gente (+) e ai que tá (+) porque a gente não escolhe a:: é o que a gente consegue ser. Não é uma escolha. (...) A gente não escolhe. E é difícil assim. ((choro))

CA: Acho que se fosse possível escolher (+) todo mundo escolheria ser heterossexual.

VA: Todo mundo iria escolher ser normal né? Ser aceito e não é assim.

3) Oposição do verdadeiro ao falso (vontade de verdade) – nesta forma de exclusão todo o fato que não seja considerado como da ordem do verdadeiro não pode ser considerado.

Assim, quando a compositora SA diz:

SA: Para mim é muito interessante poder falar sobre a minha lesbianidade e poder encontrar outras pessoas com quem eu possa falar sobre isso, que se interessem, sabe? Por que mesmo quando eu fiz a faculdade, esses espaços de conversa sobre sexualidade eram bem restritos e quase nem abordavam a lesbianidade. Com amigos a conversa até fluía, mas sempre por assuntos não específicos, apenas relacionados ao fato de como era a paquera e tal.

É possível observar como as interdições aos discursos apontam as relações de poder que regulam a visibilidade e o espaço de manifestação de si existentes em suas configurações, limitando os locais nos quais as pessoas podem falar, e de modo mais efetivo, existir.

Contudo, como evidencia Foucault (2014) os mecanismos existentes para a regulação discursiva não são oriundos exclusivamente de ordem externa. Há também a existência dos procedimentos denominados como internos, sendo estes exercidos pelos próprios discursos e se responsabilizam por conspirar os modos de sua aparição. Assim tem-se que as coerções discursivas se atrelam aos fatos que:

a) limitam seus poderes;

- b) dominam sua aparição;
- c) selecionam os sujeitos que falam;

Foucault (2014) ainda apresenta a ideia de que na sociedade atual exista uma *logofobia*, esta corresponde ao espanto oriundo dos acontecimentos provenientes do discurso. Isso por que esta dinamicidade discursiva pode apresentar a violência, a descontinuidade, a combatividade, a desordem e a periculosidade existentes em si. Assim, o autor coloca que para se escapar desse temor torna-se necessário optar por três decisões, a saber:

- a) questionar a vontade de verdade
- b) devolver o caráter de acontecimento (materialismo do incorpóreo) ao discurso
- c) interromper a preeminência do significante

Por intermédio dessas três decisões são compostos alguns princípios, divididos em dois conjuntos, frente à constituição discursiva. O primeiro conjunto, denominado de *crítico*, corresponde ao princípio apontado por Foucault (2014) de *inversão*, diante deste posicionamento torna-se necessário descrever a negatividade do jogo que compõe as formas de exclusão, limitação, apropriação diante da necessidade de respostas às situações alocadas por estes discursos.

Partindo para o segundo conjunto, chamado de *genealógico*, analisa-se como se deu a formação, por intermédio desses sistemas de coerção, as séries discursivas. Para esta compreensão o autor estabelece os outros três princípios: o da descontinuidade, especificidade e exterioridade. Em relação ao segundo princípio elencado pelo filósofo, o da descontinuidade, observa-se a importância de se perceber o fluxo do discurso, delineando que sua cadeia significativa possui desconexões e espaços inerentes ao estabelecimento de uma forma de saber. Assim, os discursos “devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam por vezes, mas que também se ignoram ou se excluem”. (FOUCAULT, 2014. p. 51)

O terceiro princípio se refere à especificidade do discurso, esta se localiza na ideia de combate à simplificação discursiva, na qual o discurso possui um significado pacífico em si. O autor revela que há uma natureza violenta no discurso e que para sua efetiva compreensão torna-se imprescindível a consideração de sua alteridade.

Em referência ao quarto princípio, denominado de exterioridade, Foucault (2014) apresenta que o discurso não deve ser compreendido como algo preso em

um núcleo interior, escondido, mas sim o que se revela a luz da superfície discursiva.

Com isso afirma o filósofo

Quatro noções devem servir, portanto, de princípio regulador para a análise [do discurso]: a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade. Vemos que se opõem termo a termo: o acontecimento à criação, a série à unidade, a regularidade à originalidade e a condição de possibilidade à significação. Essas quatro últimas noções (significação, originalidade, unidade, criação) de modo geral dominaram a história tradicional das ideias onde, de comum acordo, se procurava o ponto da criação, a unidade de uma obra, de uma época ou de um tema, a marca da originalidade individual e o tesouro indefinido das significações ocultas. (FOUCAULT, 2014. p.51)

Tendo-se as considerações foucaultianas relativas ao sujeito, ele o toma como um detentor de um lugar de fala, circunscrevendo um domínio discursivo no qual se institui o sujeito como efeito de poder.

O pensamento foucaultiano, deste modo, casa-se com a análise feminista na medida em que ambos pretendem desvelar os discursos de verdade sobre o humano e seus recortes sexuais/sexualizados, discursos *verdadeiros* sobre a sexualidade traduzida em práticas normativas e sexo biológico, definidor dos corpos constituídos em humanos. (SWAIN, 2004. p. 186)

É com isso que “(...) para a análise do discurso, não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia.” (ORLANDI, 1997. p.99) Logo, a análise de discurso tem por objetivo desfazer o falso problema entre conteúdo e a forma por meio da crítica ao formalismo e ao conteudismo. Propõe-se, deste modo, trabalhar a forma-sujeito, esta denominada historicamente no imaginário da sociedade, e a forma-do-sentido, considerando-a em dois pontos estabelecidos historicamente nos seus processos de constituição e funcionamento. (ORLANDI, 1997)

Diante disso, a análise do discurso aqui empregada deve ser entendida não como algo que desvende a universalidade dos sentidos contidos nas discursividades proferidas pelas participantes, mas sim como estratégia que demonstra os jogos de invisibilidade e aprisionamento das lesbianidades depositadas nas redes dos discursos lesbofóbicos. Assim, como efeito das normatizações estabelecidas sobre as definições das características que nomeiam e alocam discursos sobre as pessoas, tem-se a denominação binária, mulheres ou homens, como limitação de espaços para expressão de si.

As estratégias discursivas correspondem a “construções em meio a espaços de disputas, restrições, possibilidades e interesses, que, entre outras coisas, fornecem direções, parâmetros, repertórios a agentes desigualmente dotados de capitais (sociais e simbólicos) e de distintas habilidades comunicativas.” (JUNQUEIRA, 2010. p.127)

Deste modo, ao alocar-se nesta escrita a posta em uma análise que possa dialogar com os estudos pós-feministas e queer integra a construção de um questionamento sobre a funcionalidade social que, estruturando os locais de pertença e discursividade, instauram possibilidades e impossibilidades de existência. Assim, como nos apontam os estudos de Joan Scott (1995), o elemento constitutivo das discursividades entre as relações sociais se basearia nas diferenças percebidas entre os sexos, estabelecendo a forma primária de significação destes relacionamentos. A teoria pós-feminista passa a fomentar não apenas a ideia de que nossas identidades como mulheres e homens não se resumem às estruturas biológicas, como também estariam sujeitas a um contínuo processo histórico de construção social. (SILVA, 2015).

As metodologias pós-feministas visam construir conhecimentos insurgentes, contextualizados e emancipatórios, colocando um intenso questionamento crítico impedindo a prolongação de uma chamada pulsão extrativista e autoritária inscrita no modo de se produzir ciência.

Quanto a estas colocações, a proposta de análise discursiva aqui transcrita, dialogando com os estudos pós-feministas e queer, auxilia na identificação dos debates relativos às sexualidades e identidades de gênero, possibilitando observar as fronteiras, as normas e as hegemonias das construções discursivas. A materialidade das falas demarca os limites sociais associados à obediência aos aspectos de uma ordem cisgênero masculina branca, enriquecida, jovem e, de preferência, eternamente feliz.

Mediante os desdobramentos dos estudos queer encontram-se ferramentas interessantes para o trabalho de desconstrução de uma naturalidade e imutabilidades das configurações repercutidas nas práticas institucionais que contribuem na formação de subjetividades. Com isso, têm-se os dois principais dispositivos norteadores da teoria queer: a temporalidade dos sujeitos diante dos significados em constante reformulação e a separação entre gênero e sexualidade como dois campos de estudo distintos. (VITERI; SERRANO; VIDAL-ORTÍZ, 2011).

Assim, também se aloca a indagação sobre a construção das relações de poder recorrendo à falsa linearidade entre sexo, gênero e desejo calcados em determinismo biológicos e socioculturais. Tal ordenação social, baseada no inatismo, constitui um sistema gênero/sexo/desejo (BUTLER, 2003) que garante a imutabilidade de premissas que definem um gênero ou outro. É neste sentido que os estudos queer vêm realizando a crítica de práticas reguladoras naturalizadas e hierarquizadas de se conceber o relacionamento entre sexo, expressão de gênero e direcionamento do desejo.

[...] em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o *status* auto-idêntico da pessoa? Em que medida é a "identidade" um ideal normativo, ao invés de característica descritiva da experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade. (BUTLER, 2003. p.38)

Logo, ao promover-se a dissociação desses conceitos tidos como correlatos proporciona-se a possibilidade de compreender como o ordenamento social vigente produz as formas identitárias que ofertam a ilusão de uma harmonia na relação entre sexo, orientação sexual, práticas sexuais, gênero e desejos (PERES, 2011). Essa ilusão se constituiu como resultado de um processo histórico-social que, calcado na pressuposição de uma evolução biológica natural, dita regras e normas bem definidas para cada sexo e expressão de gênero, promovendo o silenciamento e apagamento de conflitos, oposições e resistências a esta arbitrária naturalidade (BADINTER, 1985). Ainda, segundo o que nos coloca PRECIADO (2011), o que realmente tem importância não é meramente a diferença sexual, mas a multidão composta de corpos divergentes, isto como um aparecimento proporcionado pela política queer.

A sexopolítica é apontada por Preciado como sendo a entrada do sexo no cálculo do poder, fazendo com que a discursividade sobre o sexo construa tecnologias de normalização das identidades sexuais como controles imperativos da vida. Deste modo, sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, pós-coloniais, entre outros. "As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer." (PRECIADO, 2011. p. 14)

Assim tem-se que pensar o queer enquanto lócus produtivo e discursivo das subjetividades e as materializando em identificações tidas, anteriormente, como construídas e respaldadas por aspectos discursivos negativos e pejorativos tais como “sapata” “bixa” “trava”. Com a realização da luta dos movimentos sociais LGBT, bem como com as formulações acadêmicas queer, as categorias, antes tidas como ofensivas e depreciadoras, são transformadas em possibilidades de produção de formas resistentes às normalizações de subjetividades atentando-se aos movimentos de universalização identitários.

A moral não é queer. Nem a lei. Nem o direito. Isto é certo. Mas a certeza tampouco é queer. O governo nunca é queer. Mas dizer “nunca” não é nada queer. Nada? Cuidado! O gay talvez seja queer. Ah, “talvez” é sempre queer. Sempre? Não, isso não é queer. Mas deixemos de tanta cautela (isso, sim, é queer). Os partidos políticos passam longe do queer. As escolas (como em “pertencer” a escola “x”) nem chegam perto. Aliás, ali onde começa surgir um chefe, ali mesmo é onde o queer não se cria [...] Essa classificação toda, aliás, não está me parecendo nada queer. É que o queer, como todo o resto, tem seus riscos. Este é, admitamos, um deles. Mas tem conserto. Porque tudo pode ser queer. E tudo pode deixar de sê-lo. É tudo uma questão de jeito. Um passo certo demais atrapalha. Mas um passo falso também. Por isso, em questão de queer, todo cuidado é pouco. (LOURO, 2004. [contracapa do livro])

Como teoriza Louro (2004) o queer corresponde a um modo de pensar e de ser que não almeja a centralidade e nem a tem por referência. Este modo de pensar e ser tem por característica principal desafiar as normas sociais, assumindo o lugar de ambiguidade, do “entre” e da dúvida. Assim, “queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2004. p. 8)

Outro local pelo qual a ideia queer transita é a fronteira, entendida como um espaço relacional de encontros, cruzamentos e batalhas. Isto porque, simultaneamente ocorre a separação e junção entre culturas e grupos sociais. Torna-se, deste modo, uma área de policiamento, mas também um espaço para tentativas de práticas transgressoras e subversivas.

Com isso, nota-se que o ser queer é adotar uma atitude epistemológica opositora à normalização, propiciando assim uma política de conhecimento cultural. Uma vez que a “teoria queer permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.” (LOURO, 2004. p 47)

Louro (2004) aponta que a partir da década de 80 no Brasil as questões sobre sexualidade e homossexualidades passam a ser discutidas de forma acentuada, mesmo que ainda por um viés profilático de prevenção a AIDS. Nesse início, as conversas tangiam a ideia de “população de risco”, demarcando a prática homossexual como promiscua e perigosa.

Por fim, formular pensamentos orientados pela perspectiva queer proporciona entender as marcas efetuadas nos corpos como balizas inculcadas pelo poder. Diante disso, pode-se dizer que o corpo é, por excelência, o local de habitação, lócus dos discursos que travam batalhas para se afirmarem enquanto instâncias de poder.

Posto isto, ressalta-se como são tenebrosos os relatos de violências, homicídios e suicídios da população LGBT ocorridos no Brasil, precisamente 420 pessoas em 2018 (GGB, 2019), denunciando-se as redes discursivas que fomentam a idealização da supremacia por direito de uma representação de autoridade do homem-cis, branco e heterossexual. Essa ideia torna-se importante por que será por intermédio dessas colocações que se dará a formação de dois processos que estruturam o arcabouço da homofobia: o heterossexismo e o machismo. (TEIXEIRA FILHO; MARRETTO, 2008; SOUZA, 2012)

Para Eribon e Haboury (2003), a partir da difusão dos discursos médicos da sexologia e psiquiatria, a cis-heterossexualidade tornou-se referência legitimante dos desejos, ideais, princípios e valores cis-heteronormatividade produzindo, assim, um sentimento de superioridade em relação a todas as outras manifestações plurais das sexualidades (cis-heterossexismo). É essa arbitrária superioridade que, segundo alguns autores, legitimaria a homofobia (BORRILLO, 2000) e a violência contra a mulher (KIMMEL, 1998; GARCIA, 2001; CÁCERES et al., 2002; CECCHETTO, 2004).

A homofobia é um dispositivo de controle, no sentido foucaultiano do uso do termo dispositivo (FOUCAULT, 1988). Um dispositivo que busca afastar todo e qualquer questionamento ou desestabilização da naturalização da norma(lidade) da conduta cis-heterossexual reprodutiva, fundando, dessa forma, bases para o reforço do binarismo dos gêneros, o qual se aprende (CLAUZARD, 2002) desde muito cedo e que está disseminado em todas as instituições sociais. Tal dispositivo produz discursos cuja finalidade é oprimir todos que ousam sentir, experimentar ou dizer de

suas orientações e/ou identidades divergentes da cis-heterossexualidade, de modo que essas pessoas passam a ser estigmatizadas (GOFFMAN, 1988).

Diante disso, a aposta nesta escrita em utilizar o termo LGBTQIA+fobia¹⁵, e mais especificamente, o conceito de lesbofobia, é o de explicitar que o dispositivo homofóbico subjetiva de modo distinto cada uma das identidades dissidentes ao padrão cis-heteronormativo de expressão e/ou orientação da sexualidade. Deste modo, pode-se definir a lesbofobia como:

[...] uma das formas de homofobia direcionada às mulheres lésbicas, ou com relações/práticas homoeróticas ou, ainda, àquelas presumidas serem/terem – que especifica medos, descréditos, aversões, ódios, discriminações e violências direcionadas a elas e as expõem aos diversos níveis de vulnerabilidades no campo individual, social e institucional[...] Ou seja, na lesbofobia, existem formas de inferiorização, discriminação e violências específicas, diferentes daquelas sofridas por gays, travestis, transexuais, transgêneros ou bissexuais, mesmo que todas tenham como base o viriarcado e suas ferramentas de manutenção: o machismo, o falocentrismo, a heteronormatividade, o heterossexismo e a heterossexualidade compulsória. (TOLEDO, 2008. p. 26-27)

Com essa colocação, são descritas as formas de lesbofobia como construções da ojeriza à homossexualidade feminina por questionarem a ultrapassagem das barreiras convencionadas dos papéis sexuais perante as performances dos gêneros. Ou seja, quanto mais distante dos perfis estipulados de feminilidade e subalternidade vinculados ao aspecto de fetiche masculino das relações entre mulheres, maior será a aversão.

Pensar as questões referentes aos jogos de verdade que anulam as expressões e percepções de si das mulheres que se relacionam com outras mulheres sinalizam o quanto a lesbofobia estipula espaços e alocações sociais, determinando quais locais as pessoas podem ocupar mediante a norma existente: o lugar do rechaço, da marginalidade, da impureza, do ilegal e dos corpos dispostos à morte.

¹⁵ Refere-se aos processos de aversão, ojeriza, preconceito e atitude agressivas para com pessoas que sejam lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros, queer, intersexo, assexuais e as diversas outras formas de experiência humana de orientação sexual, identidade de gênero, desejos/não desejos e corporalidades.

3. SE CALAR OU SER CALADA? PENSANDO OS ASPECTOS DISCURSIVOS LESBOFÓBICOS NA LÓGICA CIS-HETERONORMATIVA

Em consonância com estas modulações discursivas foucaultianas, ocorre o aparecimento da ideia central desse estudo: o silêncio das lesbianidades em prol dos discursos lesbofóbicos que parecem se correlacionar a processualidade suicida. Primeiramente, torna-se imprescindível ponderar o que aqui está sendo considerado como lesbianidade e silêncio, não buscando uma definição universal, mas pontuando como nesta escrita tais conceitos serão trabalhados.

O que define as lesbianidades? O que torna alguém lésbica?

Amor ou sexo, qual destes itens define o lesbianismo? Um dicionário retém a sexualidade, o outro não. Então, o que é ser lésbica? Um sentimento, uma emoção? Ou a prática de uma certa sexualidade? Como criar uma identidade individual ou de grupo em torno de uma preferência sexual, eventual ou sistemática? Que classificação é esta que em sua ambiguidade atravessa o meu ser? Em que medida tais definições não reduzem ou aniquilam o potencial subversivo do lesbianismo em relação à normatividade à disciplinarização dos comportamentos? (NAVARRO-SWAIN, 2000. p.34)

Ciente destas questões, este estudo apoia-se na ideia de lesbianidades enquanto constituidoras de corpos de território político, buscando traçar a trajetória descrita pelas participantes, estruturando a discursividade diversas vezes silenciada, apagada e desvalorizada em suas vozes, correlacionadas ao fato de serem concebidas como lésbicas.

[...] assumo a mi cuerpo como territorio político debido a que lo comprendo como histórico y no biológico. Y en consecuencia assumo que ha sido nombrado y construido a partir de ideologías, discursos e ideas que han justificado su opresión, su explotación, su sometimiento, su enajenación y su devaluación. De esa cuenta, reconozco a mi cuerpo como um territorio con historia, memoria y conocimientos, tanto ancestrales como propios de mi historia personal. [...] Por esa razón asumir mi cuerpo como un territorio político, es un aprendizaje cotidiano e incesante, que ha requerido mucho amor, fuerza de decisión y valor para renunciar a lo que atenta contra mi salud corporal, espiritual y emocional. Y de esta manera me propongo seguir respetando la particularidad del estilo rítmico y vibrante de este cuerpo con que toco la vida. (GRIJALVA, D. 2012. p 6 e p.23-24)

Nas palavras de Dorotea Grijalva, feminista-lésbica-maya-guatemalteca, entender os corpos enquanto territórios políticos concede a possibilidade de descrever os processos que os formulam e os autorizam, ou não, a seguir seus desejos e promulgar espaços de fala sobre si mesmos. Escapando das amarras das

descrições e estigmatizações inseridas na tentativa de se compreender os corpos de lésbicas enquanto abjetos a serem demarcados e silenciados em suas existências.

Outra questão muito trabalhada em referência à demarcação dos corpos lésbicos se refere à busca de uma origem das lesbianidades e suas distinções frente às demais mulheres. Arc (2009) elenca algumas das alegações sobre a suposta origem da homossexualidade feminina, sendo elas:

1. Se nasce com essa característica
2. É uma doença
3. Se torna lésbica por uma escolha feminista
4. As lésbicas não acharam o homem certo e desistiram
5. A lesbianidade como fruto de violência sexual
6. Educação negligente por parte da mãe e pai.

A busca em se conhecer/desvelar a origem das lesbianidades objetiva pontuar que há uma explicação para essa “ocasionalidade”. O que se procura, como pontua Arc (2009), é a justificção biológica/hormonal, psíquica/emocional, física/anatômica da orientação sexual. Assim, o que se intenta provar é que a lesbianidade – assim como as demais orientações sexuais e identidades de gênero não cis-heterossexuais, seja ocasionada por algum fator que acometeria algumas pessoas específicas, deixando as demais confortavelmente intactas em suas supostas orientações e identidades.

A autora ainda coloca existir certo consenso, entre pessoas não lésbicas, da distinção entre uma pseudo lesbianidade feminina, a chamada falsa ou adquirida, de uma lesbianidade verdadeira, ou congênita. A primeira seriam mulheres lésbicas femininas que praticam ocasionalmente relações lesbianas, e que tem seu desejo atrelado a questões sociais. Já as homossexuais congênitas são as lésbicas masculinas, que nasceram como resultado de uma masculinização biológica.

A ideia da qual a lesbianidade possa ser uma escolha/tática política de resistência feminista à opressão masculina também assume força dentro das considerações afirmadas frente o comportamento homossexual feminino. Assim, a lesbianidade seria a composição máxima de uma recusa à dominação do homem sobre a mulher. Contudo, Arc (2009) é categórica ao afirmar que tal ligação pode ser encontrada efetivamente na realidade, mas que de modo algum, se fundamenta como uma escolha.

Porque não se escolhe sentir desejo por este ou aquele sexo, nem por esta ou aquela pessoa. A atração se impõe como uma evidência, mesmo que ela desagrade, mesmo que se oponha aos costumes locais. O desejo pode ser influenciado por convicções políticas, especialmente pela recusa de se adaptar à imagem tradicional da mulher. Mas ele não está ligado a uma decisão racional. (ARC, 2009. p. 71)

Torna-se, deste modo, necessária a indagação dos ideais identitários, evidenciando as problemáticas que envolvem a sexualidade, tendo-se em vista a formulação da ideia de “guerra sexual”, uma vez que “a esfera da sexualidade também tem sua política interna, desigualdades, e modos de opressão”. (RUBIN, 2003. p. 2) Como afirma a autora, é justamente em momentos de crises relacionadas aos modos de socialização que se furtam dos questionamentos as prerrogativas sexuais e demais marcadores sociais de diferença.

Valendo-se do trabalho apresentado por Gayle Rubin (2003), a respeito da formação de um sistema de valores sexuais que pairam na sociedade moderna, vislumbra-se a formação de uma estrutura de ordenação piramidal dos comportamentos sexuais dos sujeitos acarretam consequências.

Indivíduos cujo comportamento está no topo desta hierarquia são recompensados com saúde mental certificada, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, suporte institucional e benefícios materiais. Na medida em que os comportamentos sexuais ou ocupações se movem para baixo da escala, os indivíduos que as praticam são sujeitos às presunções de doença mental, má reputação, criminalidade, mobilidade social e física restrita, perda de suporte institucional e sanções econômicas. (RUBIN, 2003. p.14)

Com isso, a justificativa preeminente desta pesquisa tem como pressuposto político a evidenciação do local ocupado por lésbicas na hierarquia sexual, bem como pontuar como esse quadro pode formular um espaço profícuo para a incineração de direitos, incluindo, até mesmo, o referente à própria fala e a vida. Isto porque, como será abordado posteriormente, o local de comunicação e contato dessa camada da população entre elas e com as demais pessoas é extremamente solitário.

Já em relação ao silêncio, como este poderia alocar e ocultar os sentidos? Buscando a etimologia da palavra silêncio tem-se o termo em latim *silentium*: aquilo ou o que se cala, que está em repouso, calmo. Como compreender que o silêncio não fala, mas ele significa, tem sentido? Ou seja, como entender que o silêncio não é um acidente ocasionado pela falta de linguagem, mas é exatamente o constructo que oferta a significação?

Para se pensar essa dinâmica em relação à processualidade dos encontros com os grupos de participantes, buscou-se evidenciar como no silêncio há correspondência deste a um sentido, pois nas palavras ocorrem os silêncios, justamente direcionado pela escolha de utilizar as palavras ou não. (ORLANDI, 1997) Mediante tal colocação, forma-se a ideia de que o silêncio e o silenciamento não possuem os mesmos sentidos. O último corresponde ao ato de se colocar em silêncio, enquanto o primeiro diz respeito a processo de criação de sentidos silenciados. Assim, o silêncio não se constitui como algo implícito, pois se relaciona com modos de composição do discurso e não como conteúdo manifesto sobreposto por outro.

O silêncio, deste modo, se compõe como fator de significado. Ou seja, toda a forma de dizer se relaciona com uma forma de não-dizer.

O silêncio é assim a 'respiração' (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é 'um', para o que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 1997.p.13)

Assim, observa-se que todo discurso é tomado como uma fala, por intermédio de outras palavras que não foram ditas.

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos). As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível e a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas o modo como as posições ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. (ORLANDI, 1997.p.20)

Uma vez que a materialidade linguística evoca posicionamentos de poder em referência ao discurso, quando se compreende o que é efeito de sentidos dos silêncios, acaba-se compreendendo as necessidades da ideologia na formação desses sentidos e das pessoas. Como coloca Orlandi (1997), antes de tudo, em um discurso, vem o silêncio, depois a linguagem. Isto porque a linguagem surge para preencher o espaço alocado pelo silêncio, uma vez que nesse espaço o sentido e as pessoas vagam de um modo expansivo. A linguagem ocupa essa expansividade com as nomeações, afastando o silêncio, uma vez que este não é interpretável, mas

é passível de entendimento, isto por intermédio da explicitação do modo pelo qual ele passa a significar.

Ainda seguindo as colocações de Orlandi (1997), quando a autora aborda as categorizações do silêncio, encontra-se que o silêncio assume frases de sentido negativo em relação a determinadas temáticas. Isso em referência a quatro principais maneiras de interdizer as coisas:

1. Não é da sua conta
2. Não existe
3. Não é significável
4. Não é da minha conta/ não me importa

Formam-se, então, duas dimensões do silêncio: uma na qual ele é assimilado como fomentador do discurso, e na outra como política de silenciamento. Esta concebida de dois modos: o silêncio constitutivo e o silêncio local.

Essa forma de política se refere ao fato de que a escolha por se dizer algo implica na aniquilação de outros dizeres. (se diz x para não se dizer y) A censura, nesse caso, se funda como uma forma de silêncio local.

A autora aloca o silêncio frente às vozes sociais, pensando a questão da dominação e resistência, nos quais são proibidas certas palavras para se evitar a evocação de certos sentidos.

No entanto, há um aspecto interessante a observar em relação a esse mecanismo da censura. Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos "lugares", ou melhor, proibem-se certas "posições" do sujeito. (ORLANDI, 1997. p. 78)

Pensando essa relação na dinamicidade pertencente à lógica cis-heteronormativa o silêncio das lésbicas não fala, mas ele significa.

A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível define-se pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, se identifique com certas regiões do dizer pelas quais ele se apresenta como (socialmente) responsável, como autor. (ORLANDI, 1997. p. 107)

Diante dessas colocações percebe-se a periculosidade dos sentidos, isso porque não há um modelo de discurso imóvel, uma vez colocado em movimento, este pode assumir diversas alocações de sentidos.

Já em relação às concepções voltadas para os comportamentos estereotipados, Orlandi aponta que (1997, p. 129)

[...] o estereótipo é o lugar em que o sujeito resiste, em que ele se encontra um espaço para, paradoxalmente, trabalhar sua diferença e seus outros sentidos. É uma forma de proteger sua identidade no senso comum, pois o estereótipo cria condições para que o sujeito não apareça, diluindo-se na universalidade indistinta.

Ainda em relação à questão da censura percebe-se que esta não se refere a um fato puro, consciente e individualizado. Ela diz respeito ao modo genérico de funcionamento das formações discursivas. Assim tem-se que a censura corresponde aos posicionamentos das pessoas e das produções de sentidos, justamente por isso, ao censurar as pessoas se conquista um local reservado a não manifestação e produções de sentidos proibidos, evitando o trabalho histórico do sentido e do processo identitário das pessoas.

Com a ajuda da análise do silêncio no discurso, pode-se observar a ocorrência da movimentação entre o dito e o não dito e entre o dito e o ambiente em que ele é produzido. Com isso, nota-se a existência de uma fala que pode sobrepor outra para se evitar o discurso indesejado. Assim, a grande questão seria entender o que se intenta silenciar com os discursos proferidos sobre a cis-heteronormatividade?

3.1 A cis-heteronormatividade como código discursivo

As normas estipuladas no arcabouço cis-heteronormativo se estruturam como linguagem pertencente a um código ideológico dentro do universo discursivo, se constituindo como elemento importante na formação da compreensão de mundo de grupos sociais. O código da cis-heteronormatividade necessita ser pensada diante dos dois polos discursivos compostos pelas palavras: cis, que corresponde à normatização da correspondência entre a expressão cromossômica e a expressão de gênero (XY macho/masculino/homem; XX/fêmea/feminina/mulher), hétero (orientação sexual dirigida ao sexo oposto) e normatividade. Logo, a demanda

relacional instaurada como normativa é a atração entre pessoas de sexos diferentes e que expressem suas identidades tais quais suas expressões cromossômicas.

Ao passo que destoando da norma produzida, a homossexualidade feminina, que se refere à atração por duas mulheres, cis ou trans, encontra a marginalidade nas expressões sexuais, diante da não correspondência ao constructo social cis-heteronormativo e sexista.

Contudo, a cis-heteronormatividade não implica apenas um preconceito contra as homossexualidades e identidades trans, mas corresponde ao código que identifica o conjunto de normas sociais que exercem uma pressão e que servem para construir uma sexualidade idealizada. Isso inclui não somente as orientações sexuais, mas também questões de raça, classe, gênero e práticas sexuais, ou seja, todos os modos de se conceber enquanto pessoa.

Assim, a sexualidade também se organiza enquanto produto de um grupo de regimes padronizados (racismo, sexismo, classismo, discursos padronizados sobre práticas sexuais) que servem para definir e restringir quais os tipos de sexualidades são apropriados e quais não são.

A homofobia diz respeito a todos nós, independentemente do tipo de prática afetivo-sexual e/ou identidade de gênero. Ela regula os encontros amorosos, as performances de gênero, os papéis sociais designados ao masculino e ao feminino. Ela determina como devem ser as práticas hetero, homo e/ou bissexuais. Do mesmo modo, ela categoriza estas práticas em normais ou patológicas. Enfim, ela é um dispositivo de controle que tenta disciplinar nosso desejo, nossas pulsões, nossos corpos e nossos prazeres (TEIXEIRA FILHO, 2011, p.42)

Com isso, a cis-heteronormatividade se constitui como um processo reforçado, pelas instituições e políticas sociais, com a ideia ou crença da qual os seres humanos são divididos em duas categorias distintas. Consequentemente, tem-se o estabelecimento de que essas duas categorias existam com o objetivo exclusivo de complementar uma a outra. E assim, todos os relacionamentos íntimos devem ser entre um homem e uma mulher. Como coloca CA:

CA: E o meu pai falou que, quando eu perguntei se uma pessoa que eu namorasse fosse uma mulher, ele falou que para ele eu iria estar com uma amiga. Namorado é só homem.

Para se compreender a noção de lesbofobia torna-se necessário a distinção de duas de suas acepções: a de ordem geral e específica. Ao se considerar a esfera geral observa-se a aversão às manifestações contrárias as expressividades

destinadas a cada um dos gêneros, ou seja, esta serve como uma política regulatória dos comportamentos sociossexuais. Ainda no aspecto geral, a lesbofobia se concentra em repercutir o comportamento do sexismo no qual ocorre a determinação do masculino como “verdadeiro” sexo, e alocando o rechaço a tudo que se refira à ordem feminina.

A lesbofobia constitui uma especificidade no âmago de outra: com efeito, a lésbica é vítima de uma violência particular, definida pelo duplo desdém que tem a ver com o fato de ser mulher e homossexual. Diferentemente do gay, ela acumula as discriminações contra o gênero e contra a sexualidade. (BORRILLO, 2010, p.27)

Já em relação à esfera específica pontua-se a aversão direcionada às pessoas que efetivamente não são heterossexuais, gays e lésbicas. Diferentemente da homofobia geral, que se destina a toda e qualquer pessoa que destoe dos princípios alocados para cada um dos gêneros, a específica encontra-se marcadamente nos corpos daquelas efetivamente dissidentes da norma cis-heteronormativa.

A invisibilidade da homossexualidade feminina é evidenciada ainda em estudos oriundos do psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing (1940-1902) quando este afirma que a lesbianidade seria uma “pseudo-homossexualidade”. Com isso se insere o espaço destinado às relações entre mulheres: o de um fetiche masculino. A efetividade de um relacionamento sexual entre mulheres por si mesmas é colocada na inexistência.

A negação dos amores femininos se revela um dos modos de ação privilegiados da lesbofobia. Ao ocultar a homossexualidade das mulheres, nega-se às lésbicas o direito de existir, obrigando-as ao silêncio. Por isso, mesmo nos países mais abertos, poucas mulheres ousam registrar queixa em caso de agressão, nem mesmo prestar depoimento em uma linha para denúncias anônimas. A lesbofobia também não é reconhecida: não é citada nem definida pelos principais dicionários. Invisível, mas não por isso menos violenta. Muito pelo contrário, ela não se exprime unicamente por meio de agressões espetaculares. A exemplo do antissemitismo e do sexismo, a lesbofobia surge, no cotidiano, em uma série de palavras e atos *a priori* anódinos. Todos os anos, no mundo inteiro, mulheres apanham, são estupradas e mortas por causa de sua preferência sexual. E outro grande número suporta observações feitas por um pai, sofre insultos de uma vizinha, aguenta as brincadeiras de mau gosto de uma colega. A lesbofobia, forma de hostilidade comum, ainda é, com demasiada frequência, socialmente aceita. (ARC, 2009. p.104-105)

Diante das considerações de Arc (2009) as lésbicas, assim como outras pessoas LGBTQIA+, muitas vezes, não encontram respaldo entre seus familiares, sofrem com a aversão advinda de todos os lados: família, círculo de amizades,

vizinhança, trabalho, escola, locais de atendimento a saúde e demais serviços, e de si mesma(o), o que pode corroborar para a ocultação e incremento a lesbofobia interiorizada.

Em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores [...] O estereótipo ainda disseminado sobre o homossexual incapaz de ter uma vida afetiva plenamente desenvolvida, sem família nem filhos, e sendo levado a terminar seus dias em uma solidão insuportável - aliviada, às vezes, pelo suicídio - obceca a mente de numerosos gays que, para evitar esse "destino trágico", envolvem-se em uma tentativa de rejeição de sua própria sexualidade. (BORRILLO, 2010. p. 101)

3.2 A dinâmica da visibilidade e invisibilidade das lesbianidades

A questão pertencente às lesbianidades na história está, evidentemente, associada à sua invisibilidade, o que provoca consequências de diversas ordens: históricas, historiográficas, sociais e políticas. Diante dessa especificidade podem-se descrever as manifestações dos processos de estigmatização das lesbianidades¹⁶ nos relatos das participantes como centralizados especificamente na solidão, silenciamento e culpabilização histórica das relações que tiveram ou pudessem ter com outras mulheres, inclusive em relação à nomenclatura destinada ao relacionamento entre mulheres.

Logo, concebe-se a importância de se pensar a questão lésbica, como afirma Lima (2009), questionando e demarcando o total vácuo discursivo e representativo das formas de relacionamento não heterossexuais entre mulheres.

[...] a luta pela visibilidade faz sentido na medida em que as lésbicas são vistas a partir de uma referência que não é a delas. É que elas, em sua maioria, não se veem representadas nas pesquisas, na mídia [...] O que muitas dessas mulheres propõem é poder falar em nome próprio sobre seus desejos, como vivenciam suas experiências amorosas, como é estar com

¹⁶ Estes são processos “[...] construídos, perpetuados e atravessam as pessoas, cristalizando-se nelas, tanto no nível individual quanto no social e intensificam a lesbofobia. Esses processos que as mulheres com relações/práticas homoeróticas têm marcados no corpo são vários e vêm se construindo ao longo dos processos sócio-históricos, resultando em atos de violência moral (“mulher não deve agir assim”), psicossocial (“você é muito feminina para gostar de mulher”), física (“vou te mostrar o que é ser macho”), sexual (“vou te ensinar a ser mulher”) e até em suicídios, homicídios (MOTT; CERQUEIRA, 2003) e violência doméstica entre casais homossexuais (NUNAN, 2004), estimulados pela intersecção de valores culturais normativos, poder e diferença percebida”. (TOLEDO, 2008. p.27)

outra mulher, enfim, como é vivenciar algo que foge aos padrões heterossexistas. (LIMA, 2009. p. 48)

A necessidade da fala, como explicitada, se fez presente na realização dos grupos, evidenciando como a invisibilidade ou ainda a visibilidade estigmatizante calcada pela fetichização gera a internalização da culpa e ocultação de si.

NA: Cada vez que eu tenho que dizer pra alguém que eu sou gay, que eu sou lésbica e:: eu sempre fico muito tensa, porque eu sempre acho que vai ser algo negativo. Eu tenho uma dificuldade com essa questão do orgulho, do me assumir. Embora eu seja assumida (+) no meu contexto familiar, na minha vida profissional e:: algumas partes da minha vida (+) eu estou meio dentro do armário e meio fora do armário e às vezes inteira no armário. Justamente por conta disso. Por que eu não quero ser definida pela minha sexualidade. Sabe, eu sou muito mais do que lésbica. Eu sou publicitária, eu sou trompetista, eu sou amiga, eu sou “trocentas” outras coisas. Então, cada vez que eu tenho que dizer que eu sou gay para alguém eu sempre travo bastante porque eu sempre acho que vai ser negativo. (...)

Como assinala Perrot (2003) o corpo feminino sempre fora descrito pela intencionalidade masculina, marcadamente definida como um local de desfrute e deleite ao seu bel prazer. Ter uma fala proferida pelas próprias lésbicas, com e por seus corpos, refuta ou reformula essa imagem, visto que são mulheres que tem desejo, amam e possuem o corpo do qual e para o qual falam.

Com isso, partindo da ideia da escassez de espaços de trocas de experiências e convívio de lésbicas, promovidos pelas lesbofobias relatadas na pesquisa, pode-se averiguar o processo que envolve a questão das lesbianidades nomeado por Navarro-Swain (2000) de *política do esquecimento*. Com esta política a autora apresenta a ideia de que aquilo que não se é retratado a história, não existiu. Ou seja, tudo aquilo não dito, ouvido, descrito, não tem precedência histórica, e em virtude disso, não ocorreu.

A política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento, e as imagens de mulheres hoje produzem e reproduzem características de fragilidade, dependência, incapacidade física e mental, consideradas 'naturais' até a eclosão do feminismo contemporâneo. As que se destacam no que fazem 'apesar de serem mulheres' ou por serem 'tão capazes quanto um homem'. (NAVARRO-SWAIN, 2000. p. 26)

Assim, considera-se que consonância com a política do esquecimento se destrói e se silencia a pluralidade das relações humanas de ordem sexual e social. Com isso, a história não profere sequer uma única palavra sobre os relacionamentos existentes entre as mulheres, recaindo sobre esse tema um “silêncio de chumbo”.

Não se fala, logo, não existe. De tal forma que no século XVII a Inquisição, para julgar mulheres acusadas de práticas homossexuais, não dispunha de uma palavra com a qual nomeá-las; eram chamadas de 'sodomitas'. Isso é extremamente significativo, pois ao nomear cria-se uma imagem, cria-se um personagem no imaginário social. As mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, logo, à existência. (NAVARRO-SWAIN, 2000.p. 22)

Outra consideração comumente difundida é a de que as mulheres cis lésbicas sofreriam menos ofensas do que homens cis homossexuais. Contudo, como demonstrado em estudos realizados por Arc (2009) as demarcações históricas frente à prática homossexual de homens foram punidas e representadas como comportamentos pecaminosos. Enquanto que a lesbianidade estava imersa em uma localidade menos restritiva e contundente. No entanto, a autora afirma:

Isso quer dizer que a situação das lésbicas é agradável? Ou que a sociedade as recebe de braços abertos? Longe disso. Na verdade, elas sofrem uma dupla opressão: como mulheres e como homossexuais. A homofobia que a lésbica enfrenta é específica, porque é duplicada por uma misoginia praticamente inerente ao sistema social. E por isso houve a criação do termo "lesbofobia", nos anos 1990, para designar essa opressão particular. A famosa tolerância com as lésbicas se assemelha a um mito, a menos que ela traia determinadas facetas da lesbofobia – como a condescendência e a negação. (ARC, 2009. p. 102)

Diante dessa colocação, torna-se possível afirmar que se o controle e aversão sofridos por mulheres cis lésbicas pode parecer menor do que em relação aos efetados contra homens cis gays é porque a sociedade entende ser inútil tal repressão. Isto referente ao pressuposto de que os controles sociais já imperam de modo efetivo a ideia de uma heterossexualidade obrigatória (RICH, 2010) para as mulheres.

Ainda sobre a noção de heterossexualidade compulsória Rich (2010) propõe analisá-la enquanto instituição política que retiraria o poder das mulheres, assim como a maternidade patriarcal, exploração econômica e a ideia de família nuclear. A autora prossegue descrevendo como a heterossexualidade funciona como um baluarte da dominação masculina, demonstrando, desse modo, a urgência em se discutir a heterossexualidade compulsória outorgada às mulheres. Assim observa-se o espaço deixado para que, assim como a maternidade, a heterossexualidade também seja entendida como uma instituição política de domínio e que necessitaria de estudos sobre seu ordenamento.

Pensando como a existência lésbica estaria posicionada neste questionamento a autora afirma:

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. Ela inclui, certamente, isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres. Ao nosso próprio risco, romantizamos o que significa amar e agir contra a corrente sob a ameaça de pesadas penalidades. E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres(...). (RICH, 2010. p. 36)

Com esta colocação, pode-se entender que a identificação entre mulheres é uma forte fonte de energia, é por conta disso que a heterossexualidade compulsória minaria esse poderio. Assim, torna-se necessária o questionamento de uma concepção lesbofóbica, ainda difundida, referente à ideia de que as lésbicas preferiam estar ou sozinhas ou em grupos de garotas lésbicas. Para pensar esta questão, Arc (2009) afirma que, por conta da lesbofobia, os chamados guetos lésbicos se revelam como potentes locais de segurança, compartilhamento de experiências e visibilidade. Desse modo, estes espaços são transformados em baluartes da resistência lésbica frente às configurações lesbofóbicas existentes na sociedade.

Como demonstrado nos discursos das participantes, a promoção à visibilidade, mesmo que carregada de clichês, possibilita o contato com a existência de experiências próximas as existentes em suas vidas.

NA: Então cai naquele clichê que para ser lésbica e ser ok, você tem que ser feminina, tem que ser bonitinha, tem que ser (+) é (+) um presentinho. Mas, quando, eu lembro assim, a minha cidade tem sessenta mil habitantes e eu estou a quinhentos quilômetros da capital. Uma cidade assim, onde as pessoas cuidam uma da vida das outras, e quando começou todo esse movimento da minha sexualidade, eu não conhecia nenhum gay. Eu não conhecia ninguém. Tanto que assim, gay não é uma palavra que eu sabia o significado, porque não fazia parte do contexto. E:: quando apareceu aquela dupla russa, (+) a t.A.T.u, para mim, eu lembro que a primeira vez que eu vi o clipe e elas se beijavam, me chegou a faltar ar, porque eu (+) gente é real. Eu não estou louca. O que eu sinto pode acontecer. Então é importante você ter visibilidade. Claro que assim,

Já em relação ao fomento de visibilidade às existências lésbicas, como apresenta Modesto (2011), por intermédio do relato de uma adolescente lésbica, o silenciamento também causa a invisibilidade da questão, promovendo um local de esvaziamento de sentido e representatividade.

Jovem lésbica: A mãe ensina muita coisa para a filha, mas ninguém nos ensina como ser lésbica. Se eu nem sei o que sou, como vou ser aquilo que ninguém me ensinou? Tive uma mãe que me ensinou a ser uma boa filha. Mas como vou ser uma boa lésbica? A primeira referência de um homossexual é um outro homossexual. Ao buscar outro, um semelhante, é complicado. A falta de referência, de modelo, gera um vazio [...] (MODESTO, 2011. p. 37)

Dentro do imaginário social a atratividade entre mulheres estaria envolto ao fato de que essas não apresentariam atributos atrativos aos homens, ou por querer se igualar a eles, restando apenas os relacionamentos com outras mulheres. Confirma-se, com esta colocação, a centralidade da figura masculina, esta representada como símbolo de algo a ser conquistado, disputado, e que para as mulheres pouco “qualificadas” ficaria vedada a possibilidade de conquista. Logo, a imagem central na constituição do imaginário popular sobre as lesbianidades é calcada na figura masculina, ou seja, a invisibilidade das relações amorosas entre mulheres evidencia a restrição ao sexo do ato de penetração efetuado por um homem, sendo ele o agente da ação sexual.

Em relação à ideia de uma reconstrução histórica do processo de invisibilidade das lésbicas constitui a análise do coeficiente simbólico negativo efetivado nessa processualidade de des-historização¹⁷ (BOURDIEU, 2012). Pode-se dizer que as mulheres lésbicas possuem uma duplicidade em seu coeficiente simbólico, isso porque já é uma caracterização desvalorizada por serem mulheres, e sendo também lésbicas, passam por uma remarcação de valores negativos em seus próprios corpos.

Concebidas como mulheres-machos, mal-amadas, bruxas e demoníacas, as lésbicas são implantadas em um discurso que efetiva a produção cultural de ojeriza ou/e invisibilidade de suas vidas. Diante disso, como aponta Bourdieu (2012), a grande reivindicação dos movimentos lésbicos e gays é a luta pela visibilidade. Isso porque, como salienta, a dinâmica de “mostrar/esconder” o que são perpassa toda a existência legítima, pública, reconhecida da homossexualidade. Esses movimentos se revoltam contra uma forma particular de violência simbólica, suscitando novos

¹⁷Realmente, é claro que o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização. O que significa que, para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos. (BOURDIEU, 2012. p. 100-101)

objetos de análise, uma vez que questionam profundamente a ordem simbólica vigente.

Falar de dominação, ou de violência simbólica, é dizer que, salvo uma revolta subversiva que conduza à inversão das categorias de percepção e de avaliação, o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista dominante: através, principalmente, do efeito de destino que a categorização estigmatizante produz, e em particular do insulto, real ou potencial, ele pode ser assim levado a aplicar a si mesmo e a aceitar, constrangido e forçado, as categorias de percepção direitas (straight, em oposição a crooked, tortas), e a viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais. (BOURDIEU, 2012. p.144)

É por intermédio de diversas violências simbólicas que se constituirá o corpo sexuado que possuirá volições polarizadas e que estabelecerá a ordem á qual deverá ser rigidamente seguida, colocando no estado de invisibilidade qualquer outro modo de direcionamento. Diante dessa conjuntura, se formará a ideia de atratividade única e exclusivamente entre mulheres e homens. Ou seja, para a mulher não se coloca a possibilidade da existência de uma relação amorosa com outra mulher, pois ao se fundamentar tal relacionamento esta pessoa já não participaria das manifestações condizentes com as estabelecidas socialmente para identidade de gênero de mulher.

Os corpos femininos são desta maneira delimitados em suas práticas sexuais através dos ritos de iniciação, dos tabus e das interdições que definem sua mobilidade, suas preferências e a erotização de seus gestos na esfera do masculino. Portanto o lesbianismo, assim como a 'verdadeira mulher', só existe nesses quadros de pensamento que lhe conferem uma identidade a partir de um corpo e de práticas sexuais definidas. (NAVARRO-SWAIN, 2000. p. 90)

Torna-se evidente que saber da existência de mulheres lésbicas não resolve a questão da necessidade de visibilização das lesbianidades. O ponto central desse posicionamento de "ver" as relações entre mulheres pertence à exigência de entendimento dos mecanismos sociais, históricos e culturais da supressão da homossexualidade feminina.

Nos discursos das participantes o questionamento presente na dinâmica visibilidade/invisibilidade se apresenta na inexistência da possibilidade de ser e encontrar um espaço de si.

NA: (...) E:: sabe, eu não consigo entender, não sei como é para as meninas, mas eu vejo uma dificuldade que as pessoas têm para, para lidar comigo. Porque para os homens eu não sou mulher, mas eu não sou

homem e eu não sou mulher. E para as mulheres eu não sou mulher, mas também não sou um homem (+) então assim, é quando é conveniente. Quando é conveniente falar de mulher comigo eles falam. Quando não é eles me tratam diferente. Para elas eu vou dar em cima delas, ou eu também não sou uma mulher como elas. Então, começa a criar sempre uma (+) para mim (+) eu acabo me sentindo deslocada o tempo todo.

Logo, lhes é negada a existência de si enquanto companheira de outra mulher, por intermédio da sensação de não mais pertencer a uma estrutura estipulada como inteligível de relacionamentos sociais. Isto originado pela negação da participação, desejo ou presença do homem como tido como portador do falo responsável pela validação das relações sexuais.

CA: Então fica muito essa coisa assim (+) né (+) sei lá é como se você fo::sse, sei lá, menos mulher:: é como se a lésbica não fosse mulher, digamos assim. Porque não tem homem envolvido assim. Então isso é bem problemático, bem problemático. Bem machista mesmo. E:: eu acho que é um dos pilares que está por trás dessa invisibilidade também. Por exemplo, você falando assim (+) ah, mesmo você gostando das meninas, não (+) vai aparecer um cara que eu vou gostar.

Diante das circunscrições alocadas nesta escrita, entendem-se as atrocidades realizadas pelas intervenções concebidas como “transformações” de mulheres lésbicas em mulheres heterossexuais, que podem passar tanto pelos insultos, quanto por agressões físicas e violações sexuais, os chamados estupros corretivos. Todos esses comportamentos se estabelecem na margem alocada pela ideia de afirmar o papel da mulher enquanto a que tem de ser possuída por um homem, que precisa, para ser considerada mulher, ter a presença de um homem consigo. Essa é umas das sensações apresentadas pelas participantes, de que a sociedade as enxergam enquanto “menos” ou “não” mulheres.

NA: E isso é muito ruim. E é uma solidão estranha, porque você conversa com as pessoas e você se sente sozinho. Você não tem uma (+) eu não tenho uma identificação com esse grupo social. E sabe, aqui eu tenho diversos tipo de colegas, e aí eu acabo (+) pulo de roda em roda, de colega em colega e aí eu não vou me adaptando e nem me sentindo bem e eu troco, eu troco, e troco

Esta fala consegue apresentar como o discurso lesbofóbico alcança até mesmo os espaços mais íntimos das participantes, originando as sensações de solidão e esvaziamento reforçados em outras pesquisas elaboradas sobre esta temática. (LONGHINI, 2018) Ainda por intermédio da interiorização dessa forma de discursividade depreciativa, pode-se compreender a formação de um arcabouço propício para a percepção negativa da vida ligada ao isolamento e demais

circunstâncias relacionadas às manifestações lesbofóbicas. E será por intermédio dos relatos que retratam essas postulações que esta escrita discorrerá sobre a construção e manutenção dos locais lesbofóbicos.

4. PROCESSO SUICIDA E LESBOFOBIA: AS LESBIANIDADES EM DISCURSO

Por intermédio da construção dialógica dos grupos focais foram transcritas diversas falas que descreviam os contextos nos quais as participantes sofreram, sofrem e lutam contra a dinâmica lesbofóbica, bem como enfrentam a processualidade suicida presente em suas experiências. Deste modo, serão elencados, a partir desse capítulo, os relatos das participantes, mediante as categorias encontradas em outros estudos sobre locais de aparecimento da lesbofobia. (SOS HOMOPHOBIE, 2015) Ciente que essa divisão não corresponde por completo todas as manifestações lesbofóbicas, optou-se por manter essas subdivisões por estarem presentes nos discursos proferidos pelas participantes. Assim, estipulam-se duas manifestações gerais para então serem especificadas em subtipos. São elas:

1. Lesbofobia Social: Caracteriza-se pela manifestação de comportamentos aversivos, agressivos e desrespeitosos em contextos socializados, demonstrando o quanto são regulados por uma ordem cis-heteronormativa. Apresenta, seguindo os discursos proferidos pelas participantes, os seguintes subtipos:

- a) Familiar
- b) Entre amigues¹⁸
- c) Ambiente educacional
- d) Trabalho
- e) Pessoas desconhecidas

2. Lesbofobia Internalizada/Interiorizada: Corresponde às manifestações de ojeriza que, gradualmente, passam a integrar a processualidade subjetiva de mulheres lésbicas. Caracterizadas mediante os seguintes contextos. São descritos, também mediante as falas dos grupos focais, os seguintes subtipos:

- a) Formas de se vestir
- b) Relacionamentos
- c) Rejeição de si

¹⁸ Escrita em linguagem neutra, na qual a terminação “a” ou “o” é substituída por “e” acentuando a pertença a qualquer pessoa, incluindo as que não se identificam com os gêneros femininos e masculinos.

4.1 Contextos da lesbofobia: relatos

Dando seguimento a proposta analítica deste estudo, serão apresentados os relatos das participantes de acordo com a delimitação referente aos contextos lesbofóbicos citados anteriormente.

4.1.1 Lesbofobia Social

As manifestações lesbofóbicas entendidas enquanto sociais são expressas de diversos modos, podendo adquirir maneiras diferentes de afetação. Por intermédio dos relatos obtidos nos grupos focais pode-se observar como para cada participante tais manifestações atingiram suas percepções sobre o fato de serem lésbicas. Neste espaço, apresentam-se algumas falas que, dialogando com outros estudos sobre a temática, revelam as formas lesbofóbicas existentes nas diversas esferas relacionais das jovens participantes.

4.1.1.1 Lesbofobia familiar

Enquanto manifestação de realidade passional ligada aos sentimentos aversivos, a lesbofobia se distanciaria da racionalidade e do conhecimento. Com esta colocação, e tentando trazer algumas elucidações sobre essa temática, Edith Modesto (2009) apresenta depoimentos fortíssimos, com pedidos de ajuda advindos de jovens lésbicas que enfrentam problemas com seus familiares. Nestes relatos, são observadas as manifestações dos sentimentos de desespero, medo, culpa, vergonha e desejo pela morte.

Contudo, como se evidencia no texto de Modesto (2009), as indagações das jovens lésbicas representam a ojeriza que elas recebem da própria família, apontando como tal situação as ferem, as fazem se calar e se manterem isoladas. Em um dos pedidos retratados no livro uma adolescente nomeada por “Francisca” de 16 anos fala:

[...] Minha mãe diz que preferia que eu morresse. Me ameaça. Faz muitas coisas. Já não sei mais o que fazer [...] Já tentei até o suicídio duas vezes. Só de falar sobre isso estou chorando. [...] Queria ter uma mãe dessas que me apoiasse. Ela não me deixa sair, não confia em mim. Eu namorava com um cara, um namoro de fachada, só pra ela pensar que eu parei, porque

não aguento mais sofrer com isso. Por favor, me ajudem, estou desesperada. (MODESTO, 2009.p. 128)

Interessante perceber que a “revelação” à família sobre a orientação ou/ e identidade de gênero não ocorre entre heterossexuais e cisgêneros, uma vez que ninguém precisa contar para os familiares, amigos e demais pessoas que elas são cisgêneros e heterossexuais. Registra-se, novamente, um momento único existente na vida da população LGBTQIA+. Esta ocasião repleta de angústia, medo e tristeza, tem sua processualidade imiscuída em um espaço solitário e dúbio, acarretando um episódio carregado de tensão e expectativas. Isto tudo, obviamente, envolve um desgaste emocional marcado pela tentativa de contar e, automaticamente, diante das prerrogativas cis-heteronormativas, de se explicar o que se tenta revelar.

Pesquisadora: (...) o que é mais incômodo nesse falar com a família?

CA: Eu acho que é o medo da rejeição. De perder coisas por conta disso.

Pesquisadora: Que coisas? (...)

CA: Eu acho que é mais afetivo. Afetivo assim, mas:: eu:: isso eu não sei como é para as outras pessoas, mas para mim, particularmente, dói bastante, o medo da rejeição, porque tem haver com a minha história. Então, ah, eu tenho uma história de rejeição. Assim, da minha família, do meu núcleo familiar por ser mulher, por exemplo(...)Mas eu estou tentando me fortalecer para esse momento, (+) para ter uma conversa com eles, mas no momento é sim o que mais me pega. Essa questão mesmo, da identidade lésbica mesmo, não é assim tanto com os outros. Eu não tenho muito assim medo de sofrer preconceito externo assim, já sofri inclusive. Mas meu medo é o familiar mesmo. (...) eu não me dou bem com a família por parte da minha mãe, eu nunca me dei bem e eu não sabia porque. E eu me sentia culpada, por isso. Mas hoje eu vejo que tem muito haver com essa questão da minha família ser muito preconceituosa por eu ser LGBT. E eu ter sido muitas vezes exposta.

VI: Agora (+) com a família (+) foi bem mais tranquilo, é:: em alguns sentidos. Quando aconteceu tudo isso na escola, eu morava com a minha mãe. E a minha mãe ia na igreja e ela tinha o marido novo dela que ele era:: eu vou contar muita coisa agora ((risos)) (+) era o marido novo dela, e eles tipo, não se simpatizavam com isso.((Em vários momentos nas falas das interlocutoras ocorre a ocultação das palavras lésbicas, lesbiabidades, lesbofobia.)) Ai (+) quando eu vi o que aconteceu na escola e na casa da minha mãe eu quis sair dali né. E ai eu me mudei para a casa do meu pai. Que:: enfim, sempre foi muito legal comigo. E ai, depois de um tempão na nova escola, eu tentei falar com ele, e ele me entendeu, mas não conseguia falar sobre isso. Então eu só quis falar porque a gente meio que tem uma relação de conversa, com meu pai. E meio que para mim foi importante falar para ele. E foi de boa, era esquisito, mas foi de boa. Mas eu notava que era mais esquisito para mim porque eu ainda estava no processo. É:: a minha mãe só descobriu depois de um ano que eu estava namorando uma menina já. E:: foi mais um ano até a gente conseguir falar sobre isso, mas foi um processo. Hoje em dia já é bem mais tranquilo, ela também super respeita tudo, mas eu acho que a também a minha mãe foi mais ela passar pelo período dela. Ela ia me respeitar, ela só pediu para eu não falar para o resto da família dela também. Ninguém sabe.

VA: Como você disse ((se dirigindo a VI)) quando você está num ambiente mais aberto é mais fácil, mas e quando você volta para a sua família? Que são pessoas mais conservadoras? Parece que volta tudo. ((o questionamento)) Estar no meio de pessoas que de tal forma que você começa a:: eu me sinto muito reprimida em ambiente familiar assim. Começa a passar umas coisas, “que vontade de ser normal!”.

SA: E de modo geral, a homofobia vem muito desses espaços religiosos, sabe? Os pais aprendem que o que suas filhas sentem é tido como errado porque alguém disse isso para eles.

NA: No meu caso, a minha mãe sempre diz que não falou nada de agressivo para mim quando eu me assumi. Mas é assim, a gente guarda mais quando a ofensa vem de casa, sabe? Quando vem de pessoas que a gente imagina que amam a gente e que querem o nosso bem. Meu, ai dói mesmo. É muito complicado. (...) eu conheci uma outra menina e fiquei com ela. E ai a minha irmã contou para a minha mãe. E ai eu lembro assim, (+) dos meus pais me chamarem na sala e eles estarem sentados, né (+) e falarem comigo sobre isso e tirarem meu celular, tirarem e:: dinheiro, tirarem liberdade. Então foi um período muito conturbado, demorou assim (+) foi depois da minha tentativa de suicídio que veio então um pouco da aceitação da minha sexualidade. (...) Mas, hoje em dia eu vou falar para vocês que ela aceita (+) é (+) faz duas semanas que eu ouvi que as pessoas engolem isso. ((em referência a homossexualidade))

RA: Eu falei (+) “eu também acho que eu também gosto de meninas”. (+) E ela ficou muito brava. ((A mãe da compositora)) Ela realmente ficou muito brava, e eles começaram a ser mais arbitrários comigo assim, não deixar eu sair tanto, e me prender um pouco mais dentro de casa. E eu fiquei inconformada com isso. Eu fui estudando, fui crescendo e com o tempo eles foram descobrindo que isso não mudava nada no meu caráter. Sabe, porque eu não me relacionava com meninas e eu também não ia me relacionar com meninas (mas quis dizer meninos) entendeu? Eles me proibir de ter essa relação com meninas não ia mudar nada. Mas, mesmo assim houve toda essa pressão. A gente percebe nos almoços assim, de família, as pessoas elas comentam, me perguntavam especialmente para você, meio que indiretamente já dando conselho (+) “ah, porque a deus isso não se agrada”. (+) Esse tipo de coisa. E eu fico, eu ficava um pouco incomodada.

TE: Com treze anos eu enchia o nariz de pinga com vinho, chegava em casa meio dia e vinte, meio dia e meia, bêbada, trilouca, isso com treze anos, e ai meu pai veio brigar comigo. E eu falei (+) “você não (/)” (+) veio me acusando e falando um monte de coisa (+) dizendo que eu estava fazendo tudo errado. E eu falei (+) “eu estou fazendo tudo errado porque vocês não querem me entender! Porque vocês não sabem o que está acontecendo comigo.” (...) E ele virou para mim (+) “eu sei o que está acontecendo com você. Você gosta de mulher, não é isso?” (+) E minha mãe nunca tinha percebido esse ponto que meu pai sempre soube. E nisso ai começou as agressões só piorarem. Hoje (+) quando eu sai de casa para ir para Assis, meu pai e minha mãe eles olharam para mim (+) não volte. Saiba que você não volta. E isso já se foram onze anos e eu não precisei voltar realmente.

RA: E (+) antes ela ((a mãe da compositora)) tinha, já tinha comentado comigo que ela sempre teve amigos gays, teve amigas lésbicas. E isso (/) que nunca destratou eles, pelo contrário eram super amigos. Mas ao contrário, quando eu me assumi ela não gostou. Quando eu me assumi teve o maior perrengue, lá em casa. Ai eu lembrei disso e eu comentei com ela, como você tem amigos homossexuais que você defende de unhas e dentes

e a sua filha, entendeu, você rejeita? Entendeu. Eu acho que também está associada com a ideia de que ela não quer que eu sofra. Ela não me quer ver sofrendo. Porque ela sabe como, como é. As pessoas podem ser agressivas. Ela sabe como oportunidades podem ser suprimidas por conta da minha condição sexual. Então, eu acho que ela ligou a isso, entendeu? Então não é diretamente preconceito pelo fato de eu gostar de mulher, porque ela nem era religiosa, isso aí não vai contra os preceitos religiosos dela. Preceitos cristãos. Mas porque assim, ela não queria que eu tivesse, essa, essa dificuldade. Ela não queria que eu tivesse que lidar com toda essa problemática de possivelmente ser rejeitada no meu círculo de amigos. Entende? Ou ser mal vista no serviço. Ou alguma coisa desse tipo. Então é um medo que a gente tem do filho sofrer o preconceito. Essa é a minha colocação.

NA: Porque a minha mãe o problema dela até hoje, inclusive a gente teve uma discussão a um tempo atrás, o problema dela é assim, (+) “não é ser gay, é o que o vizinho vai falar porque eu sou gay” (+). Sabe, o que, que vão dizer que a filha dela é gay. Ela dá a justificativa de que (+) “ah, é evitar o sofrimento, evitar não sei o que”, (+) mas ela não acompanha a minha vida, o que eu vivo, ela nunca acompanhou. Sabe, se ela realmente quisesse me evitar sofrimento ela ficaria CALADA. Porque o meu maior sofrimento que eu tive a vida toda foi ELA.

Vilma, Sabrina e Raissa apontam como seus familiares assimilaram os comportamentos lesbofóbico advindos da sociedade, entendendo que elus possuiriam um “tempo” para aceitarem e que o medo delas se referia a aceitabilidade social, receio de sofrerem, serem excluídas. Contudo, como salientam posteriormente Natália e Teresa, essa preocupação da imagem que as filhas teriam perante as outras pessoas se constituiu como mais uma forma de agressão. Pontuam que este medo as desprotegiu, deixando-as sozinhas e a mercê de ataques lesbofóbicos e sem nenhum apoio de suas famílias.

Em consonância com os estudos sobre a temática da aceitabilidade familiar das orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes da cis-heteronorma (LONGHINI, 2018) esta pesquisa ressalta a nocividade das agressões realizadas por parentes próximos, demonstrando o estado de vulnerabilidade enfrentado pelas participantes. Evidenciando que, além de receberem ofensivas de diversos ambientes, ao não encontrarem respaldo dentro de seus lares cria-se um espaço profícuo para questões problemáticas relacionadas à autoaceitação e desenvolvimento pessoal.

Outra questão interessante relacionada a problemática da lesbofobia familiar se refere a visibilidade lésbica como auxílio para a aceitação parental. Esse argumento se estrutura na fala de Raissa que afirma:

RA: E outra questão importante que eu queria ressaltar é a visibilidade. Porque minha mãe ficou muito mais (+), muito mais aberta a isso depois

que outros amigos meus, que eram da igreja, começaram a se assumir. Tem um amigo meu que ele é homossexual e ele se assumiu. Então, tipo assim, ela foi vendo que (+) “tá não é algo tão ruim”. (+) Tá, não é só aquela ideia de que são aquelas pessoas estranhas, sei lá, pessoas normais podem ser gays. O seu filho pode ser gay, as pessoas que você convive podem ser gays. Pessoas próximas, pessoas da igreja, então (+) eu acho que ela foi tendo essa percepção, então contribuiu com a aceitação dela, sabe.

Entretanto, a lesbianidade estimada neste discurso, se refere a um tipo “aceitável” e que atinja pessoas de círculos sociais estipulados como de “confiança”: igrejas, grandes corporações, pessoas de sucesso e etc. Evidencia-se que a ideia de visibilidade veiculada na fala também tem como base estereótipos lesbofóbicos que pautam o que seria uma boa ou má representatividade lésbica.

4.1.1.2 Lesbofobia entre amigos

Especialmente na juventude de pessoas não cis-heterossexuais que percebem uma atmosfera de rejeição de seus grupos de apoio tem-se observado uma tendência maior para o desenvolvimento da internalização da autorrejeição, convertendo-se em ações autodestrutivas. Enquanto que aqueles que recebem reações positivas diante da revelação de suas orientações por parte de seu círculo relacional desenvolvem um potente fator de proteção ao enredo suicida. (ARAVENA, 2016)

VI: Ai aconteceu que ela, ai quando ela descobriu, porque eu contei para uma amiga minha, ela mudou de horário. Ela nunca mais falou comigo. E ela era uma das minhas melhores amigas. Então, tipo, o que pesou mais para mim foi isso. Eu tive assim:: e eu amava, sabe, era amor. Eu via ela passando no corredor assim, e mesmo depois de tudo eu não consegui falar com ela. Por eu achei que eu estava atrapalhando de alguma maneira. E que ela realmente tinha cortado esse contato com alguma razão. E que eu devia respeitar isso.

CA: Inclusive até de pessoas que acompanham o seu processo sabe. Ouvi de amiga, eu sei que não foi por maldade, mas na compreensão dela. Mas de fato, quando eu contei que era lésbica, teve de ela falar, mas será que isso não é porque faz tempo que você não transa com homens?

VÁ: Nossa!

CA: E ela nem percebeu o quanto foi pesado isso. E:: eu respirei e disse (+) não, não tem haver com isso.(+) Mas é pesado assim, sabe. E às vezes é que nem percebe, e é um discurso. É uma amiga próxima. Bem próxima mesmo, que via todo o meu processo, me via debilitada da saúde mental.

VA: Eu quando/ eu nunca tive coragem de chegar para uma amiga e falar (+) olha (+) Quando eu me descobri, namorando com uma pessoa de uma hora para outra, eu não tive coragem de chegar pras minhas amigas e dizer “olha::” Sabe? Eu deixei ir descobrindo assim, quem quisesse me aceitar (+)

aceitaria por:: que (+) Mas assim, é tão difícil:: acho que quando você é lésbica e tem as amigas mulheres é muito difícil. Porque, assim, eu pelo menos me sinto, um pouco assim, com medo. De tipo, elas acharem que “ai meu deus” eu:: sei lá. Vou dar em cima./

CA: Vou paquerar elas.

VA: Eu tenho muita dificuldade, muito mais para falar sobre isso com mulheres do que com gays. Sabe, é muito difícil. Toda a descoberta né. Eu, cinco anos já e ainda hoje tenho muito (+) é uma coisa que é muito devagar que você vai construindo, assim aos poucos. Mas assim, às vezes as pessoas ainda, ainda deixam a gente com aquele sentimento de que você que está errada. É difícil.

NA: (...) Ontem eu fiquei super mal porque uma amiga fez um comentário (+) desnecessário, e que foi mais ou menos assim (+) os meninos saíram para tomar cerveja e eu falei (+) “ah, nem me chamou”, (+) brincando, e ela mandou assim (+) “quando for o dia das sapatas você vai.” (+) Ou seja, né. E eu fiquei muito mal. E a gente foi conversando e eu tentando explicar as coisas e ela disse assim para mim (+) é que quando a gente se sente inadequado a gente tem de se tornar uma pessoa melhor, uma pessoa agradável, porque ninguém quer alguém para baixo. As pessoas querem alguém agradável para estar do lado. (...)Sabe. Então assim, eu fiquei muito transtornada ontem e parte do dia de hoje porque eu achei um absurdo isso. Sabe, então assim (+) amizade só presta se você está ok. E:: sabe, eu não consigo entender, não sei como é para as meninas, mas eu vejo uma dificuldade que as pessoas têm para, para lidar comigo. Porque para os homens eu não sou mulher, mas eu não sou homem e eu não sou mulher. E para as mulheres eu não sou mulher, mas também não sou um homem (+) então assim, é quando é conveniente. Quando é conveniente falar de mulher comigo eles falam. Quando não é eles me tratam diferente. Para elas eu vou dar em cima delas, ou eu também não sou uma mulher como elas. Então, começa a criar sempre uma (+) para mim (+) eu acabo me sentindo deslocada o tempo todo. (...)A:: impressão que eu tenho é que as pessoas pegam esse ponto e elas acham legal ter um amigo gay, sabe, como um status, mas também elas te isolam por você ser gay. Aqui, pelo menos os meus grupos de amigos, sabe. Ao mesmo tempo que é bacana, é descolado (+) olha como eu não sou homofóbico, eu só voto em candidatos que são”. “Tenho até um amigo gay.” E essas piadinhas que a TE estava falando é:: recorrente. Chegou um amigo meu que me chamou de “Brow”, eu fiquei olhando (+) “mas Brow, mano (+) né?” É complicado. “Eu não sou seu “Brow! Então eu te chamo do que? me chama de NA rapaz.” Vai me chamar de Brow. Daí ele falou assim, “ah, mas você não é menina, você é tipo os meninos, você é Brow, tipo eu.” Ai eu falei “eu não sou tipo você, eu não sou, eu não sou babaca.”

Os discursos proferidos sobre a manifestação das lesbofobias advindas de amigos demonstram como tais momentos foram vivenciados com pesar e raiva, devido à quebra de confiança existente na relação. Essa decepção, por vezes justificadas com a máxima “não sabem nem o que dizem” reproduz o desalento recebido, em muitos casos, da família, reafirmando o local de exclusão e desamparo das participantes que vivenciaram tais experiências.

4.1.1.3 Lesbofobia no ambiente educacional

O ambiente educacional representa, segundo trabalhos sobre o assunto (TEIXEIRA FILHO; MARRETTO, 2008) um espaço marcadamente LGBTQIA+fóbico, caracterizado pela demarcação dos diferentes e, posteriormente, suas exclusões. Não se distanciando de tais afirmações, as participantes desta pesquisa também relatam cenas lesbofóbicas vivenciadas nesses ambientes, ressaltando a crueldade existente nos xingamentos e agressões recebidas. Lembrando que as ojerizas enquanto poderosas e estratégicas dispositivos de controle social, pois denunciam, em sua utilização, o estabelecimento de determinados lugares sociais que as pessoas não deveriam ocupar. No caso do xingamento lesbofóbico a principal razão refere-se a não contestação dos papéis de gênero.

VI: Então, tipo, essas coisas na escola acontecem muito. Tipo, de tirarem foto, acontece real. Mas, é exatamente isso, já aconteceu na escola. Foi bem cruel. Mas eu tinha um pouco de conforto em casa. Então isso me ajudou muito, mas a escola é um ambiente bem cruel nesse sentido. Principalmente, porque parece que sempre eu era a única, sabe. Você vai levando isso e tudo mais. Eu sempre joguei futebol e eu tentava falar que isso não significava nada. Mas quando começou a significar foi, meu até vou parar, sabe, de jogar. Você até se distancia das coisas que você gosta, porque realmente, a escola é um ambiente muito cruel. Muito complicado.

CA: E:: eu vejo também na escola, agora eu não lembro de nenhuma zoação direta, mas eu lembro de alguns olhares das pessoas, porque eu me vestia como um/ ah, o que era tido socialmente como masculino. Então, eu gostava de usar boné, eu gostava de usar camisa. Colarzinhas assim, de surfista. Eu usava umas fitas assim. Eu ia de chuteira para a escola, eu usava umas coisas assim. E as meninas que eram muito apegadas ao que é socialmente de menina elas me olhavam meio estranho. Ou as que eram amigas minhas tentavam me introduzir. Me apresentar maquiagem, (+) por que você não usa seu cabelo assim (+) usa uns brincos::

VI: Então, eu passei por uns sufocos. Porque quando eu descobri a minha sexualidade foi com doze, né (+) então (+) na escola aconteceram umas coisas meio bizarras, que foi (+) eu acabei falando para uma amiga minha, e aí espalhou. Veio professora falar comigo, de matemática, veio/ Fui parar na direção, bizarramente. Eu não consigo explicar até hoje porque, eu não me lembro totalmente disso. É bem fragmentado. Eu mudei de escola, no ano seguinte, porque eu tava meio tentando que fugir, mas na escola foi bem pesado. É:: de tipo, eu me sentia meio, meio (+) não sei. Meio apreensiva no lugar depois do que aconteceu.

TE: (+) Por que não é tão fácil assim, ser aceito. Infelizmente, não é assim. Tanto que na minha escola teve um caso de uma menina que acabou de ser transferida, faz uma semana, porque ela estava namorando com uma outra menina, mas ela é da manhã, e vem de uma família muito complicada, eu cheguei a conversar com o pai dela, para falar com ele e pedir para ele ter um pouco mais de paciência, mas ele tirou a filha dele da escola. Isso acontece. Ainda acontece (...) Por mais que a haja uma pseudo informação aí, eles continuam sofrendo. Ainda uma das minhas alunas, a um ano atrás, apareceu com os pulsos todos cortados. E eu fui conversar com ela (+) "meu, e aí? Mudou alguma coisa? Eu fiz a mesma coisa que você, valeu apenas?" (+) Eu só falei assim para ela, trabalha, se esforça, vai na escola. E

you will have your life. And when you have your life, all this that is making you feel bad in this moment will not be so present. You will manage to free yourself from this. You will follow. It's easier, but it's difficult. To see and observe, I've been out of school for a long time now, I've been eleven, twelve years, and things repeat every day. (...) Then, (+) is that it's very complicated when you realize that really everything that you lived was for a reason, not only for prejudice, but also for respect for prejudice.

It is noted that in discourses the forms of lesbophobia in the school environment can be expressed through both the concealment or denial of the existence of lesbians, as well as through the realization of insults and "jokes" in the daily, making them feel "deviant" or "abnormal". These manifestations do not come only from colleagues, but from teachers, the administration, and, in general, from the entire school structure. This denunciation referring to the educational institution demonstrates the lack of pedagogical and human resources for working with the different forms of discrimination and prejudice that exist. (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004)

4.1.1.4 Lesbophobia in the workplace

In the sphere of work, the participants who have a job report experiencing moments of embarrassment and involuntary exposure during the workday. The voices from this research depict the problematic nature of the aggressions carried out gratuitously, and disguised as "jokes", being thus considered as offensive practices.

TE: Eu já passei por situações em que, por exemplo, se tiver um grupo de meninas e um grupo de meninos eu como inspetora se eu chegar muito perto de uma aluna, já passei por isso, se eu estiver muito perto de uma aluna eu posso ser recriminada, como eu já fui. Mas eu posso ficar perto dos meninos. Agora, as outras inspetoras podem ficar perto tanto das meninas quanto dos meninos. Por que eu não posso? Esse tipo de preconceito eu já passei em outros momentos da minha vida(...) É complicado porque eles não entendem que você não deixa de ser mulher por gostar de outra mulher. Não tem essa questão. Meu, você não deixou de ser mulher, você só é uma mulher que gosta de outra. Eles têm que ter aquela coisa do gênero, ou é homem ou é mulher. Não pode ser uma mulher se gosta de outra, se você gosta de outra mulher você é um homem. (...) Eles falam muito isso (+) "tia, mas você é um pouco menino." Eu falo, "minha querida eu sou o que eu quero ser, eu ando da maneira que eu quero andar." "Ah, mas você tem o quê? Tem uma namorada ou um namorado?" "Não eu tenho uma esposa. Eu sou casada com outra mulher." E falo assim, mas rola aquelas coisinhas, menos dos adolescentes e muito mais dos adultos, que é um incômodo. É essas coisas, de tipo, de querer, e de achar que todo gay, seja homem, seja mulher, é só para sexo. Entendeu? Todo gay é:: prostituto, entendeu? Eles têm isso do lado sexual que (+) nossa, é uma coisa triste de ver.

NA: E:: recentemente teve um evento na empresa no qual nós atendemos pedreiros e o vendedor se achou no direito de falar para um pedreiro que eu era gay. E assim, isso, os meus amigos também fazem. Eles contam para todo mundo que eu sou gay. E aí essas pessoas vem falar comigo. E aí elas já chegam pegando, e tocando, ou perguntando se eu transei com homem e não gostei, ou se eu tenho algum trauma com homem, ou para falar de mulher. Sabe. Parece que aquilo te define, e assim (+) “sou gay, vamos só falar disso.” (+) É muito ruim. (...) É (+) essa situação que teve com o vendedor que ele falou que eu era gay e tudo mais, (+) eu fui reclamar com a minha líder e reclamei com o líder dele. Ela virou e falou “vou falar com ele”, e o líder dele disse assim “não, a sexualidade não importa, desde que (+) DESDE. QUE (+) não manche a imagem da empresa. E eu vou falar com ele de um jeito sutil para ele entender que não tem que falar sobre isso.” Para mim não tinha que falar assim, tinha que chegar nele e falar “oh babaca, o que que você tem que ficar falando para os outros da sexualidade dela?” ((exaltada)) Tinha que ser algo mais (+) mas, não é. É como um assédio, a mulher está errada, o que homem faz está tudo ok. “Vamos tirar a culpa dele, porque coitado, é normal as pessoas comentarem (+)” Daí eu tive que ouvir a frase maravilhosa que é “você sabe como são pessoas, pessoas são pessoas, né NA?”

Os discursos transcritos em referência às percepções de lesbofobias no espaço de trabalho corroboram com as formulações encontradas em outros estudos que evidenciam as falhas na promoção de um local de respeito e tratamento igualitário entre lésbicas e os demais funcionários. (IRIGARAY; FREITAS, 2011)

4.1.1.5 Lesbofobia de pessoas desconhecidas

As formas lesbofóbicas proferidas por pessoas desconhecidas acarretaram, nas participantes dos grupos focais, as sensações de insegurança e vergonha. Discursam tais agressões como fatos presumíveis mediante a exposição de suas sexualidades, relatando não se surpreenderem por tais ações.

VI: E:: mais assim, de agressão:: teve uma vez, lá na Paulista (...)e eu estava me despedindo de uma menina no metrô da Consolação, e um cara passou e cuspiu (...) E eu nunca tinha tido contato com homofobia até aquele momento sabe, tipo, na rua de pessoas estranhas. E eu sei que a menina ainda/ eu era a primeira menina que ela estava ficando. Sei que eu olhei e falei (+) vamos se limpar né? A gente entrou num restaurante e se limpou. Mas (+) aquilo foi tão:: chocante, mas ao mesmo tempo foi algo que(+) que como faz um bom tempo, eu ainda pensei (+) que eu deveria levar aquilo como normal, e é isso que hoje em dia eu vejo que não era normal, é algo bem anormal. Eu vi a gravidade da situação muito tempo depois, porque eu tomei aquilo como assim, isso devia fazer parte do meu cotidiano, devia saber que isso vai acontecer uma hora. Você viver com essa sensação de sim, isso vai acontecer uma hora.(++) É muito ruim. E ainda naquele ambiente (+)

NA: E eu tocava numa banda, onde tinha uns adolescentes, né. Mas eu tocava trompete. Então eu era a única menina a tocar trompete. Eu só andava com homem, pra ajudar. E eu tinha cabelo curto na época. E eles

me chamavam de moleque. (+) E eu ficava muito brava, porque eu não era menino. E eu não queria que eles me enxergassem como menino também. Mas também não queria que ninguém soubesse que eu gostava de menina. Então eu comecei a namorar rapazes. E entrar em situações passivas agressivas. Porque para mim era muito agressivo estar com caras, sempre foi. Para mim sempre foi muito difícil.

A exposição da orientação sexual sem a vontade/autorização, seja por familiares, amigos, colegas de trabalho ou desconhecidos, parece despertar, nas participantes, a noção de que elas sejam as “outras”, as “diferentes”, as que devem ser marcadas. Nota-se que a descoberta em ser heterossexual cisgênero não denota nenhum deleite ou encanto, uma vez que não se evoca nenhuma novidade, ou supressão da cis-heteronorma, carregada da suposta verdade sobre o que seja a orientação ou/e a identidade de gênero. Já em relação à revelação da homossexualidade ou/e transexualidade a outrem, mesmo que sem a autorização do sujeito em questão, marca-se o regozijo, pois evoca em si, o “poder” da acusação, recriminação e controle sobre as vidas que se desprendem da cis-heteronormatividade.

Diante dessas colocações, pode-se depreender o quanto a fala sobre si e, acima de tudo, a fala a respeito de outrem evoca a noção de controle da existência e validação constante da cis-heteronorma. Uma vez que não importa unicamente que a mulher seja heterossexual, mas que caso não seja, possa manter-se em segredo, alocando sua dissidência na invisibilidade, ou seja, não oferecendo ameaças as normativas cis-heterossexuais.

4.1.2 Lesbofobia Internalizada

Discutir a formação do processo de internalização da lesbofobia traz a exigência de se considerar como a discursividade cis-heteronormativa é inserida na representação de si mesma para a própria pessoa. Como afirma Marina Castañeda (2007) identificar-se enquanto homossexual requer o estabelecimento de uma atitude de exploração do que se é, apreendendo a ser como tal. Esse percurso envolve também o que a autora denomina de luto da heterossexualidade¹⁹ promulgada socialmente.

¹⁹ Essa ideia de luto da heterossexualidade corresponde ao processo ocorrido após o contato com a impossibilidade de seguir à risca os pressupostos disseminados sobre os modos de relacionamento heterossexuais. Para melhor compreender essa processualidade Castañeda (1999) aproxima-se das considerações propostas por Elisabeth Kubler-Ross acerca das fases do luto em pessoas em

CA: [...] eu pensava “meu, eu tenho 24 anos, tipo, é capaz de eu estar descobrindo minha sexualidade AGORA?” Assim, sabe. Eu ficava pensando: “é isso mesmo?” E ai você passa por um processo de luto né. Querendo ou não é uma morte. Você precisa morrer, uma certa parte sua precisa morrer, e ai você precisa ter condições de elaborar essa morte.

Na fala de Carmem observa-se a incredulidade de sua orientação sexual se revelar em idade adulta, e passa a afirmar que se reconhecer enquanto lésbica demarcou uma passagem pelo luto da autoimagem que lhe era dirigida. Essa imagem, respaldada em pressupostos lesbofóbicos, foi descrita pelas participantes, principalmente, em referência à maneira como se vestiam, se relacionavam e se autopercebiam. Abaixo são transcritos alguns desses relatos.

4.1.2.1 Formas de se vestir

As vestimentas escolhidas, bem como os apetrechos utilizados pelas pessoas, caracterizam parte importante da performatividade do gênero. (BUTLER, 2003) Não obstante, as participantes demonstram reticências na maneira como desejam utilizar suas roupas, evidenciando o cuidado e receio em “mostrar demais” que são lésbicas, tanto pra família, quanto no ambiente de trabalho. Esse ato demonstra a preocupação em se ocultar a performatividade de um corpo que será lido como lésbico, não feminino, não aceitável e passível de receber rejeições e obliterações sociais.

CA: (...) principalmente nas férias quando eu estava na casa dos meus pais, às vezes eu me vestia com algumas roupas e me olhava no espelho e dizia(+) poxa será que(+) eu acho que eu vou por um pouquinho de alguma coisa mais feminina porque será que eu estou parecendo muito homem? Alguma coisa assim? Eu to muito próxima do masculino? Alguma coisa assim. E como se:: tipo (+) isso também fosse né. Ainda que eu não fosse lésbica, como se isso fosse (+) né. E:: mas (+) é. Acho que eu to entrando na primavera. Saindo do outono, estou na transição. Eu to na transição.

Pesquisadora: ((Para Vi)) Na hora em que ela falou das roupas você acenou (+)

Vi: Nossa (+) veio muita coisa. Dessa coisa do exterior, eu fui atrás de um acompanhamento psicológico. Porque (+) inclusive, quando eu comecei a terapia eu tinha cabelo longo, e super tinha medo de qualquer coisa. Eu me lembro do dia em que eu falei:: eu vou voltar aqui de cabelo curto. Porque para mim era algo fora de cogitação cortar o cabelo. Eu lembro que eu fui (+) nossa (+) no dia em que eu cortei o cabelo:: nunca vou esquecer porque foi um processo. E:: Cortar o cabelo para mim foi um passo muito grande. E

situações de doenças terminais. O luto, segundo tais considerações, se constituiria de momentos de negação, raiva, barganha, depressão, culpa e aceitação, mesmo que não seguindo esta ordem ou passando necessariamente por todos os estágios.

por mais que as pessoas me elogiassem:: ai tá linda:: Nossa, ainda assim:: Eu vestia qualquer coisa e eu falava:: com esse cabelo, essa roupa com o cabelo comprido, não vai dar. Vou ficar muito masculina. E você entra num negócio de:: tentar contornar esse cabelo curto,(+) porque agora já foi.(+) Até você aceitar. Meu (+) o que eu to querendo com isso, o que eu estou querendo disfarçar? Não tem o que disfarçar.(+) Mas nossa, é:: acho que essa parte da exteriorização foi muito complicada para mim. Hoje em dia eu sou de boa, mas nossa, foi, foi um processo

VA: Mas essa coisa da roupa assim, sempre foi muito difícil, porque as pessoas meio que falam (+) nossa, você é tão feminina.(+) Você tem certeza disso, assim? Não é só uma fase? Não é só(+++) eu não sei. É muito difícil, assim, para mim. Tipo, as pessoas falam, “esse mundo aqui da faculdade é todo tão:: todo mundo aborda todas essas questões, mas eu não vejo assim. Mesmo em grupos assim, eu sinto às vezes certa resistência em dizer “eu sou”. Então é difícil para mim no social e como um todo. Não são aqui e ali (+) é uma questão bem difícil. Acho que para mim, como você falou Ca, da auto-homofobia. Bem assim, difícil. Porque para a gente (+) eu não sei assim. Eu nunca tinha pensado por esse lado. Porque a gente nunca está em grupos em que as pessoas dizem é um grupo de lésbicas.

NA: Tanto que assim, o meu cabelo estava comprido até duas semanas atrás. Eu cortei 42 centímetros de cabelo para doar para pessoas que tem câncer. Mas para mim foi muito difícil, porque quando eu me assumi em casa e eles aceitaram aqui, a frase da minha mãe é (+) “você pode ser sapatão, mas não seja um caminhão. Se você for um caminhão você está fora de casa.” (+) ((risos)) Então assim, eu sempre busquei tomar cuidado com o como eu vou cortar o cabelo, como eu vou me vestir, como eu vou falar, e(+) “será que isso não está fora do contexto?”

Nesta última fala percebe-se o envolvimento da autoimagem com os limites transpostos pelo ambiente familiar, quando se ressalta a possibilidade de “até ser sapatão”, mas sem ser “caminhão”. Ou seja, desde que não aparente, a lesbianidade tem permissividade de existir. Novamente, pensando na processualidade de internalização desses pressupostos, uma subjetividade constituída com tantos interditos acaba acarretando sérios dilemas no desenvolvimento pessoal e relacional de jovens lésbicas. As falas transcritas a seguir relatam um pouco dessas dificuldades.

4.1.2.2 Relacionamentos

VA: São muitos detalhes. Até o fato de você não poder andar de mãos dadas na rua, é uma violência. De você não poder abraçar, é muito ruim. Você está o tempo todo com medo. Eu mesmo namorava uma pessoa que era (+) dava para ver que era lésbica, e só de você estar do lado, você já vê um monte de olhares assim. Você fica com medo de (+) é tanto olhar, tanto olhar, que você fica “ai meu deus, será que eu vou levar uma pedrada aqui? “ Sabe. É difícil. (+) São detalhes, às vezes, de sei lá. Você estar no shopping e não poder pegar na mão da pessoa que você gosta. De ter que apresentar como sendo sua amiga para muitas pessoas. As pessoas são muito loucas, é muito louco. São detalhes que vão machucando você no dia

a dia. (++) E quando a gente não sabe lidar, fica ainda mais difícil. E quando você encara isso, de dizer “eu vou enfrentar, eu vou andar de mãos dadas, eu vou abraçar essa pessoa” aquilo se torna uma coisa muito difícil. Muito difícil. Precisa de muita coragem para fazer uma coisa simples (+) como isso.

VI: Essa coisa, por exemplo, de dar tchau para a pessoa que eu estou. Ai estou na rua, você vai beijar:: você já olha para o lado::

CA: Nossa, isso é horrível.

VI: Mas eu tento não deixar de dar esse tchau. Por que, pô, qual é o problema? Se eu acho que eu estou fazendo alguma coisa errada, eu acho que eu dou a liberdade para as pessoas realmente acharem que eu estou errada.

CA: Então tinha aquela coisa, tipo, ah:: do nojinho, tipo, ai, que está muito ligado ao desejo também, tipo. (+) Era demais conceber fazer sexo oral assim, então foram processos assim be::m miúdos, e assim, eu sempre fui respeitando. Mas até então eu acha que eu era bi ou pansexual, assim. E aí foi difícil entender que eu era lésbica porque eu nunca achei que eu tinha problema com isso.

VI: Porque, por exemplo, eu só namorei meninas bi, até hoje, e:: mantive relações com meninas bi e, meu, você se sente menor às vezes. Vc fala:: nossa:: será que com um cara eu não passaria por isso. Você para e pensa muito isso, entra muito nessa. E:: e:: sabe, talvez seria mais validado um relacionamento diante de tudo mundo que está aqui em volta, seja a família dela ou a minha família, de todas as pessoas que estão envolvidas nesses relacionamentos. E isso é algo que me machucava e me machuca muito. Porque eu sempre vi e achava que as coisas não estavam funcionando, eu tentava validar mais as coisas por mim, sabe, para mostrar que aquele relacionamento era um relacionamento mesmo. Às vezes colocar aliança, coisa que hoje em dia eu vejo que, meu, só para eu ter cert/, mostrar para mim mesma que aquilo ali era uma relação. Porque eu mesma tinha preconceito, sabe, daquilo não tem lugar. Então, às vezes você se colocar nesse papel, que foi o que eu fiz, também é sem querer. Por achar que precisa, e hoje em dia eu vejo que não, mas é bem complicado sair desse universo, sabe.

Vilma, assim como Valéria e Carmem observam os efeitos das interiorizações das lesbofobias enquanto modulações de seus comportamentos em público. Esses modos de interdição de si resultam no apagamento e invalidação dos relacionamentos assumidos com outras mulheres. Valendo-se das considerações já mencionadas sobre o processo de luto da heterossexualidade, pode-se notar que as lesbianidades sofrem duplamente com o mecanismo de aceitação de si. Primeiramente por não corresponderem às prerrogativas de feminilidade e posteriormente por verem seus relacionamentos serem invalidados. Não sem consequências, as autopercepções passam a sofrer severas alterações, fomentando mecanismos (CASTAÑEDA, 2007) de compensação (uma vez que já sou lésbica, tenho de ser exemplar nos demais setores para compensar o que sou), desvalorização, vergonha e medo. As participantes discursam um pouco sobre essa temática.

4.1.2.3 Rejeição de si

VI: Porque eu ainda não falav/ achava que eu era lésbica. Falava não (+) Para mim era uma coisa que assim (+) só mais uma menina. ((Risos)) Mas eu tinha certeza que não sabe. ((Risos)) Às vezes eu falava eu sou bi e tudo, mas foi o tempo mesmo, até que notei não, não rolava. Não adianta. Até hoje, isso já tem bastante tempo, 12 anos ou 11 anos, mais ou menos, né. Que isso não muda, ai hoje em dia eu já aceitei né. Mais foi um processo, eu fiz terapia por quatro anos (+) mas foi o que fez parar de ter estranhamento com isso. Porque, nossa, mesmo namorando para mim era muito estranho ainda. Parecia muito longe sabe, muito. Isso não está acontecendo comigo, está acontecendo agora, mas isso vai mudar. É uma sensação muito estranha. Inclusive no começo você tem a sensação de que vai mudar. Não sei se como esperança sabe, mas acontece que não (++)).

VA: Eu não sei assim, porque vivendo essas coisas assim me remete a algo errado, sabe. Tipo, quando eu vejo essas reações de família e de outras pessoas, sabe (+) parece que é uma coisa muito errada. Sabe? Eu não sei se eu consigo me expressar assim.

CA: Errado da parte de quem limita assim?

VA: Não, de:: parece que a gente que está errado. ((choro)) Sabe?

CA: Como é que pode né? É só um (+) sei lá (+) um detalhe. Tipo/

VA: Mas é algo que fica enraizado, não é?

VA: Difícil né? Essa coisa da religião também. Eu também fui criada assim, num ambiente muito católico. E:: eu cheguei a ir em alguns retiros assim que lá era assim, três dias explicitos “que ai:: você tem que aceitar a Deus e então tudo que te tirar do caminho” (+) e era muito assim explicito (+) “se você é homossexual, a gente sabe que isso é uma doença”. Mas tipo:: depois que eu vi que, (++) depois que eu me vi e me aceitei assim eu:: eu:: não consegui mais aceitar aquilo sabe? Mas eu fico imaginado para quem, para quem, para quem acredita um pouco também naquilo. É ruim. É claro que a gente se sente oprimido, me senti super mal comigo mesma, nossa (+). É muito complicado. Porque a gente começa a ter nojo da gente mesmo. De não querer/ (+) ao mesmo tempo, não tem como você rejeitar uma parte sua e ao mesmo tempo você fica escutando de todo mundo que é errado. ((silêncio prolongado))

VA: Esses dias eu vi um post de um menino que ele disse que depois que ele contou para a mãe que ele era gay ela simplesmente não falou mais com ele. E ele tinha foto dele mandando mensagem e ela bloqueou ele e tudo. Por causa da igreja. Eu achei bem pesado, sabe. O filho está ali, tipo, “mãe me escuta”, e a pessoa foi lá e bloqueou. Isso foi muito forte para mim.

CA: Não quer escutar.

VA: O pior é isso. Quando a pessoa não quer escutar. Quando você já tem um medo de falar e outros não querem te escutar, né. ((silêncio prolongado)).

VA: No meu processo eu também tive muita dificuldade em falar a palavra. Mas era só uma palavra, né gente. ((risos)) É:: um tempo até você conseguir falar, sabe. E nossa, eu ficava muito puta quando alguém me chamava de sapatão.

VI: Nossa, sapatão é pesadíssimo. ((risos))

VA: Engraçado né? Uma palavra e você não consegue falar! ((Risos)) E é tão pesada até para você falar com um profissional ali. “Eu sou lésbica, e::”. É muito difícil para você ir construindo umas coisinhas, até o mínimo.

VI: Eu fico pensando assim. Eu ainda consigo viver a minha vida né. Eu posso, eu tenho essa chance. Com isso tudo, saber que eu sou, mas saber que tanta gente por ser isso, (+) que é uma coisa tão simples para mim, hoje em dia, ((risos)) depois de tanto tempo virou algo parte de mim, mas muitas pessoas não podem. É uma parte que às vezes elas tem de fazer dentro de casa, nem no ambiente de trabalho. É algo que é assim, meu como que é essa vida? Como criar resistências? Porque para mim falar sobre isso (+) quando eu penso nessas pessoas é bem pesado.

CA: Como que é a saúde mental delas?

VA: (...). E é difícil né, você se mostrar. O baque primeiro (+) o primeiro baque. De você já achar que você está sendo julgada. É resistência mesmo.

CA: Mas é muito cruel, assim. Você está se sentindo bem daquela forma de se vestir só que você fica com aquela insegurança..

VÁ: Insegurança de mostrar para os outros, e os outros meio que enfraquecer aquela sua coragem. E de que você gosta.

CA: Ou desqualificar, eu acho que é isso que mais me incomoda. Dizer tipo assim que é palhaça. Tipo, que não é competente ou alguma coisa assim. Porque às vezes o que é diferente ou é menosprezado pela violência ou pela exclusão, ou dessa coisa do tipo, ah:: não se levar a sério. Com brincadeirinhas.

TE: (...) A minha relação com a homofobia, lesbofobia familiar sempre foi bem forte né? Meus pais me bateram, espancaram várias vezes, como se fazendo isso eu fosse ser “curada”. Mas quanto mais eles me puniam, mais eu me punia também. Bebi, me drogava, tentava suicídio. Não digo que a culpa de todas as minhas questões sejam dos meus pais (+) mas, tipo, não contar com o apoio deles fez com que as coisas sempre se parecessem maiores que eu. Eu não tinha respaldo.

Diante das questões apresentadas, compreende-se como o processo de interiorização da lesbofobia pode ser entendido como um fator de risco importante no desenvolvimento dos processos suicidas entre jovens lésbicas. Isto porque a lesbofobia internalizada, propicia a desvalorização de si e aceitação de formas de violência. Este fenômeno é um resultado direto da convivência em uma sociedade cis-heteronormativa, com pressupostos naturalizados de atratividade sexual unicamente direcionada ao sexo oposto.

Este processo de interiorização da lesbofobia revela a magnitude e a persistência das situações de violências vivenciadas, situações ainda muito diminuídas, ou mesmo negadas, e que raramente são objeto de queixas. Esta autocensura presente nas mulheres lésbicas tende a fomentar a minimização da gravidade da discriminação sofrida, ocasionando a invisibilidade das violações pelas quais passam cotidianamente.

CA: (...) E ai de novo, em outro momento em que eu estava sozinha, ele se aproximou de mim e começou a me xavecar. E ai eu já comecei a não gostar, porque eu já tinha falado que eu não estava interessada. E que eu estava com:: com a menina né. E ai ele tentou me beijar. E ai eu meio que dei um “chega pra lá” nele. E já não quis mais ele com a gente assim. E

ainda, teve um outro momento em que ele se aproximou, aí as amigas dessa menina que eu estava ficando percebeu e perguntou:: ele está te incomodando? E coisa e tal. Aí eu falei que tava sim, e ele já se afastou. E no final da noite, e:: eu me despedi, a gente ficou até o final do role, até o *pub* fechar, aí eu me despedi da menina, a menina foi para casa. Aí eu estava pegando minha bike para eu ir para minha casa:: e ele chegou e me chamou ainda para a casa dele. Sabe, aí eu ignorei e fui embora assim. Mas eu:: tipo, o cara, tipo, sabe:: eu falei que estava ali com a menina, eu falei que eu não queria nada, e o cara ficou insistindo assim. Foi bem:: escroto, bem zuado assim.

Com a fala de Carmem descreve-se uma ação relatada diversas vezes em pesquisas sobre lesbianidades: o não respeito, desvalorização das relações entre mulheres. (NAVARRO-SWAIN, 2000) Ignora-se o fato de que estejam acompanhadas de outra garota, uma vez que falta a companhia masculina que validaria a relação.

Partindo das analíticas transcritas sobre as lesbofobias, delineia-se a formação de um cenário caracterizado pela solidão, isolamento, desrespeito e desvalorização das vivências lésbicas retratadas pelas participantes. Sendo ressaltadas as experiências de silenciamento promovidas por circunstâncias geridas pela lógica cis-heterossexista. Após retratar essa conjuntura, torna-se importante descrever como as participantes percorreram o processo suicida, bem como foram produzidas as resistências em relação a tais dinâmicas.

4.2 A dinamicidade suicida e lesbofobia

Considerado como tabu, o suicídio, e toda a dinâmica pertencente a este arcabouço, foi considerado por muito tempo uma ação digna de condenação, repúdio e penalidades, seja diante do ordenamento criminal, condição de sanidade mental, ou/e da ordem religiosa. Marcadamente associado à noção de morte e distanciado da dinâmica pertencente à vida, na atualidade passa a ser compreendido, erroneamente, como um fato isolado e pertencente às configurações específicas das pessoas que o realizam. Tendo-se em vista as considerações de uma morte evitável, o suicido é retratado como um comportamento contrário às normativas estipuladas pela valorização e controle sobre a vida, nomeadamente associada à operacionalidade do que Foucault aponta ser o Biopoder²⁰.

²⁰O conceito de biopoder parte do pressuposto contrário ao modo do poder disseminado no âmbito soberano, não há mais a configuração de um poder que instaure a inibição, a repressão, a morte. O objeto dessa nova configuração de poder é a vida em essência, instauradas nas práticas peculiares

Quando considerado sobre a perspectiva criminal, o suicídio figura como um ato considerado não criminoso, mas não induzível. Isto porque, em relação às medidas judiciais brasileiras presentes no artigo 122 do Código Penal em vigor, a tentativa e realização do suicídio não são consideradas crimes, nem passíveis de punições, atribuindo-se penalidades apenas as pessoas que induzem, instigam e/ou auxiliem o ato suicida de outrem. (BARBOSA; MEDEIROS, 2018)

Como aponta Botega (2015) o suicídio recebeu formas distintas de tratamento perante a sociedade de cada período histórico no Ocidente. Na Antiguidade Greco-Romana encontram-se manifestações de tolerância em relação ao suicídio, sendo apenas vetadas às pessoas que eram escravas. Já na Idade Média passa-se a existir a condenação de tal comportamento por meio da associação às obras demoníacas, efetuando-se exorcismos e penalizações para as pessoas que realizassem o suicídio. Em 2006 a questão suicida passa a ser considerada como grave problema de saúde pública, que anualmente mata mais de 800.000 pessoas no mundo, e que no Brasil causa mais de 11.000 mortes, fato que o aloca em oitavo lugar no ranking mundial de países com o maior número absolutos de óbitos por suicídio (OMS, 2018).

No Brasil, em 2017, as discussões sobre o assunto se acirraram após a distribuição, por uma plataforma streaming de filmes e seriados, de uma série denominada “Os treze porquês” (Thirteen reasons why)²¹ que evidenciava a ocorrência de um suicídio juvenil. No mesmo ano, se proliferaram notícias a respeito da existência de “jogos suicidários”, sendo o mais conhecido o da Baleia azul²². Nesse jogo as pessoas eram desafiadas a desenvolver comportamentos autolesivos, tendo por meta, ao final dos cinquenta desafios, a realização do o suicídio. Estes acontecimentos despertaram a atenção das pessoas, classificando-os como fatores de uma possível “onda” suicidária”. Diante deste receio, tal

pertencentes ao dia-a-dia, ao cotidiano das pessoas. Como afirma FOUCAULT (1999, p. 286), “[...] um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi, o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: [...], uma espécie de estatização do biológico [...].”

²¹ Série transmitida pela plataforma streaming NETFLIX, adaptada, por Brian Yorkey em 2017, do livro homônimo de Jay Asher (2007)

²² Com 50 desafios transcorridos diariamente por agentes coordenadores em grupos fechados de redes sociais, este jogo suicida provavelmente provindo da Rússia em 2016, foi relacionado, desde então, com mais de 100 casos de suicídios corridos ao redor do mundo. Os desafios começavam de forma branda, como assistir filmes de terror solitariamente e desenhar uma baleia em um papel. Contudo, passavam a se agravar, incitando tanto a autolesões, como desenhar com lâminas a baleia na própria pele, quanto, ao final dos 50 desafios, se suicidar. Em 2018 alguns casos no Brasil foram associados a esta prática, que acometia, em sua maioria, adolescentes. (REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO, 13/04/2018)

problemática é assumida como preocupação integrante da atenção da mídia, agendas políticas de saúde e educação.

Nota-se, entretanto, que desde o início dos anos 2000 o suicídio começou a figurar como um aspecto relevante da composição dos índices de mortalidade no país, contudo, diferentemente da onda decrescente desses atos em países da Ásia, América do Norte e Europa, no Brasil o índice vem aumentando assustadoramente. (OMS, 2018) Não obstante, entre a população LGBT a manifestação dessa elevação de casos é presente e desperta atenção em trabalhos nacionais recentes sobre tal temática. (PERES *et al.*, 2018; BÁERE, 2018; NAFAGUCHI; ADORNO, 2016; CONDE, 2016)

Contudo, a pesquisa deste estudo sobre a temática dos processos suicidas e lesbianidades retornou um número ínfimo de trabalhos que retratassem especificamente o assunto. Para demonstrar tal escassez, realizou-se uma pesquisa, no Portal de Periódicos da Capes e do Google escolar, das seguintes expressões: suicídio de lésbicas, lesbian suicide, “suicídio de lésbicas”, “lesbian suicide”. Não se especificando os termos da pesquisa pelo uso de aspas o número encontrado foi de 10.400 resultados, enquanto que, se especificando, o total apresentado foi de 41 trabalhos. Destes, apenas 2 trabalham profundamente com a dinâmica suicida entre lésbicas como discussão central. São eles: “Taboo in the Next Room: Lesbian Suicide in Lillian Hellman’s *The Children’s Hour*” (YOUNG, 2017) e “The relationship between social support and suicide risk in a national sample of ethnically diverse sexual minority women.” (TABAAC, A. R. *et al.*, 2016). Diante disso, novamente, ressalta-se a importância de estudos que especifiquem a temática das lesbianidades, principalmente acerca das condições sociais com as quais as jovens convivam.

Outro fator a ser questionado, por intermédio desta pesquisa, é como tal dilema atinge especificamente a juventude de lésbicas brasileiras, uma vez que os dados sobre a taxa de suicídios de jovens com idades entre 15-29 anos representa a quarta principal causa de morte nesta faixa etária. Com o auxílio de estudos promovidos pelo GGB (Grupo Gay da Bahia) em relação ao comportamento suicida da população LGBT no Brasil, encontram-se dados que sinalizam uma incidência ao risco de suicídio 20% maior do que em relação às pessoas não LGBT. (GGB, 2019)

Outro estudo realizado em 2018 (BARBOSA; MEDEIROS, 2018) evidenciou que a garantia, ou não, de direitos promovidos pelo Estado repercute na formação

das ideações, tentativas e suicídios na população LGBTQIA+, principalmente entre as pessoas jovens. Uma vez que jovens LGBTQIA+ não se tornam vulneráveis ao suicídio por serem o que são, mas sim, são desprotegidas socialmente, individualmente e politicamente das medidas que obstam o comportamento suicida. Assim, compreendem-se os impactos na saúde mental dos jovens tendo-se em relação à falta de medidas do Estado, tais como leis, decisões jurídicas e políticas públicas de garantia, proteção e efetivação de direitos.

Ainda de acordo com o relatório elaborado pelo GGB sobre os homicídios e suicídios da população LGBT no Brasil em 2018, em números absolutos, os homens cis-gays realizam mais suicídios correspondendo a 60% das mortes. Contudo, as lésbicas em termos relativos, são as principais vítimas da dinâmica suicida, uma vez que representando 12% dos óbitos por homicídios, ascendem a taxa de 31% do número de suicídios.

Segundo o pesquisador Eduardo Michels (apud GGB, 2019)

[...] certamente tal diferença tão marcante se deve à maior fragilidade social das lésbicas, devido ao estigma e discriminação social que a mulher tradicionalmente ainda sofre, somada a opressão de ser homoafetivas, daí mais vulnerabilidades que causam maior sofrimento psíquico podendo levar a uma maior propensão dos quadros de depressão e suicídios entre a população LGBT[...] (p. 11 e 12)

Esses dados, apesar de alarmantes, podem traduzir ainda um processo de subnotificação ocasionado e reforçado pela invisibilização das lesbianidades. Assim, pode-se ter um problema muito maior do que os dados, até agora coletados, apontam, reforçando com isso a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas sobre o tema aqui discutido. Essa necessidade é ressaltada pelas participantes, que evocam a questão da invisibilidade de tal temática.

CA: Quando eu penso do suicídio da mulher lésbica eu penso nesse ocultamento assim. Por que, eu não sei. Pelo menos para mim, nunca foi muito comum assim, nunca escutei suicídio assim, suicídio de lésbicas, por exemplo. E eu não acho que eu nunca escutei por que não aconteça, mas é porque, não sei. Eu acho que faz parte de um ocultamento, por que, por exemplo, eu já escutei de gays, de caras e tais, de trans, travestis, assim também pode ser um alvo. Mas, me fez pensar que há um ocultamento também nisso. E eu fiquei curiosa em saber quais são as estatísticas de suicídio (...)

VI: Eu acho que às vezes essa invisibilidade que tem, tem um pouco haver da questão do gênero também, da mulher se centrarem mais no próprio mundo e não poder falar, de ser silenciada em vários âmbitos diferentes. (...) E às vezes acontece o suicídio e ninguém nem sabia que ela era lésbica. Sabe? Eu vejo muito isso da invisibilidade, neste sentido;

Como descrito por uma das participantes esta problemática ainda envolve dados subnotificados, negligenciados e ocultados figura uma dinâmica que se torna ainda mais complexa mediante a ideia de se pensar a problemática do suicídio enquanto processo. Uma vez que a invisibilidade lésbica cercearia os espaços de possíveis discussões dos desdobramentos pré-tentativa, durante a elaboração do plano e as intervenções após a realização do ato suicida.

A ideia de se abordar um processo e não apenas o ato suicida tem sua base teórica respaldada em estudos elaborados anteriormente (BOTEGA, 2015) que apontam a formação de um quadro mais complexo do que se presume o enquadre no óbito suicida. Com este posicionamento assume-se como parte formadora da processualidade suicida a ideação/pensamento suicida, o plano para a realização do ato, a tentativa, o suicídio e as pessoas denominadas como sobreviventes. (BOTEGA, 2015) Essa conceituação proporciona o desdobramento analítico das ações envolvidas ao suicídio. Há de se considerar que o pensamento a respeito do desejo pela morte permeia a trajetória de praticamente todas as pessoas, contudo, torna-se importante diferenciar as vontades de morrer. Uma tentativa de se considerar essas diferenciações foi esboçada pelo escritor estadunidense Andrew Solomon que investigando a formação dos quadros depressivos, observar existir distinções importantes entre os anseios pela morte.

Há diferenças sutis, mas importantes entre querer estar morto, querer morrer e querer se matar. A maioria das pessoas tem, de tempos em tempos, o desejo de estar morto, anulado, além da dor. Na depressão, muitos querem morrer, fazer uma passagem concreta do estado em que se encontram para se libertar das aflições da consciência. Querer se matar, contudo, requer um nível extra de paixão e uma certa violência direcionada. O suicídio não é o resultado da passividade; é o resultado de uma ação. Requer uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença na permanência do momento atual e pelo menos um toque de impulsividade. (SOLOMON, 2014. p. 148)

Desta maneira, não há uma causa única para o desejo de morte, bem como para a dinâmica suicida, assim não é possível falar no singular, mas sim em suicídios, no plural, especificando as diversas circunstâncias que podem permear as configurações dos processos suicidas. (BOTEGA, 2015)

Com isso, o suicídio, tal qual está sendo descrito e analisado nesta escrita, se compõe enquanto um processo comunicativo, construtivo e sociocultural. Assim, esta processualidade denuncia e explicita a organização e a vivência sociocultural que estabelecem os modos de se viver.

Podemos pensar o suicídio como um evento que se produz dentro de um conflito social maior e que pressiona as formas culturais usuais referentes ao padrão de morte ocidental, ocasionando, assim, uma forma de morte diferente dos padrões ocidentais de discricção, silêncio, higiene, medicalização etc. O suicídio espetáculo pode ser um evento que descobre uma das fissuras na sociedade contemporânea e que permite revelar um padrão cultural diverso, trazendo a morte para o meio social e elaborando-a de forma diferente, contrariando a padronização cultural de morte no ocidente. (NAGAFUCHI, 2018. p.150)

Essas falas retratam como a ideia do suicídio pode figurar como possibilidade, ou até mesmo, modo de enfrentamento as manifestações de não pertença, silenciamento, invisibilidade. Como aponta Silva (2017) o ato do suicídio pode representar a explosão de uma fala, por muito tempo ocultada, e negligenciada entre a pessoa que tenta ou/e realiza o suicídio e o entorno social.

A questão a ser discutida é: não seria o suicídio um gesto de comunicação, a transmissão de uma mensagem individual para a sociedade? A resposta violenta do suicidado é sua busca em comunicar-se, transformando-se, porque a sociedade não lhe permitiu antes que o fizesse. Quando lhe foi impossibilitado comunicar-se, cortaram-lhe também sua influência sobre a sociedade, a qual se restabelece através de seu gesto suicida, mesmo que não seja uma pessoa famosa. (SILVA, 2017. p. 15)

Exemplificando como o ato suicida representaria uma ação de comunicação, tendo-se em vista a formação do processo suicida, segundo Silva (2017), existiriam três formas de relacionamentos entre a pessoa suicida (suicidanda/suicidada)²³ e a morte oriunda do suicídio:

a) Relação entre a suicida e a morte, esta considerada como o findar da existência do modo como ela é.

b) Relação entre a suicida e o matar a si mesma, isto como concretização do fim da vida frente às configurações que a torna insuportável.

c) Relação entre a suicida e o ato de ser morta, por conta da dinamicidade da construção dos mecanismos que coadunam na formação de enredos propícios à processualidade suicida.

Desta maneira, o processo suicida representaria uma forma de comunicação social. Mesmo que a princípio seja identificado como ato isolado, o suicídio comunica e ressoa em conjunto com as diversas circunstâncias presentes em sua processualidade.

²³ Esses termos são utilizados baseando-se na distinção feita por Silva (2017) na qual o autor diferencia a pessoa que pensa/tenta o suicídio – suicidanda, daquela realiza o suicídio – suicidada.

E, lembrando que a comunicação pode se dar através de formas verbais e não verbais, torna-se possível pensar no suicídio como gesto de comunicação praticado por alguém que se vê tolhido na sua razão comunicativa. Nesta comunicação, porém, é difícil perceber a mensagem enviada e como ela é recebida. Isto porque o intercâmbio suicidado-sociedade, a curto e a longo prazo, se dilui pelo aparente isolamento de cada ato suicida no tempo e no espaço, o que é reforçado pela dissimulação e repressão social. [...] O suicidado, através de seu gesto, permanece incomodando o mundo "dos outros", uma vez que estes ficarão procurando significado para seu último gesto. O processo de comunicação suicidado-sociedade, portanto, continua dentro de um campo interacional. Por isto, é preciso resgatar o ato suicida: o gesto solitário, uma vez efetivado, perde sua característica de isolamento porque desencadeia um processo de comunicação [...]. (SILVA, 2017. p. 25-26)

Questionando as configurações presentes nos relatos das participantes da pesquisa pode-se compreender como tal dinamismo suicida é respaldado por uma lógica lesbofóbica, proporcionado, com isso, um espaço de isolamento e exclusão para muitas jovens lésbicas, principalmente as que recebem um tratamento agressivo e cerceador familiar.

Contudo, torna-se necessário evidenciar que a colocação recorrente da existência de uma tendência à infelicidade e solidão associada à vida de lésbicas, bem como as demais pessoas de sexo e gênero dissidentes, é falaciosa. Especificamente, esta imagem relacionada às lésbicas justifica-se por uma construção simbólica desastrosa representada em livros, filmes e demais mídias que evidenciam como aquelas que não estão com homens sofrem por isso. Desmistificando essa teoria, Arc (2009) descreve como o estado mórbido outorgado às lésbicas serve de fomento para se impedir a manifestação e *coming out*. Com isso, cria-se e legitima-se a ideia da qual ser lésbica seja sinônimo de infelicidade. Entretanto, essa configuração de estigmatização e lesbofobia acaba enviesando o olhar das pessoas que ainda acreditam que a tristeza e infortúnio estão latentes nas lesbianidades, ou seja, se desconsideram que tais manifestações infelizes sejam uma reação diante dos comportamentos excludentes e lesbofóbicos sociais.

Quando as condições sociais assim o permitem, homossexualidade e felicidade combinam perfeitamente bem. É verdade que o olhar social ainda provoca, nos jovens homossexuais - nos garotos mais do que nas garotas - sentimentos de vergonha, de solidão e de ódio de si mesmos. Para alguns/algumas, essas emoções são tão violentas que levam ao suicídio. Assim, enquanto o suicídio é a segunda causa de mortalidade na faixa dos 15 aos 24 anos e a primeira dos 25 aos 34, as garotas lésbicas ou bissexuais apresentam um risco de tentativa de suicídio 40% superior ao de outras meninas. (ARC, 2009. p. 122)

Em relação a esta problemática, pode-se observar no Brasil, tendo por referência o dossiê sobre lesbocídio elaborada por pesquisadoras da UERJ e UFRJ sobre o número de casos de mortes de lésbicas no período de 2014-2017. O documento em questão inclui os suicídios como formas de lesbocídios, isto porque seria pela falta de assistência e direitos que as lésbicas “decidiriam” colocar um ponto final em suas vidas.

O suicídio é observado em todas as fases da vida a partir da adolescência e em todas as categorias de lésbicas, nas diversas regiões e classes sociais. É certo que a inadequação gera um acúmulo de frustrações que podem levar à falta de interesse pela própria existência. Os índices de suicídio de lésbicas na fase da adolescência, fase esta em que se espera das pessoas que elas assumam uma vida sexual pública, por meio do engajamento em relacionamentos que culminem na formação de famílias. Determinados aspectos preconceituosos associados à condição lésbica podem ser justamente as causas principais para o alto número de suicídios entre lésbicas jovens. (PERES, et al., 2018. p. 32)

Como se constata no dossiê o “suicídio é comum a todas as lésbicas, em todas as classes sociais, idades, tipologia etc. Entretanto, a maior parte das lésbicas que cometem suicídio é jovem e feminilizada.” (PERES *et al.*, 2018. p. 32) Isto porque ocorre uma mudança brusca de como tal mulher era identificada e tratada em seu meio social.

A brusca mudança de comportamento do entorno social, os sucessivos questionamentos, as privações e tantas outras formas de reprovação que começam a sofrer geram uma quebra de um paradigma na concepção que tinham anteriormente do mundo como um lugar mais acolhedor e com o qual possuíam maior identificação. Portanto, sentem-se traídas, frustradas e iludidas, pois diversos contextos que antes lhes pareciam acessíveis, a partir daquele momento lhes passam a ser hostis. Tal experiência pode levar as jovens lésbicas ao desespero, ao desamparo profundo e a uma decepção generalizada, envolvendo a perda do sentido da vida. (PERES *et al.*, 2018. p. 32)

Os dados sobre os suicídios abordados pelo dossiê em referência a 2014, ano em que se iniciam a contabilização dos casos de lesbocídio, marca a ocorrência de 2 suicídios, correspondendo a 16% das mortes de lésbicas daquele ano. Já em 2015, são registrados 5 suicídios, totalizando 19% dos lesbocídios do período.

No ano de 2016 ocorreu um aumento no número de suicídios, somando 7 mortes, correspondendo a 23% dos casos registrados de morte de mulheres lésbicas no ano. Não obstante, em 2017 foi registrado o maior número de casos de suicídios do intervalo da pesquisa, chegando a um total de 19 casos, o que representou 38% dos lesbocídios daquele período. (PERES *et al.*, 2018)

Contudo, o estudo já referenciado aqui do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2019) apresenta o número de 31 lésbicas que se suicidaram em 2018. Em comparação aos dados retratados pelo dossiê no ano de 2017 houve um aumento de aproximadamente 164%. Ainda assim, a contagem desses casos ainda não corresponde à exata realidade da dimensão dessa problemática. Como salientam as realizadoras do dossiê

O aumento dos registros e notificações via mídias digitais não necessariamente é resultado direto do aumento de casos de lesbocídio no Brasil, ele pode significar, sim, o aumento dos casos reais, como também pode significar apenas o aumento do número de notificações, que pode se dar por inúmeros fatores como a maior cobertura midiática de casos de violência contra LGBT+s no Brasil e no mundo, ou pelo caráter polêmico que esses casos adquirem na mídia sensacionalista. A questão é que, enquanto não houver a institucionalização do sistema de registros e notificações de mortes e das modalidades de violências de forma pública pelo Estado e a capacitação e o preparo dos agentes públicos para o trabalho dos casos de lesbocídios, dificilmente qualquer organização ou grupo terá capacidade de chegar próximo aos números reais dos casos no Brasil. (PERES *et al.*, 2018. p. 69)

Assim, pode-se compreender a formação do stress de minoria, este oriundo das formas de pressões sociais que são interiorizadas e sistematizadas de modo constituir um cenário opressor e adoecedor as populações marginalizadas (TOMINIC *et al.*, 2016). Logo, torna-se possível evidenciar as diversas problemáticas sociais, de ordem emocional, física e psicológica entre lésbicas que se constituem em fatores de riscos associados à ideação/tentativa de suicídio. Sendo estes:

- 1 Interseccionalidade (mulher cisgênero e não heterossexual)
2. Lesbofobia familiar (falta de apoio, expulsão de casa)
3. Marginalidade delegada à invisibilidade lésbica
4. Lesbofobia internalizada
5. Falta de acesso a políticas públicas de saúde, educação, trabalho e etc...

A ressalva destes aspectos, oriunda das problematizações realizadas mediante as falas aqui apresentadas, busca evitar a restrição da narrativa do suicídio por jovens lésbicas ser dirigida à esfera de um sofrimento localizado no fato de serem lésbicas. Não é essa a questão e não será o papel desta escrita ofertar à juventude lésbica um roteiro que sugira uma vida infeliz e perigosa à vista. A perspectiva aqui alocada aponta para o cuidado em se universalizar os "fatores de risco", limitando-os apenas a uma "proteção", sem enfatizar a necessidade de mudanças radicais em contextos cis-heteronormativos, que pressupõem a adoção

da cis-heterossexualidade (BRYAN; MAYOCK, 2017). Em outras palavras, enquadrar as lésbicas como vítimas que precisam de ajuda, tolerância e inclusão por serem o que são, e não por sofrerem o que sofrem, resulta em uma preocupação em protegê-las de danos causados por uma cis-heterossexualidade. Já esta ordem cis-heterossexual, que outorga à juventude lésbica este local de vulnerabilidade ao processo suicida, continua intacta e atuante na disponibilização de corpos para morte (in)voluntária.

Respondi que já pensei em me suicidar por conta da minha orientação sexual, mas acho importante dizer que não foi uma relação de causa e consequência. Ser lésbica nunca foi um problema de aceitação para mim. No entanto, a não aceitação de meus pais, a vergonha que olhares alheios provocam, as recorrentes frases homofóbicas... esse conjunto de situações reduziu e ainda reduz muito minha autoestima, minha vontade de continuar vivendo em uma sociedade tão preconceituosa. É preciso força e incentivo diários para continuar resistindo. (NAGAFUCHI, 2018. p.165)

Como salientado acima por Milena, nome fictício da jovem participante lésbica da tese realizada sobre pensamentos e tentativas de suicídio em relação às pessoas LGBT por Thiago Nagafuchi (2018), não é o fato de ser ou não lésbica que evocariam as processualidades suicidas, mas o pouco espaço para discussões das existências silenciadas. É nesse sentido que a defesa desse estudo é para a mudança da ideia de fator de risco “de ser lésbica” e sim o verdadeiro fomento para a manifestação de comportamentos suicidários: as diversas formas de lesbofobia. Entende-se a troca desses fatores pela inserção da população, indivíduo, alocando a problemática do suicídio a uma esfera específica, sendo que esta esfera só é criada pela existência de um regime cis-heteronormativo/sexista que estabelece a linha de “vivificação” das pessoas. Ou seja, aquelas que não a adentram automaticamente têm a sua permissão de viver “cassada”, em termos críticos criam-se as estruturas de um invólucro necropolítico²⁴ sob o *slogan* quem pode viver e quem deve morrer.

E para estruturar esta formação, serão apresentados os relatos das participantes relativos aos processos suicidas pelos quais passaram e observaram suas parceiras passarem, evidenciando como a lesbofobia, a falta de cuidado à saúde mental e despreparo profissional das pessoas frente ao suicídio estrutura o cenário propício ao desenvolvimento da dinâmica suicida.

²⁴ Conceito estabelecido para determinar, em complementaridade a ideia foucaultiana de biopoder, o direito daquelas pessoas que podem viver e das que devem morrer. Como aponta Achille Mbembe (2012, p. 132) “Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder”.

4.2.1 Processos de subjetivação adoecedores

As discursividade das manifestações lesbofóbicas evidenciam duas formas estabelecidas pelas participantes como medidas possíveis de enfrentamento às artimanhas lesbofóbicas: reivindicação dos direitos enquanto lésbica e a dinâmica que é gerida pela política do armário. (SEDGWICK, 2007). Esta política, pensada diante das investidas de entrada e saída de um não local de enunciação, torna o *coming out* um processo difícil e complexo. Uma vez que a total “saída” do armário pode ocasionar a rejeição parental, separação de algumas pessoas consideradas como amigas e prejuízos nos relacionamentos profissionais. Considerando o simbolismo do “armário” pode-se compreender que a cada encontro de uma pessoa lésbica com uma nova pessoa, gera o processo de construção de novos armários, que por consequência exigirão a elaboração de novos esquemas de julgamento acerca das demandas de sigilo ou exposição.

A tensão decorrente deste processo, bem como da constante repreensão das lesbianidades faz com que, segundo Brandão (2015), as lésbicas gerenciam o modo de manifestar sua homossexualidade ocasionando percepções de cisões entre o modo de ser e o desempenho social diante do círculo relacional mais próximo. Assim, a autora apresenta a existência de três estratégias para a estruturação da gestão da revelação da orientação sexual (BRANDÃO, 2015):

a) Estratégias de fabricação: a pessoa tenta se enquadrar aos moldes heteronormativos.

b) Estratégias de evitamento: passa-se a evitar toda e qualquer atitude, relação e posicionamentos que possam ocasionar a percepção da homossexualidade.

c) Estratégias de integração: demonstra-se por intermédio da revelação da homossexualidade e gestão da manifestação em meio social.

De tal modo, entende-se que a invisibilidade lésbica atua simultaneamente na marginalização das mulheres lésbicas e na imposição da heterossexualidade. Diante disso, encontram-se sentimentos que perpassam desde a sensação de não autenticidade e desonestidade à dificuldade de se manter e desenvolver íntimas com outras pessoas. Todas essas configurações proporcionam um desgaste emocional que propicia um arcabouço potente para os processos de subjetivação adoecedores (CONDE, 2016).

CA: (...) porque eu tive fobia social. E durante uma crise ano passado que eu nunca imaginei, mas que veio a ter desdobramentos da questão de me descobrir que eu era lésbica. E foi bem foda. Porque eu fiquei bem mal de saúde mental. Bem mal mesmo, assim. Cheguei a tomar medicação, e tomo até hoje, ao contrário de antes, hoje eu não tenho vergonha de falar. (...)

TE: (...) A minha mãe chegou(/), (+) isso quando eu estava com dezessete anos, ela virou para mim (+) “eu prefiro ver a minha filha no cemitério do que com uma MULHER!” (+) E isso só não aconteceu porque boas pessoas entraram na minha vida e em momentos específicos e apesar de eu (+) tentei o suicídio (+) que eu me recordo três vezes ((risos)) (+). Uma delas eu fiquei internada como desconhecida. Ninguém sabia quem eu era, por mais de três dias na UBS. Então assim, hoje, se eu estou, eu falo assim, quando as pessoas me perguntam (+) a mais você está bem? Bem, eu tenho depressão, síndrome do pânico, eu tenho vários problemas. Eu tenho problema com álcool, com drogas, tudo sob controle. Nesse momento, a dois, três anos eu estou muito bem. ESTOU. Né. Não é algo fácil. (...)

NA: (...) Eu acho que para mim a questão do suicídio ela estava muito ligada com a aceitação, ela veio junto com uma depressão. Eu tive uma depressão maior. Que culminou no meu transtorno bipolar, então eu comecei a ter crises que eu não tinha. E num episódio de depressão, junto com esta questão da aceitação da minha sexualidade, com, com o término do meu relacionamento, um relacionamento que foi muito complicado. (...) Eu nesse período que antecedeu a primeira tentativa de suicídio eu tive anorexia e bulimia psicossomática, e eu sai de 48 quilos para 37,5. E assim, eu tenho um metro e sessenta. Então assim, eu era um cisco. E eu passava o dia inteiro na rede fumando e vomitando, fumando e vomitando, sabe. Era a única coisas que eu fazia o dia inteiro. Eu vomitava água eu não conseguia comer. Eu não conseguia falar, eu só chorava. E: (+) por mais que as pessoas (+) as pessoas não sabem falar com você quando você está assim. Porque é sempre essa história assim (+) “VOCÊ tem gente que não tem as pernas (+)”, mas eu olhar com a aquela cara e dizer (+) “EU NÃO TENHO ALMA!

JÁ: Antes dessa tentativa de suicídio, também tive episódios de anorexia da adolescência até o primeiro ano da faculdade.

O intuito de se apresentar os sofrimentos psíquicos constituídos em meio a processos adoecedores enfrentados pelas participantes não é o de localizá-los na especificidade organizacional de um “psiquismo lésbico”, mas problematizar a ordem social cis-heteronormativa que tem interesse em excluir, eliminar os corpos e capturar desejos e tesões das pessoas que não integram o sistema sexo-político-reprodutivo pré-condicionado às formas de subjetivação.

4.2.1.1 Acompanhamento Psicológico

Em contraposição, a principal ferramenta preventiva alocada pelas iniciativas mundiais de combate ao suicídio é o cuidado psicológico. (OMS, 2018) Contudo, como reverberam as falas transcritas aqui, o acesso ao atendimento por

profissionais, ainda respaldados em atitudes lesbofóbicas, acabam piorando o acesso e manutenção de um cuidado de qualidade.

VI: É que psicólogo nem é muito acessível para todo mundo. Não é. E às vezes, ainda quando é, consegue não ajudar, então sei lá. Eu sei que é um ponto muito crítico. Por que eu sei e na primeira vez nem conseguia ouvir a palavra lésbica que eu ficava “uhu,” sabe? Tipo, eu não pronunciava desse jeito. A minha voz falhava quando eu falava LÉSBICA. Então, imagina por pessoas assim que vão viver vidas assim. Entendeu? Que vão viver anos assim, até conseguir realmente alguma coisa. E realmente, pode levar muito gente ao suicídio sim, sabe. E também eu tive uma grande sorte, isso eu não posso negar.

VA: (...) teve uma vez que eu fui numa psicóloga e eu fui falar, porque eu estava sofrendo muito em razão de um término de relacionamento, e eu cheguei lá e fui contando. Só que eu fui contando de uma forma neutra e ai logo as palavras dela eram “o seu namorado”, “ele”. Nossa aquilo foi terrível para mim. Por que eu já não conseguia falar aquilo, “eu namoro uma mulher”. Sabe. “eu sinto coisas por mulheres. Daí você chega numa psicóloga, tipo ela fica tratando como se/ (+) então, é muito difícil. Eu fico pensando seriamente “será que:”/

CA: A diversidade não é incluída, né?

VA: De jeito nenhum.

CA: Por você ser mulher você só podia ter um namorado.

VA: Daí eu pego e falo, não é ele, é ela, e a pessoa (+) não tem uma preparação. Então eu fiquei muito pensativa assim. Depois daquele encontro, porque (+) eu, nossa, eu preciso de terapia. E ao mesmo tempo tenho receio de me abrir e as pessoas (+) eu sempre acho que as pessoas não vão me entender.

Nessas falas ocorre o aparecimento da questão referente ao modo como o acompanhamento psicológico tem sido realizado com a população de jovens lésbicas. Assim como retratado pelas participantes, em outros estudos essa realidade não é incomum. Castañeda apresenta a fala de uma garota lésbica sobre sua psicoterapia.

Eu tinha uma relação de casal há muitos anos, e estava em psicoterapia há quase dois anos. Eu gostava da minha terapeuta, era muito aberta e eu pensava que ela não tinha problemas com a homossexualidade. Mas um dia ela me falou, a respeito de minha amiga: "Bem, o que eu estou entendendo é que vocês são boas amigas e que às vezes têm relações sexuais". Eu fiquei em estado de choque, de repente me dei conta de que ela não tinha entendido nada durante os dois anos anteriores. (CASTAÑEDA, 2007. p. 123-124)

Ressalta-se que estes modos desatentos, e lesbofóbicos, presentes na escuta de profissionais da área da saúde mental, acabam agravando ainda mais a autopercepção daquelas que recebem tal atendimento. Passam a perder a confiança, deixam de ser espontâneas e ocultam, novamente, os aspectos pertencentes às suas lesbianidades e param de denunciar as formas de lesbofobias

sofridas cotidianamente. Perde-se, com isso, um respaldo comprovadamente associado ao desenvolvimento de mecanismos de defesa para o enfrentamento a processualidade suicida. (BOTEGA, 2015)

4.2.2 Falas sobre a dinâmica suicida

Segundo as definições estabelecidas pela OMS (2018) o comportamento suicida é um fenômeno de caráter multifatorial, multideterminado e transacional, desenvolvido em meio a trajetórias complexas, mas que podem ser identificáveis. (BOTEGA, 2015) A opção em utilizar, para se referenciar a este fenômeno, o termo “processo” faz alusão às processualidades existentes nos comportamentos suicidas, que não se iniciam e também não se findam no ato da morte por suicídio.

Assim, elucida-se, por intermédio das falas das participantes dessa pesquisa, o processo vivido por elas, subdividindo ideias, tentativas e ações pós a realização da tentativa. Também se apresenta os relatos de tentativas de suicídio das parceiras das participantes, evidenciando que a pesquisa se refere a um contingente ainda maior do que evidenciado estatisticamente.

4.2.2.1 Ideações, sentimentos e planos suicidas

Compreendendo-se o suicídio como um ato social e cultural existente no dinamismo entre aspectos de ordem individuais e sociais, públicos e privados, deixa-se de lado a ideia de que tal processo seja algo incompreensível e, assustadoramente, inevitável. Assim, trabalha-se com a ação de se demonstrar como o suicídio se articulava enquanto uma ordem comunicativa e constitutiva de uma discursividade.

Portanto, aqui consideramos o suicídio como um ato comunicativo e constitutivo, inserido nas tramas sociais e decididamente cultural. O suicídio de pessoas LGBTQIA+ comunica, dentre tantas coisas, que ainda é difícil estar vivo quando sua orientação sexual (orientação do desejo afetivo-sexual – ou a falta dele) e sua identidade de gênero são postas a prova o tempo todo na sociedade. (NAFAGUCHI; ADORNO, 2016. p.25)

Por essa questão, torna-se importante elucidar, nos discursos das participantes, o que teria sido o início da processualidade suicida, correspondente à

formação das ideias/pensamentos sobre suicídio, bem como dos planos para a realização de tal ato.

VA: (...) Eu, especialmente, quando eu vi a pesquisa eu pensei (+) “vou participar, mas eu acho que (+) pela minha cabeça nunca passou essa coisa do suicídio por conta de(+) da sexualidade tal. Apesar que é uma coisa que paralisa, e:: de:: de você às vezes (+) eu mesmo, me encontrei assim, em vários momentos de (+) “eu não tenho saída! Não tenho coragem de contar para ninguém, e não tenho coragem também de não ser aquilo que eu sinto. E agora?” Eu (+) eu tive algumas crises de pânico, que assim, eu não sei explicar até hoje. Por conta disso. Eu tive meio que:: sabe (+) parece que é o fim da linha algumas vezes. E é uma coisa que me paralisou muitas vezes assim. Mesmo de não saber o que estava acontecendo. É uma coisa tão delicada assim que é aos poucos que você vai (+) sabendo o que está acontecendo com você ali. (...) Então (+) eu acho que (+) é difícil. Você já tem que lidar com você e depois com a família, depois com a sociedade (+) ah:: é muito/ ((silêncio prolongado)) (...) Eu não cheguei a tentar nada. Eu acho que foi mais, mais (+) sentimentos que ficaram para mim mesmo. É a ideia de ficar bloqueada, tipo “e agora o que é que eu faço? Eu não tenho saída.” “Talvez (+) não seria a melhor alternativa?” (+) Nossa, isso até hoje. Sabe? De:: pensar desse modo (+). “Eu não tenho mais para onde ir, correr”. E ficar nisso de, de ficar só em você e ninguém mais saber. (+) É, então, como eu ainda tenho essa dificuldade até hoje, de, de me posicionar, de me posicionar enquanto lésbica mesmo, porque as pessoas fazem (+) até as pessoas que a gente se relaciona mesmo, a gente vai apontando as coisas e as pessoas “botam” em dúvida se a gente realmente é. (+) Então a coisa fica assim, no ar, sempre. (+) “Será que eu realmente eu sou?”, “Será que tudo isso é realmente real?”, e:: não é uma coisa que chega num exato momento e pronto, você está bem resolvida e você não vai sofrer mais. Sempre tem umas coisas que vão acontecendo.(...) É um desespero assim, que dá. Eu já ca/ (+) cheguei também a me machucar, mas eu sou uma pessoa que eu nunca sentia muito a dor, então (+), assim, às vezes você se pega você mesma se socando, sabe? De (+) uma dor assim tão grande, é um:: sentimento assim de (+) de que você parece que vai explodir (+) com aquilo. E de alguma forma é:: você tem que aliviar aquela, aquela dor que você tem. Para mim sempre foi assim. Eu sempre cheguei no fundo do poço para ficar aliviada depois, assim. E eu fico pensando essas pessoas que conseguiram se suicidar, se elas não tivessem tentado tão profundamente não poderia no momento seguinte, no minuto seguinte, ela poderia (+) o alívio poderia chegar, sabe. Mas elas não tiveram a chance (+) de sentir esse alívio assim.

CA: Bem, digamos que eu não tentei o suicídio direto digamos assim, e:: tipo (+) eu acho que eu não tentei tirar a minha vida assim, de maneira convencional. Eu acho que sim, eu tentei me matar de outras formas. E:: eu sempre me senti num mar terrível assim. Quando eu procurei a terapia era para tratar (+) porque eu sempre me senti meio depressiva assim. E:: com, não sei, uma angústia, uma tristeza que me acompanhava desde criança assim. Embora, e:: contraditoriamente, sempre fui considerada uma criança sorridente e feliz. Então, isso sempre foi um dilema para mim. E:: a:: eu também tive muito problemas com (+) autonomia, protagonismo mesmo. Eu acho que tinha muito haver com uma forma de morte, que é a de você se anular pelos outros. Eu já tive uma fase em que eu era muito submissa. Que eu (+) fazia o que esperavam de mim. Eu era a “boa garota”, entendeu? Que correspondia a tudo, que era educada, que fazia o que era esperado, que era sensata, que era madura. Isso também era uma forma, é uma forma que eu vejo de (+) me matar(...) Pensei bastante, assim. E: eu cheguei a pegar um/ (+) mas eu nunca tive coragem de me matar, porque eu ficava pensando, tipo, nos outros assim, tipo, se eu pudesse morrer e

não deixar consequências né, seria de boa. Eu faria. Mas eu cheguei perto de me machucar assim. De pegar faca, de colocar perto do pulso. Essas coisas assim.

VI: Eu cheguei a: eu falei do processo de automutilação, foi bem pesado para mim. Eu tenho: não cheguei a ir para o hospital, e: mas: com o tempo foi aumentando a quantidade. E, tinha muito haver com a sensação de se sentir errada mesmo. Também não foi só o único motivo, mas eu me sentia bem errada. Até porque em relação a minha avó, coisas que eu ouço até hoje lá. Então eu sentia apropriada, me fez muito, muito me odiar assim. Meio que eu acabava, acabava reagindo dessa forma, e: foi bem complicado, porque: vira algo corriqueiro, começa a entrar em você aquilo.

JA: A ideia de suicídio teve início na adolescência, quando eu comecei a compreender o que eu sentia. Como eu fui criada num ambiente religioso protestante, eu tinha um conflito interior gigantesco, pois eu queria agradecer a Deus, mas ao mesmo tempo, tinha os sentimentos e desejos os quais tal comunidade denominava como pecado ou, como eu ouvi semana passada por um membro, tendência pecaminosa. Então, durante a adolescência, enquanto eu seguia a religião, tinha ideias autodestrutivas, de morte. Outro fator era o olhar da minha mãe. Eu sentia a necessidade de não magoá-la. E esse olhar dela sobre a minha sexualidade causava vergonha de ser quem eu era. Depois as ofensas quando brigávamos. Ela fazia questão de me dar nomes pejorativos ligados à sexualidade. Por essas questões, sempre fui uma pessoa muito discreta, fechada. Isto é, eu nunca trouxe alguém em casa, para evitar conflitos. Também a questão da escuta, eu não tinha com quem falar sobre isto. Isso contribuiu para quadros depressivos durante a adolescência e uma certa revolta. Eu era muito agressiva, principalmente comigo mesma.

RA: (...) Foi na minha época de reclusão, teve uma época que eu fiquei mais limitada, que meus avós e minha mãe não me deixavam sair tanto de casa, aí então eu só ficava no meu quarto, só ficava no meu quarto escuro (+) na tela do computador, sabe. E nisso eu conversei com muita gente errada, tive contato com (+) muita informação que não era para a minha idade ainda. Eu mesmo buscava, sabe, formas de me matar, formas de me machucar e foi aí que eu comecei a me cortar por incentivo de outras pessoas da internet. Eu também já tinha essa vontade de me machucar, mas talvez o corte em si eu aprendi a fazer e (+) foi nessa época de reclusão, entendeu. Eu não tinha liberdade de ser quem realmente eu era. Eu ficava trancada num quarto porque eu não podia, eu não podia me expressar. Porque a minha condição sexual não era certa. E eu tinha que mudar isso, por tanto, era outra forma de punição. Eu não podia me relacionar com pessoas normais, porque eu era pervertida ((risos)) porque eu gostava de garotas. E eu fiquei naquele quarto e foi e: isso (+) me deixou vulnerável, entendeu. Eu estava muito sozinha com os meus pensamentos, ali. Eu tinha vergonha da minha família, e aí foi surgindo ideias na minha cabeça. Então, eu acho que assim, a tentativa de suicídio em si não foi por uma injúria que alguém me casou, não foi porque brigaram comigo diretamente pelo fato de eu ser lésbica. Mas, o fato de eu ser lésbica me fez ficar dentro de casa, me fez ficar presa naquele quarto escuro, olhando para uma tela de computador e tendo ideias erradas até chegar a conclusão de que eu não queria mais viver.

NA: Eu acho que é (+) a reclusão ela acaba sendo presente tanto na história da RA quanto na minha, tanto da TE, da JA, né. Porque a gente acaba se isolando e como a gente não tem acolhimento, a gente vai se isolando, se isolando, e só sobra você e aquele pensamento repetitivo de que (+) "eu estou errada, eu não pertencço a ISSO DAQUI! Eu, eu, eu não

mereço estar aqui, porque eu sou diferente. E esse diferente é muito errado.” A Ra comentando me fez refletir o quanto eu me isolei. (...)

As falas referenciadas à processualidade suicida das participantes demonstram, mediante os dados inseridos neste estudo, como a reclusão, a solidão e a falta de apoio alicerçado pelas manifestações lesbofóbicas caracterizam uma predisposição para o desenvolvimento processual ao suicídio. Isto por intermédio da disposição aos pensamentos suicida, promovendo o contato com meios letais que possibilitariam a construção do plano suicida e eventual realização do ato suicida.

4.2.2.2 Tentativas de suicídio (das participantes e ex-parceiras)

A escolha por retratar neste espaço as tentativas de suicídio refere-se à tentativa de escuta de vozes que poderiam ter sido caladas. Optou-se em transcrever as falas sobre as tentativas de ex-companheiras também para evidenciar a gravidade do assunto, ressaltando a ocorrência de muitos outros casos, além dos relatados aqui e nas pesquisas consultadas. O momento da fala desses discursos foi, sem dúvidas, marcado pela emotividade das participantes. Falas entrecortadas pelo choro, por resquícios de raiva, medo e angústia. Período vivido, em todos os casos, solitariamente, no qual a iminência da morte, por um instante, representou um momento de paz. Nota-se como a formação subjetiva, calcada na ocultação de si e em aprisionamentos dos desejos, silencia a fala, desvaloriza o sofrimento daquelas que, destoantes da cis-heteronormatividade, são ofertadas à sorte de que o método, escolhido para findar a própria vida, falhe.

VA: (...) eu namorei uma pessoa que já tentou algumas vezes (+) o suicídio,. E em uma delas ela me ligou pedindo pelo amor de deus pra:: para eu tentar ajudar porque precisava de uma ajuda para não fazer aquilo, sabe. Para não pegar e:: É angustiante, assim. Foi, acho que (+) um dos momentos mais difíceis, assim, da minha vida. (+) Você estar no telefone com uma pessoa que está bem longe e a pessoa estar pedindo “pelo amor de deus” para você tentar ajudar de alguma forma a ela não se matar. Para ela não tirar a própria vida. ((choro)) É muito angustiante (+) você estar conversando com uma pessoa e ela falar “eu estou me cortando aqui”.

VI: Eu já passei por isso também, com uma pessoa que eu me relacionei. E ela me ligou/ ela tomava uns remédios controlados, e ela me ligou depois de tomar (+) e no começo ela estava falando (+) tranquila, mas numa (+) não despedida, porque ela não queria que soasse como, mas estava, sabe. E:: falando coisas bonitas e tudo mais. E aí a voz começou a ficar grogue (+) foi/ e eu tive/ (+) eu morava longe também, eu tive que ligar para um amigo que morava perto e foi uma correria. Foi parar no hospital. E fez lavagem. E:: até hoje eu não consigo não falar dessa pessoa. Depois de tudo o que aconteceu. Tipo, eu nem falo muito sobre isso, porque foi um choque sabe.

Tipo, total, total. E:: deu tudo certo, e:: nós não estávamos mais juntas, então eu não pude participar de todas as coisas depois, porque não era mais (+) sabe. E:: mesmo assim, não sei explicar, você sente que (+) aquela pessoa (+) é muito complicado pensar nisso sabe. E se eu ajudei, espero que de alguma forma. É muito ruim, e muito complicado. E nem sei falar direito, mas eu imagino como foi isso ((se dirigindo a VA)). Bem chato.

TE: Então,(+) é que é muito complicado quando você percebe que realmente tudo aquilo que você vivenciou foi por conta, não só do preconceito, mas muito diz respeito ao preconceito. A minha primeira tentativa de suicídio foi com quatorze anos. É (+) e foi muito punk mesmo. Eu passei um dia e meio desacordada no meu quarto, minha mãe não me procurou, nem os meus pais, porque a gente tinha brigado alguns dias antes, porque eu tinha me assumido há um tempo antes. Então era um castigo. Eu fiquei no meu quarto. Eu tomei (+) acho que nem sei o quanto de calmantes, entre tantos outros remédios. E:: eu fiquei no meu quarto um dia e meio, depois disso eu voltei. Eu não sei como, mas eu acordei. E fui tentar sair do meu quarto. E eu cai e bati a cabeça. Foi aí que a minha mãe viu, que eu não estava legal. Mas em momento algum eles me questionaram o porquê eu fiz aquilo. Isso até hoje a gente não conversou a respeito. Né. Mas foi basicamente em meio a uma discussão, (+) foi aquele estopim. (...)

SA: Quando eu era menor e ia aos encontros na igreja, os pregadores diziam que era melhor que quem sentisse sentimentos homossexuais se matassem. Isso porque na bíblia há uma parte onde se diz que antes que sua mão ou seus olhos te façam pecar é melhor tirar eles. Assim, tipo, se sua vida era sentir, (+) ser homossexual o melhor era se jogar fora. Se matar. E foi assim que aos treze anos, eu eu pensei em suicídio pela primeira vez. (+) Eu organizei na minha cabeça o que, o que eu faria... estava decidida. Deitei na cama e só pensava que isso era o melhor que eu poderia fazer por mim e pela minha família. Mas adormeci e quando acordei a ideia tinha se tornado distante. Mas sabe, eu realmente pensei no que iria fazer, e não fiz por que não sei. Mas assim, a religião não me ajudou nesse período nenhum pouco.

NA: (...) quando eu tentei o suicídio pela primeira vez é porque eu já não aguentava mais essa pressão de ter que ser algo que eu não era. Sabe, eu me expus a relacionamentos com homens que para mim foi super agressivo. E (++) , eu lembro assim, que eu tomei diversos tipos de remédio, na minha primeira tentativa de suicídio, que foi a mais grave. E eu desmaiei, eu fui para o hospital e aí fizeram lavagem estomacal, eu fiquei em coma (+) e eu acordei assim, no meio da UTI, de madrugada sem entender direito, e no outro dia eu não quis ficar lá. Porque eu não queria que as pessoas me olhassem e me julgassem. E aí eu me senti ainda mais FRACASSADA por eu ainda não conseguir MORRER. Porque eu era tão inútil que nem morrer eu não conseguia. Então, eu comecei um ciclo de uso drogas, de vários outros tipos de tentativas (+) de suicídio e episódios muito complicados para mim. E eu não tive apoio familiar. ((choro)) Nesse aspecto a minha mãe foi assim, uma bosta.

JA: (...) na fase adulta, tive um episódio quase trágico de tentativa de suicídio, quando eu estava em intercâmbio. Além de todas as questões prévias que levaram a essa escolha, outro fator foi determinante: eu havia ligado para minha mãe de noite, para falar sobre a situação em que estava e também o término de um relacionamento e ela não quis falar sobre a questão. Eu tomei comprimidos e fui parar no Hospital Universitário e fiquei lá a noite toda. Passei pela observação e depois por um psiquiatra.

4.2.2.3 Tratamento pós-tentativa

A chegada aos setores de atendimento hospitalar pós realização de suicídios ainda é marcada pela ausência de cuidados específicos com as pessoas que tentaram tal ato. Os estudos consultados sobre essa temática corroboram com informações a respeito da ausência do acolhimento humanizado, caracterizando-se pressupostos morais reverberados em falas e atitudes que, além de não promover nenhum auxílio, agridem de forma cruel aqueles que realizam a tentativa de se matar. (VIDAL; GONTIJO, 2013)

NA: (...) eu acordei de madrugada, eu estava na UTI. E era uma época em que todo mundo tinha MP3 e ficavam passando aquelas merdas de toquinhos de celular e as enfermeiras estavam na UTI uma passando para a outra. (+) E ai, eu acordei com o barulho daqueles toquinhos de celular e, eu acordei e sentei. Quando, quando elas me viram, elas gritaram e eu gritei junto, e eu não estava conseguindo entender. E elas foram bastante ríspidas, e ai me deram de novo um (+) algo para dormir (...) Quando eu descii para o quarto, a enfermeira não falou nada, só pegou a minha veia, eu lembro que quando a gente desceu da UTI pro quarto o:: enfermeiro que me levou na cama, ele fez questão de dar viradas bruscas sabe. É (+) para mim, a impressão que eu tinha é que tipo (+) eu devia ter morrido, mesmo. Sabe? Porque eles estavam muito putos.

RA: Eu também tive essa impressão quando eu fui. Eles meio que querem tentar punir a gente, por ter tentado suicídio (+) para você aprender.

NA: É, exatamente. Para aprender a se fuder (+) Ai, me colocaram num quarto que uma mulher estava morrendo e essa mulher morreu enquanto eu estava no quarto. Ai eu fiquei mais puta ainda, porque eles falavam assim para mim (+) "nossa, você que está viva quer morrer e ela que estava viva morreu", (+) sabe, umas coisas assim(...) mas, foi uma bosta. Não é um atendimento humanitário, eles atendem como se tipo, (+) "olha, a gente trabalha para manter vidas e você está aqui tentando morrer. E está usando recurso, usando tempo e você tem mais é que se fuder. Então a gente vai te tratar mal, e vai ser agressivo". (+) Então assim, não é acolhedor. E::se eu tentar o suicídio mais uma vez na vida de novo, a ultima coisa que eu quero ir é para o hospital. Porque o atendimento é péssimo

JA: Me puniram colocando na ala dos que estavam entre a vida e a morte: eu lembro dos aparelhos de medição cardíaca ao lado das camas, ou dos aparelhos respiratórios. Era uma ala enorme e parcialmente escura. A ética profissional das enfermeiras não existia.

RA: Sim, quando eles foram tirar os remédios do meu estômago, né, com aquele tubo, eu estava inconsciente. Eu lembro que eu acordei na hora em que eles estavam enfiando assim, eu senti tipo, uma certa agressividade. Ai eu pergun(/) dei tipo um gemido, tipo, (+) "para" (+), porque estava doendo, estava entrando, e ele pegou e continuou. Ai depois colocou eu estava (+) acordando, eu acho que eu acordei com o susto, com um negócio bruscamente entrando no meu nariz. E ai ele pegou e falou assim é (+) fez algum comentário referente a eu não tentar cometer suicídio se não eu ia ter que passar por esse tipo de situação de ter que provar de experiências com esses equipamentos invadindo o meu organismo. E (+)

depois me cercaram de enfermeiras, todas dizendo conselhos sobre (+) Deus, falando, comparando a minha vida a vida de pessoas que estão muito piores do que eu, e que eu não tinha motivos para tentar cometer, que eu não tinha motivo para tentar o suicídio. Eles fazem muito esse comparativo né, tipo assim, (+) “ah, fulano tá pior, olhe ao seu redor tem gente lutando para viver, e você querendo morrer”. (+) E o que é muito errado. Porque, tipo assim, eles são profissionais da saúde, eles têm toda uma (+) grade, um protocolo, sabe de contratar esses caras assim. Não pode descredibilizar uma doença mental, entende. Não é só, não existe só doença física, então eu acho que é um pouco desonesto você fazer essa comparação de alguém que está morrendo assim, de alguma mazela física com alguém que tem transtorno psicológico e está passando por um episódio extremamente difícil. E quer simplesmente sumir, é acolhida, realmente. Eles não tratam nenhum pouco bem.(...)

NA: E (+) é:: muito complicado as relações nesse período porque as pessoas não respeitam a:: dor do outro. Sabe. E hoje em dia é(+) eu vejo assim, que as pessoas tem uma mentalidade só em setembro, no setembro amarelo, por qualquer outra coisa. Porque se eu estou mal, eu sou tóxica. Eu estou acabando com a “vibe” de todo mundo.

Tendo-se a transcrição das falas das participantes da pesquisa, pode-se compreender o estabelecimento de um falso problema. Para além de notar-se a dificuldade em se lidar com o processo suicida ainda cercado de interditos e ocultamentos, em relação às jovens lésbicas encontram-se a invisibilidade e despreparo profissional para o cuidado preventivo e posventivo²⁵.

O que se apontam nos principais estudos e manuais relativos ao comportamento suicida (BOTEGA, 2015) é que ser jovem e pertencer à população LGBTQIA+ se constituiria enquanto fator de risco para suicídio. Logo, a solução proposta, segundo esta problemática, e a de que tais pessoas recebessem alguma forma de intervenção protetiva que possibilitasse a resistência ao desenvolvimento do ato suicida. Aqui o problema, mesmo que implícito, se concentra no fato de se pertencer à comunidade LGBTQIA+, ser sujeito dela. Assim, as soluções para essa problemática se basearão, principalmente, em medidas voltadas as especificidades das pessoas LGBTQIA+ isolando-as e calcando a essência do comportamento suicida na organicidade de seus corpos.

Contudo, diante dos relatos das vivências das participantes desse estudo frente à problemática do suicídio, observam-se as manifestações de lesbofobias

²⁵ O termo posvenção foi cunhado pelo psicólogo clínico estadunidense, Edwin Shneidman (1960). Entendendo que tal ação corresponde às atividades por/com/para as pessoas que passaram pela dinamicidade suicida, seja por ter alguém próximo que tenha tentado ou se suicidado, ou ainda, por ser sobrevivente de uma tentativa de suicídio. Tendo-se em vista a recuperação e prevenção a efeitos adversos, tais como o próprio comportamento suicida, as ações posventivas costumam se subdividir em apoio individual ou grupal, atividades de conscientização da dinamicidade suicida. (SCAVACINI, 2018)

atreladas consubstancialmente, mas estas não aparecem como fator de risco em nenhum dos manuais citados. Assim, entende-se que a questão promotora desse risco não é o fato de serem lésbicas, visto que muitas lésbicas não pensam ou tentam suicídio, mas sim o grau, a frequência, e os modos que sofrem a lesbofobia. Ou seja, o problema que vem sendo trabalhado até agora do relacionamento entre suicídios de pessoas LGBTQIA+ é falso, desse modo, as soluções propostas se mostrarão ineficazes para o combate do processo suicida em questão.

Como pontua Deleuze (1999) em seu livro sobre o método analítico intuitivo bergsoniano, a colocação de falsos problemas acarreta a não resolução das problemáticas.

Com efeito, cometemos o erro de acreditar que o verdadeiro e o falso concernem somente às soluções, que eles começam apenas com as soluções. Esse preconceito é social (pois a sociedade, e a linguagem que dela transmite as palavras de ordem, "dão"-nos problemas totalmente feitos, como que saídos de "cartões administrativos da cidade", e nos obrigam a "resolvê-los", deixando-nos uma delgada margem de liberdade). Mais ainda, o preconceito é infantil e escolar, pois o professor é quem "dá" os problemas, cabendo ao aluno a tarefa de descobrir-lhes a solução. Desse modo, somos mantidos numa espécie de escravidão. Já a verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas: esse poder, "semidivino", implica tanto o esvaecimento de falsos problemas quanto o surgimento criador de verdadeiros. "A verdade é que se trata, em filosofia e mesmo alhures, de encontrar o problema e, por conseguinte, de colocá-lo, mais ainda do que resolvê-lo. Com efeito, um problema especulativo é resolvido desde que bem colocado. (DELEUZE, 1999. p. 8-9)

Assim, enquanto a pergunta se dirigir exclusivamente ao fato de alguém ser lésbica, sofrer *bullyng*, ou derivados, a problemática suicida que atinge essas pessoas continuará intocada. Primeiramente, essencializar a questão do suicídio em uma ou outra população, e não na relação da sociedade que instaura as formas de LGBTQIA+fobias e que por consequência, serão internalizadas, não proporciona a discussão necessária para medidas efetivas de prevenção ao comportamento suicida. Em seguida, não nomear aquilo que atinge as pessoas apenas as alocam em um não lugar do sofrimento, apagando-as política e existencialmente.

Não basta cotar o *bullyng* com fator de risco, dizer que alguém sofre *bullyng*, em termos descritivos, a que tipo de discriminação/preconceito/fobia ele se refere? Será que a generalização promovida pelo uso exacerbado da temática do *bullyng* não seria aquilo que nomeadamente denomina-se de falso problema, uma vez que ele proporciona um apagamento político de questões emblemáticas nas relações inter e intrapessoais, tais como a própria LGBTQIA+fobia, racismo, sexismo,

xenofobia, gordofobia e etc? Resolver o *bullying* nas escolas, nas organizações, nas famílias, e nas próprias pessoas faria algum sentido se não houvesse um termo muito utilizado quando se fala nessa problemática, a resiliência?

Até mesmo a resiliência calca-se numa adaptação e superação da dor, recordando que tal termo é oriundo da capacidade física de resistir à determinada pressão sem cindir, ou se romper. É isso que efetivamente deve-se promover às pessoas, principalmente as LGBTQIA+? Resistir às formas LGBTQIA+fóbicas sem adoecer, ou realizar o suicídio, isso, obviamente, sem questionar a cis-heteronormatividade? Logo, pode-se observar a falácia dessa problemática, que não toca o foco central da discussão desenvolvida neste estudo que demonstra a necessidade do combate a lesbofobia social e internalizada, uma vez que elas se instauram como fatores de risco, e não o fato de alguém ser lésbica.

Com isso, dando continuidade a este pensamento crítico, serão alocadas, a seguir, as estratégias assumidas e compartilhadas pelas participantes desse estudo relativas à dinâmica que cada uma vivenciou em suas vidas. Assim como as reverberações ocasionadas pelo desenvolvimento de medidas oriundas desse trabalho, tanto em âmbito acadêmico quanto nos demais setores sociais.

5. COMPOSIÇÕES “IN-FINAIS”: A VOZ DOS ENCONTROS TECENDO RESISTÊNCIAS

A relação entre a lesbofobia social e o comportamento suicida nas pessoas que compuseram a pesquisa é atravessada por um processo de autoaceitação (UGALDE, 2018) carregado de regras, discursos e experiências concretas de estigmatização e discriminação social. Diante das falas aqui transcritas, foram descritas situações vinculadas ao estabelecimento da lesbofobia internalizada, promotora de sofrimento, relatos de questões psíquicas, invisibilidade das lesbianidades, autoagressões e isolamento.

Essa internalização é explicada por intermédio do processo de invisibilização e silenciamento social, composta enquanto resultado de uma estrutura societária patriarcal, classista, racista e cis-heteronormativa. Os mecanismos de controle referentes à sexualidade buscam adequar os modos de relacionamento às diretrizes cis-heteronormativas, excluindo toda a diversidade existente nas manifestações de afeto, desejo e experiências de si que destoem do estipulado e normatizado como legítimos. Assim, as discursividades acompanhadas durante a realização dos grupos focais evidenciaram como as participantes foram marcadas por mensagens negativas sobre suas lesbianidades, tendo como principal consequência o silenciamento e invisibilidade do que são.

A lesbofobia traz em seu arcabouço a intersecção de, ao menos, dois dos diversos marcadores de diferença: gênero e orientação sexual. Por um lado, sofrem opressão por serem mulheres, e por outro, recebem represálias por não expressarem a orientação heterossexual. Contudo, reafirma-se a urgência em se trabalhar com a interseccionalidade dos demais marcadores sociais, tal como salienta uma das participantes.

CA: Você já é silenciada por ser mulher. Imagina ser mulher e lésbica? Até da para pensar, é diferente, mas dá para pensar. A dupla discriminação da mulher negra. Por exemplo. E se a mulher negra for lésbica (+), é treta.

Com esta fala fica demonstrado como suas vidas incluem muitas outras questões como o racismo, o classismo, corporalidades entre outros. Esses fatores que compõe suas inserções sociais complexificam e marginalizam seus discursos, uma vez que são estruturadas lógicas sistemáticas para o silenciamento das falas estabelecidas como subalternizadas.

Desse modo, os reflexos apresentados nas falas aqui transcritas revelam como o processo de silenciamento e invisibilidade presentes nas vidas das participantes fundamenta a coisificação de seus desejos, sendo direcionada à satisfação de fetiches masculinos associados ao ato de observar a relação entre duas mulheres. Como resultado, o preço a ser pago por não seguir as diretrizes sociais cis-heteronormativas é o recebimento da credencial de “menos cidadãs”, perdendo direitos básicos destinados ao provimento da segurança, da saúde, do acesso ao mercado de trabalho e até mesmo do direito à vida. Passam a ser consideradas “menos humanas”. Negar essa conclusão é novamente alocar as lesbianidades em recônditos discursivos que, em muitas ocasiões, encontram a dinamicidade suicida como denúncia da falta de espaço, espaço para ser, para amar, para viver.

Os relatos das participantes se cruzam, se complementam, se intercalam, produzem intervenções, digressões e refrações uma nas outras e isso proporcionou uma abordagem extremamente rica e plural. Assim, buscou-se descrever como os grupos focais se constituíram em uma importante técnica metodológica para a pesquisa qualitativa referente aos estudos de gêneros/sexualidades e, em específico, nas práticas de intervenção em psicologia como espaço de trocas entre as participantes possibilitando uma forma de ligação e apoio entre elas. Confirmando, desta forma, como a fomentação de redes de suporte e diálogo, bem como a inserção desta pauta em agendas políticas, tornam-se potentes fatores de proteção contra o comportamento suicida.

VA: Esses encontros foram bem fortes para mim. Sabe, depois que você chega em casa e você para pra pensar:: nossa muito. Da última vez eu fiquei escutando a VI e cheguei em casa e pensei. No primeiro dia eu escutei a CA e eu também fiquei “meu deus, como assim?” E, nossa (+) foi bem importante. De repensar muita coisa que fica meio que reprimido. Do tipo, “eu não quero sentir”, “eu não vou mexer muito”. E tipo assim, esses encontros mexeram muito em coisas que eu achava melhor deixar quieto. Então, foi uma forma de terapia para mim, de terapia em grupo. Porque esses temas assim são tão delicados. E você trata com muita delicadeza e isso é muito importante. É um pouco difícil, não é fácil chegar e tratar dessas coisas é bem difícil. Tanto que no primeiro eu nem conseguia falar, eu só chorei. Porque é muito forte. Mas, é importante ser discutido, colocar coisas para fora. E saber de coisas que a gente não sabia também. Tantas dicas e tudo o mais. Então, não foi fácil, não foi fácil mesmo participar. Mas me trouxe outras visões de várias coisas. Eu quero ver o resultado depois. Fazer de tudo até para vim ver a sua apresentação. ((risos))

VI: Para mim também foi bem importante. Eu até comentei com umas pessoas que “meu, eu estou participando de um negócio::” e é muito bom conhecer novas pessoas. Porque realmente eu tive a descoberta muito

nova. E assim, às vezes isso está tão dentro de algumas pessoas que o quão difícil é chegar lá e o quanto a sociedade pressiona a gente para um monte de coisas que é um costume(...) Porque você pensa muito, você pensa coisas que assim, eu não falava com as pessoas, porque eu acho que, não é que elas não entenderiam, mas que eu nunca disse que eu sentia vergonha da palavra. São coisas que você só pensa quando você está sozinha. E pensar isso com outras pessoas que passaram por isso é diferente sabe. Porque eu não conhecia muitas meninas também, e aí você não tem como falar essas coisas pequenas, sabe? Que não cabe. As pessoas não passaram por isso. Aí ver que você não (+) que é um processo pra todo mundo. E:: Às vezes ainda está acontecendo coisas. Ou coisas que acontecem e anos depois que você se lembra de sofrer preconceito na rua. Às vezes eu penso “meu você vai ter que passar por tanta coisa ainda”. E aí você vê que é normal. Que você ainda vai resistir muito. Que isso é só o começo. Mas que (+) é bom não estar sozinha. É muito importante.

CA: Eu acho que eu compartilho dessa coisa de que foi terapêutico, porque eu acho que houve fala e houve troca. Então é muito terapêutico assim. É interessante ver as diversas formas dos processos de cada uma, tipo, que somos lésbicas, mas:: são lesbianidades né. Isso é bem bacana assim. E também localizar o espaço que a gente está. Porque são coisas que a gente já conversou assim

VI: E eu já quando conheço alguma lésbica já penso “ai, ela deve ter passado por tanta coisa” (+) ((risos)) E aí eu acho que a gente deveria conversar sobre essas coisas, porque esse espaço não existe. Por isso que eu gostei daqui. Espaço para falar sobre isso, sabe? Porque, é:: aí eu gostei disso, de poder falar, sabe. Foi importante para mim. De verdade, foi muito importante.

CA: No meu caso, por exemplo, eu não conhecia muitas meninas, e foi legal conhecer, e com certeza, ainda que não estreite a nossa amizade cria uma referência. Apoio, se precisar de alguma ajuda. E já tem um carinho, porque compartilhamos coisas importantes. Então, eu acho que de uma maneira ou de outra a rede se faz, e isso é muito bacana.

Com isso, a importância desses relatos está relacionada à formação de um resgate discursivo das lesbianidades, e que como aponta Curiel, realizam a (re)constituição de uma historicidade lésbica.

[...] las lesbianas han sido desprovistas de una existencia, primero, porque se las ubica en el mismo plano de la homosexualidad masculina, borrándose así la realidad femenina; segundo, porque se les ha negado una comunidad femenina coherente al tener que compartir una especie de vida social y de causa común con los hombres homosexuales, sumado a que no han contado con privilegios económicos y culturales, igual que casi todas las mujeres. (CURIEL, 2013. p. 49-50)

O objetivo de descrever essas ressonâncias de apoio entre lésbicas, de modo geral, corrobora com o desejo de poder ver e senti-las vivendo a vida que amam e amando a vida que elas vivem. E assim, serão apresentadas as estratégias que as participantes dessa pesquisa utilizaram para estabelecer os alicerces e respaldos que as mantém nessa grande luta chamada vida. Aqui fica a homenagem ao espaço

de troca, fomento de ferramentas e discussões potentes realizadas pelas pessoas que acreditaram e compuseram esse estudo e elucidaram com suas vozes aquilo que entendiam por resistência.

PESQUISADORA: O que vocês entendem como resistência?

CA: Eu acho que é enfrentamento. Eu acho que é não se calar. É responder a opressão e se (+) se afirmar como um ser diferente. E explicar. É achar que a sua diferença tem o direito de existir e de ser respeitada (+) e, pelo menos, respeitada. Não. É os dois, existir e ser respeitada. ((risos))

VI: Eu acho que se autoafirmar é importante. Onde você estiver, quando você puder, sabe. Para mostrar que você tá ali e que assim, e que você está presente como isso(+), como, como um ser humano que também merece respeito como todo mundo que está ali. Se ficar isso para você acaba (+) deixando todo mundo passar por cima, e eu acho importante a autoafirmação também.

VA: Eu acho que, (+) acho que parece que quando eu penso em resistência me parece que é aquela coisa de permanecer, sabe. De não, (+) de não deixar se::, sei lá, de não quebrar, sabe, mas de se manter firme. Algo assim. (+)

CA: De continuar existindo.

VA Eu to aqui. E eu tenho este direito de estar aqui.

5.1 Como re-EXISTIR?

Diante das discursividades aqui descritas, observa-se que a noção compartilhada entre as participantes é de que seus lugares de representatividade, a todo o momento, passam por severos questionamentos referentes às vivências das lesbianidades. Com este fato, necessita-se problematizar como os processos de subjetividade formativos da concepção de mulher em nossa sociedade são moldados. Para isso, apontam-se algumas constatações elaboradas por Valeska Zanello (2018) que descreve, como organizadores da subjetividade feminina, os dispositivos amoroso e materno.

Nesta elucidação Zanello aponta que as mulheres se estruturariam mediante a ideia de serem escolhidas por um homem com quem formariam uma família, com filhas e filhos. Com esta ótica, se estabeleceriam o arcabouço subjetivo de um ser voltado para a manutenção e cuidado do espaço familiar. Contudo, para que essa prerrogativa se instaure Zanello (2018) expõe a existência de uma moral sexual que pressupõe o desenvolvimento naturalizado de um relacionamento de amor exclusivo entre mulheres e homens, e que, para sua legitimação e prestígio social, devem estar em uma relação conjugal monogâmica. Logo, configura-se a ideia de amor “válido” apenas o concebido entre pessoas cis-heterossexuais, o que aloca os

relacionamentos entre mulheres como relações de amigadas, desautorizadas e passíveis de reformulações e correções.

Entretanto, a noção de amizade, existente na esfera de mulheres heterossexuais, é concebida como algo a ser pensado.

Um desdobramento importante é que as mulheres se subjetivam na relação umas com as outras por meio da rivalidade. Se trata-se de 'ser escolhida', quero ser o objeto mais brilhante, mais reluzente, ou apagar o brilho alheio. A competição se faz aqui evidente. Ser escolhida é sempre um valor relacional, ou seja, produzido na comparação com outras mulheres disponíveis também nessa prateleira simbólica. Além disso, trata-se de dar a elas o que elas querem e precisam ouvir, e produzir a sensação de serem "escolhidas" ou diferentes das demais." (ZANELLO, 2018. p.89)

Com estas considerações torna-se interessante a processualidade ocorrida com os grupos focais desta pesquisa, tendo-se em vista que o relacionamento entre as participantes foi marcado por uma interação amistosa e potente para as discussões desenvolvidas. Notou-se que a troca entre elas se constitui como fonte de apoio e respaldo para as reflexões sobre as processualidades suicidas que cada uma havia enfrentado, e enfrenta. Uma demonstração dessa forma de ligação existente nesses grupos foi a formação de amigadas por redes sociais entre as participantes, bem como do compartilhamento de textos de autoria própria e de outros conteúdos por elas julgados como interessantes de serem partilhados.

CA: (...) Mas eu acho que passou da hora de a gente, de ter alguma coisa na universidade, de um grupo lésbico. Sei lá. Eu acho que essa pesquisa, embora fique no âmbito mais privado, com poucas pessoas, Mas eu acho que é muito importante. Nesse sentido assim. Da construção de redes. E de redes que tem suas particularidades. Que são sujeitos lésbicas. E, a::eu QUERO TER AMIGAS LÉSBICAS. ((risos)) Para trocar ideias. Eu quero, porque eu não tenho muito (...) Eu acho, quem sou eu para dar conselho para alguém, mas (+) não sei como eu poderia dizer isso, mas algo que me ajudou muito e que me ajuda ainda, mas que me ajudou muito a me fortalecer e que ainda preciso me fortalecer mais (+) é a troca. Conversar com outras pessoas. Claro, com quem eu sinta confiança, aceita. E que sabe que é seguro. Mas é trocar. Trocar com amigos, amigas, sabe (...) Porque eu acho que TUDO É CONSTRuíDO. TUDO. Até as resistências. E se a gente não exercitar isso, começar aonde é mais fácil, a gente nunca vai conseguir encarar a nossa auto-homofobia, homofobia externa(...)

Com isso, apesar das estruturas de uma formação subjetiva que coloca as mulheres umas contra as outras, pode-se depreender que as relações de amizade são de extrema importância para as lésbicas, tendo-se em vista a falta de apoio familiar e a necessidade de representação e trocas de experiências sobre a vivência de suas lesbianidades. Essa rede de pessoas amigas oferta estabilidade emocional,

parcerias, descobertas de sensações agradáveis e apoio financeiro em muitas ocasiões.

Por vezes alvo de rejeição, de objeção e de exclusão pelas respectivas famílias de origem, lésbicas e gays constroem e mantêm vidas que correm o seu curso fora do quadro da família nuclear heterossexual, estribando a sua segurança emocional e o seu quotidiano nos respectivos grupos de amigos. (ROSENEIL, 2006. p.37)

O relacionamento entre duas mulheres rompe com a centralidade da formação social que aloca o casal cis-heterossexual como coração da estrutura socialmente estabelecida de envolvimentos relacionais. Com isso, pensar em formas outras de se relacionar, homo, trans, inter ou não binariamente, rompe com as perspectivas históricas e sociais perpetradas de modo a fundamentar a ordem cis-heteronormativa.

As participantes relatam ter encontrado apoio para além dos laços consanguíneos, alocando nesse círculo uma forma de resistência para com as exclusões, silenciamentos e agressões sofridas cotidianamente. Nesse ínterim, pode-se observar que para as participantes do Haloa 1, a principal forma de resistência se mostrou na relação consigo próprias e com pessoas próximas. Também reafirmam a importância desse contato com outras lésbicas, como forma de união, representação e força. Como relatam, conhecer e estar entre lésbicas fomentam espaços de crescimento e trocas.

CA: (...) eu acho que eu vim de um inverno bem longo, consegui chegar no outono, mas assim, o outono está chegando ao fim. Eu vejo assim. Está caminhando, acho que eu to caminhando para a primavera. Assim, sabe. Porque, é:: ah, eu sinto que, assim, no momento que eu percebi isso assim, que eu precisava deixar algumas coisas morrerem, deixar as folhas caírem e tal, para outras coisas nascerem, é:: é:: eu acho que eu estou nesse momento assim, eu acho que o que precisava ser morto foi morto já. E:: eu acho que agora eu estou começando a florescer. Então eu acho que eu estou entrando na primavera. Eu sinto que eu renasci assim, e eu acho que eu não consigo não me expressar no meu corpo assim(...) Eu não conseguia estar perto das pessoas, não queria que as pessoas me vissem. E hoje eu estou na fase que eu estou começando a ter prazer de mostrar. De tipo, eu quero me mostrar assim, sabe. E:: não quero ter medo de, sei lá, no meu corpo trazer algumas características que me veja:: olha ela é lésbica. Ela parece lésbica, sapatão, assim sabe. Isso não me incomoda mais(...) Às vezes eu penso em falar com eles, eu estou me preparando para isso. Eu acho que é até por isso que eu tenho evitado voltar. Porque, tipo eu acho que eu estou entrando em uma fase que eu estou entendendo que eu tenho direito de existir. De me mostrar, assim. E eu ando me expondo, assim. E de certa forma pontuando coisas nas redes sociais (...) E agora eu estou nesse movimento de construir o orgulho, sabe? Eu não sei se/ Por exemplo, para sempre será algo que é:: importante para mim essa

questão da identidade. Mas nesse momento está sendo. E:: para mim é um trabalho pessoal, não só enquanto político (...)

Para Vilma, a força de um símbolo, calcado na bandeira do arco íris representou a existência de mais pessoas para quem e com quem compartilhar sua existência.

VI: Eu trouxe algo que é tão óbvio (+) eu trouxe a bandeira ((bandeira do movimento LGBT com as cores do arco Iris)) mas tem uma história. Vocês querem ver? Então, essa é a parte que eu me assumi. Demorou alguns anos para eu ir para a minha primeira parada, acho que foi em 2016. Nem faz muito tempo atrás. Que eu disse “dessa vez eu vou”. Porque tem aquela coisa assim que eu ouvia que “só era uma grande putaria” sabe, “um bando de gente sem camisa, se pegando” e tudo mais. Daí eu falei, meu, eu não vou só porque todo mundo está falando isso? Daí eu fui. E meu, foi uma alegria tão grande, tipo, para mim foi uma explosão, sabe. Foi uma explosão para mim. Eu olhava e falava “meu, você existe!” É muita gente na Paulista. Ai se via assim aquele corredor de gente, daí se fala, não eu vou comprar uma bandeira. (...) E assim, são poucas as coisas que me fazem lembrar do momento que eu vi a resistência ocorrendo. E que me deixou muito feliz. Muito feliz, e foi por isso que eu trouxe a bandeira (...) É forte. Ficar lá você fica. Você olha para o lado e não parece muito bem real. Parece um feriado, tipo (+) eu não sei. É esquisito mesmo esse sentimento no começo. Eu fui em duas. Fui no ano seguinte, no ano passado também, mas é muito diferente, você não espera aquilo. E é muita gente e você se pergunta “essas pessoas estão onde?” Você desacredita mesmo. Está todo mundo existindo, ninguém está perto de mim. Ninguém às vezes está, mas elas existem. ((risos))

Por fim, Valéria apresenta uma carta, emocionada, dizendo não conseguir expressar o que gostaria de falar. E, diante desse ato de coragem e de extrema entrega que a carta aqui será transcrita integralmente.

“É complicado expressar com palavras algo que me fez resistir e continuar a ter esperança na vida. Desde criança, por vários motivos, sempre achei que a morte seria uma saída de emergência no caso de não aguentar mais. Na adolescência comecei a achar que eu tinha sim o direito de viver e ninguém me tiraria essa vontade. Criei esperança na vida e até hoje o meu medo maior é perder essa esperança. Algumas vezes chego perto de perder, a angústia toma conta de QUASE tudo, mas quando chega perto de se completar, algo vem pra aliviar a dor, esse algo é a esperança de novo.

Coisas acontecem para me fazer ter ódio de mim mesma, de achar que a culpa é só minha por fazer o que faço e querer o meu pior, de querer o meu próprio fim. Mas sempre o mecanismo de sobrevivência aparece e me traz para a realidade de novo. Minha resistência vem da minha fé, de sempre buscar o alívio das dores, de não aceitar que tome conta de mim e lutar para que tudo não me vença. Algumas

vezes a dor de viver é quase insuportável, a ideia de que a morte é uma saída de emergência vem, mas a consciência chega logo em seguida e a vontade de tentar mais é maior.

Eu busco na espiritualidade, entender um pouco mais sobre a vida e os motivos do sofrimento. É minha busca também na psicologia, de não aceitar que a vida seja tão pouco, seja tão descartável. Mesmo às vezes eu achando que não, mas eu também tenho o direito de viver!”

Já as participantes do Haloa 2, o grupo realizado via Skype, decidiram por evidenciar como o espaço artístico da escrita se fundamentou como locus privilegiado para a fomentação de suas fontes e modos de re-existir. Neste espaço encontram-se transcritos os textos compostos como estratégias de expressão de suas resistências.

RA: Dar voz

*Tentando dar voz a desolação muda
Reivindicando minha fala em desalento
Construindo n'um nada, versos a miúra,
Dou forma e sentido a esse tormento*

*A realidade que não suporta demasiados anseios
Te da passe pra se embriagar de poesia
Adoçar a ilusão com uma dose de loucura
Antídoto eficaz pra se abster da agonia*

*Queria eu, não me contradizer a cada verdade
Sair do meu próprio plano de visão egoísta
Enxergar aos olhos de deus toda veracidade
Que por vezes temo, mas traz o anseio de uma utopia*

*Minha prosperidade soa como vingança ao mundo
Dou significado aos males controversos
Das dores que transgrediram à resistência
É dessa resistência que provem estes versos*

*Não me cômodo mais a paixões efêmeras
 A ambições que não são genuínas
 Minha absoluta pretensão nessa existência
 É me reinventar ao máximo em cada poesia [da vida]*

*Agora, sou muda
 Mas uma hora terei direito ao grito
 E meu silencio não será mais fala entupida
 Minha verdade é tão íntima, que agora, fugir de mim mesma
 É recorrer a mentira*

SA: Eu sei

Eu sei que na vida a gente não tem ninguém.

Eu sei que as pessoas se vão, que as estações são passageiras e que o escuro dura o tempo de uma noite.

Eu sei que o mundo não para de dar pancadas quando já machucou, sei que não preciso de aprovação alheia e que – escolha por escolha – é melhor o que me der na telha.

Eu sei que perco tempo com bobagens, que em momentos atuais não cabem antigas bagagens e que gente que traz o peso de um museu, não aproveita –como deve – a viagem.

Eu sei que às vezes exagero no desespero, que me escondo quando quero e que se a maré é ruim, passa! E, não tem problema, eu espero.

Eu sei que posso estar a perder coisas legais, que entre o que me chateia tem coisas que não importam mais e que nessa solidão de ideias, devo encontrar meu cais.

Eu sei sobre o que não deve me entristecer, sei às vezes sobre coisas que nem queria saber, sei quem sou e quem fui e também sei que o refúgio está em quem quero ser.

Eu sei que não estar nem aí já me rendeu vários tombos, que meus atos ridículos, causaram no intacto um rombo e que nesse caminhar cego e torpe, se chover obstáculo eu trombo.

Eu sei não porque alguém me ensinou, sei porque a circunstância mostrou, porque - sobre saber tudo sozinha - também sei que a doença e a cura são minhas.

Eu sei que a lágrima que me cai derruba também essa poesia, que a vida que me preenche anda mesmo um pouco vazia e que o caos aqui de dentro tende a ser o que eu queria.

Sei que o caminho que me trouxe é o mesmo que me deixa ir e que se houvesse a opção "sumir", minha escolha não seria outra.

Vendo assim parece que sei muito, tanto quanto esse nó que me interdita a garganta,

Vendo assim parece que o que propus como única solução adianta.

Mas é mentira é tudo inverdade, pensar que sei algo é só uma forma de fugir das responsabilidades:

De encontrar a solução,

De não pensar com o coração,

De não concluir de antemão,

E não dar asa pra vaidade(+)

Eu sei sobre concluir e considerar eu sei sobre quando respiro e sobre o VAcuo de estar sem ar.

E nessas águas de aparência calma, navegando nesse barco frágil eu sou o marinheiro que sabe, que sabe que o estrago do naufrágio não é de mar nem furacão, é caos cá dentro da cabeça, embolamento lá no coração.

JA:

Ventilador

Hoje estive pensando ao limpar o ventilador:

limpar o ventilador é um trabalho demorado e de detalhes.

Hoje estive pensando ao limpar o ventila-a-dor:

limpar o ventila-a-dor é um trabalho de amor dado e de talhe.

Neste último poema, a autora pede para explicar o significado de suas palavras, evidenciando como a escrita se tornou uma fonte de inspiração e trabalho sobre si mesma.

JA: Todo poema tem uma razão de ser e se me permite, gostaria de explicá-lo. É um jogo que faço com as palavras. O poema refere-se ((ao seu processo de)) análise(+) Aquilo que eu suponho ser uma análise: um paciente vai até o analista ou o terapeuta precavido pela Psicanálise com o ventilador repleto de sujeira, poeira guardada. Mas aqui ventilador não é só o inconsciente mental; penso-o como um veículo que proporciona vida, algo vital, cuja energia ultrapassa o aspecto mental: o ventilador é o coração, o aparelho que ventila a dor, onde mora o aspecto emocional, o centro energético do ser humano(+) A palavra detalhe permite-me fazer uma construção em outros sentidos: talhe pode ter muitos significados e aqui ele está se referindo ao verbo talhar e ao material com que o artista talhe a madeira, isto é, o instrumento para a elaboração da arte ((escultura)), que nesse caso, remete ao fazer artístico do poeta, que se utiliza da palavra ((matéria)) para criar uma forma ou dar forma. Talhe está vinculada palavras que se lapida: ventilador - ventil-a-dor(/) ventila-dor; detalhe - de talhe; demorado - de amor dado. Logo, a palavra é matéria das minhas duas paixões: a psicanálise e a literatura. Ambas tratam da vida em um aspecto íntimo e sutil: ambas dão energia e funcionam como um ventilador das nossas vivências, como uma resistência capaz de nos elevar a um lócus ((estado)) ou status ((estado)) além das nossas dores.

5.2 Reverberações da pesquisa

O intuito dessa escrita apresentou a necessidade de conscientização pública da temática do suicídio e as lesbianidades, evitando a formação de uma concordância infrutífera, na qual se aceita a necessidade de se fazer algo, mas de fato, nada é feito. (JUNQUEIRA, 2010) Como tática para a exposição desta pesquisa, promulgou-se a divulgação de locais de apoio, formas de intervenção e construção de possíveis estratégias de prevenção e cuidado à processualidade suicida na população de jovens lésbicas.

A tentativa de compor um estudo que transpassasse o meio acadêmico e atingisse a população alvo deste trabalho respaldou o arcabouço estratégico das medidas que foram tomadas para a transposição desse suposto lugar único de difusão de conhecimentos. Desde o início do projeto, subsidiado com a bolsa de mestrado fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, estruturou-se um caminho que percorresse a trajetória de possíveis devolutivas, não só para as participantes desta pesquisa, como para pessoas que estavam fora da universidade.

Esta programação envolveu o desenvolvimento de palestras, oficinas e minicursos diante da temática do suicídio e da população LGBTQIA+, evidenciando as diferenciações existentes entre as mulheres cis lésbicas. Os locais atingidos por

essas discussões abrangeram escolas estaduais, penitenciária, secretária de ensino do estado de São Paulo, rede de atenção psicossocial e grupos de apoio a pessoas enlutadas em uma cidade do interior de São Paulo. Já em âmbito internacional, este estudo, também com auxílio da bolsa de estágio e pesquisa no exterior (BEPE/FAPESP) foi uma potente colaboração para encontros e debates com grupos de apoio a população LGBTQIA+ da cidade de Coimbra e Lisboa, em Portugal (Associação ILGA- Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgênero de Portugal).

Por fim, ainda em meio às atividades acadêmicas este estudo produziu potentes discussões em congressos e eventos científicos, proporcionando questionamentos profícuos a respeito da processualidade suicida na juventude e manifestações lesbofóbicas, inclusive fora do país. Destaca-se a divulgação desta pesquisa em um evento²⁶ sobre a temática da cidadania LGBTQIA+ ao redor do mundo, promovida pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – PT, por intermédio do projeto INTIMATE – Cidadania, Cuidado e Escolha: A Micropolítica da Intimidade na Europa do Sul²⁷.

5.3 Estratégias de enfrentamento

Mediante tais ações foi possibilitada a estruturação de alguns tópicos que auxiliem nas falas sobre esta processualidade, salientando-se que estas devem ser realizadas de forma segura e precisa, sem sensacionalismos, generalizações e inexatidões. Ressaltando-se que muitas lésbicas que sofreram lesbofobia não adentram a processualidade suicida, sendo o suicídio um tema composto culturalmente como manifestação única, singular das pessoas que o realizam. Este alerta precisa ser evidenciado, principalmente em referência ao modo como a mídia, meios de comunicação e sites de relacionamento acabam noticiando os casos de pessoas LGBTQIA+ que realizam suicídio associando-as a um destino de infelicidades, depressões, e na qual a temática suicida torna-se presença certa.

²⁶ O evento referido teve por nome “FINAL CONFERENCE Queering Friendship | citizenship, care and choice” ocorrido no dia 17 de outubro de 2018 em Lisboa – PT. Nesta ocasião foi apresentado o *paper* “Haloa: The Discursive Relation Between Brazilian Lesbians in Face of the Suicidal Problem”.

²⁷ Este projeto foi realizado no CES de 2014-2019, contava com nomes importantes de investigadoras e investigadores da Espanha, Itália e Portugal acerca dos relacionamentos entre a população LGBTQIA_ desses três países, tendo por arcabouço teórico os estudos pós-feministas e *queer*. O acesso aos dados acerca deste projeto estão disponíveis em <http://www.ces.uc.pt/intimate/index.php?id=10437&id_lingua=1&pag=10438> Acesso em 19 Fev 2018.

O grande perigo presente nesse modo de elucidar o processo suicida com pessoas LGBTQIA+, marcadamente entre lésbicas, é a sugestão que o suicídio seja a resposta natural a tais manifestações LGBTQIA+fóbicas, o que pode conduzir as pessoas que enfrentem o processo suicida a se verem representadas nas histórias que realizaram o suicídio. Assim, associam a possibilidade suicida como solução ou modo de enfretamento aos problemas enfrentados.

O acesso à taxa de suicídios no Brasil na população LGBTQI+, especificamente de lésbicas, é incipiente até 2015, devendo-se esta escassez de dados a ausência das características de orientação sexual e expressão de gênero nos registros oficiais, que só foram alocados no SINAN – Sistema de *informação* de Agravos de Notificação Individual. Após o emprego dessas informações pode-se ter uma dimensão, mesmo que minimizada, tendo-se a subnotificação dos casos de tentativas e suicídios, de como a população LGBTQI+ é atingida pelo processo suicida.

Há muitos fatores que se associam e ocasionam a construção do substrato propício ao desenvolvimento da processualidade suicida entre lésbicas, tais como em pessoas LGBTQIA+, ou seja, essa associação entre suicídio e lésbicas não se dá de modo natural e por si. Elas não tentam ou tentaram /realizam ou realizaram o suicídio por serem lésbicas, mas sim, por meio da construção de um arcabouço facilitador para a entrada na dinâmica suicida. Com isso, tem-se que uma das grandes manifestações que podem propiciar o desenvolvimento suicida são as formas de lesbofobias sofridas por jovens mulheres cis lésbicas.

Diante da interação com as participantes que passaram e passam pelo processo suicida, novamente destaca-se que não se deve unicamente apontar as lesbofobias como causa dos suicídios, mas receber tais manifestações pode contribuir para a composição de outros fatores de risco, como salientados pelas participantes desta pesquisa, sendo eles:

1. Isolamento social
2. Baixa apreciação e respeito por si (lesbofobia internalizada)
3. Abuso de substâncias nocivas à saúde
4. Desenvolvimento de quadros depressivos, ansiosos, e demais sofrimentos psíquicos.

Ressalta-se, em referência às falas aqui transcritas, que as manifestações lesbofóbicas podem assumir diversas formas e se apresentarem em diferentes planos relacionais, tais como:

1. No espaço intrafamiliar por meio do rechaço, expulsão de casa e ojeriza de parentes e pessoas próximas.

2. Círculo de pessoas amigas com as chamadas “brincadeiras de mau gosto”, piadinhas e demais situações desagradáveis.

3. Agressões verbais e físicas no ambiente educacional, profissional, cibernético e percursos em vias públicas.

4. Nas modulações de leis e normas públicas que fomentam a estigmatização, dificultando o acesso aos direitos sociais e a proteção contra atos lesbofóbicos.

5. Estigmatizações no acesso a saúde, educação e demais serviços públicos ou/e privados nos quais acabam recebendo tratamentos agressivos e ofensivos.

De modo geral, em relação à trajetória desta escrita, pode-se pensar em alguns pontos importantes para a discussão da temática referente ao suicídio entre jovens mulheres cis lésbicas, sendo eles:

1. A necessidade de se enfatizar a responsabilidade individual e coletiva no apoio ao bem-estar, segurança e acolhimento das lesbianidades.

2. A urgência em se problematizar o vínculo existente entre saúde mental e risco ao suicídio, promovendo formas de acesso ao cuidado de profissionais qualificados para o trabalho com pessoas LGBTQIA+.

3. Promoção de debates relativos à valorização das vidas, estimando os diversos modos de existência, como estratégia de enfrentamento ao processo suicida.

4. Enfatizar a importância vital da resistência realizada pela busca de estratégias de apoio (grupos anti-lesbofóbicos, feministas, movimentos sociais pró-LGBTQIA+, acesso ao conhecimento da construção e desenvolvimento das manifestações lesbofóbicas, e etc...)

5. Identificação dos sinais de alerta aos comportamentos suicidas, uma vez que a maioria das pessoas que realizam o suicídio emitem sinais, tais como: autolesões, falas que retratem o desejo de morrer, sentimentos de desesperança, dores insuportáveis existenciais, isolamento, oscilações de humor e comportamento e pedidos pós-morte (cuide disso caso eu não esteja mais aqui... e etc.)

6. Oferecimento de informação e recomendações de recursos que auxiliem na intervenção e assistência às pessoas que estejam enfrentando a processualidade suicida.

7. Elucidar que o processo suicida é composto por diversos momentos, não se iniciando nem se encerrando apenas no ato suicida, e que não possuem uma causalidade única e nem somente uma única solução.

Com essas colocações, elencadas por intermédio da realização do estudo transcrito das falas de jovens mulheres cisgêneros lésbicas, possibilitam-se outros dizeres e processualidades referentes às manifestações lesbofóbicas e o desenvolvimento suicida. Buscou-se salientar as vozes ecoadas nestas páginas como símbolos de experiências, evidenciando a necessidade em se identificar os processos históricos que, por intermédio dos discursos cis-heteronormativos, posicionam as pessoas e produzem tais vivências.

Ressaltam-se, entretanto, as limitações deste estudo, principalmente atreladas a pouca variedade das pessoas que compuseram os grupos focais e ao pequeno número de participantes, fatos que foram evidenciados e problematizados durante a escrita. Contudo, deixa-se, neste momento, o apelo para a realização de mais pesquisas que busquem elucidar de modo plural e trabalhando melhor com as interseccionalidade, do que este efetivamente este estudo desenvolveu.

Por fim, luta-se neste espaço, para que as vozes bradem, e que seus roncos não sejam surdos, e retumbem em todos os cantos nos quais ainda existam silêncios gritando para serem ouvidos e transcritos em atos de resistência.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, A. **L lésbicas na TV: The L word**. São Paulo: Malagueta, 2010.

ARANTES, P. C. C; DEUSDARÁ, B. Grupo focal e prática de pesquisa em Análise do Discurso: metodologia em perspectiva dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 791-814, 2017.

ARAVENA, I. M. L. Construccion subjetiva de adolescentes y jovenes lesbianas y gays acerca del rol de la familia em sus procesos suicidas. Tesis para optar al grado de magister em Estudios Sistémicos Relacionales de la familia y la pareja. Universidad Alberto Hurtado. Santiago, Chile. 2016. Disponível em <http://repositorio.uahurtado.cl/bitstream/handle/11242/8237/MESFPLagazzi.pdf%3Fsquence%3D1%26isAllowed%3Dv&ved=2ahUKEwjA9KeUuvu7jAhWGGJLkGHaN3DowQFjAAegQIBRAB&usg=AOvVaw33uQwmlWu6VWckeOz68UqGG> Acesso em 6 Ago. 2019.

ARC. S. **As lésbicas: Mitos e verdades**. São Paulo: GLS, 2009.

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAÉRE, F. **O gênero no comportamento suicida: o sofrimento psíquico em dissidências sexuais**. (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, 2018.

BERTOLETE, J. M. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. O Uso dos Grupos Focais On-line Síncronos em Pesquisa Qualitativa. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 16, n. 3, p. 437 - 445, jul./set. 2011.

BORRILLO, D. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Autêntica Belo Horizonte. 2010.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, A. M. A gestão do segredo: homoerotismo feminino e relações familiares e de amizade. **Les on line**, Vol. 7, No 1, 2015.

BRASIL, **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas**.

Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

BRYAN, A.; MAYOCK, P. Supporting LGBT Lives? Complicating the suicide consensus in LGBT mental health research. **Sexualities**, 20(1–2), 65–85. 2017. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1363460716648099>> Acesso em 13 fev. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 7-60.

CÁCERES, C. F. et al. **Ser hombre en el Perú de Hoy: una mirada a la salud sexual desde la infidelidad, la violencia y a la homofobia**. Lima: Redess Jóvenes, 2002.

CARDOSO, G. T. **Comportamentos autolesivos e ideação suicida nos jovens**.

(Trabalho final do 6º ano médico com vista à atribuição do grau de mestre clínica geral) no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado Integrado em Medicina da Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/35146>> Acesso em 29 nov 2017.

CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio: estudos brasileiros**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1998.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas.** São Paulo: A Girafa. 2007.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da **Juventudes e sexualidades.** Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CLAUZARD, P. **Conversations sur l'homo(phobie). L'éducation comme rempart contre l'exclusion.** Paris: L'Harmattan, 2002.

CONDE, M. **O arco-íris de luto: homofobia internalizada e suicídio.** 2016. Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília, Brasília. – UniCEUB.

CRENSHAW, K. W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 171-188, 2002.

CURIEL, O. **La Nación Heterossexual: Análisis Del Discurso Jurídico Y El Régimen Heterossexual Desde La Antropología De La Dominación.** Bogotá: Édition Brecha Lésbica Y Em La Frontera, 2013.

DAMICO, J. Corpo a corpo com as jovens: Grupos focais e análise de discurso na pesquisa em educação física. In: **Movimento.** Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 35-67, 2006.

DA SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. Suicídio Ou Assassinato? Um Outro Crime Por Trás Da Prática Homofóbica. **Revista Gênero & Direito**, n. 2, 2014. p. 58-68.

DELEUZE, G. **Bergsonismo.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

DIAS, M. L. **Suicídio: testemunhos de adeus.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

ERIBON, D.; HABOURY, F. [orgs.] **Dictionnaire des cultures gay et lesbiennes**. Paris: Editions Larousse, 2003.

FALQUET, J. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista** v.6, n. 5, p. 8-31. 2012. Disponível em < <https://julesfalquet.files.wordpress.com/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>> Acesso em 2 de Jul. 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade. A vontade de saber**, vol.1. Rio de Janeiro: Graal,1988.

_____. **História da sexualidade III – O cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Ditos e escritos I: Problematizações do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

FRAZER, S. J. G. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FUKUMITSU, K. O. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 270-275, dez. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642014000300270&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 mar. 2017.

FUNDAÇÃO SEADE. Mortalidade por suicídio no estado de São Paulo. **Resenha de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo**, Ano 16 nº 3/Set.2016. Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/midia/2016/09/SeadeSPDemo-Suic%C3%ADdios.pdf>. Acesso em 13 mar. 2017.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS Editora 34, 2001, p. 31-50.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GGB. **Homicídios de LGBT no Brasil: Relatório 2018**. 2019. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>>. Acesso em 01 fev. 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. Vol4, n. 11. P. 11-25. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>> Acesso em 10 mar. 2017.

GRIJALVA, D. G **Mi cuerpo es um território político**. Brecha lesbica (Blog on line) 2012. Disponível em <https://brechalesbica.files.wordpress.com/2010/11/mi-cuerpo-es-un-territorio-polc3adtico77777-dorotea-gc3b3mez-grijalva.pdf&ved=2ahUKEwjX_eEtO7jAhV1GLkGHa4fACMQFjAOegQICBAB&usg+AOvVaw1URSnIWM97iwzdBAaVu1My&cshid=1565100283453> Acesso em 9 Ago. 2019.

IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev Esc Enf USP**, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.

IRIGARAY, H. A. R.; FREITAS, M. E. Sexualidades e organizações: estudo sobre lésbicas no ambiente de trabalho. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 59. Art. 3, p. 625-641. 2011.

JUNQUEIRA, R. D. “A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!”. Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. **Revista de Psicologia da UNESP**. v. 9, n. 1. 2010. p. 123-139.

HAAS, A. P. *et al.* Suicide and Suicide Risk in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Populations: Review and Recommendations, **Journal of Homosexuality**, v.58, n.1, p.10-51. 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1080/00918369.2011.534038>> Acesso em 10 Ago. 2019.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, UFRGS/IFCH, PPGAS, Porto Alegre, v. 4, n. 9, 1998, p. 103-17.

KINALSKI, D. D. F. et al . Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 70, n. 2, p. 424-429, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000200424&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 maio 2018.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAMONT, M. F. G. Homofobia y suicídio: 6 sesiones de intervención en crisis em juventudes homosexuales. **Revista Electrónica de Psicología Iztacala**. V.19, N.1, 2016.

LAU, H. D. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? não! a voz “delus”! **V Simpósio Internacional em educação sexual: saberes trans/versais currículos identitários e pluralidades de gênero**. Maringá, de 26 a 28 de abril de

2017. Disponível

em<<https://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf&ved=2ahUKEwiSoLLosNvjAhXaF7kGHUouB0AQFjAAegQIAHAB&usg=AOvVaw00JRys3RZ7b5GWUNp3-ah5>>

Acesso em 19 jul. 2019.

LIMA, M. M. **Entre elas: cartografias**. Dissertação de mestrado em Psicologia-UNESP. Assis, 2009.

LONGHINI, G. D. N. **Mãe (nem) sempre sabe: Existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

LOPES, F. H. Suicídio masculino ou feminino: as atribuições de gênero. In: **Anais ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. João Pessoa, 2003.

Disponível em: <http://anais.anpuh.org/?p=16411>. Acesso em 13 out. 2016.

_____. Do suicídio e dos corpos: Histórias e problematizações. In: PRIORE, M.D; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011. pp 251-282.

LÓPEZ, B. E. **Suicídio em Botucatu: um estudo descritivo dos casos ocorridos em 2009**. 2015. 113 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Medicina de Botucatu, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132108>>. Acesso em 18 nov. 2017.

LORDE, A. **Textos escolhidos de Audre Lorde. Zine Herética difusão lesbofeminista**. 2009. Disponível em:<<https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/AUDRE-LORDE-leitura.pdf>> Acesso 7 fev 2018.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOVISI, G. M. et al . Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. **Rev. Bras. Psiquiatria**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 86-93, Out. 2009. Disponível em: <[http:// www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462009000600007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462009000600007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 nov. 2017.

MACEDO, G. A. Pós-feminismo. **Estudos Feministas**, n.14, v.3. 2006. pp 813-817.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. material utilizado para obtenção do título de Livre-docência em Educação intitulada “**A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**”, pela Unesp de Marília. 2009. Disponível em http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista Acesso em 18 set. 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica, una revisión crítica. In: GREGOR, H. C. M. (Org.). **Estética y violencia: Necropolítica, militarización y vidas lloradas**. México: UNAMMUAC, 2012, p. 130-139.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986

MELLO-SANTOS, C de; BERTOLOTE, J. M.; WANG, Y. P. Epidemiology of suicide in Brazil (1980-2000): characterization of age and gender rates of suicide. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v.27 n. 2, p. 131-134, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 8 Jul. 2019.

MODESTO, E. **Entre mulheres: depoimentos homoafetivos**. São Paulo: GLS, 2009.

_____. (org.) **Projeto purpurina: Juventude LGBT**. 2011. p. 37

MONTEIRO, L. F.; MACHADO, P. S.; NARDI, H. C. Do armário à armadura: estratégias de mulheres no enfrentamento da homofobia e do heterossexismo. **Polis e Psique**, v.1, n. 3, 2011. p.112 - 139.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

MOTA, A. A. da **Suicídio no Brasil e os contextos geográficos: contribuições para política pública de saúde mental**. 2014. xviii, 208 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115754>>. Acesso em 19 set. 2017.

MOTTI, L; CERQUEIRA, M. **Matei porque odeio gay**. Salvador: Grupo Gay de Bahia, 2003.

NAFAGUCHI, T.; ADORNO, R. de C. F. Suicídio, Gênero e Sexualidade na era digital. **Saúde e Transformação Social**, Florianópolis, v.7, n.3, 2016. p.22-35.

NAGAFUCHI, T. Em busca de vozes no silêncio: suicídio, gênero e sexualidade na Era Digital. In: MARQUETTI, F. (Org.) **Suicídios: escuta dos silêncios**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018. p. 147-175.

NAVARRO-SWAIN, T. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NIEDERKROTENTHALER, T. et al. Gernot. "Role of media reports in completed and prevented suicide: Werther v. Papageno effects". **The British Journal of Psychiatry**. n.197, pp.234–243. Disponível em < <https://gepesp.org/wp-content/uploads/2018/07/Niederkrotenthaler-2010.pdf>> Acesso em 30 nov. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Genebra: OMS, 2000.

_____. **Site oficial**. 2018. Disponível em <
<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/amp/>>
Acesso em 10 de jan. 2019.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4.ed.
Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PERES, W. S. et al. Tecnologias de gênero e as lógicas do aprisionamento. **Revista Bagoas**, Natal/RN, n. 06, p. 267-282, 2011.

PERES, M. C. C. *et al.* **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. Disponível em <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>> Acesso em 28 mai 2018.

PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I. S. de SOIHET, R. (orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 13-28.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v.19, nº1, 2014, p.67-75.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, nº 2, 2008, p.263-274.

PRECIADO, B. "Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO, Jogo suicida "Baleia azul" chega ao Brasil. **Rev. Super interessante (online)**. 4 jul. 2018. Disponível em
<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/jogo-suicida-baleia-azul-chega-ao-brasil/>
Acesso em: 9 Jul. 2019.

RESSEL, L. B. et al O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, V. 17, N. 4, 2008. p.779-786.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, n. 5, p. 17-44, 2010.

ROCHA, J. A. Deleuze e Guattari: a noção de processos de subjetivação. **Nuevo Itinerário Revista digital de filosofia**. No. 13, 2018. p. 163-180. Disponível em <http://revistas.unne.edu.ar/index.php/nit/article/viewFile/3126/2795> Acesso em 26 dez. 2018. p. 163-180.

RODRIGUES, P. Homofobia internalizada e suicidalidade em jovens LGB e não LGB. **LES online**. Vol. 2, No. 2, 2010. Disponível em < http://www.psicologia.pt/teses/ver_tese.php?homofobia-internalizada-e-suicidalidade-em-jovens-lgb-e-nao-lgb&codigo=TE0022 > Acesso em 18 fev. 2018.

RODRIGUES, L.; DE OLIVEIRA, J. M.; NOGUEIRA, C. Discriminação contra jovens lésbicas em contexto escolar. **Latitude**, v. 9, n. 1, 2015.

ROSENEIL, S. Viver e amar para lá da heteronorma. **Rev. Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra – PT. n. 76, 2006. p. 33-51.

RUBIN, G. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. Trd. Felipe Bruno Martins Fernandes. Repositório Institucional da UFSC. 1984.

SCAVACINI, K. (Org.) **Histórias de sobreviventes do suicídio**. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, pp 71-99, jul/dez, 1995. Disponível em: https://archive.org/details/scott_gender. Acesso em 08 Mar. 2017.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. Campinas, v.28, n.1, 2007. p. 19-54.

SILVA, M. M. da **Suicídio: trama da comunicação**. 2ed. São Paulo: Livrus, 2017.

SILVA, T. T. da **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOARES, S. F.; PERES, M. C. C. A condição lésbica e o acesso aos direitos sociais básicos brasileiros. **METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos**, [S.l.], v. 1, n. 2, mar. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/article/view/14091/10145>>. Acesso em: 29 Ago. 2018.

SOLOMON, A. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOS HOMOPHOBIE, **Enquête sur la visibilité des lesbiennes et la lesbophobie**. Paris – FR, 2015. Disponível em < http://www.soshomophobie.org/sites/default/files/enquete_sur_la_visibilite_des_lesbiennes_et_la_lesbophobie_2015.pdf> Acesso em 28 mai 2018.

SOUZA, L. L. de Homofobia, juventude e escola. In: _____; GALINDO, D; BERTOLINE, V; (Orgs.) **Gênero, corpo e @tivismos**. Cuiabá – MT: EDUMAT/UFMT, 2012.

SWAIN, T. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, C. S. M. ; TONELI, M. J. F. (orgs.) **Genealogias do silêncio: feminismo e gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004

TEIXEIRA FILHO, F. S; MARRETTO, C. A. R. **Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências**. Revista de Psicologia da UNESP, 7(1), 2008. p. 133-151.

_____. A construção social das diferenças nas (homos)sexualidades e suas relações com a homofobia. In: SOUZA, L. L. de; GALINDO, D; BERTOLINE, V; (Orgs.) **Gênero, corpo e @tivismos**. Cuiabá-MT: EDUMAT/UFMT, 2012. p. 83-109.

_____. **Psicologia e Teoria Queer: das identidades aos devires**. Tese de livre docência em Psicologia, UNESP- Assis. 2011.

TOLEDO, L. G. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2008.

TOMINIC, A. et al. Suicidio en poblaciones lesbiana, gay, bisexual y trans: revisión sistemática de una década de investigación (2004-2014). **Revista Médica de Chile**, v.144. 2016. p. 427-437.

_____. TEIXEIRA-FILHO, F. S. As lesbianidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual. **Temáticas**. Campinas 20 (4) PG-PG, ago/dez, 2012. pp 67 – 103.

VAINFAS, R. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: PRIORE, M.D; PINSKY, C. B. **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011. P.115-141.

VIDAL, C. E. L; GONTIJO, E. D. Tentativas de suicídio e o acolhimento nos serviços de urgência: a percepção de quem tenta. **Cad. Saúde colet**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 108-114, Jun 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=en&nrm=iso Acesso em 06 Agos. 2019.

VIRGÍNIO, N. de A.; NÓBREGA, M. M. L. de Técnica de grupo focal: caracterizando a estratégia. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**. v.10 n. 1. João Pessoa: Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE, 2012. p. 75-82.

VITERI, M. A; SERRANO, J. F; VIDAL-ORTIZ, S. ¿Cómo se piensa lo “queer” en América Latina? Presentación del Dossier How is Queer Thought of in Latin America? **Íconos. Revista de Ciencias Sociales**. N. 39, Quito – Equador. 2011, p. 47-60.

WASELFISZ, J. J. Suicídios. In: _____. **Juventude VIVA os jovens do Brasil: mapa da violência 2014**. pp 113-149. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf
Acesso em 09 Mar. 2017.

WARNER, M. **Fear of a queer planet: queer politics and social theory**. Michel Warner, editor, for the social Text Collective. Cultural politics; v. 6. Minnesota, USA. 1993

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Revista Estudos Feministas. n18, vol. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em 14 Mar. 2017.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

**APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)
(Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/ 2012 – Conselho Nacional de Saúde)**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “**Vozes do silêncio: a Lesbofobia frente à problemática do suicídio entre jovens lésbicas**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Yasmin Aparecida Cassetari da Silva, RG nº49.495.440-1.

Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder da PARTICIPANTE ou de seu representante legal e a outra via em poder da pesquisadora responsável. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da **Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis**. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone **(18) 3302-5500** ramal **5607** ou pelo e-mail **cep@assis.unesp.br**, ou diretamente com a pesquisadora no telefone **15-996477436** ou e-mail **yasmincassetari@hotmail.com**

Prezada participante:

Sou aluna do curso de pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, campus FCL - ASSIS. Realizo um trabalho de mestrado com a orientação do Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, cujo objetivo se refere à visibilidade da existência e resistência de jovens lésbicas frente à dinâmica entre lesbofobia e suicídio.

Sua participação se realizará por meio de reuniões quinzenais em grupo, no qual conversaremos acerca das experiências pelas quais você passou, frente às atitudes de lesbofobia que você teve em virtude de sua orientação sexual, evidenciando suas percepções, sentimentos e ações frente esta questão. Para tanto, faremos uso de trechos de vídeos/filmes que servirão de disparadores para nossas conversas em grupo. Salientamos que os encontros serão gravados em áudio para posteriores transcrições. Contudo, em eventuais publicações oriundas desse projeto, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

A participação nesse trabalho é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar, em qualquer momento do trabalho, terá a absoluta liberdade de fazê-lo. Aponto que esta pesquisa será submetida à análise processual

pelo Comitê de Ética responsável pelos tramites existentes diante de pesquisas com seres humanos. Este estudo não visa acarretar nenhum desconforto a você, mas ciente de que todo e qualquer trabalho com seres humanos envolve risco, e preocupada com os possíveis efeitos subjetivos e emocionais a serem despertados, me responsabilizo em ofertar suporte psicológico, caso ocorra a necessidade, em qualquer fase do trabalho. Esse suporte se realizará na Clínica de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA/ASSIS).

Reitero a importância de sua participação neste trabalho como ferramenta imprescindível para visibilidade lésbica e desenvolvimento de estratégias para o combate a lesbofobia.

CONSENTIMENTO

Eu, _____ RG: _____, abaixo assinado, concordo em participar, como PARTICIPANTE, da pesquisa “**Vozes do silêncio: a Lesbofobia frente à problemática do suicídio entre jovens lésbicas**”. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora Yasmin Aparecida Cassetari da Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das minhas informações pessoais e ao meu anonimato.

Local e data:

ASSINATURA DA PARTICIPANTE

Eu, Yasmin Aparecida Cassetari da Silva, pesquisadora responsável pelo estudo, orientada pelo Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido da PARTICIPANTE para a participação na pesquisa.

ASSINATURA DA PESQUISADORA

ORIENTADOR DA PESQUISA

ANEXO A - Transcrição dos grupos focais

Haloa 1 – Grupo presencial

Dia 21 de maio de 2018. Primeiro encontro ((A assunção das lesbianidades))

Participantes

Carmem, 24 anos.

Vilma, 19 anos.

Valéria, 28 anos.

Pesquisadora: Se apresenta e propõe a dinâmica da pesquisa, perguntando como se deu a assunção da sexualidade das interlocutoras.

CA: Bom, a minha descoberta da minha sexualidade é bem recente, é (+) ((oscilação da voz)) eu passei o final do ano e o início desse ano uma fase bem ruim. E quando a pesquisa apareceu veio num momento que eu estava precisando, digamos assim, acho que unir forças. Já tinha me descoberto lésbica né, mas era bem recente assim. É bem desse ano mesmo que eu me descobri, e quando eu vi eu fiquei, pensei (+) será que eu participo ou não? Será que vai ser bom ou não? Porque eu não estava bem de saúde mental assim, eu passei por um processo depressivo e com uma ansiedade muito alta, então tive fobia social, ataque de pânico, minhas férias foram horríveis. ((risos)) E, e nesse momento que eu vi a pesquisa foi um momento assim que eu tava começando a reagir e eu pensei que poderia ser bom. Mas eu mandei a mensagem assim para você ainda com certos receios. Hoje eu posso, embora seja pouco tempo assim, eu posso dizer que eu estou bem tranquila, segura assim. Então acho que o que eu busco com esse grupo é fortalecimento mesmo.

Pesquisadora: Entendi. Os seus receios eram em relação ao que?

CA: Então, é:: eu acho que a exposição, exposição. E (+) não sei (+) perceber nesse processo assim é:: uma auto-homofobia, que foi muito difícil assim admitir, até

porque eu nunca pensei que eu teria problemas com isso, sempre fui uma pessoa muito aberta, e:: sempre pensei em ficar com meninas, já tinha ficado com meninas. E:: é acho que é isso assim.

VI: [Em relação à pesquisa], eu já tinha visto ela uma vez, mas deixei passar, porque eu não tinha certeza se eu deveria, sabe. Ai quando eu via a segunda vez eu tava com, eu não lembro com quem, e eu tinha conversado sobre isso e eu quis participar pela importância, sabe. Eu nunca tinha visto uma pesquisa sobre isso, tipo, e com a minha existência ajudar em algo, eu achei importante. Mais ou menos isso. Tipo, quando eu vi a segunda vez eu fiquei:: não, eu vou participar.

Pesquisadora: E dizendo o que você sentiu ao ver o tema da pesquisa...

VI: Ah, eu fiquei (+) no começo foi tipo “ok. então tem alguém vendo isso”. Porque isso é importante. Me senti meio, sabe, feliz até. Porque, sabe, não sei se interesse, mas alguém está querendo ver sobre isso. E isso é importante, então eu fiquei bem feliz. Mas senti um pouco de medo, porque expõe muita coisa sabe, mas mais por isso. Mas eu fiquei feliz mesmo.

Pesquisadora: Essa questão dos receios que vocês pontuaram, e diz mesmo de uma auto-lesbofobia. Algo assim que é construído né. Então de pensar um pouco isso. E para pensar um pouco isso, eu trouxe alguns vídeos que funcionaram como dispositivos para a discussão.

Exibição dos três vídeos

VI: [Sobre os vídeos] Então, eu já uma outra música dela. Eu conheci essa música por outra música dela que também tem sapatão, e eu fiquei:: dá hora, que legal. E eu fiquei feliz de ver. (++) E o *GLEE* me ajudou muito já. É estranho até. Por que eu nunca imaginei que eu encontraria nesse âmbito, sabe, acadêmico. Porque quando eu gostei da primeira menina, eu tinha onze para doze anos, eu joguei na internet, tipo, joguei lá:: e ai apareceu *GLEE*. E ai eu falei (+) nossa, alguma coisa com isso. Daí eu lembro que eu fiquei horas e horas, e ai eu comecei a ver e comecei a ir atrás. Hoje em dia eu acho hilário, toda vez que eu vejo. Mas na época, me ajudou muito, porque eles têm essa coisa do você se aceitar né. Eles afirmam isso em todos os tipos de âmbito. E ter isso foi muito legal para mim. Também sabe, foi na época foi muito importante, então é legal também encontrar nesse momento. Apesar de eu não ter a mesma relação que eu tinha, hoje em dia é até engraçado. Mas me ajudou muito.

Pesquisadora: E os demais vídeos, você...

VI: O primeiro eu achei, ah:: tipo, como que fala? Um pouco longe. Eu acho legal como todos eles tem finais felizes, nesse sentido. E isso é algo que não se encaixou muito bem na história que eu tive de descoberta. Mas eu acho legal também que eles tenham finais felizes, talvez seja mais proVAvel, mas para mim foi bem complicado essa parte do final. Sabe. Eu não tive essa resposta da pessoa, de tudo certo, vamos namorar, foi nada assim. Mas assim, eu acho que é só isso que dos três difere, ao menos da minha realidade. Mas, toda essa coisa do olhar diferente, mas acontece. E é legal ver, sabe, representar. Foi só isso que eu consegui ver agora.

CA ((pergunta a Vi)): Na escola você já ficou com meninas?

VI: Sim. E foi complicado. Foi tipo, desde o começo, parecia que eu não conseguia fugir disso, quanto mais fugia, pior ficava. Ai quando, quando eu falei que comecei a namorar a primeira menina, eu ainda não sabia, e ela descobriu assim de boca a boca na escola, não descobriu por minha causa. Então, tipo, essas coisas na escola acontecem muito. Tipo, de tirarem foto, acontece real. Mas, é exatamente isso, já aconteceu na escola. Foi bem cruel. Mas eu tinha um pouco de conforto em casa. Então isso me ajudou muito, mas a escola é um ambiente bem cruel nesse sentido. Principalmente, porque parece que sempre eu era a única, sabe. Você vai levando isso e tudo mais. Eu sempre joguei futebol e eu tentava falar que isso não significava nada. Mas quando começo a significar foi, meu até vou parar, sabe, de jogar. Você até se distancia das coisas que você gosta, porque realmente, a escola é um ambiente muito cruel. Muito complicado.

CA: É:: bom, a minha sexualidade foi bem tardia, bem, bem tardia. E:: eu fui muito reprimida sexualmente assim, bem mesmo. Eu dei meu primeiro beijo com 19 anos. 19 para 20 anos. Isso, assim, no meu grupo de amigos da escola, eu estudei numa escola religiosa de freiras ((risos)) católica e tal. Não era um colégio interno nem essas coisas assim, mas tinha ensino religioso, tinha morais. Minha mãe sempre foi muito moralista, minha família também, e:: acho que a única lembrança assim, que depois que você se descobre, coisas vão começando a fazer sentido. E uma lembrança assim que eu tenho é do colegial, que o meu melhor amigo, que era um amigo-irmão, que desde criança a gente era bem amigo, ele se descobriu gay. No início do colegial. E ai eu fui a primeira pessoa que ele contou, que eu ajudei ele nesse processo, né. E eu lembro que conversando sobre isso, eu lembro que no primeiro colegial eu me aproximei, eu fiz amizade, com uma colega que se tornou

bem amiga, e eu lembro uma vez assim que ela estava usando um batom com gloss, e eu me senti atraída. Fiquei com vontade de beijar ela. ((risos)) Mas eu nunca associei que fosse um desejo. Eu pensava: ah, minha amiga, amiga próxima, sei lá o gloss era bonito, ou alguma coisa assim. E eu lembro que nessa descoberta desse meuá amigo ele tinha me perguntado se eu nunca tinha sentido nada, e aí eu contei esse caso dessa amiga em comum, assim. Mas logo assim, tipo, já neguei. Disse não, era o gloss assim. E aí eu lembro que tinha uma amiga nossa que se descobriu lésbica, no nosso grupo de amigas. Só que ela não era muito amiga minha, era do mesmo grupo, a gente era do mesmo grupão de amigos, mas a gente não era muito próximo. E, e:: aí quando você se descobre você vê o quanto é importante a representatividade, também o quanto é importante você ter pessoas, sei lá, com quem conversar. E:: na minha descoberta eu senti muito uma angústia, porque eu tinha a:: amigas mais distantes, colegas, que eram lésbicas, assim. Mas eu sempre fui uma pessoa muito fechada, então eu não sei, não consiga tirar alguma curiosidade com elas, mas eu tinha amigos gays, então eu tirava algumas coisas com eles, assim. Mas como eu fui muito reprimida, demorou para eu sacar, mesmo, que eu era lésbica assim. Até porque, como eu falei, assim, desde muito tempo, assim, desde mesmo eu entrar na faculdade, eu tenho uma concepção de que a gente torna-se mulher, né. Então, até os nossos, tipo, eu aprendi a gostar de homens. E:: aí eu sempre pensei (+) ah, eu gostaria de desconstruir isso, sabe. De ficar com meninas, mas sempre fui respeitando muito meus limites, assim sabe. Então, é:: o ambiente aqui da faculdade foi um facilitador para isso, desde o meu primeiro ano de faculdade meninas já chegaram em mim, mas até então, é (+) ah, eu falava como eu pensava, mas (+) nunca falei que o interesse era mútuo, porque até então eu não sentia interessada, não me senti preparada, era demais assim para mim né. E foram processos pequenos né. Primeiro eu consegui me ver e sentir o desejo de beijar meninas. Só que era beijo só. E aí eu lembro que quando eu fiquei com a primeira menina, eu lembro que a gente ficou num role assim, e aí ela me chamou para ir para a casa dela, e aí eu falei (+) ela sabia que ela era a primeira menina que eu estava ficando, e eu falei (+) ó mas eu não vou conseguir fazer nada, vou lá só para comer mesmo, (+) assim. ((risos)) E foram processos assim. Até eu conseguir digerir ficar com meninas, ok. Aí até eu digerir, tipo assim, ah, eu gostaria de transar com meninas. Só que aí, a principio era assim, ah eu só transaria se eu fosse passiva, só que me incomodava a ideia, tipo assim, de eu ah, sei lá, de eu ser

passiva no sexo, e não dar prazer para a pessoa que tava comigo assim, então eu nunca tentei, e:: fazer sexo nesse período. Eu só fiz quando eu me senti bem com isso. Assim, sabe. Então tinha aquela coisa, tipo, ah:: do nojinho, tipo, ai, que está muito ligado ao desejo também, tipo. (+) Era demais conceber fazer sexo oral assim, então foram processos assim be::m miúdos, e assim, eu sempre fui respeitando. Mas até então eu acha que eu era bi ou pansexual, assim. E ai foi difícil entender que eu era lésbica porque eu nunca achei que eu tinha problema com isso. Estudava essa temática, fiz estágio básico, fiz o estágio e faço até hoje, de ênfase nessa temática e eu pensava.. meu, eu tenho 24 anos, tipo, é capaz de eu estar descobrindo minha sexualidade AGORA? Assim, sabe. Eu ficava pensando:: é isso mesmo? E ai você passa por um processo de luto né. Querendo ou não é uma morte. Você precisa morrer, uma certa parte sua precisa morrer, e ai você precisa ter condições de elaborar essa morte. Ai eu precisei entender o que foram os homens na minha vida. Por que eu namorei, namorei um cara só, mas tive relacionamentos com outros caras, mas namorar, namorar mesmo só um cara. Então foi muito confuso, tipo, tá eu entendi, sou lésbica, mas o que foi esse meu ex namorado? Que:: foi esse cara, que eu não namorei, mas eu gostei para caramba? Que:: foram todos os caras na minha vida, assim sabe? E:: processos mesmo, bem processo. Então na escola, como eu falei, eu fui muito reprimida, muito travada assim. E eu acho que eu fui (+) uma vida inteira depressiva, e eu acho que eu só consegui sair dessa depressão bem recentemente assim. E:: ah:: hoje muita coisa (+) muita coisa faz sentido.

Pesquisadora: E você sente que isso ter haver com esse seu olhar novo que você tem sobre sua sexualidade?

CA: Ah, sim com certeza. Com certeza. ((choro)) Eu não queria chorar, mas (++) ((pausa))

VI: Me descobrir, para mim, nem tinha uma questão sexual, sabe, por menina. Nossa, (+) eu era inclusive, achava que eu gostava dela romanticamente. A primeira menina que eu gostei, eu amava ela, eu sentia isso. Amor. Só que eu não sentia tesão. Eu achava isso muito absurdo. Tipo, eu achava um absurdo. E olha que eu não sou tão reprimida assim. Eu estudei em uma escola evangélica, minha família é evangélica, mas ainda meus pais, assim, são um pouco afastados disso tudo, só que eu nunca, nunca sentia, pelo que (+) gostei de uma menina chamada Ju. Só que eu nunca senti nada de sexualmente sabe, até o final. Ai aconteceu que ela, ai

quando ela descobriu, porque eu contei para uma amiga minha, ela mudou de horário. Ela nunca mais falou comigo. E ela era uma das minhas melhores amigas. Então, tipo, o que pesou mais para mim foi isso. Eu tive assim:: e eu amava, sabe, era amor. Eu via ela passando no corredor assim, e mesmo depois de tudo eu não consegui falar com ela. Por eu achei que eu estava atrapalhando de alguma maneira. E que ela realmente tinha cortado esse contato com alguma razão. E que eu devia respeitar isso. E tipo, mas isso foi acho que no sexto ano (+) do ensino fundamental, mas foi mais ou menos isso. Às vezes, eu vejo hoje em dia, que já vai direto para o sexo sabe, as pessoas são muito de sentir tesão e tudo mais, mas para mim foi um processo muito diferente disso. E também desse processo até eu conseguir transar com uma menina, demorou mais um pouco. E:: até beijar eu ficava muito nervosa, não sabia se era aquilo que eu queria. Por mais que:: muitas vezes o carinho e tudo o mais ultrapassasse aquilo, eu não sabia, eu tinha um pouco de medo mesmo (+) do que você sente no começo.

CA: Agora você falando isso, eu lembro que a primeira menina que eu beijei, a menina era lésbica né, e:: eu lembro que quando a gente se beijou depois, tipo, eu não sabia o que fazer com as mãos assim. Ao mesmo tempo, é, era um receio assim (+) como eu posso agir? O que eu posso fazer? O que eu não posso? Sabe. E:: ai foi legal porque eu fui muito sincera com essa menina assim, e:: ai eu falei:: ah, desculpa. Eu não sei o que fazer. Ai ela falou:: não, sinta-se a vontade pode usar as mãos assim e tal. E ai aos poucos eu fui me destrancando assim, né. E:: ai quando eu comecei a sentir uma necessidade de conhecer mais esse universo, me aproximar, eu me sentia muito, ai, é (++) como eu posso falar (+) muito travada com certeza, mas tipo assim, sem noção nenhuma desse universo assim. Então, eu, quando eu:: me aproximava das meninas assim, e não sei. Não rolava, sabe. E:: cheguei a chamar meninas para sair, levei bota, assim sabe, não rolava. E nesse período que eu estava me sentindo, querendo ter é:: conhecer mais esse universo assim, só surgiam caras. Só caras. E ai eu ficava com os caras, porque eram só caras que tinham assim sabe. Só que até então eu achava que eu gostava assim também e tal, mas nunca foi, não sei, era estr(/) ah sei lá. Não sei. E:: assim, eu nunca me apaixonei. Nem por esse ex namorado, mesmo assim. Amei, tive momento de paixão, até:: outros caras que eu gostei bastante, mas nunca me apaixonei. E:: eu achava que era o meu jeito assim, de gostar, ou que talvez isso um dia ainda fosse acontecer e tal. E depois que eu comecei a conseguir processar que

eu podia ficar mulheres, que eu gostava de ficar com mulheres, eu comecei a pensar que com mulheres eu poderia me apaixonar. Eu já sentia (+) é estranho. Ainda não aconteceu, não me apaixonei por nenhuma mulher assim e tal. Mas eu sinto que por mulheres eu posso me apaixonar. Coisa que com homens não. E com homens, é algo meio louco assim, porque eu sempre buscava, agora eu percebo, outras características assim, sabe. Por exemplo, às vezes o cara não me atraía muito fisicamente, aparentemente, mas eu pensava (+) ah, ele é legal, ele é sensível, tipo, por que não? Tipo, sabe. Coisas assim. E:: só para, ah só para eu descobrir minha sexualidade assim, eu realmente nunca pensei que eu fosse lésbica assim. Nunca pensei mesmo. (++)

VI: No geral, essa é uma afirmação até que demora mesmo para poder vir. Depois de gostar dessa primeira menina eu fiquei na minha cabeça assim (+) vai aparecer um menino e isso vai mudar! Porque assim, ela que era muito legal. Foi ela. E ai saí assim, nessa busca. Depois que tudo isso aconteceu e ela mudou de horário, eu, meus pais são separados, eu pedi para mudar, eu fui morar com meu pai. E daí eu mudei de escola, pedi para mudar de escola. E:: ele aceitou porque ele ia mudar de casa também, e ai foi tudo bem. E nessa outra escola eu cheguei pensando assim, meu algum menino vai ter de me aparecer. Por que tem alguma coisa errada ai. Talvez realmente os meninos da outra escola não eram tão legais assim, dessa sejam diferentes. E ai me vi meio sem escapatória disso. Por que realmente era muito diferente. Depois que você vê a primeira vez, isso começa a te perseguir, até bater na porta assim ó:: você vai tentar fugir, mas você não vai conseguir. Você vai gostar de menina igual, vai ser complicado igual. Mas dessa segunda vez deu certo. Foi um final mais feliz com a menina. Foi meu primeiro namoro e:: foi bem complexo, acho que porque eu era muito nova. Tinha 14 anos. Muito nova. Mas, também foi nele que meio eu dei uma assumida em tudo. Porque eu ainda não falava (/) achava que eu era lésbica. Falava não (+) Para mim era uma coisa que assim (+) só mais uma menina. ((Risos)) Mas eu tinha certeza que não sabe. ((Risos)) Às vezes eu falava eu sou bi e tudo, mas foi o tempo mesmo, até que notei não, não rolava. Não adianta. Até hoje, isso já tem bastante tempo, 12 anos ou 11 anos, mais ou menos, né. Que isso não muda, ai hoje em dia eu já aceitei né. Mais foi um processo, eu fiz terapia por quatro anos (+) mas foi o que fez parar de ter estranhamento com isso. Porque, nossa, mesmo namorando para mim era muito estranho ainda. Parecia muito longe sabe, muito. Isso não está acontecendo comigo, está acontecendo

agora, mas isso vai mudar. É uma sensação muito estranha. Inclusive no começo você tem a sensação de que vai mudar. Não sei se como esperança sabe, mas acontece que não (++)).

CA: Teve (+) pensando no último vídeo (+) por exemplo essa questão da agressão né, e tal. E:: eu nunca sofri agressão física assim, mas:: eu:: ah, aconteceu uma situação bem chata assim. Inclusive com essa primeira menina mesmo que eu comecei a ficar, a primeira que eu fiquei assim. A gente começou a ficar, a gente começou a sair. E eu lembro que a gente foi em um *pub* aqui da cidade, e:: lá tava um cara que desde o meu primeiro ano de faculdade, é de outro curso, ele meio que me paquerava assim, sabe. Mas a gente nunca tinha trocado ideia. E nessa noite ele veio conversar comigo assim. E:: ele chegou num:: momento em que eu:: a:: essa menina que eu estava ficando acho que tinha ido no banheiro. Tinha ido fazer alguma coisa. E ele chegou para conversar comigo assim, e meio que eu já sabia das intenções dele né. Ai a gente conversou um pouco. E ai eu:: ele começou a direcionar nessa questão da paquera e ai eu falei:: que eu estava acompanhada, que eu não estava interessada e tal. Mas se ele, tipo, eu estava com uns amigos dela, se ele, tipo, quisesse trocar ideia com a gente, tudo bem assim. Enquanto pessoas que estavam trocando ideias assim. E ai eu lembro que, e ai ele ficou, tipo, muito puxando assunto comigo e isso estava chato. Ai eu falei:: depois a gente conversa mais. Eu estou acompanhada, vou ir lá com a pessoa com quem eu vim. Eu fui lá com a menina. E ai a gente, eu fiquei lá com ela assim, curtindo o role com ela. E ai ele se aproximou do grupo né, e ai, até ai né, ok. Eu apresentei, também não era uma pessoa próxima a mim, era a primeira vez que a gente estava trocando ideia, e ela também estava estudando, ela queria prestar história... E o menino era de história né. E ai eu fiz a ponte para, a gente começou a conversar, a socializar no grupo. E ai de novo, em outro momento em que eu estava sozinha, ele se aproximou de mim e começou a me xavecar. E ai eu já comecei a não gostar, porque eu já tinha falado que eu não estava interessada. E que eu estava com:: com a menina né. E ai ele tentou me beijar. E ai eu meio que dei um “chega pra lá” nele. E já não quis mais ele com a gente assim. E ainda, teve um outro momento em que ele se aproximou, ai as amigas dessa menina que eu estava ficando percebeu e perguntou:: ele está te incomodando? E coisa e tal. Ai eu falei que tava sim, e ele já se afastou. E no final da noite, e:: eu me despedi, a gente ficou até o final do role, até o *pub* fechar, ai eu me despedi da menina, a menina foi para casa. Ai eu estava pegando minha bike

para eu ir para minha casa:: e ele chegou e me chamou ainda para a casa dele. Sabe, aí eu ignorei e fui embora assim. Mas eu:: tipo, o cara, tipo, sabe:: eu falei que estava ali com a menina, eu falei que eu não queria nada, e o cara ficou insistindo assim. Foi bem:: escroto, bem zuado assim.

Vi: A falta de respeito, no geral, quando você está com outra menina, de não levar a sério, é algo que acontece muito, muito, muito. Muito chato.

CA: Sim!

VI: Até aqui mesmo, eu estava ficando com uma menina, e o menino começou a falar, parou o beijo, e falou (+) nossa você parece com uma DJ que eu conheço. (+) Eu falei ok. Ai eu continuei. Daí ele voltou, e falou (+) eu posso fazer um pedido? Mas eu acho que vai ser muito chato. (+) Ai eu falei, ok, pedir você pode . Daí ele falou (+) eu posso beijar você? Ai acontece:: aconteceu aqui. E eu achei que não iria passar por isso aqui. Eu já passei bastante. E:: mais assim, de agressão:: teve uma vez, lá na Paulista, inclusive os meus pais sempre falaram que assim, nem todo lugar você pode andar de mãos dadas, a Paulista é um deles. Porque na Augusta ali tem mais pessoas assim:: e eu estava me despedindo de uma menina no metrô da Consolação, e um cara passou e cuspiu.

CA: Nossa::

VI: E eu nunca tinha tido contato com homofobia até aquele momento sabe, tipo, na rua de pessoas estranhas. E eu sei que a menina ainda(/) eu era a primeira menina que ela estava ficando. Sei que eu olhei e falei (+) vamos se limpar né? A gente entrou num restaurante e se limpou. Mas (+) aquilo foi tão:: chocante, mas ao mesmo tempo foi algo que(+), que como faz um bom tempo, eu ainda pensei (+) que eu deveria levar aquilo como normal, e é isso que hoje em dia eu vejo que não era normal, é algo bem anormal. Eu vi a gravidade da situação muito tempo depois, porque eu tomei aquilo como assim, isso devia fazer parte do meu cotidiano, devia saber que isso vai acontecer uma hora. Você viver com essa sensação de sim, isso vai acontecer uma hora.(++) É muito ruim. E ainda naquele ambiente (+) tudo mais, mas foi a única vez que eu sofri realmente uma, que eu senti, que eu me senti realmente agredida, é:: num local público. Mas, isso acontece bastante de pessoas incomodarem, a fetichização, um bagulho muito pesado que você tem que lidar no seu dia-a-dia. E que muitas pessoas nem querem falar muito sobre, normalmente, porque não faz parte do meio delas:: porque você vê que não tem muita lésbica.

Lésbica mesmo sabe, você vê. Às vezes você tenta falar sobre isso e:: é pouco. Não tem nem o que render. É complicado até, mas existe. Acontece muita coisa aí.

Pesquisadora: Mas vocês acham, que por um lado, isso que você falou, não tem muita lésbica, mas vocês acham que por um lado, é isso, não tem muitas lésbicas, ou será que ainda temos muitas meninas que não conseguem se perceber, não conseguem realmente furar com essa bolha que é colocado? Acho que vocês retrataram muito bem isso, fazendo um resgate de tudo que vocês apresentaram aqui:: no caso vocês estavam acompanhadas, e parece que não tá. Então parece que realmente colocaram uma bolha:: Será que realmente é tem menos, ou é esse processo? O que vocês entendem assim diante do que vocês vivenciam?

CA: Ah, eu acho que é uma invisibilidade mesmo. Até porque a gente vive numa sociedade muito machista. Da qual, tipo assim, bem entre aspas, você tem que:: você mulher é mulher porque tem um homem. E quando você está ali com outra mulher é como se:: é isso né (+) esse cara (+) por mais que eu falei que eu estava acompanhada, ele me viu com a menina, eu falei que não queria, que não estava interessada. Mesmo assim, é como se não era VAlido o que eu falasse. Como assim, né? Tipo assim, porque menina com menina não é válido. É isso, parece que está no social assim, porque mulher que é mulher só é mulher quando tem um homem assim. Por exemplo, antes de eu saber que eu era lésbica, hoje ((riso) eu entendo né, mas do nada eu voltei com uma vontade de falar para os meus pais que eu era bissexual, porque eu queria falar desse tema com eles. E falei. E aí:: porque eles perguntavam:: e aí:: já tinha terminado a namoro assim, e aí:: quando (+) você está namorando alguém de novo? Vai voltar a namorar? Ai eu falei (+) pai e se a próxima pessoa que eu namorar fosse uma mulher? E, aí ele falou que se eu levasse uma mulher lá para casa e apresentasse, ele ia tratar como uma amiga minha. Porque namorado é só homem e mulher. Então fica muito essa coisa assim (+) né (+) sei lá é como se você fo::sse, sei lá, menos mulher:: é como se a lésbica não fosse mulher, digamos assim. Porque não tem homem envolvido assim. Então isso é bem problemático, bem problemático. Bem machista mesmo. E:: eu acho que é um dos pilares que está por trás dessa invisibilidade também. Por exemplo, você falando assim (+) ah, mesmo você gostando das meninas, não (+) vai aparecer um cara que eu vou gostar.

VI: Sim.

CA: Não pode ser, não é possível! Há um cara que eu vou gostar. Tipo assim, como é muito falocêntrica (++) a sociedade.

VI: É, isso é verdade né. Para ser levada a sério precisa de um cara, mesmo que seja um amigo seu, muitas das vezes sabe. Para ser levada a sério e tudo a mais. Algum amigo hetero, normalmente, que saiba que vocês estão juntas. Daí ele dá, às vezes ele dá a validade para o menino que está te enchendo o saco. Mas:: parece que precisa dessa validação. E é bem complicado mesmo, porque você não sabe o que fazer. É uma impotência muito grande que você sente. Porque, por exemplo, eu só namorei meninas bi, até hoje, e:: mantive relações com meninas bi e, meu, você se sente menor às vezes. Vc fala:: nossa:: será que com um cara eu não passaria por isso. Você para e pensa muito isso, entra muito nessa. E:: e:: sabe, talvez seria mais validado um relacionamento diante de tudo mundo que está aqui em volta, seja a família dela ou a minha família, de todas as pessoas que estão envolvidas nesses relacionamentos. E isso é algo que me machucava e me machuca muito. Porque eu sempre vi e achava que as coisas não estavam funcionando, eu tentava validar mais as coisas por mim, sabe, para mostrar que aquele relacionamento era um relacionamento mesmo. Às vezes colocar aliança, coisa que hoje em dia eu vejo que, meu, só para eu ter cert(/) , mostrar para mim mesma que aquilo ali era uma relação. Porque eu mesma tinha preconceito, sabe, daquilo não tem lugar. Então, às vezes você se colocar nesse papel, que foi o que eu fiz, também é sem querer. Por achar que precisa, e hoje em dia eu vejo que não, mas é bem complicado sair desse universo, sabe. E eu vi que para mim era, daí eu pensava, imagina as pessoas que também gostam de caras? Deve ser complicado sair dessa bolha aí, de algo que me deixa insegura até hoje, e ainda estou aprendendo a lidar, foi um dos trabalhos da terapia. Mas ainda estou aprendendo a lidar.

Pesquisadora: Diante disso que a gente falou aqui, conversou, ouviu (+) se vocês pudessem nomear esse período mesmo do primeiro contato com a suas sexualidades, como os vídeos mostraram:: assim:: vocês conseguiriam nomear?

CA: Como estações?

Pesquisadora: Poder ser, ou outro nome simbólico.

VI: Eu pensei até:: acho que eu tipo outono, porque não é tão frio e as folhas precisam cair, eu acho. Para a próxima estação vir, sabe. Mais ou menos isso que eu pensei.

CA: É:: eu também nomearia de outono assim:: eu acho que eu vim de um inverno bem longo, consegui chegar no outono, mas assim, o outono está chegando ao fim. Eu vejo assim. Está caminhando, acho que eu to caminhando para a primavera. Assim, sabe. Porque, é:: ah, eu sinto que, assim, no momento que eu percebi isso assim, que eu precisava deixar algumas coisas morrerem, deixar as folhas caírem e tal, para outras coisas nascerem, é:: é:: eu acho que eu estou nesse momento assim, eu acho que o que precisava ser morto foi morto já. E:: eu acho que agora eu estou começando a florescer. Então eu acho que eu estou entrando na primavera. Eu sinto que eu renasci assim, e eu acho que eu não consigo não me expressar no meu corpo assim. Cortei o cabelo bem recentemente. Já faz, tem um ano, mas de um ano que eu estou com cabelo curto assim mas:: rapei assim bem recente. E nesse inverno assim, longo, eu que nem eu falei, eu tive pânico né:: eu tive fobia social. Eu não conseguia estar perto das pessoas, não queria que as pessoas me vissem. E hoje eu estou na fase que eu estou começando a ter prazer de mostrar. De tipo, eu quero me mostrar assim, sabe. E:: não quero ter medo de, sei lá, no meu corpo trazer algumas características que me veja:: olha ela é lésbica. Ela parece lésbica, sapatão, assim sabe. Isso não me incomoda mais. Coisa que no inverno na fase do inverno, principalmente nas férias quando eu estava na casa dos meus pais, às vezes eu me vestia com algumas roupas e me olhava no espelho e dizia(+) poxa será que(+) eu acho que eu vou por um pouquinho de alguma coisa mais feminina porque será que eu estou parecendo muito homem? Alguma coisa assim? Eu to muito próxima do masculino? Alguma coisa assim. E como se:: tipo (+) isso também fosse né. Ainda que eu não fosse lésbica, como se isso fosse (+) né. E:: mas (+) é. Acho que eu to entrando na primavera. Saindo do outono, estou na transição. Eu to na transição.

Pesquisadora: ((Para Vi)) Na hora em que ela falou das roupas você acenou (+)

VI: Nossa (+) veio muita coisa. Dessa coisa do exterior, eu fui atrás de um acompanhamento psicológico. Porque (+) inclusive, quando eu comecei a terapia eu tinha cabelo longo, e super tinha medo de qualquer coisa. Eu me lembro do dia em que eu falei:: eu vou voltar aqui de cabelo curto. Porque para mim era algo fora de cogitação cortar o cabelo. Eu lembro que eu fui (+) nossa (+) no dia em que eu cortei o cabelo:: nunca vou esquecer porque foi um processo. E:: Cortar o cabelo para mim foi um passo muito grande. E por mais que as pessoas me elogiassem:: ai tá linda:: Nossa, ainda assim:: Eu vestia qualquer coisa e eu falava:: com esse cabelo, essa

roupa com o cabelo comprido, não vai dar. Vou ficar muito masculina. E você entra num negócio de:: tentar contornar esse cabelo curto,(+) porque agora já foi.(+) Até você aceitar. Meu (+) o que eu to querendo com isso, o que eu estou querendo disfarçar? Não tem o que disfarçar.(+) Mas nossa, é:: acho que essa parte da exteriorização foi muito complicada para mim. Hoje em dia eu sou de boa, mas nossa, foi, foi um processo. E até hoje as vezes eu vejo que eu escolho algumas roupas, nem que seja um dente, só para, sabe, que não são roupas que usaria no meu dia-a-dia, mas que eu to tentando parecer alguma coisa, mas assim sabe, dar uma contornada às vezes. Isso acontece até hoje. Realmente é uma parte complicada de se lidar.

CA: É:: dependendo assim, com quem eu vou sair, por exemplo aqui em... eu me sinto bem a vontade assim. Então, sei lá, se eu, eu acho que eu vario muito assim. Às vezes, entre aspas, eu estou com roupas mais masculinas assim, socialmente masculinas, e às vezes mais femininas, assim. Mas, por exemplo, quando eu volto pra casa dos meus pais eu, por exemplo, é algo que eu estou resgatando agora, desde criança eu gosto de usar boné né, e:: eu fui muito zoada na minha família assim né. Esse amigo mesmo que eu falei ele brincava assim né, que a gente ia casar, mas que ele era a mulher e eu o homem. Porque eu sempre, eu quando criança sempre gostei mais do universo masculino assim, e eu me vestia assim, com roupas mais confortáveis, né, com roupas de time, do Santos, usava boné. Eu tinha um estilo meio skatista, é meio surfista quer dizer, e essa coisa de voltar sentir vontade usar um boné uma coisa assim, tem vindo agora. Mas, por exemplo, eu não vou deixar de usar roupas que eu uso com meus pais assim, por exemplo, mas eu já ficaria meio assim de colocar umas roupas mais, tipo assim, posso até por roupas assim, mas:: mais masculinas, mas eu não vou forçar tanto a barra. Não vou por um boné, por exemplo. Por que ai vai fechar o pacote completo né. ((risadas)) vai ficar meio, tipo isso. Então, eu percebo que, por exemplo, na minha família eu ainda,(+) tipo eu só uso roupas que eu uso mesmo. Mas eu limito algumas roupas. Então, eu gosto de usar camisa, às vezes, e ainda não usei assim, na minha família. Então, tem um pouco isso, sabe. Tipo, mas quem sabe agora também, uma questão de segurança, eu percebo que a minha segurança, minha autoestima tem aumentado, assim, sabe. Então talvez chegue um dia que eu não me importe mais com isso. Vamos ver.

Dia 11 de junho de 2018. Segundo encontro ((Lesbofobia familiar))

PESQUISADORA: Retoma o assunto abordado no último encontro, e a interlocutora Ca começou dizendo o que ocorreu no último encontro.

VA: Eu fui criada em Atibaia, mas eu nasci no nordeste. Na Paraíba. Daí eu fui para Atibaia com cinco anos.

CA: Você se lembra de sua vida na Paraíba?

VA: Não. Nada quase. E:: eu tenho 28 anos.

PESQUISADORA: Apresenta os vídeos relacionados às temáticas do encontro.

VA: Eu acho que é bem isso, né? Que todo mundo passa assim. Às vezes eu me lembro dessas coisas. E:: eu não tive um momento assim, de encarar, porque, não sei:: para mim é bem difícil. Bastante.

PESQUISADORA: Você não teve esse momento com a sua família?

VA: Não. ((Choro))

CA: Esse segundo encontro está pesado heim. ((risos))

((Pesquisadora intervém para restabelecer a fala das interlocutoras))

CA: Na hora que eu comecei a ver o primeiro vídeo, e eu fui vendo a cara da personagem da vó, eu fiquei pensando, nossa que bosta! Não vai ser um final feliz. E eu fiquei pensando (+) poxa (+), poderiam ter feito um vídeo feliz. Mas ai eu fiquei pensando (+) não meu, tipo, a maioria, eu acho que tem pessoas que tem boas experiências com suas famílias, mas a maioria infelizmente é ruim. E é por isso que a gente luta né? E o outro, nossa, eu não sei se é porque é difícil falar sobre isso (+) eu:: acho que é o que é mais dificultoso de falar para mim no momento assim. Mas, ah:: não tem como não se emocionar. ((choro))

Pesquisadora: Ainda é a questão de se falar com a família. Mas o que é mais incômodo nesse falar com a família?

CA: Eu acho que é o medo da rejeição. De perder coisas por conta disso.

Pesquisadora: Que coisas? Materiais(/)

CA: Eu acho que é mais afetivo. Afetivo assim, mas:: eu:: isso eu não sei como é para as outras pessoas, mas para mim, particularmente, dói bastante, o medo da rejeição, porque tem haver com a minha história. Então, ah, eu tenho uma história de rejeição. Assim, da minha família, do meu núcleo familiar por ser mulher, por exemplo. E:: por exemplo (+) e eu sou de uma família grande e eu sou a terceira

filha. Mas antes de mim teve um terceiro irmão que era homem, mas ele faleceu. Até então tinha tido duas filhas mulheres. E:: havia essa brincadeira que se meu irmão tivesse nascido nem eu e nem meu irmão mais novo teríamos nascido, por que se esperava um filho homem. E:: Foi algo muito louco. Porque assim, eu lembro que eu não conheci esse irmão, por que ele era mais velho do que eu, mas me lembro de chorar a morte dele. Então foi algo muito sentido na família, assim. E em menos de um ano eu nasci, e aí era mais uma mulher. E logo depois, em sequência, tipo em dois anos, nasceu meu último irmão. Que é menino. E aí encerrou. E aí falava, reforçava ainda mais esse argumento da figura do homem. Afinal de contas, até para o nosso tempo ter quatro filhos é bastante. Então (+) a minha vida inteira eu tive uma educação machista, e:: eu sempre não entendia, mas sentia rejeitada pelos meus pais por conta disso, porque eu era uma menina que gostava de coisas de meninos, por exemplo. E eu tinha meu espaço limitado por ser menina. Enquanto meu irmão tinha todas as portas abertas por ser homem. Mas, inclusive, algumas portas que ele tinha aberta ele não queria. E eu queria, por exemplo, quando eu ia jogar bola, eu sempre joguei e meu irmão não gostava de jogar bola. Mas meu pai forçava ele. Tipo fazia (+) meu irmão se escondia, chorava para não ir ao futebol, enquanto meu pai nunca foi assistir um jogo meu. E eu jogo desde:: e tipo eu jogo desde escola. Eu vim de uma escola, assim, boa sabe. Que incentiva os jovens aos esportes. E eu jogo desde a minha quarta série. E eu joguei até meu terceiro ano. E meu pai nunca foi assistir. E minha mãe, se ela foi assistir, um ou outro. Então essa questão da rejeição me dói muito, porque, primeiro por essa questão de ser mulher e como é recente essa descoberta dessa minha identidade lésbica, eu hoje o que me dói, o meu maior medo é de ser rejeitada por isso. Por que eu já fui rejeitada por ser mulher. Quem dirá agora mulher e lésbica? Então não sei. Os meus pais sabem que eu fico com meninas. Nunca me assumi lésbica. Foi ano passado, eu não entendi na época, até meu terapeuta me perguntou o porquê, eu voltei para a casa dos meus pais com uma necessidade de contar que eu era bissexual. E eu achava que eu era mesmo. Na época eu achava que eu era bi ou pan. E:: acabou que foi meio estranho para eles, mas se desdobrou em uma outra questão que roubou a cena na minha família. E assim, foi algo que não foi muito discutido. E às vez que foi perguntado na minha família foi tratado como uma confusão da minha parte. Como se eu estivesse confusa, minha mãe mesmo falou assim que nunca achou que eu iria passar por essa fase de dúvida porque sempre me achou tão madura, por morar longe, assim.

Tinha uma estrutura. Ai eu expliquei né, daí eu falei, então mãe dizer que é dúvida a bissexualidade é preconceito. Mas assim, até hoje quando (+) a última vez que eu voltei ela já chegou a falar homossexualismo e a tratar como se fosse uma questão de homossexualidade e bissexualidade. E o meu pai falou que, quando eu perguntei se uma pessoa que eu namorasse fosse uma mulher, ele falou que para ele eu iria estar com uma amiga. Namorado é só homem. Então, mas meu pai tem uma visão, que não deixa de ser preconceituosa, mas é daquela que não interfere e tanto, tipo assim, ah:: isso não é o certo, não é o caminho que vai te levar a evolução, no caso meu pai é espírita. Não vai levar a evolução espiritual, porque eu tenho de me relacionar com homens, mas está no meu livre arbítrio. Ele está no caminho do bem, o máximo que ele pode fazer é rezar, sei lá. Não sei se ele rezaria por isso, mas sei lá, falar que eu vi também. Que eu tive acesso à doutrina espírita e que eu estava exercendo o meu livre árbitro. Tipo isso. É meio pesado falar de família. Às vezes eu penso em falar com eles, eu estou me preparando para isso. Eu acho que é até por isso que eu tenho evitado voltar. Porque, tipo eu acho que eu estou entrando em uma fase que eu estou entendendo que eu tenho direito de existir. De me mostrar, assim. E eu ando me expondo, assim. E de certa forma pontuando coisas nas redes sociais. E minha mãe, esse dias eu postei uma foto de eu quando criança LGBT, e minha mãe comentou, mas deu para ver que ela não entendeu. É uma negação. Então, eu ainda não sei como eles pensam isso. Eu quero contar primeiro para os meus irmãos, mas eu quero contar pessoalmente. Mas eu sou a que menos volta para casa. São muitos irmãos, somos em quatro, então precisaria de um dia para reunir todos. Porque um irmão está em Limeira, a minha irmã mais velha está mais no centro de São Paulo e minha outra está na casa dos meus pais, São Paulo. mas é quase interior. É um pouco mais longe. Mas eu estou tentando me fortalecer para esse momento, (+) para ter uma conversa com eles, mas no momento é sim o que mais me pega. Essa questão mesmo, da identidade lésbica mesmo, não é assim tanto com os outros. Eu não tenho muito assim medo de sofrer preconceito externo assim, já sofri inclusive. Mas meu medo é o familiar mesmo.

VA: Eu acho que a minha dificuldade já é como um todo assim.

CA: Como um todo?

VA: Sim. Eu acho que quando eu me descobri eu já estava na faculdade(/)

CA: Você se descobriu na faculdade?

VA: Sim. A primeira faculdade que fiz. Assim, parece que a gente já sabe, né? Desde que nasceu (+) eu pelo menos já tinha essa ideia depois que(/) mas eu achava que eu era bissexual também. Mas, na adolescência, assim, mas quando eu entrei na faculdade, e me vi namorando com um menina ((choro)) foi bem difícil. Acho que até dentro da faculdade que tem essa coisa assim de mais aberta, mas mesmo assim eu não consigo (+) me abrir, porque eu já sou uma pessoa mais fechada. Eu não sei se dá para mim(++)

CA: Respira! É meio foda mesmo.

PESQUISADORA: Conversa com as interlocutoras para acalmar a situação. E pergunta a VA como foi a assunção de sua sexualidade em relação aos vídeos assistidos.

VA: Eu não sei assim, porque vivendo essas coisas assim me remete a algo errado, sabe. Tipo, quando eu vejo essas reações de família e de outras pessoas, sabe (+) parece que é uma coisa muito errada. Sabe? Eu não sei se eu consigo me expressar assim.

CA: Errado da parte de quem limita assim?

VA: Não, de:: parece que a gente que está errado. ((choro)) Sabe?

CA: Como é que pode né? É só um (+) sei lá (+) um detalhe. Tipo(/)

VA: Mas é algo que fica enraizado, não é? A gente é educado a casar com homens, a mulher. Ter filhos e:: ser assim. E quando a gente (+) e ai que tá (+) porque a gente não escolhe a:: é o que a gente consegue ser. Não é uma escolha. Que nem na primeira parte do vídeo ela falou “você escolheu isso e agora eu escolho não querer você na minha vida”. Ela não escolheu. A gente não escolhe. E é difícil assim. ((choro))

CA: Acho que se fosse possível escolher (+) todo mundo escolheria ser heterossexual.

VA: Todo mundo iria escolher ser normal né? Ser aceito e não é assim.

PESQUISADORA: Fala um pouco sobre questão do machismo e da solidão retratada pelas garotas lésbicas.

CA: Sim, e é algo que você comentou e eu comecei a reparar. Você vê as gays todas tem as amigas gays ali e tal, em bando. E você não vê as lésbicas em bando se afirmando, “somos lésbicas”. O que a gente vê são meninas que a gente sabe que ficam com meninas. Mas você não sabe se elas são lésbicas, se elas são bi:: pan. Não sei. Não tem essa afirmação sabe. Isso faz muita falta. E quando tem, são

espaços específicos, dos quais você já sabe que está direcionado para aquilo. Por exemplo, no estágio que eu faço parte meio que já está (+) tipo assim (+) está explícito que as pessoas se sentem a vontade de se pontuar. Até é importante assim, se pontuar. Porque a gente faz eventos de visibilidade. Ano passado a gente fez sobre a visibilidade lésbica, por exemplo. E você que faz é quem é, se move mesmo. Quem realmente, a grande maioria, que faz é quem é. Que se move, que acha importante fazer esses movimentos assim. Porque sente na pele que como falta essa representatividade, assim sabe. Embora a facul seja, eu tenho certeza que comparado com as outras pessoas que tiveram outras vivências. Antes (+) eu acho que eu tive um amparo muito grande por me descobrir na faculdade. Já fazendo e tendo conversas sobre isso. Sabendo que existe, vendo que pessoas lésbicas namoram:: tem namoradas duradouras assim, e participando de estágios que falam sobre isso. E:: e não deixa de ser bom, mas também de perceber o quanto a repressão foi grande né. Que precisa ter todos esses percalços para me descobrir. E eu não sei se é um caminho, mas para mim foi. Antes de eu me libertar dessa questão da vergonha de conseguir nomear, ser lésbica eu precisei me libertar dessa questão de ser mulher. É, tipo assim, se libertar dessa concepção de mulher num aspecto machista. Para me libertar. E conforme eu fui trabalhando isso foi possível ver as outras possibilidades, porque nesse sistema para você ser mulher tem que ter um homem. Então, mulher que não tem um homem, não é mulher. E no caso, as lésbicas não são consideradas mulheres, e isso é muito pesado. Muito pesado mesmo, porque a gente vê na prática como isso se dá assim. Que nem no caso que eu contei da menina. Que eu sai com ela e:: o cara ficou me paquerando a noite toda, e ainda no fim da noite me chamou para ir para casa dele, sendo que eu falei que não estava interessada, que eu estava com a menina. É como se não valesse, como se com as meninas fossem uma brincadeirainha. E você só vai ter prazer mesmo se você tiver um homem. Sabe? Essa questão tem me incomodado muito. E:: agora não mais, assim, embora eu tenho resistências, mas no processo de nomeação de lésbica, de eu me descobrir, nossa:: eu tive dificuldades em me relacionar com homens. Me sentia invadida por homens, assim sabe? Tinha pesadelos por homens, de violências assim mesmo sabe. É horrível. E foi muito difícil a ponto de eu não querer fazer algum role que tivesse um homem eu não ia conseguir estar lá. Eu preferia ir embora. Porque foi, era como se tipo assim, a presença, naquele momento em que eu estava com a saúde mental debilitada, era

como se só a presença de homem me oprimisse. E:: claro que eu só fui entender isso agora. Porque, por uma relação de não estar junto, porque eu tive fobia social. E durante uma crise ano passado que eu nunca imaginei, mas que veio a ter desdobramentos da questão de me descobrir que eu era lésbica. E foi bem foda. Porque eu fiquei bem mal de saúde mental. Bem mal mesmo, assim. Cheguei a tomar medicação, e tomo até hoje, ao contrário de antes, hoje eu não tenho vergonha de falar. Eu acho que a medicação ajuda sabe, não é para ser algo permanente, mas ajuda. E nesse momento ela tem sido muito importante. E foi, teve sua parcela de importância, né. Não total, é claro, é um pilar pequeno da recuperação, muito pequeno. Muito mais terapia, troca com amigos, tipo, estudos, leituras (+) afetos me apoiando assim, mas ela ajuda (+) nesse processo. E está me ajudando. Porque, a:: não sei:: medo da rejeição e auto-homofobia me geravam uma ansiedade, e ainda me gera assim, uma ansiedade muito forte. Ao ponto assim que me desorganizou mesmo. Eu cindi. Foi horrível. Mas agora eu já estou melhor. ((risos)) E agora eu estou nesse movimento de construir o orgulho, sabe? Eu não sei se. Por exemplo, para sempre será algo que é:: importante para mim essa questão da identidade. Mas nesse momento está sendo. E:: para mim é um trabalho pessoal, não só enquanto político, porque eu era uma criança muito tímida. Na verdade, eu era uma criança muito extrovertida que do nada virou uma pessoa muito tímida. E recatada e religiosa e que queria ser freira, e:: a exposição sempre foi muito difícil para mim. E agora eu estou fazendo o movimento contrário assim, de que eu tenho que colocar em exposição assim, sabe. Porque lidar com ela é também superar todo esse trauma. Que eu percebo que a timidez que eu tinha está ligada ao ser LGBT. Só que só depois que eu me nomeei ser lésbica que eu consigo olhar para a minha história e ver essas coisas. Por que antes eu não via. E:: como é muito recente vem alguns *insights*. Coisas que eu vou resignificando e entendendo. Por exemplo, eu não me dou bem com a família por parte da minha mãe, eu nunca me dei bem e eu não sabia porque. E eu me sentia culpada, por isso. Mas hoje eu vejo que tem muito haver com essa questão da minha família ser muito preconceituosa por eu ser LGBT. E eu ter sido muitas vezes exposta. E:: eu vejo também na escola, agora eu não lembro de nenhuma zoação direta, mas eu lembro de alguns olhares das pessoas, porque eu me vestia como um (/) ah, o que era tido socialmente como masculino. Então, eu gostava de usar boné, eu gostava de usar camisa. Colarinhos assim, de surfista. Eu usava umas fitas assim. Eu ia de chuteira para a escola, eu

usava umas coisas assim. E as meninas que eram muito apegadas ao que é socialmente de menina elas me olhavam meio estranho. Ou as que eram amigas minhas tentavam me introduzir. Me apresentar maquiagem, (+) por que você não usa seu cabelo assim (+) usa uns brincos::

VA: Isso é muito tenso, né.

CA: Usa uma saia. E hoje eu sei que eu não preciso dessas coisas para ser feminina. Para ser mulher. E que eu posso ser lésbica e continuar sendo mulher me vestindo com uma roupa socialmente mais masculina, ou feminina. É mais uma forma de ser mulher.

VA: É difícil quando você é totalmente feminina também.

CA: Porque fica tipo, “nossa:: você é lésbica?”

VA: Você tem certeza?

CA: É:: você tem certeza? Você é tão feminina.

PESQUISADORA: Você sentia isso?

VA: NOSSA, SEMPRE.

PESQUISADORA: A questão de ser masculina não foi algo que te perpassava?

VA: Não, quando eu era novinha, na adolescência (+) quando eu não ia muito para essa questão, eu era um pouco mais masculina sim. Só queria usar camiseta e calça mesmo. E justamente quando eu me descobri, eu fiquei mais feminina. Engraçado isso. Acho que já faz uns cinco anos que eu fiquei com a primeira menina, e essa primeira menina eu namorei por dois anos. E assim, eram dois anos que eu ficava assim (+) será que é só essa pessoa? Será que eu sou mesmo?

CA: Vocês falaram sobre isso no relacionamento?

VA: No relacionamento? Bastante assim. Foi um relacionamento bem difícil, porque era uma pessoa muito aberta, tipo assim, “eu sou mesmo”, se vestia mais masculina (+) “eu sou sapatão”, colocava na cabeça. Muito orgulho de ser lésbica. E na outra ponta eu (+) que não queria me assumir de jeito nenhum. Sabe, bem difícil assim. Eu não entendo porque a pessoa é tão assumida e a pessoa também não me entende porque eu sou tão:: tão:: ruim. Então foi um relacionamento bem difícil. Até terminar e descobrir que nossa (+) é isso mesmo. Sabe, assim. Não era só uma pessoa. Mas essa coisa da roupa assim, sempre foi muito difícil, porque as pessoas meio que falam (+) nossa, você é tão feminina.(+) Você tem certeza disso, assim? Não é só uma fase? Não é só(+++) eu não sei. É muito difícil, assim, para mim. Tipo, as pessoas falam, “esse mundo aqui da faculdade é todo tão:: todo mundo aborda

todas essas questões, mas eu não vejo assim. Mesmo em grupos assim, eu sinto às vezes certa resistência em dizer “eu sou”. Então é difícil para mim no social e como um todo. Não são aqui e ali (+) é uma questão bem difícil. Acho que para mim, como você falou Ca, da auto-homofobia. Bem assim, difícil. Porque para a gente (+) eu não sei assim. Eu nunca tinha pensado por esse lado. Porque a gente nunca está em grupos em que as pessoas dizem é um grupo de lésbicas. Parece que(/)

CA: Não é nunca falado.

VA: É difícil por isso. Porque a gente não tem uma base ali, para se apegar.

CA: Ainda mais na faculdade. Eu vi um vídeo que eu me identifiquei muito assim. E ele me fez refletir. Tem um canal que às vezes eu acompanho no youtube chamado Lu. E ela falou que assim, para ela era uma questão política, ela se perceber enquanto lésbica ao invés de gay, porque gay se remete muito ao universo masculino. E na universidade, meio que as lésbicas ficam unidas com as gays. Tudo no mesmo. E não(+) tá (+) é tudo as gays, é uma luta unificada, mas tem suas particularidades. E meu (+) tem muita luta para fazer, das lésbicas. Só para começar a questão da preservação do sexo. Não tem nada. Nada que seja confortável. Nada que seja bacana. Então, tem muita coisa assim. E eu acho que realmente assim, a universidade tenha mais espaços para falar sobre isso. E é legal que na psico tem estágio, professores que falam sobre isso, mas realmente, não é tão acolhedor não.

VA: Não, não é. De jeito nenhum.

CA: Inclusive até de pessoas que acompanham o seu processo sabe. Ouvi de amiga, eu sei que não foi por maldade, mas na compreensão dela. Mas de fato, quando eu contei que era lésbica, teve de ela falar, mas será que isso não é porque faz tempo que você não transa com homens?

VA: Nossa!

CA: E ela nem percebeu o quanto foi pesado isso. E:: eu respirei e disse (+) não, não tem haver com isso.(+) Mas é pesado assim, sabe. E às vezes é que nem percebe, e é um discurso. É uma amiga próxima. Bem próxima mesmo, que via todo o meu processo, me via debilitada da saúde mental. Via você não ter coragem de sair na rua, sem ter coragem e eu não conseguia assim. De vim para a universidade, nossa. Muito menos. Meu último semestre eu terminei ele a distância. Não consegui de jeito nenhum colar na universidade. Até falar com as pessoas, eu não conseguia. Eu não conseguia trocar ideia nem mentalmente. Era um desgaste muito grande. E quando você está mal parece que acontecem Várias fitas. Pessoas vim falar

comigo, trazendo coisas antigas e eu me sentia muito assediada pelas pessoas. Ah, sei lá. Foram muito ruins. Mas eu acho que passou da hora de a gente, de ter alguma coisa na universidade, de um grupo lésbico. Sei lá. Eu acho que essa pesquisa, embora fique no âmbito mais privado, com poucas pessoas, Mas eu acho que é muito importante. Nesse sentido assim. Da construção de redes. E de redes que tem suas particularidades. Que são sujeitos lésbicas. E, a::eu QUERO TER AMIGAS LÉSBICAS. ((risos)) Para trocar ideias. Eu quero, porque eu não tenho muito. E uma que eu tenho ela tá (+) ela não se nomeia, assim. E vai eu falando que ela é lésbica. Mas eu acho que ela não conseguiu nomear. Ela já falou algumas coisas que ela acha que é. Mas que está no processo de descoberta. Tá namorando:: ficou com a primeira menina e teve sua primeira relação sexual da vida com essa menina, e já tem vinte e cinco anos. Da vida dela inteira, e ela começou a namorar. Ela está no processo dela assim. Mas assim, lésbicas velhas, que já são orgulhosas disso, que namoram, não é que são velhas, nesse sentido, mas de experiência e de orgulho lésbico, eu não tenho. Eu BUSCO. ((risos)) Busco mesmo. E não é por uma questão de procurar relacionamento. Eu nem estou buscando, se tiver de acontecer vai acontecer. Mas nesse sentido de rede mesmo. De amizade. Sinto falta. Eu tenho me aproximado muito de amigos gays, mas não é a mesma coisa.

VA: É diferente. Porque até eles, ((movimento LGBT)) às vezes, tem preconceito com a gente, né. Até dentro do movimento. Eu quando(/) eu nunca tive coragem de chegar para uma amiga e falar (+) olha (+) Quando eu me descobri, namorando com uma pessoa de uma hora para outra, eu não tive coragem de chegar pras minhas amigas e dizer “olha::” Sabe? Eu deixei ir descobrindo assim, quem quisesse me aceitar (+) aceitaria por:: que (+) Mas assim, é tão difícil:: acho que quando você é lésbica e tem as amigas mulheres é muito difícil. Porque, assim, eu pelo menos me sinto, um pouco assim, com medo. De tipo, elas acharem que “ai meu deus” eu:: sei lá. Vou dar em cima.(/)

CA: Vou paquerar elas.

VA: Eu tenho muita dificuldade, muito mais para falar sobre isso com mulheres do que com gays. Sabe, é muito difícil. Toda a descoberta né. Eu, cinco anos já e ainda hoje tenho muito (+) é uma coisa que é muito devagar que você vai construindo, assim aos poucos. Mas assim, às vezes as pessoas ainda, ainda deixam a gente com aquele sentimento de que você que está errada. É difícil.

CA: Tudo isso é culpa sua porque foi você que quis. Você que está fugindo da norma.

PESQUISADORA: E em relação ao sexo ((entre lésbicas)) ser fetichizado? Vocês já passaram por isso?

VA: A gente sempre passa por isso. Nossa, quando eu comecei a namorar eu lembro de pessoas mandarem mensagens de a:: se dava para fazer *ménage*, essas coisas. Nossa, no começo. Tem, tem muito. E de pessoas às vezes até pedirem para ver, também tem. Nossa, tem de tudo. E é assim, eu participei do coletivo daqui (...) e uma vez eu propus que se fizesse uma roda de conversa sobre prevenção pra mulheres, porque é um assunto que não existe. É uma dificuldade enorme de tipo assim, não. Não vamos discutir isso, deixa para lá. Não dá para ir para frente porque não tem embasamento, não tem a informação, é muito difícil isso. Parece que mulher, só o sexo não existe, é só, é algo não é aprofundado.

CA: Nossa, você falou nisso me fez lembrar de uma ginecologista que eu encontrei ela, que eu gostei muito de passar com dela, mas gosto dela como profissional. Mas que quando eu fui falar com ela que eu era bissexual e tal e como que poderia ser, falar sobre preservação, porque eu estava muito assim num papo de preservação sem hormônios e tal. E ela era uma médica super aberta. Eu consegui o diafragma por meio dela, na época eu namorava e estava num relacionamento aberto. E ai eu falei que eu era bissexual que poderia acontecer de eu ficar com meninas e como que funcionaria a minha proteção. E ai ela não disse nada. Porque a proteção não é pensada nas doenças, é pensada na reprodução. E mulher com mulher não reproduz. Nossa. Eu fiquei de cara. Na hora eu só fiquei tipo, ah. Eu percebi que tinha alguma coisa errada, não tinha sacado e ai depois eu fui pensar (+) meu como assim? Não tem? Sabe, então. O quê que é o sexo entre mulheres? Você fica desprotegido? Uma médica sabe, que fez uma universidade renomada em medicina. Falou isso. Ai você vê como as coisas são assim. Não é uma questão de tipo de saber, é uma questão política de não se investir nisso. Não é interessante, porque, a:: lésbicas não existem. ((risos)) Talvez seja isso. É uma anomalia, pecado.

VA: Eu já conversei com outras pessoas que me falaram que foram em ginecologista e perguntaram se elas tinham relação sexual e a menina falar que sim e com mulheres, e a ginecologista falar “a:: então você não tem”.

CA: Pesado.

VA: Então você não tem relação sexual.

CA: E eu não posso pegar nenhuma DST.

VA: Não.

CA: Eu percebo que fica muito assim, eu entro em conversa com pessoas que eu seleciono. Você pergunta para a pessoa para ter uma ideia se ela se cuida, e tal. Tipo, com que frequência ela faz exame (+) meio que isso. Confesso, eu sou uma pessoa que gosta de fazer as coisas todas certinhas. É a primeira vez que eu fui ter uma relação com a primeira mulher, eu levei meu kit sabe, com camisinha. Eu não usei. Nem lembrei. Nem lembrei ((risos)) e:: nem sabia como colocar, como usar.

VA: Eu acho que não tem, acho que eu não sei. Não é uma coisa discutida nem entre::

CA: O meu foi discutido, mas bem depois. Depois que já tinha acontecido. E que a gente continuou conversando. E:: a gente falar (+) “escuta, como que é a questão da proteção para você? “. E ai a gente trocou essa ideia. E meio que ela me passou é que infelizmente o negócio é confiar no outro e ter essa troca de ideia com a outra. E ter essa troca de ideia. Mas, olha (+) é um receio grande. Assim. Porque, antes de eu me descobrir lésbica, assim, um pouco antes (+) eu ajudei um amigo em uma fase bem ruim que ele se descobriu soro positivo, infelizmente ele pegou, tudo indica, por sexo oral. (+) E ai eu fiquei (+) mano, vou transar com mulheres não tem como fazer sexo oral com camisinha. Como que a gente vai fazer? Eu pensei VARIAS coisas, ah (+) Dá para usar bala para quebrar o gosto da camisinha, não dá. Precisa pensar nisso. Pessoas precisam estudar isso. Porque dá medo.

VA: E desenvolver alguma coisa, porque... é difícil.

PESQUISADORA: Fala da cartilha existente a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres bissexuais e lésbicas.

CA: E se na universidade, que é um lugar mais propício para as pessoas se assumirem e falar sobre isso, você não vê, mano de verdade, eu não conheço nenhuma mina que levanta a bandeira sobre ser lésbica. Não conheço. Que milita assim, como lésbica. Eu quero muito ter força para fazer isso assim. Porque eu acho que precisa de representatividade nesse sentido.

VA: Daí, quando você vai ver, achando que a pessoa é lésbica, não é bi e não tem como assumir a bandeira porque não é(/)

CA: Ou é e tem um monte de amarras assim. Por tudo que a gente sabe que provoca o mundo heteronormativo. (++) É foda. Eu só descobri esses dia que uma colega de turma minha era sapatão porque eu perguntei para ela. Porque eu só via

ela ficando com meninas, mas eu já vi ela ficando com meninos. E ai eu contei, não sei, em um momento, a gente teve uma prosa, e eu quis contar que eu tinha me descoberto. E eu, por curiosidade, perguntei para ela, e ela falou “eu também”. Meu, e eu não sabia sabe. É da minha turma, e não é uma pessoa que eu não falo. É uma pessoa que eu falo. E eu não sabia que ela era lésbica. (++) Tem uma outra menina da minha turma que eu lembro que ela é lésbica. Que ela se assumiu desde o trote. No trote pediram para fazer a posição sexual que mais gostava e ela fez, muito corajosa. Ela fez falando que era com uma mulher. Ai eu achei massa. Daí agora eu lembrei. E ela foi muito corajosa. Acho que ela é a única assumida assim. Mas que não está nos espaços de militância, por exemplo. Assumida assim, para ela né. (...)

PESQUISADORA: Fala do processo de silêncio existente frente à questão da sexualidade das mulheres.

CA: Você já é silenciada por ser mulher. Imagina ser mulher e lésbica? Até da para pensar, é diferente, mas dá para pensar. A dupla discriminação da mulher negra. Por exemplo. E se a mulher negra for lésbica (+), é treta.

PESQUISADORA: Vemos que em relação aos homens a sexualidade oferta mais espaços para que isso seja falado.

CA: E os homens gays têm espaços para transar, mesmo que marginais, mas têm espaço. “Banheirão”. Não tem espaço para as lésbicas se pegar. Eu pelo menos não conheço. É tudo muito difícil. (+) Primeiro, porque você não sabe se a pessoa é. Ai você fica com medo de se aproximar de uma mulher. Mas meu medo era isso. Será que elas vão me ver diferente. Por que é isso né, ninguém sabe se vão querer se trocar na frente, de achar que quando ela se trocar eu vou olhar. Será que elas vão pensar alguma coisa. Ou vão parar com isso. Tipo, achando que eu vou fazer alguma coisa. É um medo assim. Tanto que eu contei primeiro para os meus amigos gays, e depois para as minhas amigas. Eu me senti mais a vontade de contar para os meus amigos, no caso um era gay e o outro não. Eu me senti mais a vontade contar para homens do que para mulheres. Bem o que você falou. Fez muito sentido. (+)

PESQUISADORA: Fala sobre a questão dos apoios recebidos socialmente quando alguém se assumir.

VA: É status ter um amigo gay, mas a lésbica não.

CA: Quando eu me descobri, uma mãe de uma amiga ficou sabendo e aconselhou ela a (+) tudo bem se ela é lésbica. Você só não se troca mais na frente dela. (+) E,

tipo assim, na época, eu pensei, eu fiquei com isso na cabeça, mas eu fiquei pensando. A:: se a gente não se troca na frente dos caras, eu acho que é normal também a gente não se trocar na frente das lésbicas. E até depois de grande eu me percebi com esse medo. Porque eu fazia natação, e as meninas se trocavam, e tinha um casal de amigas, que não eram amigas próximas assim, mas de colegas lésbicas, e elas se trocavam. E eu ficava (+) mano, eu acho que eu não vou tirar a minha roupa aqui, porque:: a:: não sei. E hoje eu vejo que é preconceito. E meu, isso foi há um ano, dois anos atrás. Estando dentro da universidade. Então, estar na universidade e falar sobre isso não significa que você não vai ser homofóbico(a). Então isso é muito interessante. É uma desconstrução, talvez, para sempre. Como a resistência eu também acho que é para sempre.

PESQUISADORA: Retoma o que se falou no encontro e questiona se as interlocutoras teriam apontamentos a fazer.

VA: A:: eu não sei. Eu tenho muita dificuldade para falar. E nem faço terapia assim. Faço e paro, faço e paro. Mas é um pouco difícil para mim esse lugar de fala assim. Eu sou muito mais da escuta. Então, é um pouco difícil assim. Não sei se isso vai atrapalhar a sua pesquisa. (...) E é muito diferente. Porque é a primeira vez assim que eu faço um encontro assim, que é só a temática de ser lésbica, sempre tem as outras questões no meio. (+) Principalmente gay, principalmente trans. É muito diferente você falar só desse tema específico para lésbicas. Por isso que eu acho que eu tenho um pouco de dificuldades. Porque é muito pesado. E às vezes a gente só tem a experiência da gente, assim, pra (+) pra ir se descobrindo. Não tem outras fontes. Assim, para saber de nada. É tudo (+) na experiência própria assim. Você ir se descobrindo e não ter:: às vezes a voz é tão abafada. E quando você tem um momento de voz você não consegue né. É muito difícil assim. Mas é interessante.

CA: Eu acho, quem sou eu para dar conselho para alguém, mas (+) não sei como eu poderia dizer isso, mas algo que me ajudou muito e que me ajuda ainda, mas que me ajudou muito a me fortalecer e que ainda preciso me fortalecer mais (+) é a troca. Conversar com outras pessoas. Claro, com quem eu sinta confiança, aceita. E que sabe que é seguro. Mas é trocar. Trocar com amigos, amigas, sabe. Até (+) se acontecer dessa minha amiga falar de novo alguma coisa nesse sentido, na verdade já aconteceu, e dessa vez eu FALEI. Não de uma maneira agressiva, mas (+) ela me falou esses dias “a Ca, agora que você é lésbica você tem que aprender a trocar a resistência do chuveiro”. Porque comigo só mora menina. Daí eu falei assim “sim, eu

tenho que aprender a trocar a resistência, mas porque eu sou uma mulher adulta. Não porque eu sou lésbica”. Como que tipo assim, por eu ser lésbica, eu era meio que o homem da casa. Mais ou menos assim. É isso assim, sabe. Tipo, leve, sem agressão, mas dessa vez eu FALEI. Mas, eu acho que é assim. Falar. Por que se a gente consegue falar nos espaços que a gente se sente confortável é meio que um exercício para encarar coisas maiores. Porque eu acho que TUDO É CONSTRUÍDO. TUDO. Até as resistências. E se a gente não exercitar isso, começar aonde é mais fácil, a gente nunca vai conseguir encarar a nossa auto-homofobia, homofobia externa. Coisas assim, sabe. É algo que eu tenho levado como mantra para mim. E:: não sei:: tipo, porque hoje eu estou conseguindo dar conta das coisas da faculdade, que às vezes eu não tenho limitação sabe, em relação a minha ansiedade, minha fobia, com a minha aceitação. Só que dessa vez, ao invés de ouvir ele e deixar ele crescer, eu, quando vem, eu tento racionalizar e falar “ah, isso advém disso, desse momento. Tá é o medo. Então eu não vou deixar crescer. Vou encarar.” Mas assim, de forma responsável, do que eu sei que eu posso bancar. Tipo, eu sei que essa situação vai ser um desafio, mas eu acho que eu tenho corpo para isso. Então eu vou bancar. Por que se não, as coisas vão crescendo. E eu não quero cair nisso, porque da outra vez que eu cai nisso as coisas foram crescendo e eu fiquei bem mal, assim. Eu fiquei bem perdida. Então, não sei. Se há algo que eu posso trocar, com outras mulheres que são lésbicas também, eu acho que é isso. É a troca mesmo. O que eu posso trocar é a troca mesmo. ((risos))

Dia 25 de junho de 2018. Terceiro encontro ((O processo suicida))

PESQUISADORA: Inicia o grupo retomando algumas colocações do último encontro para contextualizar a questão da lesbofobia familiar a participante que não havia comparecido ao último encontro. e, em seguida, pergunta a interlocutora que não estava presente no encontro anterior como foi o processo de assumir a sexualidade para sua família.

VI: Então, eu passei por uns sufocos. Porque quando eu descobri a minha sexualidade foi com doze, né (+) então (+) na escola aconteceram umas coisas meio bizarras, que foi (+) eu acabei falando para uma amiga minha, e ai espalhou. Veio professora falar comigo, de matemática, veio(/) Fui para na direção, bizarramente. Eu não consigo explicar até hoje porque, eu não me lembro totalmente disso. É bem fragmentado. Eu mudei de escola, no ano seguinte, porque eu tava meio tentando que fugir, mas na escola foi bem pesado. É:: de tipo, eu me sentia meio, meio (+) não sei. Meio apreensiva no lugar depois do que aconteceu. Mas:: ai quando eu me mudei de escola as coisas melhoraram, já. Deram uma melhorada, mas ainda assim, eu estava num processo complicado. Agora (+) com a família (+) foi bem mais tranquilo, é:: em alguns sentidos. Quando aconteceu tudo isso na escola, eu morava com a minha mãe. E a minha mãe ia na igreja e ela tinha o marido novo dela que ele era:: eu vou contar muita coisa agora ((risos)) (+) era o marido novo dela, e eles tipo, não se simpatizavam com isso. Ai (+) quando eu vi o que aconteceu na escola e na casa da minha mãe eu quis sair dali né. E ai eu me mudei para a casa do meu pai. Que:: enfim, sempre foi muito legal comigo. E ai, depois de um tempão na nova escola, eu tentei falar com ele, e ele me entendeu, mas não conseguia falar sobre isso. Então eu só quis falar porque a gente meio que tem uma relação de conversa, com meu pai. E meio que para mim foi importante falar para ele. E foi de boa, era esquisito, mas foi de boa. Mas eu notava que era mais esquisito para mim porque eu ainda estava no processo. É:: a minha mãe só descobriu depois de um ano que eu estava namorando uma menina já. E:: foi mais um ano até a gente conseguir falar sobre isso, mas foi um processo. Hoje em dia já é bem mais tranquilo, ela também super respeita tudo, mas eu acho que a também a minha mãe foi mais ela passar pelo período dela. Ela ia me respeitar, ela só pediu para eu não falar para o resto da família dela também. Ninguém sabe. Mas, foi mais ou menos assim que aconteceram as coisas. Meu pai é muito tranquilo. Eu tenho dois irmãos e, tipo, eles me ajudaram muito em alguns momentos. É:: e principalmente a minha irmã, que até

hoje é a minha melhor amiga. E eu sempre falo (+) eu sempre fui muito sozinha, passei por muitas escolas por causas das muitas coisas que aconteciam, mas a minha família são os meus melhores amigos hoje. E (+) eu sou muito grata por isso, e eu sei do meu privilégio enquanto a isso. E do:: sei lá. Eu agradeço muito a eles sempre, sempre. E quando eu vou para São Paulo hoje em dia é só para ver eles, para falar a verdade. Por que as outras pessoas que passaram pela a minha vida foram (+) foi meio (+) acabaram com o tempo indo embora. Então, é mais ou menos isso, nesse sentido do contexto familiar.

PESQUISADORA: Segue descrevendo como ocorrerá a dinâmica do diálogo do encontro em questão. Como o assunto envolvi a abordagem das ideias tentativas de suicídio realizadas pelas interlocutoras, foram apresentados alguns dados referentes ao índice de suicídio em jovens lésbicas, bem como um vídeo de um pai falando do suicídio da filha que era lésbica.

VA: Eu já vi algumas histórias assim parecidas, né. De:: pais que só vem os filhos depois que eles morrem. Que antes, quando eles estão ali, “eu prefiro ver meu filho morto do que ele ser gay”. E quando ele realmente está, não dá mais. E é muito complicado, porque é um processo para cada pessoa. Pra gente já é um processo assim de (+), não sei. Hoje em dia eu tenho mais(/) eu vejo de uma forma diferente. Eu achava que “como é que pode as pessoas serem contra e pronto, não ouvirem?” Mas hoje eu acho que tenho uma visão diferente. Porque é algo novo assim para muita gente. É difícil um pouco. Por que é agora que se esta se discutindo um pouco. Ainda que tem um momento de coisas e de políticas que são contra e fazem política. Mas também tem muita gente a favor. Então, que bom que está sendo tão discutido assim. Infelizmente, algumas vidas vão. Eu, especialmente, quando eu vi a pesquisa eu pensei (+) “vou participar, mas eu acho que (+) pela minha cabeça nunca passou essa coisa do suicídio por conta de(+) da sexualidade tal. Apesar que é uma coisa que paralisa, e:: de:: de você às vezes (+) eu mesmo, me encontrei assim, em vários momentos de (+) “eu não tenho saída! Não tenho coragem de contar para ninguém, e não tenho coragem também de não ser aquilo que eu sinto. E agora?” Eu (+) eu tive algumas crises de pânico, que assim, eu não sei explicar até hoje. Por conta disso. Eu tive meio que:: sabe (+) parece que é o fim da linha algumas vezes. E é uma coisa que me paralisou muitas vezes assim. Mesmo de não saber o que estava acontecendo. É uma coisa tão delicada assim que é aos poucos que você vai (+) sabendo o que está acontecendo com você ali. Então, tem pessoas

que é muito mais cedo. O seu foi bem cedo né? ((se dirigindo a VA)). Para mim foi bem tarde. Então (+) eu acho que (+) é difícil. Você já tem que lidar com você e depois com a família, depois com a sociedade (+) ah:: é muito(/) ((silêncio prolongado))

VI: Mas é complicado. Porque às vezes que eu sentia vontade ((de se matar)) tinha ver com isso mesmo. E, tipo(+) e eu tenho criação evangélica, e depois que meus pais se separaram a igreja expulsou eles. Eles foram expulsos por algo antes até de eu ter uma relação com isso. Mas assim, eles se afastaram depois disso. Mas antes eu fui criada na igreja e tudo mais, e:: nossa. É muito complicado. (+) Tipo muito. Porque, tipo, eu sentia uma inadequação, sabe? Tipo, eu me sentia suja mesmo. De tipo, meu:: só foi passar depois de muito tempo que eu tive aquilo. E é muito estranho pensar isso, hoje em dia. Mas, pra mim, tipo, eu passei por ato de iniciação por muito tempo, por rejeição isso mesmo. Foi muito complicado. (++)

VA: Difícil né? Essa coisa da religião também. Eu também fui criada assim, num ambiente muito católico. E:: eu cheguei a ir em alguns retiros assim que lá era assim, três dias explicitos “que ai:: você tem que aceitar a Deus e então tudo que te tirar do caminho” (+) e era muito assim explícito (+) “se você é homossexual, a gente sabe que isso é uma doença”. Mas tipo:: depois que eu vi que, (++) depois que eu me vi e me aceitei assim eu:: eu:: não consegui mais aceitar aquilo sabe? Mas eu fico imaginado para quem, para quem, para quem acredita um pouco também naquilo. É ruim. É claro que a gente se sente oprimido, me senti super mal comigo mesma, nossa (+). É muito complicado. Porque a gente começa a ter nojo da gente mesmo. De não querer(/) (+) ao mesmo tempo, não tem como você rejeitar uma parte sua e ao mesmo tempo você fica escutando de todo mundo que é errado. ((silêncio prolongado))

VA: Esses dias eu vi um post de um menino que ele disse que depois que ele contou para a mãe que ele era gay ela simplesmente não falou mais com ele. E ele tinha foto dele mandando mensagem e ela bloqueou ele e tudo. Por causa da igreja. Eu achei bem pesado, sabe. O filho está ali, tipo, “mãe me escuta”, e a pessoa foi lá e bloqueou. Isso foi muito forte para mim.

CA: Não quer escutar.

VA: O pior é isso. Quando a pessoa não quer escutar. Quando você já tem um medo de falar e outros não querem te escutar, né. ((silêncio prolongado)).

PESQUISADORA: Pontua a questão da saúde mental, acompanhamento psicológico e a realidade de mulheres lésbicas brasileira.

VA: Na outra semana que a gente fez, assim, depois que eu sai, eu disse: “gente, eu preciso de terapia”. ((Risos)) Porque teve uma vez que eu fui numa psicóloga e eu fui falar, porque eu estava sofrendo muito em razão de um término de relacionamento, e eu cheguei lá e fui contando. Só que eu fui contando de uma forma neutra e ai logo as palavras dela eram “o seu namorado”, “ele”. Nossa aquilo foi terrível para mim. Por que eu já não conseguia falar aquilo, “eu namoro uma mulher”. Sabe. “eu sinto coisas por mulheres. Daí você chega numa psicóloga, tipo ela fica tratando como se(/) (+) então, é muito difícil. Eu fico pensando seriamente “será que:”(/)

CA: A diversidade não é incluída, né?

VA: De jeito nenhum.

CA: Por você ser mulher você ó podia ter um namorado.

VÀ: Daí eu pego e falo, não é ele, é ela, e a pessoa (+) não tem uma preparação. Então eu fiquei muito pensativa assim. Depois daquele encontro, porque (+) eu, nossa, eu preciso de terapia. E ao mesmo tempo tenho receio de me abrir e as pessoas (+) eu sempre acho que as pessoas não vão me entender.

PESQUISADORA: E vocês entendem a importância de vocês aqui? ((todas acenam e dizem sim))

VI: É que psicólogo nem é muito acessível para todo mundo. Não é. E às vezes, ainda quando é, consegue não ajudar, então sei lá. Eu sei que é um ponto muito crítico. Por que eu sai e na primeira vez nem conseguia ouvir a palavra lésbica que eu ficava “uhu,” sabe? Tipo, eu não pronunciava desse jeito. A minha voz falhava quando eu falava LÉSBICA. Então, imagina por pessoas assim que vão viver vidas assim. Entendeu? Que vão viver anos assim, até conseguir realmente alguma coisa. E realmente, pode levar muito gente ao suicídio sim, sabe. E também eu tive uma grande sorte, isso eu não posso negar.

VA: No meu processo eu também tive muita dificuldade em falar a palavra. Mas era só uma palavra, né gente. ((risos)) É: um tempo até você conseguir falar, sabe. E nossa, eu ficava muito puta quando alguém me chamava de sapatão.

VI: Nossa, sapatão é pesadíssimo. ((risos))

VA: Engraçado né? Uma palavra e você não consegue falar! ((Risos)) E é tão pesada até para você falar com um profissional ali. “Eu sou lésbica, e::”. É muito difícil para você ir construindo umas coisinhas, até o mínimo.

PESQUISADORA: Questiona sobre o ocultamento da palavra lésbica.

CA: Quando eu penso do suicídio da mulher lésbica eu penso nesse ocultamente assim. Por que, eu não sei. Pelo menos para mim, nunca foi muito comum assim, nunca escutei suicídio assim, suicídio de lésbicas, por exemplo. E eu não acho que eu nunca escutei por que não aconteça, mas é porque, não sei. Eu acho que faz parte de um ocultamento, por que, por exemplo, eu já escutei de gays, de caras e tals, de trans, travestis, assim também pode ser um alvo. Mas, me fez pensar que há um ocultamento também nisso. E eu fiquei curiosa em saber quais são as estatísticas de suicídio.

PESQUISADORA: Conversa sobre questões envolta a temática do suicídio.

VI: Eu acho que às vezes essa invisibilidade que tem, tem um pouco haver da questão do gênero também, da mulher se centrarem mais no próprio mundo e não poder falar, de ser silenciada em vários âmbitos diferentes. Nós podemos estar num mundo acadêmico aqui, mas há muitas cidades(+) (...) do interior que acabam massacrando mais ainda isso. E às vezes acontece o suicídio e ninguém nem sabia que ela era lésbica. Sabe? Eu vejo muito isso da invisibilidade, neste sentido.

CA: Parece que já vem uma outra invisibilidade que é o fato de ser mulher. (+)

VI: E sendo mulher, é tudo mais (+) um pouquinho mais complicado mesmo.

CA: Quando eu penso do suicídio da mulher lésbica eu penso nesse ocultamente assim.

VA: Eu acho que não é levado a sério essa questão de você é lésbica, é sempre:: é sempre(+) trata isso como se fosse uma bissexualidade que se nada der certo, você está com o companheiro ali. Eu acho que é meio tratado assim. Nossa, eu já vi tanta gente falando que “ah, eu acho que mulher fica com mulher depois de tanto se decepcionar com homens”. E sabe, parece que não é uma coisa séria. É tipo, é só uma fase. A pessoa está enganada.

VI: Não é levado a sério, né?

VA: Ou então, é só uma perversão. Tipo, tá ali só para curtir:: está no momento que:: Então eu acho que é meio que isso, não tem (+) eu acho que não tem nada sendo levado a sério uma mulher ser lésbica. É só um motivo dela. Muitas vezes é engraçado né, você ver quando tem na mídia, você sempre vê quando duas

mulheres namoram ou são casadas, são sempre a companheira da outra. Tipo, são só amigas que estão(/) (+)

CA: E usam essas palavras, amigas.

VA: É, amiga sempre.

PESQUISADORA: Comenta sobre as questões acerca das tentativas de suicídio e o atendimento pós suas ocorrências.

VA: Eu não cheguei a tentar nada. Eu acho que foi mais, mais (+) sentimentos que ficaram para mim mesmo. É a ideia de ficar bloqueada, tipo “e agora o que é que eu faço? Eu não tenho saída.” “Talvez (+) não seria a melhor alternativa?” (+) Nossa, isso até hoje. Sabe? De:: pensar desse modo (+). “Eu não tenho mais para onde ir, correr”. E ficar nisso de, de ficar só em você e ninguém mais saber. (+) É, então, como eu ainda tenho essa dificuldade até hoje, de, de me posicionar , de me posicionar enquanto lésbica mesmo, porque as pessoas fazem (+) até as pessoas que a gente se relaciona mesmo, a gente vai apontando as coisas e as pessoas “botam” em dúvida se a gente realmente é. (+) Então a coisa fica assim, no ar, sempre. (+) “Será que eu realmente eu sou?”, “Será que tudo isso é realmente real?”, e:: não é uma coisa que chega num exato momento e pronto, você está bem resolvida e você não vai sofrer mais. Sempre tem umas coisas que vão acontecendo.

VI: Eu cheguei a:: eu falei do processo de automutilação, foi bem pesado para mim. Eu tenho:: não cheguei a ir para o hospital, e:: mas:: com o tempo foi aumentando a quantidade. E, tinha muito haver com a sensação de se sentir errada mesmo. Também não foi só o único motivo, mas eu me sentia bem errada. Até porque em relação a minha avó, coisas que eu ouço até hoje lá. Então eu sentia apropriada, me fez muito, muito me odiar assim. Meio que eu acabava, acabava reagindo dessa forma, e:: foi bem complicado, porque:: vira algo corriqueiro, começa a entrar em você aquilo. A:: é complicado, mas não cheguei a cometer a tentativa, mas eu imagino que seja algo bem complicado mesmo. Porque, se a gente vê uma coisa e outra de uma maneira:: até mesmo quando você está num hospital, você chega ali, num espaço:: você está tão frágil, às vezes pode até desencadear uma tentativa que dê certo. Então, tem de se pensar sobre isso. Que é bem complicado.

VA: Como você disse ((se dirigindo a VI)) quando você está num ambiente mais aberto é mais fácil, mas e quando você volta para a sua família? Que são pessoas mais conservadoras? Parece que volta tudo. ((o questionamento)) Estar no meio de

peessoas que de tal forma que você começa a:: eu me sinto muito reprimida em ambiente familiar assim. Começa a passar umas coisas, “que vontade de ser normal!”.

VI: Eu estou aqui no meu primeiro ano né, antes de eu vim para cá minha vó foi em casa, orou, ungiu:: e ela falou assim “beijar pode beijar bastante, só não beija menina”. ((risos)) Eu olhei assim, e minha irmã estava perto começou a rir, tirando sarro. Mas eu disse “tá bão vó”. Tudo bem ((risos)).

CA: Bem, digamos que eu não tentei o suicídio direto digamos assim, e:: tipo (+) eu acho que eu não tentei tirar a minha vida assim, de maneira convencional. Eu acho que sim, eu tentei me matar de outras formas. E:: eu sempre me senti num mar terrível assim. Quando eu procurei a terapia era para tratar (+) porque eu sempre me senti meio depressiva assim. E:: com, não sei, uma angústia, uma tristeza que me acompanhava desde criança assim. Embora, e:: contraditoriamente, sempre fui considerada uma criança sorridente e feliz. Então, isso sempre foi um dilema para mim. E:: a:: eu também tive muito problemas com (+) autonomia, protagonismo mesmo. Eu acho que tinha muito haver com uma forma de morte, que é a de você se anular pelos outros. Eu já tive uma fase em que eu era muito submissa. Que eu (+) fazia o que esperavam de mim. Eu era a “boa garota”, entendeu? Que correspondia a tudo, que era educada, que fazia o que era esperado, que era sensata, que era madura. Isso também era uma forma, é uma forma que eu vejo de (+) me matar. E:: eu também tive, já falei, tive, passei por crises de pânico bem pesadas, assim. Terminei o semestre da faculdade (+) longe. Não conseguia pisar na faculdade. E:: no tempo em que eu estava muito mal eu estava nas férias, na casa dos meus pais e assim, e para lá eu também estava tendo umas “tretas” com eles por conta de outras coisas. Nesse meio (+), no meio de tudo isso eu estava muito mal e ninguém parecia me compreender, assim. Me baguncei um pouco mais, mais ou menos. E eu lembro algumas vezes que eu fiquei sozinha de eu (+) eu pensei assim. Pensei bastante, assim. E: eu cheguei a pegar um(/) (+) mas eu nunca tive coragem de me matar, porque eu ficava pensando, tipo, nos outros assim, tipo, se eu pudesse morrer e não deixar consequências né, seria de boa. Eu faria. Mas eu cheguei perto de me machucar assim. De pegar faca, de colocar perto do pulso. Essas coisas assim. Mas (+) algo que eu acho engraçado, mas que me ajudou muito foi que eu peguei o caderno para desenhar. E eu desenhei o que eu queria fazer, e eu não fiz. Mas eu desenhei o que eu queria fazer. E de alguma

forma, eu fiz. ((risos)) Acho que foi uma simbolização que eu precisei fazer para não chegar às vias de fato de me machucar fisicamente assim. Mas, é até estranho, por que eu tenho(/) (+). Ah:: eu tenho esse desenho ainda, guardado até hoje.

VA: E o que você sentiu desenhando?

CA: A:: eu senti um certo alívio sabe. Porque de alguma forma eu realizei assim, sabe. E deu uma amenizada também na vontade de fazer. E ai, logo depois, já chegou gente em casa, e por isso que eu não acabei. Mas eu acho que eu nunca mais vou olhar aquele desenho. ((risos)) Eu nunca mais mexo naquele caderno de desenho. Então, não sei se eu tenho coragem assim de ver. Que (+) ah:: é difícil pensar. Sabe? Porque isso é tudo muito recente para mim. Mas eu acho que (+) também me emociono assim, pensar nisso. Porque nossa, até pouco tempo eu estava, tipo assim, (+) numa certa maré que está bem diferente da que esta agora. Então, eu agradeço por não ter feito nada. Ter conseguido resistir. Mas é foda essa questão do suicídio.

VA: Depois que passa essa sensação (+) de dúvida e de um monte de coisa, é um alívio quando você retoma a consciência.

PESQUISADORA: Coloca algumas considerações acerca do ato suicida, questionando a impulsividade e o estreitamento da visão frente às situações de extrema dor, raiva, solidão e desespero.

VA: Eu fico pensando nisso varias vezes(/) (+)

VI: Às vezes não tem nada para te colocar para cima, sabe? Não tem. E é isso que é complicado, porque você está ali, e nada está a fim de te ajudar. Se fosse alguma coisa que estivesse muito difundido, talvez teria, mas não tem. Mas sei lá, é complicado isso.

VA: É um desespero assim, que dá. Eu já ca(/) (+) cheguei também a me machucar, mas eu sou uma pessoa que eu nunca sentia muito a dor, então (+), assim, às vezes você se pega você mesma se socando, sabe? De (+) uma dor assim tão grande, é um:: sentimento assim de (+) de que você parece que vai explodir (+) com aquilo. E de alguma forma é:: você tem que aliviar aquela, aquela dor que você tem. Para mim sempre foi assim. Eu sempre cheguei no fundo do poço para ficar aliviada depois, assim. E eu fico pensando essas pessoas que conseguiram se suicidar, se elas não tivessem tentado tão profundamente não poderia no momento seguinte, no minuto seguinte, ela poderia (+) o alívio poderia chegar, sabe. Mas elas não tiveram a chance (+) de sentir esse alívio assim.

VI: E que acontece, né?

VA: Acontece. Tem muito de gente que se arrepende no meio do caminho.

PESQUISADORA: Fala sobre a questão dos métodos de suicídio, mitos e ideias construído acerca do suicídio.

VA: Eu já:: agora que eu entendi, eu namorei uma pessoa que já tentou algumas vezes (+) o suicídio,. E em uma delas ela me ligou pedindo pelo amor de deus pra:: para eu tentar ajudar porque precisava de uma ajuda para não fazer aquilo, sabe. Para não pegar e:: É angustiante, assim. Foi, acho que (+) um dos momentos mais difíceis, assim, da minha vida. (+) Você estar no telefone com uma pessoa que está bem longe e a pessoa estar pedindo “pelo amor de deus” para você tentar ajudar de alguma forma a ela não se matar. Para ela não tirar a própria vida. ((choro)) É muito angustiante (+) você estar conversando com uma pessoa e ela falar “eu estou me cortando aqui”.

VI: Eu já passei por isso também, com uma pessoa que eu me relacionei. E ela me ligou(/) ela tomava uns remédios controlados, e ela me ligou depois de tomar (+) e no começo ela estava falando (+) tranquila, mas numa (+) não despedida, porque ela não queria que soasse como, mas estava, sabe. E:: falando coisas bonitas e tudo mais. E ai a voz começou a ficar grogue (+) foi(/) e eu tive(/) (+) eu morava longe também, eu tive que ligar para um amigo que morava perto e foi uma correria. Foi parar no hospital. E fez lavagem. E:: até hoje eu não consigo não falar dessa pessoa. Depois de tudo o que aconteceu. Tipo, eu nem falo muito sobre isso, porque foi um choque sabe. Tipo, total, total. E:: deu tudo certo, e:: nós não estávamos mais juntas, então eu não pude participar de todas as coisas depois, porque não era mais (+) sabe. E:: mesmo assim, não sei explicar, você sente que (+) aquela pessoa (+) é muito complicado pensar nisso sabe. E se eu ajudei, espero que de alguma forma. É muito ruim, e muito complicado. E nem sei falar direito, mas eu imagino como foi isso ((se dirigindo a VA)). Bem chato.

VA: Quando você passa por isso você se sente responsável pela outra pessoa também. É assim, às vezes você tem que:: não sei. Esquecer o que você sente para cuidar de outra pessoa que está, (+) que está passando (+) e jogar em você uma responsabilidade tão grande. (++) Mas é horrível. A sensação de você receber a ligação de uma pessoa que (+) que está chegando no limite, do limite, do limite. Assim.

PESQUISADORA: Menciona os serviços ofertados em respaldo a ideias suicidas, tais como CVC.

VI: É muito complicado isso do CVV. Eu já liguei, e eu não consegui ser atendida. Porque você fica na fila, e você só ouve que você está sendo passada para frente. E parece que não chega. (...) E é bem importante isso. Porque eu imagino se a menina com tanto sentimento de inadequação, que às vezes a única opção que ela VA ter é essa ligação. E ninguém em volta dela. Eu vejo muito isso. Porque eu vi, que eu lembro do rosto delas, da época que eu estudei na escola e tudo mais. E, meu (+) essa pessoa não vai saber (+) ela vai passar pelo processo que eu passei, talvez isso demore anos pra, pra se conhecer mesmo.

PESQUISADORA: Inclusive na igreja, você se lembra de pessoas?

VI: Sim, inclusive a filha do pastor, era (+) da igreja evangélica, no caso. E que eu sei que vão passar por isso. E eu fico pensando se um dia, sabe, alguma coisa, sei lá qual dia, de repente estourar e essa pessoa vai falar com QUEM? Eu imagino que Várias meninas passem por isso. Isso é muito, muito complicado. Não ter ninguém mesmo. Acho que deve ser a parte mais complicada (+) e que leva ao suicídio.

VA: Eu acho que tem, (+) acho que criaram um perfil no facebook, não sei se é verdade, é uma menina que se suicidou e eles criaram, o facebook mesmo criou uma página que ela conversa com você automaticamente, sabe? Você pergunta qualquer coisa para ela e ela já te responde. ((conversas paralelas sobre esse perfil Beta no facebook))

PESQUISADORA: Fala sobre fontes de apoio na internet e facebook e retoma a temática do vídeo apresentado.

VA: É difícil, porque em casa a gente escuta, às vezes, coisas muito pesadas assim. E eu imagino como, como (+) a filha dele pode ter se sentido.

VI: O discurso de ódio da mídia em si influencia muito isso. Às vezes hoje em dia, estava super escutando isso, tá, mesmo que pareçam candidatos novos, o discurso da mídia influencia muito. Porque você já está se sentido sozinha, daí você vê alguma coisa, mesmo que seja na TV, aquilo existe já. Por isso que a gente já anda calada, porque essas pessoas vão dar entrevista na TV e dizem “ok”. Muita gente, diz ok. Agora, nos estados onde as pessoas são assim, e funciona um discurso de ódio, é muito complicado. Porque influencia muito né, na cabeça das pessoas. Não só as pessoas que são afetadas, mas a que julgam as outras que estão vivendo ali, reproduzindo. É complicado.

VA: Eu acho que às vezes a pessoa que chega a fazer o que a filha dele fez é o desamparo, é o medo da solidão de não sentir apoio de ninguém. E às vezes sentir tão sozinha, tão sozinha, tão sozinha(+) que acontece isso né.

PESQUISADORA: Retoma algumas características da personagem retratada no vídeo e do papel da mídia, manifestações pró direitos LGBT.

VA: As pessoas acham que é uma questão tão jovem, mas vai saber quantos idosos são e a gente nem sabe. E se escondeu a vida inteira vivendo casado por aparência, e sofrendo a vida inteira. Nossa, teve uma vez que passou na aula de uma professora, que eu não me lembro o nome do curta metragem de um casal de homens que se encontram escondidos. Só entre eles e que sabem que são gays. Eu achei bem interessante, porque a gente às vezes acha que é uma questão muito de agora, mas que não. Imagino que seja desde o começo do mundo. Não tem como.

PESQUISADORA: Conversa sobre a questão da representatividade em meio público de lésbicas de todas as idades.

VA: São muitos detalhes. Até o fato de você não poder andar de mãos dadas na rua, é uma violência. De você não poder abraçar, é muito ruim. Você está o tempo todo com medo. Eu mesmo namorava uma pessoa que era (+) dava para ver que era lésbica, e só de você estar do lado, você já vê um monte de olhares assim. Você fica com medo de (+) é tanto olhar, tanto olhar, que você fica “ai meu deus, será que eu vou levar uma pedrada aqui?” Sabe. É difícil. (+) São detalhes, às vezes, de sei lá. Você estar no shopping e não poder pegar na mão da pessoa que você gosta. De ter que apresentar como sendo sua amiga para muitas pessoas. As pessoas são muito loucas, é muito louco. São detalhes que vão machucando você no dia a dia. (++) E quando a gente não sabe lidar, fica ainda mais difícil. E quando você encara isso, de dizer “eu vou enfrentar, eu vou andar de mãos dadas, eu vou abraçar essa pessoa” aquilo se torna uma coisa muito difícil. Muito difícil. Precisa de muita coragem para fazer uma coisa simples (+) como isso.

Dia 08 de julho de 2018. Quarto encontro ((Formas de resistência))

PESQUISADORA: ((Inicia a conversa recapitulando as discussões anteriores e perguntando se as interlocutoras trouxeram ou pensaram naquilo que elas identificaram como potentes para a resistência delas frente à dinâmica suicida.)) O que vocês entendem como resistência?

CA: Eu acho que é enfrentamento. Eu acho que é não se calar. É responder a opressão e se (+) se afirmar como um ser diferente. E explicar. É achar que a sua diferença tem o direito de existir e de ser respeitada (+) e, pelo menos, respeitada. Não. É os dois, existir e ser respeitada. ((risos))

VI: Eu acho que se autoafirmar é importante. Onde você estiver, quando você puder, sabe. Para mostrar que você tá ali e que assim, e que você está presente como isso(+), como, como um ser humano que também merece respeito como todo mundo que está ali. Se ficar isso para você acaba (+) deixando todo mundo passar por cima, e eu acho importante a autoafirmação também.

VA: Eu acho que, (+) acho que parece que quando eu penso em resistência me parece que é aquela coisa de permanecer, sabe. De não, (+) de não deixar se::, sei lá, de não quebrar, sabe, mas de se manter firme. Algo assim. (+)

CA: De continuar existindo.

VA Eu to aqui. E eu tenho este direito de estar aqui.

CA: Eu lembro que quando eu estava, como eu falei, o meu processo é muito recente, e eu lembro que quando eu estava nessa fase mais (+) depre(/) , deprecian(/) , ah quando eu estava nessa fase mais depre ((risos)) eu lembro que eu escutei muito um álbum de músicas que foi aquele do Otto “Acordei certa manhã de sonhos intranquilos”:: E ai (+), como é? (+) tem uma frase que ele falava assim (+) ah, “até para morrer você tem que existir”. E isso ficou muito gravado, assim. Porque (+), ah:: eu fiquei muito “depre” assim. Ah, e seu pudesse sumir eu sumiria. (+) E ai uma resignificação importante assim para mim foi, tipo assim, é:: como que é? (+) “até para morrer você tem que existir, então resista”. Então tipo, não tenha uma vida(/) (+) já que você tem que passar por isso, não tenha uma vida de merda. Não deixe as pessoas te nocau(/) nocautearem.

VI: Tem aquela frase do Caetano também, e que eu não sou boa nisso, aquela do “todo mundo sabe as delícias de ser quem você é::” não sei a frase que ele usa para falar a parte ruim. Tipo, a parte boa e a parte ruim de ser quem você é. Eu acho que isso é complicado. Você sabe a parte ruim, mas você tem que saber as delicias de saber quem você é.

CA: E expressar isso para você. Porque se você não acreditar (+) ((risos)) você fica(/)

VI: Você fica existindo só.

VA: Porque o mundo, o tempo todo, quer mostrar só a parte ruim. A resistência é você também mostrar que você tem seus lados bons.

VI: Porque não é só isso. Você é umas dessas coisas. Você é tanta coisa (+) é uma coisa. Isso é umas das coisas, sabe. Eu resisto tanto por causa disso, mas também, po, eu sou VARIAS coisas. Jogo futebol, toco maculelê, é assim. É legal isso.

PESQUISADORA: Mas vocês acham que a questão da lesbianidade é uma parte ruim?

CA: É considerada.

VA: Pelos outros sim.

CA: Mas, a partir do momento que você é LGBT você tem que resistir, se não(/) (+) você se esconde, você fica no armário, você fica infeliz, você se mata. É isso. Se você se assumir você tem que resistir. E vai ser para sempre. Eu não tenho ilusão de achar que não. (+) Eu vou ver, tipo, muitas, eu vou ver (+), mas não vai ser uma revolução assim, nesse sentido mais social, de aceitação, de respeito. Eu vou ver batalhas ganhas. Como a gente já viu né, como casamentos. Que embora, por exemplo, eu tenho (+), ah:: eu esperava que a sociedade não lutasse por casamentos, mas assim por amores livres, mas ainda assim é importante ((risos)). Mas, mesmo assim, é importante, a gente tem que acompanhar o tempo que a gente está. E para o tempo que a gente está é isso. O meu ideal é mais para cima.

VA: Já está bem para frente, né? ((risos))

VI: Essa coisa, por exemplo, de dar tchau para a pessoa que eu estou. Ai estou na rua, você vai beijar:: você já olha para o lado::

CA: Nossa, isso é horrível.

VI: Mas eu tento não deixar de dar esse tchau. Por que, po, qual é o problema? Se eu acho que eu estou fazendo alguma coisa errada, eu acho que eu dou a liberdade para as pessoas realmente acharem que eu estou errada.

VA: Às vezes eu fico pensando, às vezes eu me pergunto, sei lá, “será que se eu pudesse ser hétero, eu seria?” Eu sempre me pergunto, e eu sempre penso que não. ((risos)) Porque se fosse aceito (+) ia ser perfeito. Só. O lado ruim é isso, é não ser aceito pela sociedade. Mas gente, é tão lindo. É muito lindo. Você está assistindo um filme com um casal lésbico você fica assim (+), nossa que coisa linda, que sonho. ((risos))

VI: Eu estava assistindo Carol agora a pouco, não sei se vocês já viram. Nossa gente, é muito delicado. Muito legal.

CA: Eu acho que já ouvi falar desse filme.

VI: Sobre essa questão de filmes, você vê isso representado. Nossa, é demais. Porque não tinha isso até bem pouco tempo. Daí você vê um casal assim passando por coisas normais que eles passam. É muito importante.

CA: Ai você vê quando tipo, a questão da diferença é o mínimo. Uma coisa tão bestinha. Não acredito que as pessoas estão enxergando só isso. Estão olhando só por essa ótica.

VA: Olha só para o lado sexual mesmo, como se fosse(/) (+)

CA: Porque só aceitam assim, enquanto objeto. Igual a mulher, assim.

VA: Mas tem afeto, tem tudo assim, né.

CA: É, mas as pessoas olham assim mesmo.

PESQUISADORA: Fala sobre a mudança nas temáticas do filme acerca das temáticas lésbicas. (+)

VA: Tem uma série muito boa “The L world”. É muito bom. É toda uma sociedade lésbica. Sabe, é tipo elas se juntam como uma família, eu acho que são umas sete ou oito amigas, e elas vivem nesse cotidiano lésbico. Acho que são umas dez temporadas. Não, eu não sei se chega a tudo isso. Mas é tipo assim, uma sociedade lésbica mesmo, a série toda.

PESQUISADORA: E quando você conheceu essa série, como foi isso?

VA: Foi com a minha ex. A gente assistia. É, foi assim. Logo no começo que eu me descobri. E eu fui assistir essa série. E eu ficava assim (+), gente, é muito engraçado. Porque na série é tão normal, sabe? Tipo, a gente está vivendo aqui(/) (+) e conta muitas histórias de um jeito diferente que cada uma chegar nesse caminho, sabe. É muito bom, vale a pena e te ajuda a olhar de um jeito mais leve.

VI: Que isso não é uma:: que tipo:: é só um detalhe. Nós estamos vivendo a vida.

PESQUISADORA: Fala sobre filmes e músicas e as temáticas abordadas sobre lesbianidades.

CA: É uma delícia. Eu tenho uma playlist “sapatão” ((risos)). Que não é só sobre a temática lésbica, mas cantadas por mulheres sapatão, umas conhecidas, outras não conhecidas. Eu gosto.

VI: Uma amiga me mandou um vídeo de uma música coreana, que é cantada por um homem, mas o clip é de duas meninas se pegando na sala e a mãe flagra elas, e acaba batendo nelas. ((risos)) É meio pesado, mas no fim elas acabam fugindo para

a praia. Mas é fofo também. E é coreano e eu nunca tinha visto também. E eu acho legal ver essa representação. E a música é ótima.

PESQUISADORA: Como que toca vocês esta questão da ojeriza contra pessoas LGBTQ?

VI: Eu fico pensando assim. Eu ainda consigo viver a minha vida né. Eu posso, eu tenho essa chance. Com isso tudo, saber que eu sou, mas saber que tanta gente por ser isso, (+) que é uma coisa tão simples para mim, hoje em dia, ((risos)) depois de tanto tempo virou algo parte de mim, mas muitas pessoas não podem. É uma parte que às vezes elas tem de fazer dentro de casa, nem no ambiente de trabalho. É algo que é assim, meu como que é essa vida? Como criar resistências? Porque para mim falar sobre isso (+) quando eu penso nessas pessoas é bem pesado.

CA: Como que é a saúde mental delas?

PESQUISADORA: Pergunta acerca do que as interlocutoras elencaram como símbolos de suas resistências.

CA: Coisas que simbolizam a minha resistência? (...)

VI: Eu trouxe algo que é tão óbvio (+) eu trouxe a bandeira((bandeira do movimento LGBT com as cores do arco iris)) mas tem uma história. Vocês querem ver? Então, essa é a parte que eu me assumi. Demorou alguns anos para eu ir para a minha primeira parada, acho que foi em 2016. Nem faz muito tempo atrás. Que eu disse “dessa vez eu vou”. Porque tem aquela coisa assim que eu ouvia que “só era uma grande putaria” sabe, “um bando de gente sem camisa, se pegando” e tudo mais. Daí eu falei, meu, eu não vou só porque todo mundo está falando isso? Daí eu fui. E meu, foi uma alegria tão grande, tipo, para mim foi uma explosão, sabe. Foi uma explosão para mim. Eu olhava e falava “meu, você existe!” É muita gente na Paulista. Ai se via assim aquele corredor de gente, daí se fala, não eu vou comprar uma bandeira. Ai eu amarrei aqui e fui. Daí quando, aconteceu um episódio na minha família de despejo, esse ano, e a minha irmã ela falou que entrou no meu quarto, este foi um gesto muito legal também, ela falou “o que que a VI iria querer que eu levasse?” E ai ela olhou para a bandeira e ela falou “vou levar a bandeira”. A minha irmã é a minha melhor amiga, para falar a verdade. Ai ela pegou a bandeira e quando eu cheguei lá ela falou “eu peguei isso para você.” E ela estava morando na casa da minha avó, por um tempo. E estava tudo escondido porque a minha avó não sabe. Mas só sei que ela me deu e disse para eu levar para casa. Daí eu trouxe e deixo no meu quarto. E assim, são poucas as coisas que me fazem lembrar do

momento que eu vi a resistência ocorrendo. E que me deixou muito feliz. Muito feliz, e foi por isso que eu trouxe a bandeira.

CA: Nossa, muito lindo. Eu nunca fui em nenhuma parada. Em 2016 em tentei ir, mas na verdade eu só passei por ela e fui na casa de uma amiga que morava ao lado. ((risos)) Daí eu só sai quando tinha acabado. Mas eu escutei assim. Deu vontade de ir, eu sai para isso. Ai na hora eu mudei de ideia. Na verdade eu estava perto demais, daí eu falei (+) “ah, acho que eu vou ficar(/)”. (+). Nossa, é forte né.

VI: É forte. Ficar lá você fica. Você olha para o lado e não parece muito bem real. Parece um feriado, tipo (+) eu não sei. É esquisito mesmo esse sentimento no começo. Eu fui em duas. Fui no ano seguinte, no ano passado também, mas é muito diferente, você não espera aquilo. E é muita gente e você se pergunta “essas pessoas estão onde?” Você desacredita mesmo. Está todo mundo existindo, ninguém está perto de mim. Ninguém às vezes está, mas elas existem. ((risos))

VA: Às vezes tão distante e outras tão perto. Pensamos que estão em outro plano, mas estão tão perto.

CA: Eu sei lá, eu não trouxe nada, então eu vou falar o que é. Eu acho que as músicas, essa playlist, às vezes (+) eu descobri que eu tenho Várias (+) é possível fazer playlist no youtube, e eu uso demais. E ai estou na brisa de fazer listas. E eu gosto, meu dia-a-dia tem muita música. Eu gosto de por assim. Eu preciso de uma trilha sonora assim. E ai às vezes eu escuto normalmente a playlist sapatão, mas às vezes eu estou mal com alguma coisa assim, e que eu preciso de uma força, nesse sentido, e ai eu coloco essa trilha sonora. Por exemplo, hoje, enquanto eu estava tomando banho, eu falei assim: “ah, que música eu vou escutar?” Ah, eu vou por a playlist sapatão, vou conversar com as meninas e pesquisar outras para ver. ((risos)) E acho que também me expondo em mim mesma, assim. Então, é isso. Eu pinte o cabelo, então: às vezes eu gosto de por umas roupas mais masculinas, por ser confortáveis, mas eu também gosto de me vestir assim. Por um bonezinho, por a minha camisa, eu não estou mais assim com esse medo, igual eu tinha. E da qual, esse medo me fez não usar, eu não sei se eu contei, a minha camisa de criança. Quando eu era criança eu: eu era uma criança, eu me vestia como eu gostava. Não essa coisa de eu vou vestir o que é bonito. Não, do jeito que era confortável para mim. Então eu sempre tive assim uma vestimenta mais parecida com os meninos né. Eu era mais desleixada assim. Às vezes que ia arrumadinha para a escola só quando eu era bem pequena. Que faziam né. Mas na minha escola só podia tênis

branco ou azul. E eu tinha um branco todo sujo assim. Ia de cabelo bagunçado ((risos)). E aí, eu lembro que teve uma fase, acho que dos meus dez anos que eu aderi um estilo meio que surfista. Então eu tinha cabelão que era meio sem forma assim. Meio liso, meio ondulado. E eu colocava um boné e o meu cabelo era mais loiro nessa época. E aí eu comprei um colarzinho de concha da praia. Eu tentei surfar:: E usava este estilo, e aí uma vez eu fui:: no shopping com a minha mãe, acho que ia para comprar um presente para alguém, e era verão e tinha aquelas camisas de surfista. Que era uma verde com flores brancas. Aí eu falei para a minha mãe que eu queria. Que eu me apaixonei pela roupa. E aí ela falou assim “você vai usar mesmo? Isso é roupa de menino, se você não usar eu vou fazer o quê? Olha, se você não usar, você vai ver. Não vou gastar dinheiro a toa.” E ela comprou para mim. Mas eu nunca tive coragem de usar. Né, porque eu já estava na fase em que eu já via que tava mudando, que não era muito legal eu me vestir daquele jeito porque eu não era um menino. E aí num evento da faculdade em 2016 em uma das palestras tinha um brechó e aí tinha uma camisa que na hora que eu bati o olho nela eu lembrei. Ela verde também, mas as flores são coloridas, desta vez não são brancas. E aí eu falei assim, “nossa meu:: eu preciso usar essa camisa.” E agora eu vou ter coragem de usar. E aí eu me lembro que a primeira vez que eu usei foi numa festa da faculdade. E aí, hoje em dia eu uso camisa assim, eu estou usando assim. E aí eu acho que essa é a minha forma de resistência, de não me vestir só num ambiente LGBT. Tipo, eu vou sair e eu vou usar. E eu fui atender a minha paciente assim, Ela só olhou assim pra mim “nossa, você está diferente.” Daí eu falei e tratei com naturalidade, “é:: deve ser a camisa.” Ela ainda não me viu assim, depois das férias. Mas vai ser assim, no mesmo carão. Claro que você põe uma roupa mais arrumada, para não ficar muito moleque e dar uma “moralzinha”. Mas isso é resistência também. Me mostrar nesses ambientes mais “sérios”. Sem me esconder assim, sabe. Todo mundo vai ver que “ah, ela é sapatão e psicóloga e é competente”.

VA: Tem uma menina do meu estágio que ela também, cortou o cabelo e foi atender, logo em seguida. E ela é muito sensível, então para ela foi muito assim, tipo, os olhares e ela ficava “ai meu deus, estão me tachando de sapatão” e só. É difícil né, você se mostrar. O baque primeiro (+) o primeiro baque. De você já achar que você está sendo julgada. É resistência mesmo.

CA: Mas é muito cruel, assim. Você está se sentindo bem daquela forma de se vestir só que você fica com aquela insegurança..

VA: Insegurança de mostrar para os outros, e os outros meio que enfraquecer aquela sua coragem. E de que você gosta.

CA: Ou desqualificar, eu acho que é isso que mais me incomoda. Dizer tipo assim que é palhaça. Tipo, que não é competente ou alguma coisa assim. Porque às vezes o que é diferente ou é menosprezado pela violência ou pela exclusão, ou dessa coisa do tipo, ah:: não se levar a sério. Com brincadeiras.

PESQUISADORA: Pergunta sobre como foi participar dos encontros e de como eles foram sentidos pelas interlocutoras.

VA: Esses encontros foram bem forte para mim. Sabe, depois que você chega em casa e você para pra pensar:: nossa muito. Da última vez eu fiquei escutando a VI e cheguei em casa e pensei. No primeiro dia eu escutei a CA e eu também fiquei “meu deus, como assim?” E, nossa (+) foi bem importante. De repensar muita coisa que fica meio que reprimido. Do tipo, “eu não quero sentir”, “eu não vou mexer muito”. E tipo assim, esses encontros mexeram muito em coisas que eu achava melhor deixar quieto. Então, foi uma forma de terapia para mim, de terapia em grupo. Porque esses temas assim são tão delicados. E você trata com muita delicadeza e isso é muito importante. É um pouco difícil, não é fácil chegar e tratar dessas coisas é bem difícil. Tanto que no primeiro eu nem conseguia falar, eu só chorei. Porque é muito forte. Mas, é importante ser discutido, colocar coisas para fora. E saber de coisas que a gente não sabia também. Tantas dicas e tudo o mais. Então, não foi fácil, não foi fácil mesmo participar. Mas me trouxe outras visões de várias coisas. Eu quero ver o resultado depois. Fazer de tudo até para vim ver a sua apresentação. ((risos))

VI: Para mim também foi bem importante. Eu até comentei com umas pessoas que “meu, eu estou participando de um negócio::” e é muito bom conhecer novas pessoas. Porque realmente eu tive a descoberta muito nova. E assim, às vezes isso está tão dentro de algumas pessoas que o quão difícil é chegar lá e o quanto a sociedade pressiona a gente para um monte de coisas que é um costume. Que para você sair desse costume é muito complicado. E foi muito pesado, eu saia às vezes que eu não conseguia fazer nada. Chegava em casa e ia para o quarto. As meninas estavam conversando e eu ia para o quarto e ficava sentada:: e eu pensava:: “tá, o que é que eu vou fazer agora?” ((risos)) “vou tomar um banho”. Porque você pensa muito, você pensa coisas que assim, eu não falava com as pessoas, porque eu acho

que, não é que elas não entenderiam, mas que eu nunca disse que eu sentia vergonha da palavra. São coisas que você só pensa quando você está sozinha. E pensar isso com outras pessoas que passaram por isso é diferente sabe. Porque eu não conhecia muitas meninas também, e aí você não tem como falar essas coisas pequenas, sabe? Que não cabe. As pessoas não passaram por isso. Aí ver que você não (+) que é um processo pra todo mundo. E:: Às vezes ainda está acontecendo coisas. Ou coisas que acontecem e anos depois que você se lembra de sofrer preconceito na rua. Às vezes eu penso “meu você vai ter que passar por tanta coisa ainda”. E aí você vê que é normal. Que você ainda vai resistir muito. Que isso é só o começo. Mas que (+) é bom não estar sozinha. É muito importante.

CA: Eu acho que eu compartilho dessa coisa de que foi terapêutico, porque eu acho que houve fala e houve troca. Então é muito terapêutico assim. É interessante ver as diversas formas dos processos de cada uma, tipo, que somos lésbicas mas:: são lesbianidades né. Isso é bem bacana assim. E também localizar o espaço que a gente está. Porque são coisas que a gente já conversou assim. A gente sabe as meninas que beijam outras meninas, mas a gente não sabe se elas são lésbicas. Não é uma afirmação escancarada como são com as gays. Eles andam em bando assim. E:: para mim que tive um processo mais parecido com a VA essa participação aqui e tal foi muito assim, numa instância íntima. Eu não contei para ninguém. E aí quando alguém perguntava, “ah eu preciso ir” e aí perguntavam “e você vai fazer o quê?” Eu dizia “ah, uma coisa minha aí”. ((risos)) Mas é que ainda é importante para mim. É algo muito íntimo assim, é muito recente. Então, sei lá, acho que não cabia falar. Era algo meu.

VI: Eu conversei com algumas meninas lésbicas, eu moro com uma que namora com outra. E daí eu perguntava porquê ela não se inscreveu, tem tanta coisa, sabe. Porque eu notei que tem coisas que eu dizia “meu, você podia estar lá”. E talvez seja por conta disso, da união. Que não é igual os gays. Eles não só mostram, como também são unidos. Mas, é mais nesse sentido. E eu já quando conheço alguma lésbica já penso “ai, ela deve ter passado por tanta coisa” (+) ((risos)) E aí eu acho que a gente deveria conversar sobre essas coisas, porque esse espaço não existe. Por isso que eu gostei daqui. Espaço para falar sobre isso, sabe? Porque, é:: aí eu gostei disso, de poder falar, sabe. Foi importante para mim. De verdade, foi muito importante.

CA: No meu caso, por exemplo, eu não conhecia muitas meninas, e foi legal conhecer, e com certeza, ainda que não estreite a nossa amizade cria uma referência. Apoio, se precisar de alguma ajuda. E já tem um carinho, porque compartilhamos coisas importantes. Então, eu acho que de uma maneira ou de outra a rede se faz, e isso é muito bacana.

PESQUISADORA: Agradece as interlocutoras pelas contribuições e encerra o encontro.

Haloa 2 – Grupo por Skype

Natália, 29 anos

Janaína, 29 anos

Teresa, 29 anos

Sabrina, 25 anos

Raíssa, 24 anos.

Dia 25 de maio de 2018. primeiro encontro (skyencontro)

Pesquisadora: Inicia a apresentação da pesquisa e agradecimento as participantes.

TE: Vamos lá. Eu tenho 29 anos, hoje eu sou inspetora de alunos numa escola, mas eu passei 6 anos tentando concluir o curso de História e infelizmente eu não consegui. Agora eu estou cursando engenharia de produção e: história porque estou tentando acabar ((risos)). Eu estou tentando em outra faculdade. Sou casada há um ano e meio já, moro com a minha família, com minha sogra e por enquanto é isso o que eu faço. Só isso. Duas faculdades, trabalho oito horas por dia, só isso. Tenho uma família, pouca coisa. (++) ((risos)) quem será a próxima?((risos))

JÁ: Eu posso me apresentar? Eu sou a Já, tenho 29 anos. Sou formada em letras Português-inglês. E atualmente eu trabalho com revisão de textos, mas é um trabalho autônomo, não tem assim nenhum registro fixo, ai quando tem trabalho eu faço. Quando não tem eu não faço. E eu estou estudando para prestar o mestrado. Não sei quando eu vou prestar, mas estou trabalhando para isso. E também para concurso público. Moro com a minha família, com meus pais. Moro em uma cidade do interior de São Paulo. E é isso.

NA: Agora sou eu né? Meu nome é Ná, eu tenho 29 anos. Também sou do interior de São Paulo. Eu sou formada em comunicação e eu trabalho com marketing em uma concreteira, deixa ver o que mais?(+) Eu faço MBA em marketing e gestão estratégica de negócios. Eu namoro já tem um ano e sete meses, eu acho. E(+) eu moro com a minha mãe, meu pai é falecido, então eu voltei para casa após o término da faculdade e meu pai faleceu e eu fui ficando(+) porque né, minha mãe tem a guarda da minha sobrinha, e então a gente cria a minha sobrinha. E é isso por enquanto. E passei, inicialmente, na prova da PM- SP, e daqui duas semanas eu vou fazer o TAF (Teste de aptidão física) e seguir nessa linha de concurso que eu

acho que é mais viável para mim. (+) Meu pai era PM, então acabou influenciando para eu prestar, e que na verdade antes de eu ir embora eu passei e reprovei por um centímetro de altura, por que eu não sou muito alta. ((risos)) Ai esse ano eles diminuíram a altura mínima e eu estou dentro. E pela minha idade, este é o último ano que eu posso prestar também. Então eu tenho esse concurso que está correndo e mais um agora em junho que é teórico que eu presto também. Depois eu não posso mais. Tem idades limites, tem Várias coisas limites, é muito detalhista assim o concurso.

Pesquisadora: Explica como se dará a dinâmica e questiona sobre se é melhor enviar um vídeo por vez e discutir ao final, ou enviar todos e discutir depois. **STE** se manifesta dizendo ser dislexa e pede que todos os vídeos sejam enviados e discutidos posteriormente.

NA: ((Risos)) é difícil! Quem começa? ((Risos)) é assim, sobre o primeiro vídeo, e:: remetendo a primeira vez que eu sai com mulheres e tudo isso, assim, num mundo de maravilhas em que você sai se assumindo assim né. Por que no meu caso não foi isso, assim, foi bem pra um terror, né. É:: (+) eu achei meio surreal. (+) Eu já acho difícil você nessa fase achar alguém da mesma escola, da mesma idade. Na época que eu comecei era muito surreal, não tinha, né. Mas quando o pessoal da escola que eu estudava souberam, eu tive, eu fazia magistério, então, não sei se vocês conhecem o CEFAN, eu sou da última turma do CEFAN. E(+) era-se liberal para tudo, menos para a sexualidade, né. Então eu era a única lésbica da escola inteira. E assim, era super legal você ter amigos gays desde que eles fossem homens. E as meninas não falavam comigo, porque eu iria sair com todas, no mundo delas, né. Então, não sei ir adiante assim, não sei para as meninas como foi na época da escola, ou se foi posterior (+)

TE: É, eu tive uma maior facilidade, talvez, é:: eu me descobri com, com, muito cedo, e eu na escola com doze, treze anos, eu não não, já não tinha problemas em que as pessoas soubessem, pelo menos meus amigos mais próximos. Com quatorze pra quinze anos eu tive, já tive, tinha saído com outras meninas, mas com quatorze pra quinze anos eu conheci aquela que veio a ser, fora a minha esposa atualmente, a pessoa com a qual eu mais fiquei. E a gente estudava na mesma escola. E eu era assumida na escola, me assumi em uma aula de biologia. Em que a professora criticava a sexualidade, e:: no meio da aula ela disse “isso não é certo” (+) e ai eu falei (+) “então eu sou errada.” Isso no meio de uma aula no primeiro ano

do ensino médio. E eu conheci essa pessoa com a qual eu permaneci por oito a nove anos da minha vida. Então foi uma relação que permaneceu dos quinze, a gente foi para a faculdade juntas. Infelizmente, depois de um tempo a gente acabou se separando, nesse ínterim da nossa separação, ela veio a falecer num acidente de moto, mas assim foi a pessoa com a qual eu mais fiquei. O engraçado é que na escola ela se assumiu para todo mundo, todo mundo sabia que a gente estava junto, mas para a família dela a gente passou cinco anos juntas, fomos para faculdade juntas, morávamos juntas, e para a família dela ela não teve coragem de se assumir. Diferente de mim, eu sempre me assumi, fui expulsa de casa, eu não falo com meus pais até hoje, tenho uma relação muito complicada com eles. Principalmente, nesse período, eu apanhei dos 14 aos 17 anos(+) é muitas idas ao conselho tutelar, varias passagens por causa disso, desse tipo de agressão. Os meus pais são extremamente evangélicos, são testemunhas de JeoVA, e é bem complicado, muito complicado, e é uma relação tensa até hoje. Mas foi mais ou menos assim, esse meu processo. Mais na escola foi muito tranquilo. Meu maior problema mesmo foi depois, pelos menos, e eu estudava em escola pública, nunca tive grandes problemas. E era aquela coisa de “peitar” todo mundo sabe, (+) “que se exploda, é minha vida, não estou atrapalhando a sua”(+) . Eu andava com um amigo, esse meu amigo ele é hoje uma mulher trans, muito mais menina que eu, ((risos)), linda e ele ia de saia para a escola e isso fez ele ser expulso da escola posteriormente. Porque ele transgredia todas as regras existentes. Então, juntos a gente conseguiu encarar. E começou a aparecer VArias meninas, no decorrer desse movimento, que a gente criou ali. Eu conheci cinco ou seis outras meninas que vieram a se assumir, chegavam na gente e falavam (+) “meu, vocês estão servindo de inspiração, porque vocês saírem do armário fez com que a gente saísse do armário também.” (+). Isso em 2004, 2005. Foi bacana para caramba. Foi muito prazeroso mesmo. Hoje, agora não mais, eu vejo que na faculdade eu sofri muito mais preconceito, tive muito mais problemas com o preconceito morando na cidade onde fiz a faculdade. Tanto por ser estudante, quanto por ser gay, eu tive muito mais preconceito que na época da escola. Eu vivenciei isso pelo menos. Passo a vez agora. ((risos))

Já: Deixa eu tentar rever as partes dos vídeos para eu tentar conectar com a minha história. (+) Eu, (++) assim como a Te, tive uma, eu falo né, educação religiosa (+) protestante, também das Testemunhas de JeoVA. Minha mãe teve eu com quatorze anos e logo depois ela começou a estudar com as testemunhas de JeoVA. Então eu

cresci num lar de Testemunhas de Jeová. Eu fui, e frequentei as reuniões e por muito tempo eu cheguei inclusive a ser publicadora. Sair de casa em casa, que eles chamam de publicadora não batizada. E:: a questão da sexualidade para mim veio, eu acho, na relação de conflito. No conflito em dois contextos: é:: no contexto religioso e aquilo que eu estava vivenciando fisicamente, ou psicologicamente. Então eu tinha esse conflito interior, porque eu gostava de ir nas reuniões, (+) mas quando eu ia nas reuniões, o que é que acontecia (+) não assim tanto quanto os protestantes evangélicos da pentecostal, mas tinha-se o discurso (+) de proibição a respeito da homossexualidade. Então eu fiquei um tempo assim escondida. Né, eu posso dizer que eu fiquei escondida. E:: eu só fui me assumir mesmo para as pessoas (+) lá pelos 17. Mas antes de eu me assumir para as pessoas eu me assumi para a minha família. Me assumi para a minha família, e:: pro meu pai primeiro, e:: eu convidei ele para um passeio e falei (+) “pai, eu preciso conversar com você.” (+) E daí que eu expliquei a situação, eu tinha treze anos na época, e na época, era engraçado porque eu estava namorando, um rapaz na escola, aquele namorico, aquele namoro de (+) criança. ((risos)) E aí meu pai falou (+) “mas você não está namorando?” (+) Daí eu expliquei para ele (+) “bom, mas não é o que eu sinto.” (+) Nós conversamos e ele me aceitou, assim, ele falou que (+) queria que eu fosse (+) é (+) que eu fosse feliz né. Que ele sabia que era um caminho muito complicado, mas que aquilo que eu decidi-se para a minha vida seria bom para ele. Lembrando que meu pai não é testemunha de Jeová, e minha mãe também não vai mais. Mas, meu pai nunca foi. Ele estudava, mas ele nunca foi batizado. Então, tinha mais uma coisa assim (+) de algo (+) “nós vamos na igreja, mas tudo bem você ser assim.” Aí depois (+) eu acho que o mais complicado foi a conversa com a minha mãe, né. Porque eu (+) tive que conversar com ela, e ela foi assim um pouco mais incisiva né, aquela coisa (+) “ah mais você” (+). Ela comentou, eu me lembro até hoje da frase dela, (+) “mas você é muito feminina” (+). Na época eu tinha o cabelo comprido, (+) “mas você é muito feminina para isso! Olha para você(...)” (+). E:: eu não sabia explicar, eu não sabia me defender. E eu falava (+) “é mãe, mas então” (+) e ficava aquela coisa de criança quase. (+) Daí ela falou, deve ser uma fase dela né, meu pai também achou que era uma fase. E:: depois, (+) na escola mesmo, eu não tive nenhum relacionamento, durante a minha adolescência toda. Eu me apaixonei por uma pessoa, uma melhor amiga. Mas eu nunca me assumi assim para ela. E fiquei eu acho que uns três anos gostando dela, e essa fase foi complicada

para mim porque não tinha com quem falar a respeito né, então eu escrevia bastante. Tenho vários poemas e cartas em uma pasta, é:: destinada a essa pessoa. E:: depois eu namorei rapazes né, tive dois namorados. E no intervalo dessas duas relações eu me apaixonei por uma segunda menina, que foi a minha primeira namorada. E ela era filha da minha professora de geografia. (++) ((risos)) (...) Eu tenho é que agradecer essa pessoa, a essa segunda namorada, porque foi graças a ela que eu fui para a faculdade né. ((risos)) Não fosse o:: não fosse o amor assim eu (+) “preciso ir para a faculdade”. (+) E na época ela, ela foi para uma cidade fazer ciência da computação e eu queria porque queria ir para essa faculdade nessa cidade fazer geografia. Porque era o que mais combinava comigo. Eu não ia fazer ciência da computação, então eu vou fazer geografia nesta cidade. E eu fiquei na lista de espera na época. E aí no segundo ano eu marquei lá como segunda opção esta faculdade de novo. E aí eu estava namorando um rapaz, meu segundo namorado, e ele olhou assim para a minha cara e falou assim (+) “você não tem que ir atrás dessa menina não, você tem que fazer o que você gosta.” (+) ((risos)). E daí eu escolhi Letras.

NÁ: Vamos lá, eu (+) minha família é kardecista e católica. Então assim, (+) minha mãe era kardecista, meu pai estava mais para o espiritismo do que para qualquer outra coisa, mas ele não frequentava. Mas eu fui obrigada a crescer e fazer toda, toda a trajetória católica, porque é o que a sociedade espera. Então eu tive que fazer o católico, e o Kardecista que para mim já era bem confuso, porque em um você reencarna e no outro você ressuscita. Então já era bem difícil, então devido a isso como eu tinha duas religiões eu não fazia catequese junto com as crianças, eu tinha aula com o padre. Porque eu falava de vida após a morte né, e dava conflito. Eu tinha aulas com o padre. E nessa época eu queria ser freira, ((risos)) eu queria ser freira. E em seguida eu descobri minha sexualidade, eu estava gostando de uma amiga. E aí eu cheguei na minha mãe e falei (+) já cheguei chorando, porque eu sou muito chorona, já cheguei chorando. E eu falei que tinha algo errado, porque eu estava gostando de alguém, e ela perguntou de quem e aí eu falei, e aí ela meteu a mão na minha cara. (+) E aí ela falou uma frase muito absurda, que assim, foi assim (+) “VOCÊ VAI CHUPAR BUCETA?” (+) E eu nem falava palavrão. Sabe. E (+) hoje em dia, quando a gente conversa, ela fala que não lembra disso. Mas quem bate não lembra, né?. E (+) aí eu suguei disso, tudo que havia em mim e escondi. E eu tocava numa banda, onde tinha uns adolescentes, né. Mas eu tocava trompete.

Então eu era a única menina a tocar trompete. Eu só andava com homem, pra ajudar. E eu tinha cabelo curto na época. E eles me chamavam de moleque. (+) E eu ficava muito brava, porque eu não era menino. E eu não queria que eles me enxergassem como menino também. Mas também não queria que ninguém soubesse que eu gostava de menina. Então eu comecei a namorar rapazes. E entrar em situações passivas agressivas. Porque para mim era muito agressivo estar com caras, sempre foi. Para mim sempre foi muito difícil. E aí, com dezessete anos, (+) eu fui ficar com a primeira mulher. Essa primeira mulher era amiga da minha mãe, diretora de uma escola, e ela é onze anos mais velha do que eu. E ela me beijou. Nós estávamos na universidade da minha cidade, na primeira turma que era de “pedago”. Na mesma universidade da minha mãe. E aí ela me beijou, e ela estava se separando do marido, com três filhos e um amante (+) e eu. Olha que situação legal. ((risos)) Não é super bacana? ((risos)) E eu passei anos gostando dela, né. Mas ninguém (+) na época desconfiaram, e aí eu senti uma pressão muito grande dos adultos porque:: essa sala de pedagogia da faculdade foi a primeira a ter pedagogia cidadã, foi um programa do governo com a câmara municipal e o governo estadual e era com professores que me conheciam desde a infância porque a minha mãe é professora. Então eu senti uma pressão muito grande e entrei em negação. Falei que não tinha acontecido nada, porque eu também era menor de idade, e isso daria um problema enorme. E em questão de um mês, por aí, eu conheci uma outra menina e fiquei com ela. E aí a minha irmã contou para a minha mãe. E aí eu lembro assim, (+) dos meus pais me chamarem na sala e eles estarem sentados, né (+) e falarem comigo sobre isso e tirarem meu celular, tirarem e:: dinheiro, tirarem liberdade. Então foi um período muito conturbado, demorou assim (+) foi depois da minha tentativa de suicídio que veio então um pouco da aceitação da minha sexualidade. (...) Mas, hoje em dia eu vou falar para vocês que ela aceita (+) é (+) faz duas semanas que eu ouvi que as pessoas engolem isso. ((em referência a homossexualidade)) Então, (+) tá ainda assim nesse processo maravilhoso. E meu pai aceitava, embora ele fosse militar, ele era muito tranquilo quanto a isso. Tanto que quando (+) é (+) é assim (+) meu pai tinha um coração enorme, mas pouco estudo e ele falava comigo (+) ele foi muito agressivo muitas vezes, mas nunca em relação a minha sexualidade. Ele foi agressivo em relação a (+) a disciplina, ao que ele achava que era certo. E eu lembro que quando eu terminei o meu primeiro namoro, e eu fiquei muito mal, e:: ele chegou a virar e falar para mim (+) ”se o

problema é BUCETA...”, porque é a palavra favorita dessa casa né, ((risos)) depois sou eu que sou gay. ((risos)) “Se o problema é buceta eu pago uma pra você.” E eu fiz uma cara de “não é isso”, não é assim que se resolve, né. (+) Mas, ele tinha uma aceitação muito maior. Então, dentro da limitação dele moral, e dentro dessa rigidez militar, ele tinha uma aceitação, em relação a minha sexualidade, muito maior em relação aos meus relacionamentos, bem maior do que a minha mãe, ou a minha irmã, por exemplo. Acho que isso assim, só um pouquinho.

TE: Essa pseudo aceitação dentro de casa, pelo menos essa tentativa de:: de:: talvez(+) eu não digo que seja aceitação, eu acho que é mais um respeito, porque eu acredito que oitenta por cento das pessoas não aceitem, as pessoas respeitam. Isso não existe comigo. Eu não converso com os meus pais. Hoje, eu não (+) eu conversei com meu pai no enterro do meu tio há três anos atrás. Mas eles se negam a ter qualquer contato comigo, a Já vai entender. O meu pai é ancião dentro das Testemunhas de Jeová, é como se ele fosse (+) ele é ancião presidente, ele é responsável por uma congregação. A minha mãe ela é (+) cega. A minha mãe é pior do que o meu pai. A minha mãe não fala comigo de maneira alguma. A minha mãe chegou/ (+) isso quando eu estava com dezessete anos, ela virou para mim (+) “eu prefiro ver a minha filha no cemitério do que com uma MULHER!” (+) E isso só não aconteceu porque boas pessoas entraram na minha vida e em momentos específicos e apesar de eu (+) tentei o suicídio (+) que eu me recordo três vezes ((risos)) (+). Uma delas eu fiquei internada como desconhecida. Ninguém sabia quem eu era, por mais de três dias na UBS. Então assim, hoje, se eu estou, eu falo assim, quando as pessoas me perguntam (+) a mais você está bem? Bem, eu tenho depressão, síndrome do pânico, eu tenho vários problemas. Eu tenho problema com álcool, com drogas, tudo sob controle. Nesse momento, a dois, três anos eu estou muito bem. ESTOU. Né. Não é algo fácil. Eu apanhei pra caramba dos meus pais. Eu cheguei a ir pra pra delegacia (+) com marcas de cinta, vergões de mais de três centímetros. Meu pai me ergueu pelo pescoço na parede em algumas ocasiões, que um amigo meu, tinha marca, né, da mão do meu pai. Meu amigo virou para mim, é:: esse meu amigo que eu falei que hoje é uma menina linda, virou para mim e falou (+) “meu, eu vou matar seu pai.” (+) E eu disse (+) “cara, não vai resolver.”(+). Né. Não (+) não (+) é uma coisa que não muda. Eu só tenho realmente contato, tenho uma irmã mais nova, que ela não fala comigo, porque ela é bem mais nova que eu, ela foi criada dentro da igreja, dentro de uma bolha. Eu só tenho contato com a

minha irmã mais velha. Que me trata muito bem. Tenho uma sobrinha, filha dela, que cresceu sabendo que a tia tinha uma tinha como é (+) namorada, na época, agora esposa. Sempre ela soube que ela tinha uma outra tia do meu lado. E trata a minha esposa como tia, foi no casamento, minha irmã foi no nosso casamento no cartório. Ajudou pra caramba na festa. Nos dá todo o apoio, tudo, tudo, tudo ela tá do meu lado. Mas assim, esse contato com a família, essa agressão que eu sofri durante a vida toda, por parte dos meus pais, se refletiu no meu primeiro relacionamento, porque eu achava normal ser agredida, e isso acompanha. E foi uma coisa que eu só enxerguei que não era normal hoje. Quando eu conheci a minha atual esposa, quando aconteceu “n” problemas na minha vida, que eu comecei a enxergar que meu relacionamento que eu tinha, porque foi um relacionamento muito longo, foi muito bonito, sim. Foi, teve coisas muito interessantes, mas (+) teve um crescimento pessoal (+), mas a parte da agressividade eu aceitei essa agressividade como parte da minha vida. Eu aceitei que o mundo podia me bater, que as pessoas podiam me bater, porque eu levava isso. Eu levei isso. E oitenta por cento das agressões se davam por conta da minha sexualidade. Porque o meu pai falava que sempre soube que eu era(+) ele falava (+) “filha (+) você é um menino desde que você nasceu. Você sempre foi um menino.” (+). E eu só, só não sabia o que era o que eu sentia. Mas era uma coisa que com sete, oito anos de idade, meu pai ele já virava para mim e brigava (+) “senta que nem menina e:: se posiciona como menina. Você é muito máscula, você isso, você é aquilo.” (+) Eu nunca precisei contar para o meu pai que eu era gay, ele no meio de uma outra briga, porque eu tinha chegado em casa bêbada da escola, e isso era, eu estudava de manhã e saia às sete horas da manhã de casa. Com treze anos eu enchia o nariz de pinga com vinho, chegava em casa meio dia e vinte, meio dia e meia, bêbada, trilouca, isso com treze anos, e aí meu pai veio brigar comigo. E eu falei (+) “você não/” (+) veio me acusando e falando um monte de coisa (+) dizendo que eu estava fazendo tudo errado. E eu falei (+) “eu estou fazendo tudo errado porque vocês não querem me entender! Porque vocês não sabem o que está acontecendo comigo.” (...) E ele virou para mim (+) “eu sei o que está acontecendo com você. Você gosta de mulher, não é isso?”(+) E minha mãe nunca tinha percebido esse ponto que meu pai sempre soube. E nisso aí começou as agressões só piorarem. Hoje (+) quando eu sai de casa para ir para Assis, meu pai e minha mãe eles olharam para mim (+) não volte. Saiba que você não volta. E isso já se

foram onze anos e eu não precisei voltar realmente. E acredito que é uma relação sem volta. Não vejo possibilidade de não (+) hoje eu não sinto nem mais a necessidade de estar perto, em alguns momentos da minha vida eu senti, hoje eu tenho uma outra família, uma família que é construída, acho que a mais, a que mais realmente importa. Eu moro com meus sogros, que são pai e mãe e cuidam de mim de verdade. Mais ou menos isso que é o básico assim, da história.

JÁ: Bom, eu tive ((risos)) alguns eventos (+) alguns eventos na adolescência (+) de violência. É:: por exemplo, quando eu terminei o primeiro relacionamento, o primeiro com um homem. Era que eles acharam que eu, pelo fato de ter arrumado um namorado, bom, (+) “agora a minha filha ela estará em bons lençóis, bom caminho”. (+) E aí, depois de eu terminar o relacionamento, e assim, eu sempre fui muito sincera com os dois namorados que eu tive. Então, logo no início do relacionamento eu falava (+) “olha, eu gosto de mulher (+) também, né.” (+) Eu não gosto muito dessa coisa do rótulo, eu acho que a gente sempre (+) a sexualidade é uma coisa muito (+) fluida, né. Algo que transita, então eu não gosto de me encaixar. Mas assim, (+) eu gosto muito, muito mais de mulheres. Faz muito tempo que eu não fico mais com homens. E aí, quando eu terminei o primeiro relacionamento, existia uma questão assim (+) nós íamos noivar, eu tinha dezenove anos, (+) dezoito para dezenove anos, e eu não consigo imaginar isso para a minha vida. Casamento nessa idade. E assim, o fato foi que eu (+) eu tinha outros planos né, para mim. Eu queria estudar, queria sair da cidade. Uma cidade minúscula, do interior. Muito tradicional, e eu não queria assumir nenhuma responsabilidade com essa idade, e a palavra casamento para mim era uma coisa assim, aterrorizante! Talvez porque eu venho né, de uma família, que não é tão problemática, mas que meus pais é (+) casaram muito cedo e eu nasci num contexto muito complicado. Minha mãe tinha quinze anos, quando eu nasci, meu pai tinha dezenove. Então essa coisa do casamento em si é (+) é (+) e tudo que envolva um casamento heterossexual é para mim um horror. Eu terminei o relacionamento com ele, porque existia essa “forçação” né, de bom (+), já faz dois anos e meio que você está namorando e agora já vai para um noivado né. E essa coisa foi um problema gigante para mim, a gente chegou a ver casa, e eu falei (+) “não é isso o que eu quero para a minha vida.” (+) ((risos)). Mas aí eu pensei, eu não conheci nada do mundão ainda. ((risos)) Aí eu terminei assim, porque eu estava (+) eu conheci essa menina, né, que era filha da minha professora de geografia. Ela já estava no cursinho, já tinha passado na faculdade,

no vestibular. E eu estudava a noite e a mãe dela dava aula a noite para mim, e eu me lembro que eu mudei de horário. ((+)) Então eu havia mudado de horário, porque eu tive uma briga com a professora da manhã. Eu sempre fui muito certinha em sala de aula, sabe. E ai, de repente, eu resolvi tomar uma ação um pouco rebelde, e ai eu tive uma discussão com essa professora de geografia, e eu não conseguia ir mais a escola de manhã. E eu pedi para o diretor mudar de horário. E teve uma confusão lá. Eu tive que falar que eu estava trabalhando, para poder mudar para a noite, enfim, só sei que eu não queria estudar de manhã mais por causa dessa professora de geografia. Eu fui para a noite. E encontrei uma professora de geografia legal, que me acolheu. Porque elas se detestavam. ((risos)) Então eu me aproximei dela. E na hora do intervalo a filha dela entrou no estacionamento da escola, com o carro da mãe, ela tinha que fazer uma coisa, eu não sei exatamente o que. E foi lá, na hora no intervalo da noite, e a professora foi atender a filha no estacionamento, e ai foi quando eu conheci a minha primeira namorada. No estacionamento da escola. ((risos)) Ai nesse, foi uma coisa muito meiga o que aconteceu. Por que nós ficamos três meses, na época era o Orkut né, então era aquela coisa, aquelas declarações, assim né. Gigantescas na página do Orkut, que eu era tudo, que eu amava e tal. Só ficava nisso né. E eu nunca dormi na casa dela e tal. A gente só se vi na escola a noite. E era no intervalo da escola. Então ela chegava na hora do intervalo, e ai (+) para justificar isso né, a filha de uma professora que entra na escola e tal para ficar com uma aluna. Daí a gente ficava escondidas na sala de aula. E uma vez a:: mas a mãe dela não sabia, ai uma vez a professora de química entrou na sala de aula. E como a gente já estava um pouco esperta né, eu falei (+) “faz a fórmula de Baskara na lousa ((risos)) e finge que você está explicando matemática para mim para o vestibular. Fala que eu tenho dúvida e tal” (+). E ai quando a professora entrar, daí a professora de química entrou e tal, e a gente disfarçou. Mas a senhorinha de óculos disse (+) “ai desculpa” (+). E fechou a porta. ((risos)) Mais assim ((risos)) eu fiquei naquela coisa (+) poxa (+) será que é só isso né? Ai teve um dia, numa sexta feira, que ela falou(+) ah, vai lá em casa, tal e tal. No sábado. E eu falei, não pode ser na sexta? Não sei o porquê eu falei isso na época. Daí eu ia direto da aula para a casa dela, e eu não tinha noção nenhuma dessa coisa ética sabe, e eu sempre tive um probleminha com a ética. ((risos)) Nesse sentido, sempre questioneei muito essas relações. E ai eu fui para a casa dela, dormi lá. E ai foi a minha primeira vez. Aos dezenove anos. Engraçado porque a

mãe dela falava assim, pera ai que eu vou pegar um colchão de casal. E ai eu fiquei assim, ela colocou o colchão assim, e eu falei tá bom. Mas não era nada assumido. Mas a mãe dela estava percebendo o que estava acontecendo. (...)

PESQUISADORA: (...) E sobre a questão da visibilidade exemplificada nos vídeos, o que vocês acham?

NA: Eu acredito que assim, é muito importante, embora a gente caia sempre no clichê, se a gente observar os vídeos são mulheres atraentes, femininas, né. Então cai naquele clichê que para ser lésbica e ser ok, você tem que ser feminina, tem que ser bonitinha, tem que ser (+) é (+) um presentinho. Mas, quando, eu lembro assim, a minha cidade tem sessenta mil habitantes e eu estou a quinhentos quilômetros da capital. Uma cidade assim, onde as pessoas cuidam uma da vida das outras, e quando começou todo esse movimento da minha sexualidade, eu não conhecia nenhum gay. Eu não conhecia ninguém. Tanto que assim, gay não é uma palavra que eu sabia o significado, porque não fazia parte do contexto. E:: quando apareceu aquela dupla russa, (+) ((as demais participantes ajudam a lembrar)) a t.A.T.u, para mim, eu lembro que a primeira vez que eu vi o clipe e elas se beijavam, me chegou a faltar ar, porque eu fala (+) gente é real. Eu não estou louca. O que eu sinto pode acontecer. Então é importante você ter visibilidade. Claro que assim, (+) no mundo fantasioso, o correto seria ter vários tipos de visibilidade, Porque você fica tentando se encaixar, tudo bem você ser gay, mas você tem que ficar dentro do padrão heteronormativo, então é muito complicado. Tanto que assim, o meu cabelo estava comprido até duas semanas atrás. Eu cortei 42 centímetros de cabelo para doar para pessoas que tem câncer. Mas para mim foi muito difícil, porque quando eu me assumi em casa e eles aceitaram aqui, a frase da minha mãe é (+) “você pode ser sapatão, mas não seja um caminhão. Se você for um caminhão você está fora de casa.” (+) ((risos)) Então assim, eu sempre busquei tomar cuidado com o como eu vou cortar o cabelo, como eu vou me vestir, como eu vou falar, e(+) “será que isso não está fora do contexto?” E eu acho que esses vídeos reforçam muito isso. Os vídeos reforçam esse mundo rosa, esse estereótipo de que a mulher tem que ser feminina, até mesmo se ela for lésbica.

TE: As lésbicas da TV são para os homens na verdade né. Ela não são lésbicas reais. Elas são construídas para que esse universo do masculino as aceite. Isso é muito clichê. Gente, eu trabalho em escola, desde que eu estava na faculdade, e na escola em que eu estou hoje eu trabalho a cinco anos, na mesma escola. E é

engraçado, porque eu tenho alunos que já são meninas que se assumiram com doze anos, treze anos, e elas olham para mim e dizem (+) “tia muito bacana porque você é a representação de que a gente pode ser alguém, de que a gente pode ter um “trampo” legal, que a gente pode ser bem aceita.” (+) Os pais dos alunos conversam comigo numa boa. Já teve caso de mãe vir conversar comigo para saber como agir com a filha, entendeu? Ou com o filho. E isso acontece, cara. Eu trabalho numa escola estadual, não trabalho em uma escola particular, trabalho no estado. Ganho mal pra caramba, mas gosto pra caramba do que faço. E é muito prazeroso ver. (+) Só que as meninas reclamam. (...) Porque é muito engraçado, uma comédia, ver como a mídia representa uma coisa que é tão simples, tão óbvia. Somos pessoas normais, que fazem parte de uma sociedade como qualquer outra pessoa. Que trabalha, que tem conta para pagar, que não tem dinheiro para pagar essas contas. Que tem família, que tem tristeza, que tem tudo isso e as pessoas não conseguem perceber, que é assim, é tão simples. Que é cômico se não fosse trágico. Às vezes eu dou muita risada, eu olho e digo (+) “meu qual que é o problema?” (+) Eu já passei por situações em que, por exemplo, se tiver um grupo de meninas e um grupo de meninos eu como inspetora se eu chegar muito perto de uma aluna, já passei por isso, se eu estiver muito perto de uma aluna eu posso ser recriminada, como eu já fui. Mas eu posso ficar perto dos meninos. Agora, as outras inspetoras podem ficar perto tanto das meninas quanto dos meninos. Por que eu não posso? Esse tipo de preconceito eu já passei em outros momentos da minha vida. Mas eu aprendi como me impor, porque as meninas precisam, eu falo as meninas, mas os meninos gays também, elas precisam de referência, boas referências. E como eu estou na escola eu lido com alunos de dez, onze anos até o ensino médio, eu tenho alunos de até dezenove, vinte anos. Lido com toda a faixa etária. É punk pra caramba ver a falta de espaço, eles ficam tipo, como a gente vai se mostrar se um beijo gay na novela das nove todo mundo mete o pau. Como que a gente pode estar, ir, normalmente os personagens gays são extremamente caricatos, eles já tem essa percepção. Normalmente o gay ou ele é engraçado ou é mal.

Pesquisadora: E a lésbica, como é representada?

TE: A lésbica, normalmente, não aparece. Ou normalmente é policial, quando há. Normalmente lésbicas são retratadas como policiais. Não sei o porquê. Ou é professora, são determinadas profissões e normalmente elas não chamam muito

atenção. Tanto é que teve um casalsinho na malhação, que era um casalsinho “bem mais ou menos” e as meninas (+) “tia, tia, você viu?” (+) E eu dizia (+) “é eu vi (+) normal. É mais ou menos assim. Mas menos bonitinho. Menos romantiquinho.” (+) Por que não é tão fácil assim, ser aceito. Infelizmente, não é assim. Tanto que na minha escola teve um caso de uma menina que acabou de ser transferida, faz uma semana, porque ela estava namorando com uma outra menina, mas ela é da manhã, e vem de uma família muito complicada, eu cheguei a conversar com o pai dela, para falar com ele e pedir para ele ter um pouco mais de paciência, mas ele tirou a filha dele da escola. Isso acontece. Ainda acontece. A menina sofreu pra caramba, por conta disso, e ela está num processo, ela acredita que ela é trans, ela ainda não se identificou, não se aceita, mas ela e outra aluna, até então, elas chegaram até a conversar como fazia o processo para solicitar o nome social, e eu expliquei que como elas são menores depende da família. E isso é o que mais ferra, normalmente, eles acabam se machucando, passando por vários problemas como a gente passou por alguns momentos das nossas vidas, esse problemas continuam acontecendo. Por mais que a haja uma pseudo informação ai, eles continuam sofrendo. Ainda uma das minhas alunas, a um ano atrás, apareceu com os pulsos todos cortados. E eu fui conversar com ela (+) ”meu, e ai? Mudou alguma coisa? Eu fiz a mesma coisa que você, valeu apenas?” (+) Eu só falei assim para ela, trabalha, se esforça, vai na escola. E você vai ter a sua vida. E ai quando você tiver a sua vida, tudo isso que está te fazendo mal nesse momento não vai estar tão presente. Você vai conseguir se libertar disso. Vai segue. Caminha, mas é difícil gente. Ver e observar, eu sai da escola há muito tempo já, já se vão onze, doze anos, e as coisas se repetem todos os dias.

(...)

DIA 15 DE JUNHO DE 2018. SEGUNDO ENCONTRO (Skyencontro)

((Por motivos técnicos, esse áudio não foi audível, sendo transcritos apenas poucos trechos.))

PESQUISADORA: Iniciou retomando alguns pontos referenciados no último encontro, pontuando as considerações a serem tocadas durante a fala deste dia. Apresenta a nova integrante do grupo Sa, e esta começa a falar um pouco de si.

SA: Para mim é muito interessante poder falar sobre a minha lesbianidade e poder encontrar outras pessoas com quem eu possa falar sobre isso, que se interessem, sabe? Por que mesmo quando eu fiz a faculdade, esses espaços de conversa sobre sexualidade eram bem restritos e quase nem abordavam a lesbianidade. Com amigos a conversa até fluía, mas sempre por assuntos não específicos, apenas relacionados ao fato de como era a paquera e tal. Em casa isso não rola. Minha mãe é muito evangélica, de uma denominação bem rígida, fechada, doutrinária, sabe? Inclusive (+) quando eu era menor e ia aos encontros na igreja, os pregadores diziam que era melhor que quem sentisse sentimentos homossexuais se matassem. Isso porque na bíblia há uma parte onde se diz que antes que sua mão ou seus olhos te façam pecar é melhor tirar eles. Assim, tipo, se sua vida era sentir, (+) ser homossexual o melhor era se jogar fora. Se matar. (+) E foi assim que aos treze anos, eu eu pensei em suicídio pela primeira vez. (+) Eu organizei na minha cabeça o que, o que eu faria... estava decidida. Deitei na cama e só pensava que isso era o melhor que eu poderia fazer por mim e pela minha família. Mas adormeci e quando acordei a ideia tinha se tornado distante. Mas sabe, eu realmente pensei no que iria fazer, e não fiz por que não sei. Mas assim, a religião não me ajudou nesse período nenhum pouco. Muito pesado. E de modo geral, a homofobia vem muito desses espaços religiosos, sabe? Os pais aprendem que o que suas filhas sentem é tido como errado porque alguém disse isso para eles.

NA: No meu caso, a minha mãe sempre diz que não falou nada de agressivo para mim quando eu me assumi. Mas é assim, a gente guarda mais quando a ofensa vem de casa, sabe? Quando vem de pessoas que a gente imagina que amam a gente e que querem o nosso bem. Meu, ai dói mesmo. É muito complicado.

TE: A minha relação com a homofobia, lesbofobia familiar sempre foi bem forte né? Meus pais me bateram, espancaram Várias vezes, como se fazendo isso eu fosse ser "curada". Mas quanto mais eles me puniam, mais eu me punia também. Bebi, me

drogava, tentava suicídio. Não digo que a culpa de todas as minhas questões sejam dos meus pais (+) mas, tipo, não contar com o apoio deles fez com que as coisas sempre se parecessem maiores que eu. Eu não tinha respaldo.

DIA 27 DE JUNHO DE 2018. TERCEIRO ENCONTRO (Skyencontro)

PESQUISADORA: Retoma os textos abordados anteriormente, destacando alguns aspectos condizentes aos outros encontros para a nova participante RA.

NA: É que é assim, e:: eu tive uma educação/, meu pai era militar e minha mãe professora, e eu tive uma educação muito rígida em que qualquer coisa é melhor do que mentira, até mesmo a verdade. Mas quando se diz a verdade você é punido da mesma forma, porque não muda o fato de que você errou. E:: (+) eu lembro assim, de na infância desejar ser menino, porque eu não podia fazer brincadeiras, né. Mas nada que contextualizasse nada. E ai, aos doze eu me apaixonei por uma amiga. E eu achei que estava errado, eu não conseguia entender. E ai eu cheguei na minha mãe e falei (+) “olha, eu (+) estou gostando de alguém.” (+) E comecei a chorar. E ai ela perguntou de quem, e foi citando meninos, e foi ai que eu falei que eu gostava de uma menina. E ai eu tomei um TAPÃO na cara. ((risos)) Foi ótimo. ((risos)) E a minha mãe virou e falou assim (+) “ah, você vai chupar BUCETA?” (+) E mano, eu não falava palavrão. Comecei a falar palavrão mesmo depois dos dezenove. Então para mim foi muito mal, né. E algo que eu estava conversando com a Ra. Cada vez que eu tenho que dizer pra alguém que eu sou gay, que eu sou lésbica e:: eu sempre fico muito tensa, porque eu sempre acho que vai ser algo negativo. Eu tenho uma dificuldade com essa questão do orgulho, do me assumir. Embora eu seja assumida (+) no meu contexto familiar, na minha vida profissional e:: algumas partes da minha vida (+) eu estou meio dentro do armário e meio fora do armário e às vezes inteira no armário. Justamente por conta disso. Por que eu não quero ser definida pela minha sexualidade. Sabe, eu sou muito mais do que lésbica. Eu sou publicitária, eu sou trompetista, eu sou amiga, eu sou “trocentas” outras coisas. Então, cada vez que eu tenho que dizer que eu sou gay para alguém eu sempre travo bastante porque eu sempre acho que vai ser negativo. (...) Quando eu trabalhava em uma loja de ar condicionado, o dono sempre ia na loja. Uma vez ele me pegou pelo braço e me chacoalhou falando que (+) “nenhum homem me fez ainda” (+), e por isso eu era lésbica. E ai eu fiquei muito brava e eu falei que era só ele me dar o telefone do homem que fez ele, porque se ele estava me indicando um cara é porque o cara tinha feito ele. Por que você só indica uma coisa que você sabe

que é boa. Daí eu queria saber o cara que comeu ele. ((risos)) Ele ficou muito bravo. ((risos))

PESQUISADORA: Se dirige a RA e questiona como foi a questão da assunção da sua sexualidade.

RA: Olha, pessoalmente, foi algo bem tranquilo, sabe, para mim reconhecer isso. Na verdade até libertador. Assim, eu venho de família religiosa Minha família é toda cristã. Minha mãe não é cristã, mas a aceitação dela foi (+) um pouco dispendiosa. Mas assim, quando eu comecei a reconhecer isso assim, foi tipo mais uma associação, porque desde pequena eu já tinha aquele “ciuminho” das amigas. Eu já era imperativa, eu gostava das brincadeiras mais de meninos, não que isso seja uma característica essencial de quem é lésbica, mas só que eu era mais despojada, sabe. Eu gostava, gostava muito de proteger a outras meninas. E quando eu fui amadurecendo e me descobrindo, assim, sexualmente, sabe, tipo:: que, definir que porte físico me atraí, eu nunca senti interesse físico assim por homens. Nunca. O máximo que eu fazia era (+) “nossa aquele cara é bonitinho” (+) eu falava para as minhas amigas, sabe. E geralmente eram homens assim que tinham traços mais femininos, na verdade. ((risos)) Ai assim, eu fui reconhecendo aos poucos. Ai eu entrei no ensino médio e:: eu tive algumas amigas que sempre foram muito, muito companheiras. E eu sentia que eu podia falar de tudo com elas. Elas não me impuseram nenhum padrão assim que eu tinha que seguir. Porque geralmente assim, tem grupinhos na escola especial no ensino médio tem esse fator, né. A gente fica bem segregado. Só que lá todo mundo era muito aberto, todo mundo muito, é muito companheiro. E ai eu comentei isso com elas, que eu achava que gostava de garotas. E eu fui encorajada a explorar isso. Apesar que escondido da minha família, é claro. Eu não sentia que era ela não deixava eu ter muita proximidade com garotos. Por exemplo, na nossa própria igreja a gente já sentava separados. Homens de um lado e as mulheres de outro. A gente não ficava muito perto de meninos. Então, é::então, para ela não teve como desconfiar muito. Por que eu não tinha muitas amizades masculinas. E, eu não me sentia errada, porque eu não (+) e:: estava acostumada a estar na presença de garotas. E eu continuava a estar na presença de garotas. Entende? Até ai? Ai eu, (+) eu beijei uma garota, eu me apaixonei por uma garota. E ai eu fui descuidada e isso chegou até a minha mãe. Como muitas outras histórias, né. ((risos)) Isso chegou até a minha mãe, ela veio me questionar ai eu falei para ela, que eu achava que eu gostava de meninas,

na verdade eu falei que eu era bissexual. Eu falei (+) “eu também acho que eu também gosto de meninas”. (+) E ela ficou muito brava. Ela realmente ficou muito brava, e eles começaram a ser mais arbitrários comigo assim, não deixar eu sair tanto, e me prender um pouco mais dentro de casa. E eu fiquei inconformada com isso. Eu fui estudando, fui crescendo e com o tempo eles foram descobrindo que isso não mudava nada no meu caráter. Sabe, porque eu não me relacionava com meninas e eu também não ia me relacionar com meninas (mas quis dizer meninos) entendeu? Eles me proibiram de ter essa relação com meninas não ia mudar nada. Mas, mesmo assim houve toda essa pressão. A gente percebe nos almoços assim, de família, as pessoas elas comentam, me perguntavam especialmente para você, meio que indiretamente já dando conselho (+) “ah, porque a deus isso não se agrada”. (+) Esse tipo de coisa. E eu fico, eu ficava um pouco incomodada. Mas eu entendia que era natural da minha cultura familiar, mas só que hoje em dia que eu moro com a minha mãe, e eu moro com a minha namorada também, é eu a minha namorada e a minha mãe. Minha mãe aceita tranquilamente, porque eu sempre tive um bom desempenho. Sabe? Isso nunca me afetou em nada. Hoje a minha família ignora, a gente não comenta sobre isso, mas também teve os episódios de tentativas de suicídio que estavam associados a outros tipos de problemas também, sabe. Não só a lesbofobia, mas só que eu também fui uma pessoa muito intensa, sabe. E aí, eu meio que pulei essa parte da história, mas eu quero contar isso especificamente, mas mais ou menos foi isso. Uma coisa, foi um processo longo, sabe. Me assumir. As pessoas da minha família foram aceitando aos poucos, descobriram aos poucos. Eu também me descobri aos poucos, quando eu não pude e:: mais sair com garotas. Eu me fechei, tive aquele momento de introspecção e de pensar naquilo que realmente eu queria, e como eu iria fazer para atingir aquilo, conquistar a aprovação dos meus familiares, mesmo sendo homossexual, foi muita reflexão. Muito autoconhecimento nisso tudo também, um processo contínuo (+) de estar presente ali, de estar mostrando para minha família que essa diferença não é uma diferença ruim. Que tem essa ideia pejorativa, e que eu não seria uma pessoa ruim por isso, por conta da minha sexualidade.

PESQUISADORA: Depois de resolver alguns problemas técnicos com uma das interlocutoras com a qual o fone não estava a funcionar. Depois começa explicar como será a dinâmica do encontro e o vídeo a ser passado.

(Longo silêncio após a exibição do vídeo)

RA: Eu acho que eu vou falar da minha mãe, porque hoje ela é o meu maior suporte. Posso começar então? Assim como em relação ao vídeo, toda essa desconstrução de paradigma que ela teve foi por conta de ter uma filha homossexual, não só pela questão do fato de eu ser lésbica, mas isso abriu a cabeça dela para muita coisa. E outra questão importante que eu queria ressaltar é a visibilidade. Porque minha mãe ficou muito mais (+), muito mais aberta a isso depois que outros amigos meus, que eram da igreja, começaram a se assumir. Tem um amigo meu que ele é homossexual e ele se assumiu. Então, tipo assim, ela foi vendo que (+) “tá não é algo tão ruim”. (+) Tá, não é só aquela ideia de que são aquelas pessoas estranhas, sei lá, pessoas normais podem ser gays. O seu filho pode ser gay, as pessoas que você convive podem ser gays. Pessoas próximas, pessoas da igreja, então (+) eu acho que ela foi tendo essa percepção, então contribuiu com a aceitação dela, sabe. Como ela foi trabalhando essa (++) aceitação de novo. E (+) antes ela tinha, já tinha comentado comigo que ela sempre teve amigos gays, teve amigas lésbicas. E isso/ que nunca destratou eles, pelo contrário eram super amigos. Mas ao contrário, quando eu me assumi ela não gostou. Quando eu me assumi teve o maior perrengue, lá em casa. Ai eu lembrei disso e eu comentei com ela, como você tem amigos homossexuais que você defende de unhas e dentes e a sua filha, entendeu, você rejeita? Entendeu. Eu acho que também está associada com a ideia de que ela não quer que eu sofra. Ela não me quer ver sofrendo. Porque ela sabe como, como é. As pessoas podem ser agressivas. Ela sabe como oportunidades podem ser suprimidas por conta da minha condição sexual. Então, eu acho que ela ligou a isso, entendeu? Então não é diretamente preconceito pelo fato de eu gostar de mulher, porque ela nem era religiosa, isso ai não vai contra os preceitos religiosos dela. Preceitos cristãos. Mas porque assim, ela não queria que eu tivesse, essa, essa dificuldade. Ela não queria que eu tivesse que lidar com toda essa problemática de possivelmente ser rejeitada no meu círculo de amigos. Entende? Ou ser mal vista no serviço. Ou alguma coisa desse tipo. Então é um medo que a gente tem do filho sofrer o preconceito. Essa é a minha colocação.

PESQUISADORA: Começa a conversa com a interlocutora que acaba de entrar no chat do Skype.

TE: Então,(+) é que é muito complicado quando você percebe que realmente tudo aquilo que você vivenciou foi por conta, não só do preconceito, mas muito diz

respeito ao preconceito. A minha primeira tentativa de suicídio foi com quatorze anos. É (+) e foi muito punk mesmo. Eu passei um dia e meio desacordada no meu quarto, minha mãe não me procurou, nem os meus pais, porque a gente tinha brigado alguns dias antes, porque eu tinha me assumido há um tempo antes. Então era um castigo. Eu fiquei no meu quarto. Eu tomei (+) acho que nem sei o quanto de calmantes, entre tantos outros remédios. E:: eu fiquei no meu quarto um dia e meio, depois disso eu voltei. Eu não sei como, mas eu acordei. E fui tentar sair do meu quarto. E eu cai e bati a cabeça. Foi ai que a minha mãe viu, que eu não estava legal. Mas em momento algum eles me questionaram o porquê eu fiz aquilo. Isso até hoje a gente não conversou a respeito. Né. Mas foi basicamente em meio a uma discussão, (+) foi aquele estopim, você já não está (+) está tudo uma bosta, está tudo um caos. Eu tinha quatorze anos, eu era muito nova, muito imatura. Foi bem punk. Isso já faz treze, quatorze anos, recentemente. Foi no começo de junho. Eu me lembro que eu estava entrando de férias, justamente por isso eles não se tocaram que eu estava apagada, foi em uma sexta pra sábado. A primeira vez foi basicamente por isso. Não me aceitar por conta de todas as marcas que eu sofria em casa. Era mais fácil eu sumir do que aguentar tudo aquilo. As surras, as agressões constantes. É isso ai. (++)

NA: Eu acho que para mim a questão do suicídio ela estava muito ligada com a aceitação, ela veio junto com uma depressão. Eu tive uma depressão maior. Que culminou no meu transtorno bipolar, então eu comecei a ter crises que eu não tinha. E num episódio de depressão, junto com esta questão da aceitação da minha sexualidade, com com o término do meu relacionamento, um relacionamento que foi muito complicado porque além de ser meu primeiro relacionamento, é:: (+) com mulher, e dela também. E a família dela ser evangélica, e ela sempre colocava que o problema não era assim, a gente se relacionar, o problema era que eu tinha nascido mulher. Então eu me sentia super culpada por uma questão de gênero que eu também não entendia a minha sexualidade, e eu não me sentia representada porque eu não conhecia pessoas gays. Eu não conhecia ninguém. E quando eu tentei o suicídio pela primeira vez é porque eu já não aguentava mais essa pressão de ter que ser algo que eu não era. Sabe, eu me expus a relacionamentos com homens que para mim foi super agressivo. E (++) , eu lembro assim, que eu tomei diversos tipos de remédio, na minha primeira tentativa de suicídio, que foi a mais grave. E eu desmaiei, eu fui para o hospital e ai fizeram lavagem estomacal, eu fiquei em coma

(+) e eu acordei assim, no meio da UTI, de madrugada sem entender direito, e no outro dia eu não quis ficar lá. Porque eu não queria que as pessoas me olhassem e me julgassem. E aí eu me senti ainda mais FRACASSADA por eu ainda não conseguir MORRER. Porque eu era tão inútil que nem morrer eu não conseguia. Então, eu comecei um ciclo de uso drogas, de vários outros tipos de tentativas (+) de suicídio e episódios muito complicados para mim. E eu não tive apoio familiar. ((choro)) Nesse aspecto a minha mãe foi assim, uma bosta. Porque a minha mãe o problema dela até hoje, inclusive a gente teve uma discussão a um tempo atrás, o problema dela é assim, (+) “não é ser gay, é o que o vizinho vai falar porque eu sou gay” (+). Sabe, o que, que vão dizer que a filha dela é gay. Ela dá a justificativa de que (+) “ah, é evitar o sofrimento, evitar não sei o que”, (+) mas ela não acompanha a minha vida, o que eu vivo, ela nunca acompanhou. Sabe, se ela realmente quisesse me evitar sofrimento ela ficaria CALADA. Porque o meu maior sofrimento que eu tive a vida toda foi ELA. Então, em relação ao vídeo eu acho que é muito isso. Eu acho que se eu tivesse morrido, talvez ela tivesse uma visão diferente, como esse pai, sabe. É (+) precisou perder para aprender a respeitar o outro. E ela mesmo com as diversas coisas que eu vivenciei, que ela acompanhou, ela não modificou esse comportamento. Embora que assim, a minha namorada vem em casa, ((parte que não entendível)) E essa questão do pensamento suicida é algo ainda (+) que eu acho que hoje eu não faria, sabe? Mas, às vezes é recorrente, às vezes quando eu estou num ciclo depressivo, e eu estou dirigindo, eu penso em acelerar e bater. Para mim é algo que talvez porque que eu ainda esteja abalada, eu não lido muito bem com tudo isso, né. Eu não lido bem com isso, e eu ainda tenho esses pensamentos recorrentes. Mas, com o tratamento melhorou. ((silêncio prolongado))

JA: A ideia de suicídio teve início na adolescência, quando eu comecei a compreender o que eu sentia. Como eu fui criada num ambiente religioso protestante, eu tinha um conflito interior gigantesco, pois eu queria agradar a Deus, mas ao mesmo tempo, tinha os sentimentos e desejos os quais tal comunidade denominava como pecado ou, como eu ouvi semana passada por um membro, tendência pecaminosa. Então, durante a adolescência, enquanto eu seguia a religião, tinha ideias autodestrutivas, de morte. Outro fator era o olhar da minha mãe. Eu sentia a necessidade de não magoá-la. E esse olhar dela sobre a minha sexualidade causava vergonha de ser quem eu era. Depois as ofensas quando

brigávamos. Ela fazia questão de me dar nomes pejorativos ligados à sexualidade. Por essas questões, sempre fui uma pessoa muito discreta, fechada. Isto é, eu nunca trouxe alguém em casa, para evitar conflitos. Também a questão da escuta, eu não tinha com quem falar sobre isto. Isso contribuiu para quadros depressivos durante a adolescência e uma certa revolta. Eu era muito agressiva, principalmente comigo mesma. Era uma forma de me chamar atenção para a minha demanda de ser compreendida. Depois, na fase adulta, tive um episódio quase trágico de tentativa de suicídio, quando eu estava em intercâmbio. Além de todas as questões prévias que levaram a essa escolha, outro fator foi determinante: eu havia ligado para minha mãe de noite, para falar sobre a situação em que estava e também o término de um relacionamento e ela não quis falar sobre a questão. Eu tomei comprimidos e fui parar no Hospital Universitário e fiquei lá a noite toda. Passei pela observação e depois por um psiquiatra.

PESQUISADORA: A JÁ apontou uma questão interessante acerca do atendimento após tentativa. Como foi esse tratamento no caso de vocês?

NA: E:: eu acordei de madrugada, eu estava na UTI. E era uma época em que todo mundo tinha MP3 e ficavam passando aquelas merdas de toquinhos de celular e as enfermeiras estavam na UTI uma passando para a outra. (+) E ai, eu acordei com o barulho daqueles toquinhos de celular e, eu acordei e sentei. Quando, quando elas me viram, elas gritaram e eu gritei junto, e eu não estava conseguindo entender. E elas foram bastante ríspidas, e ai me deram de novo um (+) algo para dormir. Então eu capotei de novo. E ai, no outro dia, quando eu acordei, tinha um bando de estagiário em volta da minha cama. E eu tava (+) e:: e eu acordei com todos eles envolta e eu não conseguia entender o que eles falavam e eu quis ir no banheiro, não quis usar aquela comadre, e ai mandaram um CARA me levar no banheiro. E eu fiquei muito incomodada de novo, né. Daí eu pedi licença, e ai ele disse que como eu tinha tentado suicídio eu não podia ficar sozinha. E ai eu fui bem grossa (+) “é claro, porque eu vou me afogar na privada.” (+) Né. Porque meu, eu só quero (+) né. E ai eu fui para o quarto. Quando eu desci para o quarto, a enfermeira não falou nada, só pegou a minha veia, eu lembro que quando a gente desceu da UTI pro quarto o:: enfermeiro que me levou na cama, ele fez questão de dar viradas bruscas sabe. É (+) para mim, a impressão que eu tinha é que tipo (+) eu devia ter morrido, mesmo. Sabe? Porque eles estavam muito putos.

RA: Eu também tive essa impressão quando eu fui. Eles meio que querem tentar punir a gente, por ter tentado suicídio (+) para você aprender.

NA: É, exatamente. Para aprender a se fuder (+) Ai, me colocaram num quarto que uma mulher estava morrendo e essa mulher morreu enquanto eu estava no quarto. Ai eu fiquei mais puta ainda, porque eles falavam assim para mim (+) “nossa, você que está viva quer morrer e ela que estava viva morreu”, (+) sabe, umas coisas assim. E ai assim, eu lembro da minha ex entrar e:: eu ficar muito puta com VARIAS coisas, e eu pegar e ir atrás da médica para por o “sorinho” e eu pedir alta. E ela me deu um xingo dizendo que o que eu havia tomado podia ter me matado e blá blá (+) e eu virei para ela e disse (+) “legalmente você não pode me prender aqui, eu estou em plena consciência, ou você vai me dar alta ou eu vou sair”. (+) E ai ela me fez assinar um termo de responsabilidade, mas foi uma bosta. Não é um atendimento humanitário, eles atendem como se tipo, (+) “olha, a gente trabalha para manter vidas e você está aqui tentando morrer. E está usando recurso, usando tempo e você tem mais é que se fuder. Então a gente vai te tratar mal, e vai ser agressivo”. (+) Então assim, não é acolhedor. E::se eu tentar o suicídio mais uma vez na vida de novo, a ultima coisa que eu quero ir é para o hospital. Porque o atendimento é péssimo. E eu acho que quando você sai, você acorda nessa situação de suicídio, você está em desespero. Não é necessariamente morrer, você quer sumir daquele problema. E você precisava de um ambiente acolhedor. E esse ambiente acolhedor, pelo menos para mim, não existiu. (+) Não existiu.

JÁ: Me puniram colocando na ala dos que estavam entre a vida e a morte: eu lembro dos aparelhos de medição cardíaca ao lado das camas, ou dos aparelhos respiratórios. Era uma ala enorme e parcialmente escura. A ética profissional das enfermeiras não existia.

TE: No meu caso, essa primeira vez que eu comentei (+) eu não cheguei (+) eu fui ao hospital, mas só porque eu realmente dei um (+) bati a cabeça, e rasgou a cabeça e, ai minha mãe me levou no hospital para dar ponto. E ai o médico perguntou (+) “mas o que, que aconteceu?” (+) e ai minha mãe omitiu a situação. Porque na realidade eu tomava vários remédios, porque eu sou hiperativa, eu tenho dislexia, eu tenho depressão, síndrome do pânico, era uma porrada de coisa. Então eu tomava muito medicamento, e minha mãe simplesmente falou que eu tinha tomado remédio para dormir e tinha acordado meio grogue e cai. Então ela omitiu. Mas, é(+) é(+) isso que eu vou falar agora, se eu ficar meio emocionada, é porque

é:: algo meio recente assim. ((choro)) Quatro anos atrás eu passei por uma situação bem punk né, eu vivia um relacionamento muito abusivo, de oito anos, a gente começou namorar muito cedo. E a gente acabou por se separar, mas era aquela separação vai e volta. E, no meio de uma de nossas brigas (+) é (+) eu acabei (+) peguei a moto e sai. Eu andei coisa de 120 km acabei indo e voltando, tentando me jogar embaixo de todos os caminhões que eu encontrava na pista, e infelizmente eu não consegui, ou felizmente, e eu voltei para a casa dela, porque ela me ligou (+) “ei volta, vamos conversar”. (+) A gente acabou brigando mais uma vez, eu invadi a casa dela, me cortei, pulei o portão da casa dela. (+) Eu tomei um monte de remédio, calmante forte, entre outras coisas, me cortei, eu fiz tudo o que eu podia fazer. Eu apaguei, ela chamou a polícia para me tirar da casa dela, e eu fui parar na emergência da cidade e tal, no hospital. Mas a grande parte é que eu estava sem celular, sem documentos, porque ficou tudo. Eu estava praticamente como indigente. Eu não tinha contato com os meus pais, eu não falava com os meus pais há, putz, muito tempo. Eu não lembrava o telefone de ninguém, então eu fiquei durante dois dias (+) internada. Eu fui até que bem tratada, pela minha situação, eu fui bem tratada dentro do hospital. Eles conversavam o tempo inteiro comigo, tentando fazer com que eu lembrasse de alguma coisa. Eu não lembrava nem onde eu trabalhava, para vocês terem noção. ((choro)) Não sabia nada, em fim. Em algum momento eu consegui lembrar um único telefone, por incrível que pareça, o único telefone que eu consegui lembrar foi o celular do MEU PAI. E em meio a isso, uma pessoa que me conhecia da escola que eu trabalhava, veio até mim, conversou comigo, passou para o pessoal da escola, e ai eles ficaram sabendo que eu estava internada. Por que eu já não ia há dois dias trabalhar, eles não sabiam o que estava acontecendo. (+) E ai os meus pais foram até o hospital, e foi aquela merda toda, né. Porque, tipo, você já não está bem, você está passando por uma porrada de problemas. A vida financeira, (+) essa minha ex ela tinha gastado/ a gente tinha uma poupança de oito mil reais, eu não tinha mais nada. ((choro)) Eu não tinha nem onde morar. Foi uma situação bem complicada. E, enfim, eu passei (+) eu tive que ficar na casa dos meus pais um mês, porque para eles me tiraram do hospital sem eu ir internada numa clínica psiquiátrica, e eles tiveram que assinar que eu ficaria com eles. E foi assim, muito punk porque dois meses depois disso, ontem fez quatro anos disso, essa minha ex namorada ela se/ morreu num acidente de moto. Então, foi muito punk, porque assim, eu já estava me recuperando desse processo da

tentativa do suicídio e (+) no meio do caminho aconteceu isso. Assim, ela sofreu um acidente de moto, até hoje eu acho que ela SE MATOU ((choro)). Então assim, eu não sei, não dá para saber, mas é (+) foi muito punk. Mas em relação ao tratamento no hospital, se não fosse eles eu teria sido internada, porque eles poderiam ter me mandado para uma clínica (+) não sei, tem um hospital psiquiátrico aqui na região. E eles poderiam me mandar, porque eles não sabiam nada sobre mim, eu não conseguia falar nada. Os meus endereços que tinham no no no na no SUS, na rede não existiam mais, porque eram coisas muito antigas. Eu já tinha morado seis, sete anos em uma cidade, tinha voltado. Então tinha nada daquilo existia. Eu era uma indigente, e não sabia nada ao meu respeito. Ai eles se esforçaram ao máximo para tentar me ajudar para que eu encontrasse alguém para eu não ir parar/ (+) porque quem vai para o hospital psiquiátrico não sai de lá, é uma entrada sem saída. Então para eu não ir parar lá eu tive a sorte de encontrar algumas pessoas que me ajudaram. Mas foi mais ou menos isso, essa última vez foi mais punk.

PESQUISADORA: Interessante ver que há diferenças no modo de tratamento, e que ainda assim há forte indicação de que alguns profissionais pareçam punir quem tenta suicídio.

RA: Sim, quando eles foram tirar os remédios do meu estômago, né, com aquele tubo, eu estava inconsciente. Eu lembro que eu acordei na hora em que eles estavam enfiando assim, eu senti tipo, uma certa agressividade. Ai eu pergun/ dei tipo um gemido, tipo, (+) “para” (+), porque estava doendo, estava entrando, e ele pegou e continuou. Ai depois colocou eu estava (+) acordando, eu acho que eu acordei com o susto, com um negócio bruscamente entrando no meu nariz. E ai ele pegou e falou assim é (+) fez algum comentário referente a eu não tentar cometer suicídio se não eu ia ter que passar por esse tipo de situação de ter que provar de experiências com esses equipamentos invadindo o meu organismo. E (+) depois me cercaram de enfermeiras, todas dizendo conselhos sobre (+) Deus, falando, comparando a minha vida a vida de pessoas que estão muito piores do que eu, e que eu não tinha motivos para tentar cometer, que eu não tinha motivo para tentar o suicídio. Eles fazem muito esse comparativo né, tipo assim, (+) “ah, fulano tá pior, olhe ao seu redor tem gente lutando para viver, e você querendo morrer”. (+) E o que é muito errado. Porque, tipo assim, eles são profissionais da saúde, eles têm toda uma (+) grade, um protocolo, sabe de contratar esses caras assim. Não pode descredibilizar uma doença mental, entende. Não é só, não existe só doença física,

então eu acho que é um pouco desonesto você fazer essa comparação de alguém que está morrendo assim, de alguma mazela física com alguém que tem transtorno psicológico e está passando por um episódio extremamente difícil. E quer simplesmente sumir, como a NA falou, fazer o problema que aparecer. Então, eles dão muito conselho errado, faz muito comentário desnecessário, entende. É mais traumatizante do que a própria tentativa em si, sabe. ((risos)) Ver a reação de tudo isso das pessoas (+) ver a reação que essa atitude ocasiona é bem triste. Bem triste. Porque a gente não é acolhida, realmente. Eles não tratam nenhum pouco bem.

PESQUISADORA: (Se dirigindo a RA) A sua tentativa teve alguma relação com essa questão da dinâmica da lesbofobia, mas você falou também dessa questão do sofrimento psíquico, mas você consegue observar essa relação?

RA: Completamente. Foi na minha época de reclusão, teve uma época que eu fiquei mais limitada, que meus avós e minha mãe não me deixavam sair tanto de casa, aí então eu só ficava no meu quarto, só ficava no meu quarto escuro (+) na tela do computador, sabe. E nisso eu conversei com muita gente errada, tive contato com (+) muita informação que não era para a minha idade ainda. Eu mesmo buscava, sabe, formas de me matar, formas de me machucar e foi aí que eu comecei a me cortar por incentivo de outras pessoas da internet. Eu também já tinha essa vontade de me machucar, mas talvez o corte em si eu aprendi a fazer e (+) foi nessa época de reclusão, entendeu. Eu não tinha liberdade de ser quem realmente eu era. Eu ficava trancada num quarto porque eu não podia, eu não podia me expressar. Porque a minha condição sexual não era certa. E eu tinha que mudar isso, por tanto, era outra forma de punição. Eu não podia me relacionar com pessoas normais, porque eu era pervertida ((risos)) porque eu gostava de garotas. E eu fiquei naquele quarto e foi e:: isso (+) me deixou vulnerável, entendeu. Eu estava muito sozinha com os meus pensamentos, ali. Eu tinha vergonha da minha família, e aí foi surgindo ideias na minha cabeça. Então, eu acho que assim, a tentativa de suicídio em si não foi por uma injúria que alguém me casou, não foi porque brigaram comigo diretamente pelo fato de eu ser lésbica. Mas, o fato de eu ser lésbica me fez ficar dentro de casa, me fez ficar presa naquele quarto escuro, olhando para uma tela de computador e tendo ideias erradas até chegar a conclusão de que eu não queria mais viver. Acho que é (+) Eu tentei me matar posterior outra vez, mas eu acho que não estava mais ligado com o fato de eu ser lésbica, mas porque eu gostava muito de uma garota e a minha mãe não aprovava, e:: a minha família ainda não aprovava

isso. E os pais dela descobriram e levaram ela para outro estado. E ai ela ficou longe de mim, e eu tentei me matar pela segunda vez, porque eu morria de amores por ela e não queria me separar.

NA: Eu acho que é (+) a reclusão ela acaba sendo presente tanto na história da RA quanto na minha, tanto da TE, da JÁ, né. Porque a gente acaba se isolando e como a gente não tem acolhimento, a gente vai se isolando, se isolando, e só sobra você e aquele pensamento repetitivo de que (+) “eu estou errada, eu não pertencço a ISSO DAQUI! Eu, eu, eu não mereço estar aqui, porque eu sou diferente. E esse diferente é muito errado.” A Ra comentando me fez refletir o quanto eu me isolei. Eu nesse período que antecedeu a primeira tentativa de suicídio eu tive anorexia e bulimia psicossomática , e eu sai de 48 quilos para 37,5. E assim, eu tenho um metro e sessenta. Então assim, eu era um cisco. E eu passava o dia inteiro na rede fumando e vomitando, fumando e vomitando, sabe. Era a única coisas que eu fazia o dia inteiro. Eu vomitava água eu não conseguia comer. Eu não conseguia falar, eu só chorava. E:: (+) por mais que as pessoas (+) as pessoas não sabem falar com você quando você está assim. Porque é sempre essa história assim (+) “VOCÊ tem gente que não tem as pernas (+)”, mas eu olhar com a aquela cara e dizer (+) “EU NÃO TENHO ALMA! Eu não tenho, eu não tenho nada dentro de mim”. (+) Sabe, e eu quero que se foda que as pessoas não têm perna, eu não tenho nada dentro de mim. E:: esse comparativo é muito cansativo. E as pessoas, pelo menos para mim, era assim (+) “porque deus te ama, mas dentro do conceito dele.” (+) E eu fiquei muito revoltada na época, porque eu ainda falava para a minha mãe que eu queria ser deus por um dia. Eu crio a porra toda, eu crio todas as regras, crio as pessoas e quem não se enquadrar “vamo se fude”. ((voz exaltada) Sabe.

RA: Queima no fogo do inferno.

NA: Isso, queima no fogo do inferno. E (+) é:: muito complicado as relações nesse período porque as pessoas não respeitam a:: dor do outro. Sabe. E hoje em dia é(+) eu vejo assim, que as pessoas tem uma mentalidade só em setembro, no setembro amarelo, por qualquer outra coisa. Porque se eu estou mal, eu sou tóxica. Eu estou acabando com a “vibe” de todo mundo. Então você não pode estar mal. Ontem eu fiquei super mal porque uma amiga fez um comentário (+) desnecessário, e que foi mais ou menos assim (+) os meninos saíram para tomar cerveja e eu falei (+) “ah, nem me chamou”, (+) brincando, e ela mandou assim (+) “quando for o dia das sapatas você vai.” (+) Ou seja, né. E eu fiquei muito mal. E a gente foi conversando

e eu tentando explicar as coisas e ela disse assim para mim (+) é que quando a gente se sente inadequado a gente tem de se tornar uma pessoa melhor, uma pessoa agradável, porque ninguém quer alguém para baixo. As pessoas querem alguém agradável para estar do lado. E que eu tinha me tornado, (risos) eu tinha me tornado uma pessoa muito agradável. Hoje eu sou uma pessoa mais leve porque eu estou bem mais resolvida. Sabe. Então assim, eu fiquei muito transtornada ontem e parte do dia de hoje porque eu achei um absurdo isso. Sabe, então assim (+) amizade só presta se você está ok. E:: sabe, eu não consigo entender, não sei como é para as meninas, mas eu vejo uma dificuldade que as pessoas têm para, para lidar comigo. Porque para os homens eu não sou mulher, mas eu não sou homem e eu não sou mulher. E para as mulheres eu não sou mulher, mas também não sou um homem (+) então assim, é quando é conveniente. Quando é conveniente falar de mulher comigo eles falam. Quando não é eles me tratam diferente. Para elas eu vou dar em cima delas, ou eu também não sou uma mulher como elas. Então, começa a criar sempre uma (+) para mim (+) eu acabo me sentindo deslocada o tempo todo. E tipo, é uma cidade de bosta, com um pessoal que eu vou te falar, tenho uns amigos de merda aqui, sabe. ((exaltada a voz)) Não saiu da casa da mãe, tem aquela vidinha de bosta desde os quinze anos. Faz a mesma coisa, vive a mesma coisa e pensa a mesma coisa. Não cresce, e você vai se sentindo deslocada. E hoje em dia eu me sinto muito sozinha aqui. Sabe, talvez por isso a recorrência de novo do pensamento suicida. Porque esse isolamento está voltando, sabe. Eu achei que com o tempo, e com a representatividade ia melhorar, mas não está melhorando (+)

RA: Eu acho que está melhorando. Mas, acho que ainda vai um tempo. ((risos))

NA: Não para mim.

PESQUISADORA: Fala acerca das diversas nuances dos episódios vividos e continua a questionar acerca dos problemas enfrentados pelas interlocutoras frente o isolamento por elas vivenciados.

JÁ: Antes dessa tentativa de suicídio, também tive episódios de anorexia da adolescência até o primeiro ano da faculdade.

TE: Eu também tive quadros de me cortar, eu me autoflageliei a adolescência inteira. Meu corpo é cheio de marcas e isso decorreu durante muito, muito tempo. A utilização de drogas, para vocês terem uma noção, eu comecei a fumar eu tinha onze pra doze anos, mas cigarro e maconha. Com doze para treze eu já usava cocaína e eu usei todos os tipos de drogas que eu tive acesso na minha vida. E por

incrível que pareça, quando eu fui para a faculdade foi o momento em que eu estava mais sóbria. Que eu estava bem com essa pessoa da qual eu falei, e em função da ajuda dela eu acabei saindo das drogas. E, depois da morte dela eu tive episódios seriíssimos de (+) com álcool. Passei seis meses da minha vida em que eu não consegui trabalhar porque eu estava bêbada. E tudo girava em torno do (+) “agora eu estou sozinha”. (+) Porque todos os meus amigos me abandonaram, e muito ai (+) que eu consegui enxergar que rolava muito preconceito. Porque aqueles amigos que eram amigos DELA, eram amigos DELA, não meus. Nunca mais falaram comigo, muitas pessoas acabam virando a cara para ti, principalmente os héteros, os amigos que eram (+) acabaram se afastando. E ai agora eu consigo enxergar essa questão de que até que ponto as pessoas realmente sabem lidar com você. Muitas pessoas me insultaram, não com as que eu convivo a muito tempo, mas eu vejo muitos professores, principalmente homens, sabe (+) ficam com aquelas brincadeiras que não são brincadeiras? Tipo, brincadeirinha machista (+) principalmente porque na escola, como eu tenho muito, muito respeito por todo mundo, eles falam que eu sou “fodão”, “você é mais macho que muito homem”. Ficam com essas frescuras. Eu falo para eles que eu sou muito mais mulher do que vocês que são homens. Isso eu deixo, eu falo para eles. Eu nunca quis ser homem, não quero ser homem. Sou uma mulher que imponho o meu respeito, e inclusive para eles. Mas isso pega muito, rola muito, infelizmente rola. E assim, são pessoas que tem uma formação acadêmica, todos os professores são universitários, fizeram uma graduação, alguns fizeram graduações em faculdades públicas, e são uns bacacas. São pessoas assim, que é insuportável lidar. Tem algumas professoras que inclusive não chegam perto de você por terem “ai meu deus ela vai dar em cima”, rola muito isso. Depois que passa assim uns meses que eles se acostumam, porque todo ano mudam muito os professores da escola, tem os efetivos que estão ali e já conhecem, mas rola muito esse tipo de atitude babaquinha sabe. Porque eu sou uma criança grande, um menino. Eu tenho características (+) eu sou confundida inclusive, às vezes, mas com menino. Eu uso camiseta de super herói, eu sou uma criança grande. Eu sou uma criança feliz. Então assim, as pessoas confundem muito. Eu estou vestida de homem de ferro, não sei se vocês vêem. ((risos)) eu sou uma pessoa muito madura. Então eu tenho essas características muito masculinas e muito criança, mas com o tempo, as pessoas começam a te tratar um pouco melhor, mas a nossa (+) ai descobre que eu estou casada, que por isso não vou dar em

cima de ninguém, que eu não sou um monstro, daí melhora, mas mesmo assim, é foda. Ainda é muito complicado, especialmente partindo de pessoas que tem um grau de formação bacana. Não sei, eu vejo muito isso de sofrer com os pseudo amigos.

JÁ: Eu, desde que retornei da faculdade, em 2016, não consegui desenvolver vínculos de amizade aqui na minha cidade. Logo, tem quase 2 anos que eu não tenho laços afetivos com pessoas aqui, só pelo facebook e whats, com amigos que fiz durante a minha formação. Tanto que nessa segunda, ao passar pelo psiquiatra no CAPS, ele salientou essa questão do meu isolamento.

NA: Eu passo pela mesma situação desde que voltei da faculdade em 2015. Meus amigos moram fora. As pessoas que estão aqui eram amigos na adolescência, né. E é o que eu falei, eles ficaram aqui, continuam com a mesma mentalidadezinha. E eu tento me conectar com eles, mas eles não me veem como igual. E as pessoas estão longe e eu não encontro pessoas para sentar e conversar sobre várias coisas, porque (+) eu não consigo me vincular com elas aqui. E isso é muito ruim. E é uma solidão estranha, porque você conversa com as pessoas e você se sente sozinho. Você não tem uma (+) eu não tenho uma identificação com esse grupo social. E sabe, aqui eu tenho diversos tipo de colegas, e aí eu acabo (+) pulo de roda em roda, de colega em colega e aí eu não vou me adaptando e nem me sentindo bem e eu troco, eu troco, e troco. E:: recentemente teve um evento na empresa no qual nós atendemos pedreiros e o vendedor se achou no direito de falar para um pedreiro que eu era gay. E assim, isso, os meus amigos também fazem. Eles contam para todo mundo que eu sou gay. E aí essas pessoas vem falar comigo. E aí elas já chegam pegando, e tocando, ou perguntando se eu transei com homem e não gostei, ou se eu tenho algum trauma com homem, ou para falar de mulher. Sabe. Parece que aquilo te define, e assim (+) “sou gay, vamos só falar disso.” (+) É muito ruim. A:: impressão que eu tenho é que as pessoas pegam esse ponto e elas acham legal ter um amigo gay, sabe, como um status, mas também elas te isolam por você ser gay. Aqui, pelo menos os meus grupos de amigos, sabe. Ao mesmo tempo que é bacana, é descolado (+) olha como eu não sou homofóbico, eu só voto em candidatos que são”. “Tenho até um amigo gay.” E essas piadinhas que a TE estava falando é:: recorrente. Chegou um amigo meu que me chamou de “Brow”, eu fiquei olhando (+) “mas Brow, mano (+) né?” É complicado. “Eu não sou seu “Brow! Então eu te chamo do que? me chama de NA rapaz.” Vai me chamar de Brow. Daí ele

falou assim, “ah, mas você não é menina, você é tipo os meninos, você é Brow, tipo eu.” Ai eu falei “eu não sou tipo você, eu não sou, eu não sou babaca.”

TE: É complicado porque eles não entendem que você não deixa de ser mulher por gostar de outra mulher. Não tem essa questão. Meu, você não deixou de ser mulher, você só é uma mulher que gosta de outra. Eles têm que ter aquela coisa do gênero, ou é homem ou é mulher. Não pode ser uma mulher se gosta de outra, se você gosta de outra mulher você é um homem.

NA: Ou, você é um convite potencial para sexo. Um dos caras que trabalham comigo pegou em mim e falou assim “meu sonho é ver uma mulher comendo a minha mulher”. Eu virei para ele e falei “instala um aplicativo de relacionamento”. Não é porque (+) eu não estou disponível para isso. Mas este é o tipo de assunto que você tem. É assim, ou (+) “deixa eu ver (+) deixa eu participar”. É absurdo! A sua intimidade é violada. As pessoas elas acham que (+) elas já não te respeitam por ser mulher, quando você é gay então, é bem pior Eles violam mesmo.

PESQUISADORA: Mais alguém também passou por essas situações de fetichização?

TE: Já, muitas vezes. (++) Teve até um caso interessante na escola, sobre essas piadinhas em relação a:: mim, (+) logo que eu entrei na escola, três alunos do ensino médio vieram com, com, começaram a fazer piadinhas. Sabe aquelas musiquinhas, aquelas “nossa, sapatão (+)” só que eles não tinham, nunca tiveram coragem de falar na cara né. Mas um dia, num determinado dia, eu peguei e ouvi. Eu estava de costa e ouvi eles falando. Eu chamei eles para fora da sala. Eles estavam voltando do intervalo, eu esperei eles entrarem na sala, chamei eles na porta, em “off”, mas para todo mundo saber que eles tinham tomado uma “carcada”. Eu virei: “Qual é o problema de vocês? O problema de vocês é que eu tenho uma mulher na minha cama e vocês não? Porque se esse é o problema é simples: arruma a de vocês que eu fico com a minha, só não me enche o saco. Se o problema de vocês é uma duvida se eu durmo com mulheres ou com homens, não tenham dúvidas: eu durmo mulher. Agora, se vocês não sabem o que vocês querem para vida eu sei muito bem.” Nunca mais eu tive problema com isso. Porque realmente eu sou muito desbocada, eu não tenho (+) principalmente no meu local de trabalho. É adolescente, é criança, mas tem que saber o que que se passa. Sim, a tia é casada com uma mulher sim. Porque eles ficam naquela coisa né (+) “a tia é meio menino”. Eles falam muito isso (+) “tia, mas você é um pouco menino.” Eu falo, “minha querida

eu sou o que eu quero ser, eu ando da maneira que eu quero andar.” “Ah, mas você tem o quê? Tem uma namorada ou um namorado?” “Não eu tenho uma esposa. Eu sou casada com outra mulher.” E falo assim, mas rola aquelas coisinhas, menos dos adolescentes e muito mais dos adultos, que é um incômodo. É essas coisas, de tipo, de querer, e de achar que todo gay, seja homem, seja mulher, é só para sexo. Entendeu? Todo gay é:: prostituto, entendeu? Eles têm isso do lado sexual que (+) nossa, é uma coisa triste de ver.

NA: É recorrente (+) a minha mãe fala que gay é tudo promíscuo. “Quantos gays você conhece?” Porque assim, dá a impressão que conhece uma lista de viado promíscuo, deve conhecer uns dois. Que ela nem sabe da vida sexual, eu fico louca com isso. Eu acho também um absurdo. Os adultos são piores do que as crianças, são piores que os adolescentes. Porque os adultos estão tão presos em suas convicções, em seus “achismos”, que eles não ouvem. Eles não param para analisar. Eles não têm um pingão de empatia. Um adolescente, uma criança ainda ela ainda vem com uma curiosidade e você consegue explicar, conversar. A minha irmã é extremamente homofóbica, e ela sempre usou termos pejorativos em relação a mim. Uma vez a minha sobrinha virou para mim e falou assim (+) “ah, tinha lá aquelas mulheres, as sapateiras(+)” Ai eu fiquei olhando, eu demorei um tempo para entender o que era sapateira. E ai eu fui explicar para ela, que não era assim, que você não usa esse tipo de:: palavreado e tudo mais. Passou-se assim, um tempo depois veio aquela propaganda de cosméticos, e ela me chamou e falou “olha tia, os gays, as lésbicas, e os normais, os comuns.” E eu não sei o que estão preocupados. É só amor, não tem problema. E ela tinha o que (+) dez anos. Então essa desconstrução e construção de conceitos nessa fase é bem mais fácil de lidar do que com adulto que é dono da verdade.

RA: Inclusive eu sinto que eu até me tornei um pouco mais arisca sabe? Porque tem coisa que a gente não precisa aturar. A gente não merece ter essa (+) ter que ficar dando satisfação né, ter que receber esses questionamentos. Então eu fico um pouco mais, e (+) eu sou um pouco mais objetiva em relação a minha sexualidade. Às vezes os meus amigos parecem que me convidam, sabe, para ser machista com eles, eles falam “nossa RA, fulana é gostosa, né?” Daí eu peguei e falei “eu não conheço fulana, eu nunca peguei fulana.” Não me interessa. O máximo que eu falo é que tal pessoa é bonita. Mas, só que assim, é o que a NA falou, eu não sou menino pra ficar com eles, para conversar com eles de outras coisas, mas só que eles

querem me ver interessada por alguma mulher, sabe. Eles acham legal brincar com isso, entende. Então, tem diversas problemáticas em cima da gente. Então eu me tornei um pouco mais arisca, um pouco mais ríspida quando se trata de abordar a minha condição sexual. Porque as pessoas elas não têm noção, elas querem crescer em cima. Então, eu fiquei um pouco mais grosseira.

NA: Esse ponto é muito interessante, porque eu ouvi essa semana também, que eu sou grosseira. Eu sou grosseira por me impor, por impor limites. Ai eu sou grosseira? É (+) essa situação que teve com o vendedor que ele falou que eu era gay e tudo mais, (+) eu fui reclamar com a minha líder e reclamei com o líder dele. Ela virou e falou “vou falar com ele”, e o líder dele disse assim “não, a sexualidade não importa, desde que (+) DESDE. QUE (+) não manche a imagem da empresa. E eu vou falar com ele de um jeito sutil para ele entender que não tem que falar sobre isso.” Para mim não tinha que falar assim, tinha que chegar nele e falar “oh babaca, o que que você tem que ficar falando para os outros da sexualidade dela?” ((exaltada)) Tinha que ser algo mais (+) mas, não é. É como um assédio, a mulher está errada, o que homem faz está tudo ok. “Vamos tirar a culpa dele, porque coitado, é normal as pessoas comentarem (+)” Daí eu tive que ouvir a frase maravilhosa que é “você sabe como são pessoas, pessoas são pessoas, né NA?”

RA: A gente ainda tem que ser educada para refutar os preconceitos deles sabe, isso que é foda.

JÁ: Eu tenho a sensação de que sempre fui um corpo estranho, deslocado aqui, tendo o tempo todo que perceber como eu poderia ser quem eu sou, mas sem agredir o outro ou me agredir. Para mim é também a ideia de um corpo e uma subjetividade em determinados espaços, sempre tendo que resistir ao externo.

TE: Na escola eu não tenho que ser educada não. Minha diretora já sabe que eu sou bocuda, já teve casos às vezes dos pais reclamarem que eu falo muito palavrão com os alunos, mas ela vira para eles diz “é o jeito dela, pergunta para o seu filho se ele gosta dela ou não.” Porque eu realmente eu respondo na lata, eu não consigo mais segurar. Porque eu segurei durante tanto tempo, eu me preservei essa coisa de guardar, “não eu não posso enfrentar”, eu sei que eu sou gay desde os sete anos de idade. Infelizmente eu soube muito cedo, porque eu sofri por mais tempo com isso. Eu me descobri muito cedo, eu já sabia exatamente o que eu queria muito cedo. Eu me assumi para os meus pais com treze para quatorze anos. Então assim, foi muito tempo que eu tive que guardar, que engolir, ficar com aquela coisa de falar

para os meus pais: “porra, o que muda com quem eu vou para a cama? O que vai mudar na vida de vocês?” Porque é basicamente isso, a minha postura fora do quarto não interfere em nada, para eles. Então assim, as pessoas ficam “nossa você é gay”. Cara (+) eu só durmo com uma mulher, eu só vou fuder com uma mulher. Ninguém precisa ver. É tão simples, sabe. É uma coisa tão básica e ai agora eu sou muito bocuda. Eu já tomei muito esporro de diretor, “calma TE, não precisa ser tão grossa às vezes. Vai com calma.” Como eu já estou na escola há muito tempo, ela já fala “ela é grosseira, ela é bocuda, ela vai falar merda mesmo”, eles já não está mais nem ai. ((risos)) Só dão risadas. Um dia eu catei uns muleques fazendo gracinha com um menino, que ele não é assumido, mas ele tem fortes tendências, ele já veio conversar comigo, mas ele ainda é muito novinho ele ainda não sabe. E estavam fazendo bulling com ele. Ai eu falei “Por que vocês não vêm mexer comigo? Porque que vocês/” eles eram bem mais velhos que o menino, era uma coisa de três anos. Daí eles falaram “o tia, com você não dá.” Eu disse “é exatamente, é mais fácil mexer com quem é mais fraco, né? Agora mexe comigo, vem falar para mim o que vocês estavam falando para ele”. Então assim, hoje, meu, eu não seguro, cara. Eu não seguro mesmo. Teve uma situação assim, uma pessoa da família da minha esposa chegou para a tia dela e falou que não tinha dormido a noite quando soube que a gente estava junto, que no caso, a minha esposa estava com uma mulher. Ai enfim, a tia dela veio aqui contar. E eu falei (+) “grande coisa, eu dormi a noite toda. É, mentira, eu não dormi. Eu estava ocupada fazendo outra coisa.” ((risos)) Mas assim, infelizmente, eu não seguro mais. Eu sou muito bocuda, mas é que eu realmente me privei de ser quem eu era durante muito tempo. Eu já ouvi inclusive da minha companheira “nossa, é complicado. Eu amo você, mas você é assim.” Eu ouvi isso também já tipo, “eu gosto muito de você, mas eu gosto de você, mas você é mulher.” E ai (+) é punk pra caramba. Porque, no caso foi dessa pessoa que eu fiquei tempo para caramba, e a gente era muito nova, nunca tinha ficado com mulher. Eu fui a primeira menina que ela ficou e eu passei três anos da minha vida correndo atrás dela, mas eu ouvi isso delas várias vezes. “Eu não sei se eu quero realmente ficar com você.” Meu, depois que ela acabou saindo da minha vida de uma maneira tão trágica, eu aprendi tanto com ela, ela me tornou uma pessoa tão melhor em tantos aspectos(+) porque hoje eu não guardo mais não, eu solto. Se eu ficar guardando, eu vou ficar guardando para quê? Eu pago as minhas contas, eu vivo a minha vida, quem realmente importa não me trata dessa maneira.

TE: Eu queria pedir desculpas por não ter confeccionado nada para demonstrar o que tem sido, ou foi minha fonte de resistência. Mas eu acabei de perder meu sogro. Que se constituiu como meu pai. E está sendo muito difícil. ((choro)) Mas, mesmo diante dessa perda, eu quis entrar aqui e dizer que essa experiência foi muito bacana, e dizer também que acreditar nas relações é o que me mantêm. A minha esposa, minha família que constitui com ela (++) , é o que vem me alicerçando. Obrigada.